JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 14 de setembro de 1975

Ano LXXXV — N.º 159

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com 116 páginas em quatro cadernos de *Classificados*, Noticiário, *Sup. Tamakavy, Sup. Mesbla, Cad. Especial* e *Cad. B Domingo*

Tempo bom; nebulosidade a partir da tarde; névoa úmida pela manhã e seca no decorrer do período. Temp.: Estável. Máx., 33,7 (Santa Cruz). Mín. 15,5 (Alto da Boa Vista). Mapas na página 46

S. A. JORNAL DO BRASIL, Av. Brasil, 500 (ZC-08). Tel. Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráfico: JORBRASIL — Telex números 21 23690 e 21 23262.

SUCURSAIS:

São Paulo — Av. São Luís, 170, loja 7. Tel.: 257-0811.

Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra 1, Bloco 1, Ed. Central 6.º and. gr. 602-7. Tel.: 24-0150.

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7.º and. Tel.: 442-3955 (geral) e 222-8378 (chefia).

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 207, salas 705/713 — Ed. Alberto Sabin — Tel.: 722-1730. Administração - Tel. 722-2510.

Porto Alegre — Av. Borges de Medeiros, 915, 4.º andar. Tel. Redação: 21-8714. Setor Comercial: 21-3547.

Salvador — Rua Chile, 22 s/ 1 602, Telefone: 3-3161.

Recife — Rua Sete de Setembro, 42, 8.º andar. Telefone: 22-5793.

CORRESPONDENTES:

Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Vitória, Curitiba, Florianópolis, Goiania, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres e Roma.

Serviços telegráficos: UPI, AP, AFP, ANSA, DPA e Reuters.

Serviços Especiais: The New York Times, The Economist, L'Express e The Times.

PREÇOS, VENDA AVULSA:

Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais:

Dias úteis . . .	Cr$	2,00
Domingos . . .	Cr$	3,00
SP, PR, SC, RS, MT, BA, SE, AL, RN, PB, PE, ES, DF e GO:		
Dias úteis . . .	Cr$	3,00
Domingos . . .	Cr$	4,00
CE, MA, AM, PA, PI, AC e Territórios:		
Dias úteis . . .	Cr$	3,00
Domingos . . .	Cr$	5,00
Argentina . . .	P$	5
Portugal	Esc.	12,00
ASSINATURAS — Via terrestre em todo o território nacional:		
3 meses	Cr$	175,00
6 meses	Cr$	330,00
Postal — Via aérea em todo o território nacional:		
3 meses	Cr$	200,00
6 meses	Cr$	400,00
Domiciliar — Rio e Niterói:		
3 meses	Cr$	175,00
6 meses	Cr$	330,00
EXTERIOR (via aérea): **América Central, América do Norte, Portugal e Espanha:**		
3 meses	US$	113,00
6 meses	US$	225,00
América do Sul:		
3 meses	US$	50,00
6 meses	US$	100,00

Recenseamento nas escolas começa amanhã

Durante uma semana, de amanhã à próxima segunda-feira, 8 mil 850 professoras farão completo levantamento em todo o Município do Rio de Janeiro para apurar quantos menores estudam na faixa de dois a seis anos (pré-escolar), sete a 14 (primeiro grau) e de 15 a 18. Todos os analfabetos relacionados na última faixa serão encaminhados ao Mobral.

O Censo Escolar fornecerá à Secretaria Municipal de Educação, até novembro, a relação das crianças entre sete e 14 anos e dos analfabetos. Em dezembro estará pronta a lista das que não frequentam escolas. Com esses elementos a Secretaria instituirá, em 1976, o Serviço de Fiscalização da Obrigatoriedade Escolar, para tentar acabar com a evasão. (Página 21)

Cidade aplicará Cr$ 74 milhões contra enchentes

Obras de canalização e macrodrenagem dos rios, limpeza e desobstrução de ralos e galerias no Município do Rio de Janeiro custarão ao Estado Cr$ 74 milhões 600 mil e são o primeiro passo concreto do Governo contra possíveis enchentes durante as chuvas que chegarão com a primavera.

O acerto médio de 85% das previsões com antecedência de 24 horas é uma das razões do prestígio que a meteorologia começa a desfrutar no Brasil. Em andamento ou simplesmente no papel, 27 obras de contenção de encostas no Rio podem ser executadas a partir do fim do ano, mas dificilmente estarão concluídas antes da chegada das chuvas de verão. (Pág. 24)

O ex-General Spínola trocou o monóculo pelos óculos escuros ao desembarcar

Portugal terá Gabinete de conciliação

O Primeiro-Ministro designado de Portugal, Almirante Antônio Pinheiro de Azevedo, anunciou que conseguiu finalmente superar as divergências entre os Partidos Popular Democrático, Comunista e Socialista para a formação do 6.º Governo Provisório. O *Premier* leu o programa político do Governo, que será de "unidade e ação".

Com a designação do General Pires Veloso para comandar a Região Militar Norte, com sede no Porto, em substituição ao General Eurico Corvacho, foi afastado o último chefe que tinha apoio dos comunistas. Evitando a imprensa, chegou ontem de manhã ao Galeão, de volta de Paris, o ex-General Antônio de Spínola. (Página 16 e editorial na página 6)

Face das regiões metropolitanas muda em dois anos

Há pouco mais de dois anos, lei federal instituía no país o Sistema de Regiões Metropolitanas, para unificar o equacionamento e a solução dos problemas comuns às Capitais de nove Estados e a seus municípios vizinhos. Hoje, embora em proporções e ritmos diferentes, em todas elas se fazem sentir os resultados da nova experiência administrativa.

A esperada reação das Prefeituras ao que poderia ser interpretado como limitação da autonomia dos municípios não chegou a acontecer. Ao contrário, o que se verifica é uma manifestação de confiança na política do Governo federal com relação às grandes cidades, a que o Ministro do Planejamento, Sr Reis Veloso, chama de "distensão urbana". (Pág. 34)

Dividendo de 50% induz criação do mercado primário

Em novo artigo sobre o anteprojeto que reformula a Lei das Sociedades Anônimas, o jurista José Luís Bulhões Pedreira afirma que obrigatoriedade de distribuição de 50% do lucro das empresas sob a forma de dividendos está intimamente ligada à necessidade de criação de um grande mercado primário de ações no país.

Segundo ele, este é um dos instrumentos para a indução dos investidores a maior participação no sistema. Acrescenta, entretanto, que o percentual previsto pelo projeto pouco diferirá, na prática, do que vem sendo distribuído pelas empresas, em virtude das modificações no cálculo do seu lucro líquido a cada exercício. (Pág. 38)

"Caderno Especial"

Com a queda das vendas da Volkswagen, a Fiat italiana é hoje o maior fabricante europeu de carros de passeio. Em sua direção está um homem de empresa que não acredita na desaparição breve da sua classe. Para Giovanni Agnelli, o homem de empresa "tem um grande papel a desempenhar", contanto que conceitue de outra maneira sua função: "o que é importante são os homens, não as firmas."

De Londres, já em segurança, Denis Hills narra sua incrível experiência na África: Eu Fui Prisioneiro de Idi Amim. Mário Pontes fala dos mal-entendidos peruanos que resultaram na troca do General Alvarado pelo General Bermudez.

"Caderno B"

Mais humanas e mais amadurecidas, voltam hoje às páginas do Caderno B, onde pela primeira vez se apresentaram há alguns anos, as personagens que Henfil trouxe da caatinga nordestina para o deslumbramento e as decepções do Sul Maravilha: a irrequieta Graúna, o cangaceiro Zeferino e o bode intelectual Chico Orelana, agora na onda do orientalismo.

Lá se fala também dos mestres da música universal na quase desconhecida Discoteca Pública do Rio de Janeiro, onde estão girando com rotação atrasada devido aos inúmeros enguiços burocráticos da fusão.

Ministro enfrenta sem férias estafa e labirintite

Labirintites provocadas por viagens em aviões sem pressurização; estafa por horários irregulares de trabalho e distúrbios digestivos oriundos de banquetes ou homenagens mal preparadas são os principais problemas que afligem os Ministros de Estado, em Brasília.

Os Ministros descumprem pelo menos uma importante recomendação médica: não tiram férias. Poucos, como o Ministro Quandt de Oliveira, são capazes de se recusar a levar trabalho de qualquer espécie para casa. E poucos também são os que têm a disciplina suficiente para dormir 30 minutos depois do almoço e cumprir uma sessão diária de ginástica matinal, como o Presidente Geisel. (Página 28

Simonsen adverte especuladores e explica correção

Ao regressar ontem dos Estados Unidos, onde participou da reunião do Fundo Monetário Internacional, o Ministro da Fazenda, Sr Mário Henrique Simonsen, disse que as especulações em torno dos preços dos produtos afetados pelas geadas de julho — em especial o café — é que determinaram a adoção, pelo Governo, de novos critérios para o cálculo da correção monetária.

Após fazer uma advertência de que os especuladores vão "sofrer as consequências desta ação irrefletida", o Sr Mário Simonsen estimou em cerca de 2% a inflação no mês de setembro e disse que amanhã serão divulgados os índices de correção dentro do novo critério. (Página 39)

A remoção de milhares de peixes é feita a mão ou com improvisadas pás

Remoção de peixes mortos é rápida para ajudar Feira

Preocupada quase tão-somente em evitar que o mau cheiro afete a Feira da Providência, a Comlurb aproveitou maré vazante e lanchas interligadas por redes em mais uma rotineira remoção de peixes mortos na Lagoa Rodrigo de Freitas. Ontem cedo 33 garis e três caminhões tornaram-se insuficientes para recolher as primeiras camadas.

À tarde, quando novas remessas afloraram à superfície, a operação foi reforçada principalmente nas proximidades dos acessos ao Túnel Rebouças, embora a maior quantidade de peixe se acumulasse à altura da Curva do Calombo. O fenômeno de há muito se incorporou às tradições da Cidade mas a Comlurb emprega ainda pás improvisadas na limpeza da Lagoa.

Coluna do Castello

Os dois maiores do Ocidente

O Sr Francelino Pereira talvez tenha descoberto um pouco tarde que a Arena é o maior Partido do Ocidente. Depois da eleição de 1974, o Sr Ulisses Guimarães pode reivindicar o título para o MDB. A situação de ambos é mais ou menos parelha, o que pode aumentar a glória nacional. Não temos apenas o maior Partido do Ocidente, mas os dois maiores. O curioso, todavia, é que esses Partidos não têm partidários e sua massa de correligionários é recenseada a cada eleição, quando as preferências ocasionais do eleitorado marcam a primazia de um ou de outro. Segundo o Governador Paulo Egídio eles também não têm comando autêntico e seus dirigentes são via de regra aliciados em velhas oligarquias que resistem ao tempo, malgrado a natureza da vida social torne efêmeras algumas dessas lideranças que se transmitem de pais para filhos. Chega um momento em que elas se exaurem e são substituídas por outras. Permanece o mecanismo sócio-político mas não deixa de haver a rotatividade imposta pelo tempo e pelas surpresas do destino.

A Executiva Nacional da Arena, agora anunciada, retrata esses caprichos do destino e revela, no Sr Francelino Pereira, um homem prevenido. Ele conseguiu encontrar alguém menos conhecido do que ele para ser o secretário-geral do Partido e assim transmitir uma sensação de renovação de modo a atender uma das reivindicações revolucionárias. A composição dessa Executiva é uma pequena obra de arte. Teve-se o cuidado de pôr no banco dos reservas os generais da Arena e seus coronéis ficaram nos postos honoríficos. Não se pode dizer que se evitaram acumulações pois os Srs Jarbas Passarinho e Virgílio Távora continuarão como vice-líderes do Senado. Eles são essenciais ao trabalho do Sr Petrônio Portela. Nos postos de sacrifício, que são a presidência, a secretaria-geral e outros, situaram-se os novos, os que representam a bancada numerosa e buliçosa da Câmara dos Deputados.

A eles incumbe a tarefa, apontada pelo Sr Francelino Pereira, de auscultar as aspirações populares antes que o Governo o faça. A frase não é de fácil entendimento ou é pelo menos sibilina. Esperava-se que ele dissesse que a Arena deveria antecipar-se ao MDB, não ao Governo. De qualquer forma ela retrata uma aspiração do Partido, qual seja tornar-se o veículo entre o Governo e o povo. Desde sua fundação que essa aspiração não passou de miragem. O Governo incumbiu-se de tudo, de surpreender as aspirações populares, de atendê-las segundo seus próprios critérios e de designar no Congresso, no Partido e nos Estados os nomes nos quais a Arena deve votar para preencher os cargos que, segundo reza a lei, devam ser ocupados mediante eleição. Uma equipe renovada tentará subverter esse quadro e realizar por conta própria, segundo aliás conselho do já referido Paulo Egídio, uma verdadeira distensão.

Quanto ao MDB, salvo acidente sempre previsível, sua Executiva Nacional surge de uma luta dramática e demorada, que arranhou a sensibilidade de muitos dos seus chefes. A ala moderada, majoritária, terminou por impor-se aceitando os autênticos pagar sua cota de sacrifício para assegurar sua presença no Diretório Nacional num número de postos acima das suas possibilidades eleitorais e sobretudo com alguns nomes que seriam torpedeados numa batida de chapas. Praticamente não prevaleceu no Partido da Oposição o princípio da renovação. Lá seus generais estão quase todos em campo, disputando o jogo, considerando-se os líderes do grupo autêntico como uma espécie de quadro de acesso ou de segunda divisão. Não resta dúvida de que, como eles são nas grandes cidades o atrativo das campanhas eleitorais do MDB, o futuro lhes pertence, sobretudo depois que seus correligionários mais velhos tiverem razões para não se intranquilizarem com possíveis reações militares. Mas essa é uma outra história.

O que cabe fazer agora é preparar o próximo jogo, em 1976, quando a Arena não pode perder e, mesmo ganhando, não estará oferecendo segurança a um sistema todo voltado para a meta, mais longínqua no tempo e mais presente nos espíritos, de 1978. Lá é que se vai dirimir a grande dúvida e definir qual dos dois — Arena ou MDB — é o maior Partido do Ocidente. Se for a Arena, tudo continuará como dantes, mas se for o MDB o jogo poderá ser anulado, apesar das garantias formais oferecidas pelo Sr José Bonifácio de que o Governo dará posse aos eleitos, quaisquer que sejam.

Carlos Castello Branco

Lembo anuncia que Arena não vai tirar partido do obstrucionismo do MDB

São Paulo — O presidente do Diretório Regional da Arena em São Paulo, Sr Cláudio Lembo, garantiu ontem que seu Partido não vai explorar politicamente o fato de a maioria emedebista na Assembléia Legislativa ter rejeitado a proposta do Governador Paulo Egídio Martins para suplementação de recursos orçamentários.

— Tudo não passou de um lamentável episódio em que a bancada emedebista não avaliou os prejuízos que a rejeição da mensagem iria causar à comunidade, dificultando a superação de problemas decorrentes da crise financeira que atinge São Paulo, o Brasil e o mundo — disse o dirigente da Arena paulista.

O POVO JULGA

Segundo o Sr Cláudio Lembo, as consequências negativas da decisão do MDB "são de tal forma gritantes" que o povo não pode deixar de senti-las" e de julgar os que por elas são responsáveis, não havendo, portanto, necessidade de o Governo ou a Arena "apontar os culpados e tentar usufruir qualquer benefício político desse erro de julgamento de uma maioria ocasional."

Quandt festeja Embratel

Brasília — O Ministro das Comunicações, Comandante Euclides Quandt de Oliveira, disse ontem que em seus 10 anos de atividades a Embratel instalou os sistemas interurbanos e internacionais que permitiram ao Brasil ter comunicações de boa qualidade entre os Estados e com o mundo.

— Antes da Embratel — lembrou — o interior do país vivia praticamente isolado. Assim é fácil avaliar o papel da empresa no desenvolvimento do Brasil. E posso afirmar que ela foi um dos muitos setores que contribuíram de fato para esse desenvolvimento.

INTENSIFICAÇÃO

Apesar do destaque que os sistemas terrestres de comunicação (microondas) tiveram no período o Ministro das Comunicações informou que esse sistema ainda vai ser intensificado sem prejuízo do satélite doméstico. As microondas ainda continuam a ser o meio mais importante das comunicações no Brasil.

— As comunicações via satélite vão ser empregadas em regiões afastadas, onde os meios terrestres não são possíveis de serem implantados ou então só podem chegar com dificuldades. As microondas ainda terão, durante bastante tempo, a primazia nas ligações a longa distancia.

CABO COAXIAL

Informou o Ministro Quandt de Oliveira que o Ministério das Comunicações está planejando a instalação de um cabo coaxial ligando o Rio de Janeiro a São Paulo, uma vez que o espectro de radiofrequência entre essas duas cidades está quase totalmente tomado.

Dentro da atual rota, estamos chegando ao fim de sua capacidade e a solução é o cabo coaxial, mas a microonda é ainda o meio mais econômico de se fazer comunicações. Basta dizer que nos próximos anos os sistemas de microondas serão expandidos muitas vezes.

Para o Ministro das Comunicações, num país como o nosso, onde as distancias são muito grandes e não há uma densidade populacional intensa, a microondas é o meio mais econômico e melhor de ser instalado.

— Assim, o satélite doméstico tem muito mais o aspecto de integração nacional, do que o aspecto econômico de ampliação do sistema.

Procuradora ameaça Arena e MDB

Teresina — A Procuradora Regional Eleitoral, Sra Delza Curvelo Rocha, anunciou que pedirá a cassação dos registros de todos os candidatos eleitos a 15 de novembro no Piauí, se no prazo suplementar de 10 dias a Arena e o MDB não apresentarem suas prestações de contas com a propaganda eleitoral, o que deveria ter feito até 14 de janeiro.

A advertência foi feita sob forma de representação contra os dois Partidos no Tribunal Regional Eleitoral, em que a Procuradora os acusa de estarem "violando prescrições legais em matéria financeira", uma vez que até o dia 29 de agosto não foram apresentadas as contas dos comitês de propaganda través do comitê interpartidário.

Sexta-feira, o TRE distribuiu intimação aos dirigentes regionais dos Partidos, aos responsáveis pelo comitê interpartidário, aos membros dos comitês estaduais e ofícios a todos os candidatos pela Arena e MDB, cientificando-os da distribuição da representação e do seu teor, tendo em vista que o prazo para atendimento das exigências da Procuradoria começou na data de expedição das intimações, ou seja, a partir do dia 12.

Passarinho diz que divisão só é prejudicial à Oposição

Brasília — As divisões internas do MDB prejudicam mais o Partido da Oposição do que o país, afirmou o Senador Jarbas Passarinho, futuro 1.º vice-presidente da Arena, ao fazer uma análise das divergências que surgem, tanto na Arena quanto no MDB, nesta fase de realização de Convenções.

Segundo o Senador paraense, só haveria o alarme a que se referiu o Senador Dinarte Mariz — que criticou o radicalismo ideológico no MDB — se a opinião pública fosse levada a pensar que o MDB pode ser empolgado por correntes radicais, o que ameaçaria diretamente a tese de rotatividade do poder e mesmo as eleições diretas em 1978.

IDEOLOGIAS

O Sr Jarbas Passarinho considera salutar o embate ideológico que se trava antes e durante as Convenções. Argumentou que "todo embate de idéias é uma contribuição ao aperfeiçoamento da política. Preliminarmente, porém, é imperioso fazer uma breve incursão no campo conceitual. Ora, o que é ideologia? Os filósofos não se agradam dela. Daniel Bell *(O Fim das Ideologias)* já alerta para o fato de que "ideologia é a conversão das idéias em alavancas sociais". E' conhecida a frase: as idéias são armas poderosas.

— Quanto às idéias — continuou — podem elas levar-nos, dentro da fidelidade à democracia, a posições conflitantes que, entretanto, não põem em perigo a essência democrática. Assim é, por exemplo, o que ocorre quando o monopólio estatal do petróleo divide as opiniões. O mesmo se dá quando é a tendência, maior ou menor, à estatização da economia que se discute, desde que não esteja em causa o pressuposto socialista da posse pelo Estado dos bens de produção ou o retorno ao saudosismo do *laissez-faire*.

Observou que numa Convenção "é evidente que essas tendências podem produzir aglutinação em torno dos defensores de cada uma delas, e se os assuntos são amplamente debatidos as Convenções têm mais vida. E' o que estamos vendo hoje nos entrechoques do MDB, que não tem os compromissos de defender o Governo".

CRISE NA OPOSIÇÃO

— Eu defendo o debate de idéias e não de murros — declarou o Senador Jarbas Passarinho, referindo-se à crise no MDB. Observou, porém, que "não sei, na realidade, o que está acontecendo no Partido da Oposição, e me constranjo até de discutir assuntos da sua economia interna. Na medida em que a crise esteja circunscrita ao MDB, ela só prejudica o Partido da Oposição, e a prova está no que ocorre no Rio. Acho perigoso, por exemplo, quando um deputado diz publicamente que não gosta de Ulisses Guimarães porque diz uma coisa e executa outra. Isso prejudica a unidade interna do MDB, aprofunda a crise e não soma nada."

— Na Arena — acrescentou — também existem divisões e um exemplo recente foi dado pelo Senador José Sarney, que pediu a retirada do seu nome da Comissão Executiva do Partido por não concordar com a inclusão do seu opositor Vitorino Freire.

Explicou, entretanto, que as divisões na Arena "são mais circunstanciais e centradas em divergências entre pessoas.

Pinto vai encaminhar as contas do Governo Padilha

O presidente da Assembléia Legislativa, Deputado José Pinto, deverá enviar esta semana para Comissão de Fiscalização Financeira o relatório do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro que recusou as contas apresentadas, no exercício do ano passado, pelo ex-Governador Raimundo Padilha.

O parecer do Tribunal contrário à aprovação das contas do ex-Governador do antigo Estado do Rio, entre seus considerandos, diz que "além das faltas encontradas, apurou-se no exercício financeiro de 1974 a realização de despesas sem cobertura orçamentária" e efetuaram-se pagamentos, em consequência, no montante de Cr$ 124 milhões, 741 mil 595 e 40 centavos".

O PARECER

Com 98 páginas, o parecer do Tribunal de Contas sobre a administração do ex-Governador Raimundo Padilha foi elaborado pelo Conselheiro Scylla Souza Ribeiro, e recebeu o apoio dos demais membros daquela Corte, além do procurador Válter Vieitas, que teve também seu relatório aprovado pelo procurador-chefe, Sr Álvaro Americano. Este, após lembrar seus vínculos de amizade com os filhos do Sr. Raimundo Padilha, diz que:

— Gostaria, assim, falando segundo meus sentimentos pessoais, de poder discordar do parecer prolatado pelo nobre procurador Válter Vieitas, mas para isso seria necessário que se encontrasse erro aritmético nas cifras apresentadas em seu trabalho, as quais demonstram que sem cobertura orçamentária houve uma despesa de Cr$ 124 milhões 741 mil 595 e 40 centavos, ou então, que diferentes fossem os textos constitucionais e legais, e aos Governos se permitisse gastar além do que tenha sido legalmente autorizado.

Ele afirma ainda que tendo o novo Estado "a obrigação institucional de ser um Estado modelo dentro da Federação, julgo que esta corte não pode fazer *vista grossa* às irregularidades apontadas pelo ilustre relator e pelo douto procurador."

Ao aprovar o relatório do Sr Válter Vieitas — datado de 24 de junho deste ano — o Sr Álvaro Americano lembrou porém a observação feita pelo relator Scylla de Souza Ribeiro de que "importa notar, entretanto, que as falhas encontradas e apontadas, bem como as anomalias que se reportam a despesas realizadas pelos executores da administração financeira, além dos créditos ou sem estes, não podem ser unicamente atribuídas ao Governador, nem levadas tão-somente à sua responsabilidade. O sistema da administração financeira está a cargo de um complexo administrativo. E a execução orçamentária não depende exclusivamente do Chefe do Governo".

CONTROLE INTERNO

No capítulo referente à *Posição do Tribunal*, o relator diz que em 72 foi editado um decreto que prometia a execução "segundo normas a serem submetidas à aprovação do Governador, do controle interno das atividades no campo da administração financeira, contábil e patrimonial a cargo da Secretaria de Finanças."

— Praticamente de pouco valeu tal decreto, pois o que nele se continha não passou de promessa, porque quase nada se fez no sentido da implantação integral do controle interno na administração fluminense. Vigilante, o Tribunal de Contas em todos os relatórios de Balanço Geral do Estado, inclusive no referente ao exercício de 1971, indicou deficiências nas chamadas "Contas do Governador."

Ele observa ainda que "sem funcionar perfeitamente o sistema de controle interno deixa de haver o aprimoramento do controle externo, que por mandamento constitucional é exercido pela Assembléia Legislativa, com o auxílio do Tribunal de Contas":

— Em consequência da lacuna, ficaram comprometidos, também, dois itens de real importancia do Artigo 72 da Constituição da República: fiscalização da execução de programas de trabalho e de orçamentos, e avaliação dos resultados alcançados pelos administradores e verificação da execução dos contratos.

ANTES DE 1974

Dando uma visão geral do Balanço Geral do Estado, o relator Scylla Souza Ribeiro mostra, em seu trabalho, a situação do Estado do Rio antes de 1974, quando "foram muitas as contas prestadas com grande atraso ao Tribunal, onde não puderam ser apreciadas por falta de elementos essenciais, apesar de muitas diligências impostas para levantá-los e juntá-los aos processos." Após citar os órgãos implicados, ele abre um capitulo especial para a Companhia Fluminense de Desenvolvimento Urbano (Desurj) e o Departamento Estadual de Minas e Energia (Darme).

A primeira — vinculada ao Gabinete Civil do Governador — só apresentou sua prestação de contas em 1972, e até hoje o processo se encontra em diligências para "os esclarecimentos necessários a respeito das irregularidades." O órgão havia se proposto a executar as obras de remodelação do centro de Niterói — paralisadas desde dezembro do ano passado — e constantes do Projeto Praia Grande, que estavam a cargo de um consórcio integrado pelas empresas Codrasa, Transpavi e Ster.

— O Governo teria aplicado nas obras — diz o relator — cerca de Cr$ 300 milhões. E as obras por acabar são calculadas, no mínimo, em Cr$ 100 milhões. Há ainda outras despesas a fazer, entre elas: construção de uma rodovia litoranea, projeto avaliado em Cr$ 120 milhões; e indenizações decorrentes de desapropriações estimadas em Cr$ 26 milhões.

Já com relação ao Departamento Estadual de Minas e Energia, o relator declara que as prestações de contas daquele órgão de 1968 a 1973 não conseguiram ainda ser regularizadas.

SITUAÇÃO ATUAL

Após dar exemplos da falta de contabilização, o relatório refere-se à receita e à despesa, encontrando um deficit de Cr$ 223 milhões 210 mil 199 e 87 centavos, já que a receita arrecadada foi de Cr$ 1 bilhão 898 milhões 277 mil 986 e 15 centavos, enquanto a despesa realizada foi da ordem de Cr$ 2 bilhões 121 milhões 488 mil 186 e dois centavos.

Ao fazer o balanço patrimonial, o relatório demonstra que ao final do exercício de 1974 existia um passivo real descoberto de Cr$ 400 milhões 714 mil 952 e dois centavos, e a situação financeira em 31 de dezembro do ano passado, resultante do confronto entre o ativo financeiro e o passivo financeiro, indicava um descoberto financeiro de Cr$ 399 milhões 150 mil 827 e 28 centavos.

Demonstrando as variações patrimoniais, o Conselheiro Scylla Souza Ribeiro diz que, "ao contrário do que ocorreu em 1973, quando o resultado patrimonial apresentou o saldo positivo de Cr$ 1 milhão 875 mil 713 e 33 centavos, o exercício de 1974 foi negativo com um deficit de Cr$ 309 milhões 755 mil 634 e 93 centavos. Em consequência, o passivo real descoberto, no valor de Cr$ 90 milhões 959 mil 374 e 99 centavos, fica aumentado para Cr$ 400 milhões 714 mil 982 e dois centavos."

Com o encerramento do exercício de 1974, as dívidas do Estado somaram Cr$ 871 milhões 734 mil 645 e 86 centavos, com a seguinte composição:

	Cr$
Dívida Flutuante . . .	523 833 607,20
Dívida Fundada Interna	13 741 199,30
Dívida Fundada Externa	334 159 839,36
Total	871 734 645,86

SEM PRESTAÇÕES

O relatório afirma ainda que o exame das contas não passa de um balanço parcial, já que diversas "entidades da administração indireta não apresentaram o resultado de sua execução orçamentária", e somente nove entidades entregaram seus balanços. Segundo Conselheiro Scylla de Souza Ribeiro, deixaram de apresentar seus balanços os seguintes órgãos:

— *Gabinete do Governador.*

— *Assessoria Especial do Governador:* Departamento Autônomo de Recursos Minerais e Energéticos (Darme); Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (Flumitur); Companhia Fluminense de Desenvolvimento Urbano (Desurj) e Imprensa Oficial — Empresa Fluminense de Sistemas Gráficos.

— *Conselho de Planejamento e Coodenação* / Fundação Centro de Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro (CPDERJ) e Companhia de Expansão Econômica Fluminense (Ceflumi).

Secretaria de Administração — Instituto de Previdência Social.

— *Secretaria de Agricultura e Abastecimento* — Fundo Estadual Agro-Pecuário; Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro S/A (Ceasa-RJ); Comissão de Instalação da Usina de Beneficiamento e Industrialização do Leite (Clucebil); Mercado Regional de Santa Rosa e Entreposto de Frutas e Legumes de Niterói.

— *Secretaria de Indústria e Comércio* — Companhia de Distritos Industriais (Codin); Junta Comercial e Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Rio de Janeiro (Funderj).

— *Secretaria de Transportes* — Departamento de Portos e Navegação; Serviço de Navegação Sul Fluminense e Empresa Estadual de Viação (Serve).

— *Secretaria de Saúde e Planejamento* — Fundo de Assistência Médica e Sanitária; Companhia de Saneamento do Estado do Rio de Janeiro (Sanerj) e Instituto Vital Brazil.

— *Secretaria de Serviços Sociais* — Fundação Anchieta e Fundação Fluminense do Bem Estar do Menor (Flubem).

Brasil firma acordo com a Argélia

Argel — Um acordo marítimo entre o Brasil e a Argélia foi assinado hoje no Ministério dos Transportes, em Argel. Segundo o documento, o tráfego entre os dois países deverá ser feito exclusivamente por navios de bandeiras das duas nações.

E' também estipulada a divisão equitativa dos fretes, na base de 50% para cada um. O acordo é o primeiro que o Brasil firma com um país árabe.

MDB acusa Arena em Pernambuco

Recife — Sob a alegação de que a Arena pernambucana procura obstruir toda e qualquer iniciativa em defesa do Nordeste quando os interesses da região deviam estar acima dos Partidos, o MDB decidiu abandonar a comissão encarregada de preparar um documento sobre a situação socioeconômica nordestina, a ser entregue ao Presidente Geisel em sua visita a esta Capital, nos dias 26 e 27.

O documento foi sugerido pelo vice-líder do MDB, Deputado Manoel Gilberto, que pretendia, além de apontar o problema das enchentes, mostrar a situação social e econômica do Nordeste. O líder do Governo, Deputado Nivaldo Machado, com o apoio de sua bancada, apresentou um substitutivo que esvazia o possível impacto do documento.

Ceará tira mais um Prefeito

Fortaleza — O decreto de intervenção em Novo Oriente deverá ser assinado amanhã pelo Governador Adauto Bezerra, informou-se ontem no Palácio da Abolição. O Prefeito Argélio Assis Soares cometeu atos irregulares, apurados por auditores do Conselho de Contas dos Municípios, cujo presidente, Sr José Napoleão de Araújo, propôs a intervenção.

Ontem, o Prefeito acusado disse que quem cometeu irregularidades não foi ele, mas o Vice-Prefeito Joviniano Seriano Silva, que ocupou a Prefeitura durante quase todo o ano de 1974. Explicou o Sr Argelio Assis Soares — eleito pelo MDB — que preferiu se transferir para a Arena porque "o meu antigo Partido me tratou com descortesia."

Câmara de Itabaiana será fechada

Aracaju — A Camara de Vereadores de Itabaiana, o Município mais pobre do Estado e distante 56 quilômetros de Aracaju, vai fechar as portas. A comunicação foi feita ao Governador José Rolemberg Leite pelo seu Presidente, Vereador Afrodisio Alves dos Santos, em ofício datado do dia 2.

O Presidente da Camara diz que o fechamento deve-se à falta de apoio do Prefeito Antônio José da Cruz (Arena). Ele não está pagando os duodécimos a que o Legislativo de Itabaiana tem direito, o que impede o funcionamento regular. A Secretaria está com débitos em diversas casas comerciais, tem duplicatas vencidas e está sem dinheiro para pagar aos funcionários.

Figueiredo morre em Brasília

Brasília — Após longa enfermidade, morreu na madrugada de ontem, no Hospital Distrital de Brasília, o Deputado Petrônio Figueiredo (MDB-PB), membro do Diretório Regional do seu Partido e ex-2º secretário da Camara. Tinha 46 anos e era filho do ex-Senador Argemiro Figueiredo.

Na Camara desde 1962, eleito pelo extinto PTB, o Sr Petrônio Figueiredo atuava na Comissão de Justiça e nos últimos anos foi um dos principais críticos do ex-Governador Ernani Sátiro. Começou como vereador em Campina Grande, onde será sepultado hoje.

Ramos defende imparcialidade do TCU

Brasília — "A ação do Tribunal de Contas da União não objetiva atingir qualquer Governo ou qualquer pessoa. Cumprimos nossa missão constitucional de julgar os ordenadores de despesa e o fazemos como juiz, observando apenas as leis" — declarou ontem o Presidente do TCU, Ministro Batista Ramos, ao negar que as denúncias sobre irregularidades objetivam prejudicar a imagem de Governos anteriores.

Reconheceu que existem processos atrasados no Tribunal de Contas da União, o que decorre, principalmente, do envio de milhares de processos de aposentadoria e concessões da antiga Diretoria de Despesa Pública. Observou, porém, que em toda a Justiça há processos atrasados e que as repartições do Executivo também estão cheias de processos antigos, sendo esta, portanto, uma situação geral.

LICITAÇÃO

A possibilidade de volta da competência do Tribunal de Contas para exame prévio dos contratos não lhe parece muito provável. Para evitar que o TCU seja obrigado a impugnar contratos e aditivos que não obedeceram às normas legais, apesar de já estarem em vigor, sugeriu à Presidência da República que todo contrato e aditivo seja encaminhado ao Tribunal imediatamente após sua assinatura. Com isso, se permitiria uma fiscalização mais atenta.

No caso do DNER, que teve três ex-diretores condenados, o Tribunal, acentuou, que não poderia deixar de ter aplicado a multa prevista no Artigo 53 do Decreto-Lei 199 porque não há dúvida de que houve infringência das normas legais quando não se realizou licitação para novos contratos e termos aditivos.

— A licitação — disse o Ministro Batista Ramos — é exigida por uma lei revolucionária do ex-Presidente Castelo Branco, um verdadeiro estadista. Não se pode deixar de cumpri-la e, mesmo assim, ainda podem ocorrer irregularidades. Todos sabemos do jogo das grandes empresas, que dividem entre si algumas concorrências, mas a licitação representa um princípio admirável de moralidade pública.

AUXILIAR

Depois de esclarecer que o Tribunal não é propriamente um órgão auxiliar do Poder Legislativo, mas exerce uma ação paralela, o Ministro Batista Ramos salientou que com as recentes admissões de técnicos do controle externo, selecionados em concurso no qual passaram apenas 5% dos candidatos, o órgão tem hoje pessoal em quantidade e qualidade suficientes para exercer suas atribuições.

Com os novos funcionários, o Tribunal fiscalizará no próximo ano as sociedades de economia mista, empresas públicas e fundações, como determina lei enviada ao Congresso Nacional pelo Presidente Ernesto Geisel. O Tribunal, afirmou, está pronto a fiscalizar qualquer denúncia de irregularidade, desde que ela lhe tenha sido encaminhada com provas suficientes de veracidade.

Ainda recentemente um deputado federal procurou-o e lhe entregou provas de que havia malversação de recursos federais em determinado município. A inspeção extraordinária comprovou a veracidade da denúncia e o Prefeito está sendo processado. Em relação às prefeituras, acredita o presidente do TCU que o nível das administrações municipais tem melhorado, mas ainda existem muitos erros e os prefeitos, até mesmo por injunções locais, preferem fazer uma praça a uma rede de esgotos. E' que a praça dá maior rendimento político.

Como na grande maioria dos municípios a quota do Fundo de Participação representa pelo menos 90% do orçamento, o Tribunal tem procurado instruir os prefeitos, inclusive através de cursos, para que não a desperdicem em obras inúteis ou suntuárias. Apesar da orientação, ainda há quem ilumine boate com recursos do Fundo ou pague a caçadores para matar onças, cascavéis, etc.; considerando a despesa como de bem-estar social.

Cartas dos leitores

A proibição pretendida

"Nas modernas usinas de queima de lixo os detritos são tratados e depois queimados a uma temperatura de 1 000º centígrados.

Mas nos incineradores o lixo é decomposto sem qualquer qualificação, o que torna o processo altamente poluente.

A melhor solução é usar o lixo como aterro; além de não causar poluição alguma, transforma locais alagados e sem aproveitamento em terrenos urbanizados.

Os incineradores apresentam vários inconvenientes. Entre eles o de seguidamente causar panico, com a fumaça que dá impressão de incêndio; de liberar fuligem, que suja tudo; e de a maioria estar parada em consequência das dificuldades que provoca.

A poluição provocada pelos incineradores é a mais irracional. Por isso a proibição do incinerador deveria constar no anteprojeto sobre poluição que a Secretaria Especial do Meio-Ambiente prepara para encaminhar ao Ministério do Interior.

Sérgio José Toniolo — Porto Alegre (RGS)."

Os marginais do aluguel

"Quero levar aplauso e solidariedade ao Sr Emanuel Néri por sua carta ao Ministro da Justiça (JB, 18-7). E' preciso fazer-se clamor contra tantas injustiças praticadas contra os menos afortunados, embora esteja convencido de haver uma causa para a situação de desespero que atravessamos.

Deus ajude o Presidente e lhe dê forças para continuar na campanha de saneamento moral. Não é só o Caso Moreno. Não são apenas os desleixos da Central. Existe uma calamidade pública que há tempos nos angustia: o aumento indiscriminado dos aluguéis.

Desde fevereiro moro em apartamento, alugado por dois anos. Três meses depois do contrato ele foi aumentado; em seguida houve reajustamento sob a alegação de débitos em atraso; e em maio um outro, superior a Cr$ 400.

O próprio procurador do proprietário os considerou absurdos, mas nada podia fazer porque a lei faculta. Declarou ainda que transita na Camara pedido de revisão humana dos aluguéis e que, caso seja aprovado, o dinheiro será devolvido.

E' incrível que isso aconteça, com prejuízo para tantos chefes de famílias numerosas. Quando recebemos aumento é para enfrentar a elevação do custo de vida; não se justifica então essa absurda majoração de aluguéis.

Pagamos taxas, Imposto Predial, condomínio e somos responsáveis pela conservação do imóvel, às vezes recebido em péssimas condições. Os proprietários nada nos facilitam. Somos marginalizados sem direito a reclamação.

Aluísio Albuquerque Melo — Rio (RS)"

O direito de agredir

"Entre 20 e 23 horas, nos ônibus da linha 298 (Castelo-Coelho Neto), costumam viajar certos grupinhos de rapazes — e até moças — que fazem a maior algazarra e pronunciam impropérios.

Sexta-feira, 29.8, às 20h 30, tive a infelicidade de embarcar em um desses ônibus. Mal subi os degraus fui atacado por um transviado. Embora tenha 59 anos (ele não passava dos 18), reagi. Como convalesço de gripe forte e o atacante era muito mais alto, ele me agarrou pelos braços e deu-me uma cabeçada, que provocou violenta hemorragia nasal e hematomas.

Diante da agressão, obriguei o motorista a levar-nos a uma delegacia. Antes não tivéssemos ido.

Além de não providenciarem socorro para mim, policiais acharam que eu não deveria ter reagido porque o agressor era menor. Perdi uma hora na delegacia para sair humilhado.

Por acaso não existe polícia de costumes?

Vítor Fábregas — Rio (RJ)"

As cartas dos leitores serão publicadas só quando trouxerem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos esses dados serão devidamente verificados.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1975

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito — Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro — Diretor: Bernard da Costa Campos

Editor: Walter Fontoura — Diretor: Lywal Salles — Editor de Opinião: Luiz Alberto Bahia

Companheira Inseparável

Certamente não por ironia, mas por puro espírito científico, uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas sobre hábitos alimentares chegou à conclusão de que "grandes parcelas da população sofrem de fome endêmica e crônica, companheira inseparável das camadas de baixa renda." Divulgada na mesma semana em que se conheciam os índices de custo de vida, sobre os quais pesaram fundamentalmente as altas dos alimentos — responsáveis por 57% do aumento nos preços ao consumidor — essa pesquisa ressuscita inquietações antigas sobre a distribuição de renda no país.

Tais problemas, entretanto, não deveriam dar margem às campanhas populistas que inevitavelmente alicerçam o distributivismo. Vivemos numa época de transformações rápidas, com números estonteantes e mudanças que atingem não apenas as estruturas de produção mas fundamentalmente o comportamento do ser humano.

As transformações de uma sociedade agrícola numa sociedade industrial e, mais tarde, pós-industrial foram debatidas recentemente pelo programa de formação de executivos da Graduate School of Business da Universidade de Stanford, Califórnia, onde um dos conferencistas dramaticamente traçou o perfil dos próximos 10 anos. Até lá, os Estados Unidos terão um Produto Interno Bruto de 3 trilhões de dólares aproximadamente, mesmo considerando-se uma desaceleração nas taxas de natalidade e do próprio PIB. Os aumentos anuais experimentados na economia norte-americana, nessa progressão, devem ultrapassar o valor total do Produto de muitos países em desenvolvimento.

Nessas circunstancias, a fantástica demanda de serviços e bens vai exigir um esforço paralelo e sem precedentes das empresas, seja para a mobilização de capitais — o que a inflação inibe — seja para adotar novas tecnologias e aumentar o seu volume de vendas. Literalmente, pode prever-se que as empresas nas quais o volume de vendas não cresça mais de duas vezes na próxima década estarão sendo marginalizadas pelo progresso. E uma sociedade afluente, na qual o criticismo crescerá quase como um sinal dos tempos, exigirá dos administradores em termos nacionais mais eficiência, mais ação, mais respostas rápidas às suas necessidades. A educação será, ao mesmo tempo, um investimento e um bem de consumo, nessa sociedade onde todas as formas de conhecimento serão exploradas. Os problemas que isso acarretará nos países industrializados podem ser mais bem entendidos quando se leve em conta que por volta de 1985 provavelmente menos de 25% da força-trabalho estarão diretamente envolvidos na indústria manufatureira, na agricultura ou na construção. O grande absorvedor de mão-de-obra será o setor de serviços.

Esse mundo fantástico onde o progresso será uma palavra de ordem e a qualidade da vida um tema fundamental para os administradores vai colidir com estruturas de baixo poder aquisitivo nos países em desenvolvimento que ocasionalmente esqueçam os seus compromissos para com o futuro. A melhor forma de fazê-lo, certamente, é estagnar o crescimento. O que isso pode significar em retrocesso está expresso nessa pesquisa sobre baixos assalariados feita pela FGV: deles a fome será companheira inseparável.

Barões e Baronetes

O redescobrimento recente de certas graças do Centro do Rio — como os arcos da Carioca e o Convento de Santo Antônio — deve servir de lembrete de alguns princípios de urbanismo tão evidentes, tão pouco passíveis de discussão, que acabam por cair no olvido. Pelo menos entre nós, já que o exemplo das cidades arquitetonicamente memoráveis, como Roma, Paris, Veneza, demonstra que não são todos os povos que esquecem regras básicas de desenvolvimento urbano harmonioso.

O primeiro princípio acabou entronizado num dito popular português: Roma não se fez num dia. Trata-se de uma observação tão singela e tão clara que prescinde de qualquer elaboração. Uma cidade que seja ao mesmo tempo uma obra de arte, onde os homens lutam, trabalham e sofrem sem perder de vista valores que os transcendem, não se constrói numa geração. Vai crescendo ao longo dos tempos, vai incorporando novos estilos e novas maneiras de viver sem se destruir e se negar.

Isto se consegue mediante a aplicação do segundo princípio fundamental. As alterações e as novidades que o progresso exige são executadas, mas dentro da disciplina de um plano global. Paris teve um Barão de Haussmann, que derrubou o necessário para fazer pousar no meio da cidade uma estrela, com centro no Arco do Triunfo e raios de majestosas avenidas. E a partir do Barão (1809-1891) a própria Étoile disciplinou para todo o sempre o coração de Paris.

O Rio, como nunca teve um Barão de Haussmann, como nunca aceitou nenhum plano global, produz vários baronetes, a cada geração, sucessivos administradores que procuram, ao sabor do seu temperamento e do seu gosto, criar estrelinhas aqui e ali.

O resultado tem sido uma impiedosa despersonalização da cidade, que no entanto era importante já no primeiro século, que a partir de 1763 passou a Capital da Colônia, depois foi cabeça do Reino e da República, depois foi Cidade-Estado e agora é Capital do Estado. Quem procurar, na sua arquitetura, os testemunhos de tantas metamorfoses vai cair em perplexidade e confusão. A falta de planejamento, da imposição de gabaritos, da distinção entre ruas de residência e de comércio, a ausência de uma definição vocacional da cidade já levam, agora, nas zonas supervalorizadas, à tumultuosa derrubada de ruas inteiras e até de edifícios novos, a serem substituídos por novos edifícios. A consequência, difícil de resumir, é que o Rio se arraializa, se mafualiza, rói as próprias encostas, que deslizam com as chuvas, desfigura a moldura das montanhas. É quase impossível prever, nos montes de escombros do passado, o perfil do que será o futuro.

A cidade tem perdido seu caráter arquitetônico, seu celebrado bom humor, a qualidade da vida que já desfrutou. Culpar disto o progresso seria a mais deslavada das mentiras cariocas. A abertura da Barra da Tijuca, a fusão do Rio com sua área metropolitana estão clamando pela presença de um barão, estilo Haussmann. Chega de baronetes.

Dilema de Portugal

A tentativa de organizar em Portugal o 6.º Gabinete revolucionário, em menos de ano e meio, frustra-se no facciosismo inconciliável. A impressão generalizada é de que Portugal não tem saída no caminho que percorre. O país parou de trabalhar, suas reservas monetárias esgotam-se e o divisionismo devora suas energias políticas.

A Europa Ocidental olha preocupada a evolução dos acontecimentos portugueses. A perda de autoridade desagregou o Governo, impotente para conter a crise acelerada na economia. Sem produzir o necessário, sem o apoio das antigas colônias, sem contar com a remessa da poupança de seus emigrantes — e até sem a receita suplementar do turismo, que o riscou do roteiro europeu — Portugal debate-se na inviabilidade.

Falta a voz de comando com autoridade para deter a desagregação. O caos é a moldura dos fatos. Ao Norte, onde nasceram as demonstrações de inconformismo, soldados deixam os quartéis para juntarem-se a manifestantes sindicais. Em Lisboa a Polícia Militar empreende até greve de conteúdo político. Quebrada a hierarquia das Forças Armadas, a pretensa revolução de esquerda rebaixa-se à categoria de farsa política, por incompetência e sectarismo.

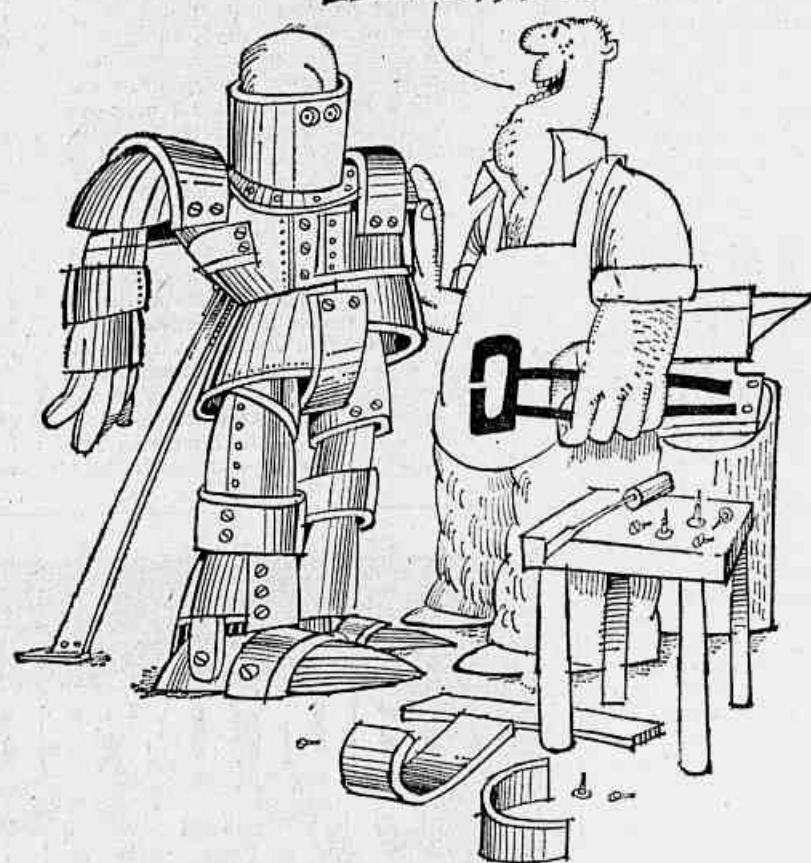
Ninguém manda, ninguém obedece em Portugal. Depois da prolongada ditadura, embutiu-se outro embrião ditatorial na estrutura do Estado: os comunistas manipulam tudo, com a conivência dos oportunistas fichados. O radicalismo consegue esconder o passado comprometedor de muitos, mas deixa à mostra a incompetência.

Os países da Comunidade Econômica Européia mostram-se interessados em ajudar Portugal, mas só a volta atrás, nos meios e nos fins, atrairá financiamentos externos.

Até mesmo o propalado confronto de forças, equacionado como guerra civil, torna-se improvável na desagregação geral. Os comunistas manobram porém para levar às últimas consequências a insatisfação popular e aprofundar a indisciplina militar, como via de encaminhamento de nova tentativa de golpe. Será erro fatal acreditar possível o entendimento com uma ideologia que já traiu e trairá novamente qualquer compromisso.

O direito de propriedade terá de ser restaurado como alicerce de uma sociedade e uma economia em adiantado estádio anárquico. Os comunistas estavam deliberadamente solapando os fundamentos de uma possibilidade democrática em Portugal, quando promoveram a ocupação indevida de propriedades

Mesmo com o PCP excluído do Governo, os comunistas operam nos bastidores, porque controlam as frentes políticas dos militares e dos sindicatos. As fábricas ocupadas por trabalhadores e orientadas pelas células comunistas reduziram o trabalho e deixaram cair a produção. O insuficiente nível industrial e agrícola é parte da mesma estratégia do PCP, que aumenta nominalmente os salários para acelerar a inflação. O descontentamento social e a indisciplina militar, somados, completam o ciclo do desatino e deixam a Portugal a única opção possível: escolher entre a restauração da autoridade e o comunismo, inaceitável para os portugueses e para a Europa Ocidental.

Ziraldo

Em torno da moda dos "slogans"

Barbosa Lima Sobrinho

Os slogans também têm moda. Não sei quem os fabrica, nem procuro saber. Possuem vida própria, capaz de excluir a preocupação da paternidade. Basta-lhes a divulgação, que os torna presentes a todos os olhos e a todos os ouvidos. A repetição não é apenas uma figura de retórica ou a mãe da sabedoria, como se costuma dizer: é também a alma da lógica. Mais vale repetir do que ter razão, poderia ser um provérbio que, se ainda não existe, por certo deveria existir. No fundo, um pouco daquele aforismo, de que "água mole em pedra dura, tanto bate, até que fura". Se não chega a convencer, acaba com a vontade de contestar. Vencendo pelo cansaço. O vae victis! também se aplica aos que se calam.

Mas há slogans que acabam se desgastando com a repetição, ao provocarem mais revoltas do que aplausos. Como aquele conhecido "Brasil — ame-o ou deixe-o", que chegara como artigo de importação, mal dissimulando o carinho das autoridades alfandegárias. Surgira nos Estados Unidos, como uma intimação aos negros, quando não quisessem aceitar a lei dos brancos. Era, no fundo, argumento de discriminação racial. Mas aplicado a qualquer outro país, que não tivesse os mesmos problemas, soava como disparate, senão como revelação de discriminação política, tão extremada quanto a discriminação racial.

O direito à nacionalidade é o mais sagrado de todos os direitos da pessoa humana, uma vez que vem do nascimento ou do sangue, o que vale dizer que conferido pela própria vida. Nasce-se brasileiro, como se nasce francês, inglês ou americano. Não é, pois, uma concessão, muito menos uma outorga. E' um fato, por si só gerador de direitos. Lá está, na Declaração Universal dos Direitos da Pessoa Humana, o preceito inarredável, no Artigo XV: "Todo homem tem direito a uma nacionalidade." A em que nasceu, a que veio do sangue ou que preferiu adotar, por ato voluntário de naturalização. Um direito essencial à própria vida e ao exercício das atividades. Poder-se-á dizer que existe a criatura humana, num mundo dividido entre nações, sem o direito à nacionalidade?

O homem sem pátria, o heimatlos, não passa de um proscrito, como se pudesse caber a qualquer Governo a faculdade de revogar o próprio ato de nascer, que vincula para sempre a pessoa humana à Nação em que chegou ao mundo. Para mudar de pátria, se assim o entender, por ato de vontade, terá que preencher condições de fato, que possam equivaler ao ato de nascer. Por isso o direito à nacionalidade se apresenta como o mais sagrado de todos os direitos, quase como condição para a existência de outros direitos. No mundo moderno, um indivíduo sem carteira de identidade e sem passaporte, é quase como se ainda não houvesse nascido. Como, pois, recusar tais documentos aos que os pleiteiam, sob a proteção do direito à nacionalidade, consagrado na Declaração Universal dos Direitos da Pessoa Humana?

Em países que não aceitaram essa Declaração Universal, ainda seria possível contestar esse direito à nacionalidade. Mas nos que a promoveram e homologaram, tomou o sentido de um compromisso, em que foi empenhada a palavara do próprio país que a subscreveu. Assinala-se que esse importante documento internacional surgiu como uma reação contra uma guerra desumana, que fizera ressurgir a lei da selva, com a bomba atômica, os bombardeios aéreos, o morticínio das camaras de gás, o imenso sacrifício da população civil, nas cidades devastadas. Era como um esforço, com que os signatários da Declaração procuravam significar, que ainda não haviam desertado da Humanidade, como quem procurasse resgatar, com uma demonstração de generosidade, a violência e a brutalidade, com que a guerra se fizera. Como entender, em face de propósitos tão altos, que se viesse a insistir naquele slogan discriminatório, com que os brancos contestavam os direitos dos negros, na pátria de Abraão Lincoln?

Mas se não aceitava esse slogan, não saberia como reprovar outros, que pudessem aparecer, apoiados a sentimentos mais louváveis. Como este último, que acaba de aparecer: "Pátria é a União de todos", que vale por um programa de paz e de confraternização. Se valer, não apenas como slogan, mas também como realidade, virá desmentir os que o arrolam entre manifestações de simples hipocrisia, que ainda seria, no conceito de La Rochefoucault, uma homenagem à virtude. Não é menos significativo o cartaz que o expressa, apresentando, em relevo, todo o território nacional, cercado por uma enorme ciranda de criaturas humanas, todas de mãos dadas, como que a simbolizar a reconciliação nacional.

Divergências de opinião e de interesses existem, por certo, em qualquer país. Mas não devem ser consideradas como obstáculos definitivos ou manifestações de incompatibilidade sem remédio. Não passam dessas divergências, que estamos acostumados a encontrar dentro de uma mesma família.

E o que é que acontece, com essa luta de família? Mesmo quando chegam a alcançar a faixa dos agravos pessoais, talvez mesmo do pugilato, acabam não resistindo ao tempo. O esquecimento pouco a pouco as apaga. Nem foi por outra razão que um grande centro de civilização, como a Grécia dos tempos antigos, soube incorporar às suas instituições políticas o remédio da anistia, para que as divergências passadas não constituíssem obstáculo ao seu progresso, nem viessem a valer como obstáculos à segurança nacional que se tornaria precária, se não se apoiasse na unanimidade de seus filhos.

Foi com essa inspiração que, ainda há pouco reuniu-se no México o Congresso Internacional das Mulheres. E dele partiu o programa admirável, que procura estabelecer, por toda a parte, a exaltação da Reconciliação Nacional, que não poderá ter por alicerce senão o esquecimento das lutas e dos agravos anteriores. Na convicção, em que estava o Congresso, de que tudo se tornaria mais fácil, sob o apanágio de confraternização.

Foi Churchill quem, num momento crucial para a sua pátria, soube afastar, com um gesto imperioso, debates que poderiam comprometer a unidade de seu povo. Fizera ver, com a eloquência de sua formidável oratória, que era indispensável esquecer o passado, para salvar o futuro. Como quem desejasse ajuntar, para a vitória, todas as forças de seu país, numa unanimidade que já valia, por si só, como uma manifestação de grandeza, de todos que para ele concorreram, convencidos de que, realmente, a "Pátria é a união de todos."

Marchezan emendou programa da Arena para ajudar democracia

Brasília — Uma das poucas emendas apresentadas ao projeto de programa da Arena, que será discutido e votado na Convenção Nacional do dia 21, é de autoria do Deputado gaúcho Nélson Marchezan, recém-indicado para a secretaria-geral, que sugeriu alterações no capítulo *Realização da Democracia*.

Propôs o parlamentar como objetivo político fundamental "a implantação da democracia social brasileira que concilie os direitos políticos fundamentais da sociedade política com as estruturas sócio-econômicas adequadas à realização de uma maior justiça social".

LUTA PELO PODER

O Sr Nélson Marchezan sugeriu também que conste do programa partidário que os objetivos fundamentais conduzem à manutenção de uma sociedade pluralista, "respeitados os limites impostos pela preservação da democracia através da competição pacífica pelo Poder".

No projeto de programa está dito que tais objetivos conduzem "à preservação de uma sociedade plural, tanto no que se refere à livre escolha dos fins propostos pelos indivíduos e grupos sociais, quanto no tocante aos meios de atualização daqueles objetivos, respeitados os limites decorrentes das exigências do bem comum, entre os quais se situa o da segurança nacional".

Para o futuro secretário-geral da Arena, os objetivos políticos da agremiação "impõem, também, o aperfeiçoamento do Estado de direito, entendido como o Estado juridicamente organizado e capaz de realizar os ideais da democracia resguardando sua permanência pelo exercício da convivência política pacífica e pela arbitragem política do Governo nos conflitos e demandas de indivíduos e grupos".

Outra sugestão do Deputado Nélson Marchezan foi para alterar o texto no projeto que trata da fidelidade aos ideais da democracia. Sua emenda diz:

— A Arena afirma a fidelidade aos ideais da democracia, de conformidade com os valores democráticos e a experiência institucional produzida pelo processo político brasileiro, sem subordinação a processos políticos abstratos, tendo como limites o respeito aos direitos políticos fundamentais e como meta o desenvolvimento nacional nos planos político, econômico e social.

No projeto, a redação fala da fidelidade aos ideais democráticos "sem subordinação da ação política e administrativa a esquemas ideológicos abstratos".

CRÍTICAS

Apesar dos reiterados apelos e das várias viagens que realizou pelos Estados, para submeter o projeto a debate e recolher sugestões, o Senador Petrônio Portela recebeu poucas respostas: do Ministro Azeredo da Silveira, do Governador Aloísio Chaves (Pará), do Vice-Governador de Goiás, Sr José Luís Bittencourt, do Senador Luís Viana Filho (o único Senador), de seis deputados federais e de dois dirigentes regionais — de Goiás e Rio Grande do Sul.

Na opinião do Governador do Pará, o projeto de programa da Arena "é muito pobre em imaginação, sobretudo se se considerar o título, muito ambicioso — *Um Programa Para o Brasil*".

— Entendo que o programa deveria ser a fonte de inspiração para o Governo, já que, pelo menos teoricamente, o Governo é a Arena no Poder. O que se lê, entretanto, nos leva ao oposto: o Governo é que inspirou o documento. Os objetivos que define, ainda como projeto, já estão, quase todos, ou todos, sendo executados pelo Governo ou, pelo menos, enunciados.

MAIS PARTIDOS

O Deputado Furtado Leite (CE) sugeriu que fosse examinada a conveniência de se alterar a legislação sobre a formação de Partido político. Defendeu a diminuição dos índices atualmente fixados, para tornar viável a criação de, pelo menos, mais uma ou duas agremiações.

Defendeu também a criação do cargo de diretor de relações públicas ou de informação nas comissões executivas, sugerindo, ainda, que sejam fixados em lei os princípios informativos da diretriz partidária.

Já o Deputado Ricardo Fiuza (PE), num longo estudo do programa e da situação política, pediu para seu Partido "manter o firme propósito de que sejam realizadas eleições diretas para Governador". Sugeriu, ainda, que a Arena não receie o julgamento popular ao fim de cada Governo.

O Deputado Siqueira Campos (GO) defendeu a inclusão no programa de propósito de a Arena lutar pela redivisão territorial do país.

COPEG-TERUSZKIN-SERGIO DOURADO

FINANCIAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DOS EDIFÍCIOS TOUR D'AVALLON E TOUR DE SOISSONS

A COPEG — Crédito Imobiliário concedeu financiamento às empresas Teruszkin Emp. Imob. e Sergio Dourado Emp. Imob., para a construção dos 144 apartamentos que compõem os Edifícios Tour D'Avallon e Tour de Soissons. Destina-se este financiamento à conclusão das obras daqueles edifícios em fase final de construção.

Presentes à assinatura do contrato, o presidente da Copeg, Wander Batalha Lima e Luiz Carlos Leite Guimarães, diretor, Armando Hofmeister e Isaac Gorodicht, diretores da Teruszkin Empreendimentos Imobiliários; Salim Said Nigri, diretor, Luiz Fernando Siqueira e Eleutério Galante da Sergio Dourado Empreendimentos Imobiliários.

Informe JB

Roda de fogo

Poucas vezes um Ministro de Fazenda brasileiro foi submetido a uma roda de fogo tão dura quanto a que o Sr Mário Henrique Simonsen atravessou nos últimos 10 dias nos Estados Unidos.

Começou na quinta-feira da semana passada, com um jantar oferecido pelo banqueiro David Rockefeller, em Nova Iorque. Inúmeros convidados — entre os quais os presidentes da Exxon, Alcoa e GE — estavam à mesa enquanto seus jatos particulares os esperavam no aeroporto para voltarem às suas casas, em outras cidades.

* * *

Na sexta, Simonsen almoçou com o Morgan Trust. Na segunda, com os presidentes da US Steel e da Aluminium Nyckel. À noite, tomou o avião para Chicago, onde jantou com a direção do Continental Bank.

* * *

No dia seguinte, depois de tomar o desjejum com o Nothern Trust, almoçou com o Harry's Trust e seguiu para São Francisco, onde jantou com a Wells Fargo. No dia seguinte, almoçou com o ex-Secretário de Fazenda George Schultz e a diretoria da Bechtel.

Enquanto isso, assinou 335 milhões de dólares em investimentos e financiamentos.

* * *

Computados todos os convidados de todos os almoços e jantares, Simonsen esteve com 60% do PNB americano.

Como não se tratava de simples curiosidade gastronômica, desde o jantar dos Rockefeller até o último compromisso, o Ministro cumpriu sempre o mesmo ritual: depois da refeição, fazia uma exposição de 30 minutos sobre a situação do Brasil e passava a hora seguinte respondendo a perguntas.

* * *

Com o passar dos dias, o Ministro da Fazenda pôde verificar que os investidores americanos, além de demonstrarem uma curiosidade aumentada pelo Brasil, deixam claro que estão confiantes na *performance* econômica nacional.

A partir da terceira exposição, Simonsen começou a notar que seu programa podia ser ameaçado, pois começava a falsear-lhe a voz.

Salvou-o a experiência de baritono, graças a qual reprimiu a rouquidão forçando o diafragma.

* * *

Ao chegar a Brasília, foi obrigado a custear o resultado da maratona. Por Cr$ 10, entregou-se aos cuidados de um frasco de Fonergin *spray* e de um vidro de Hexacloridine.

Inflação

Os primeiros números de setembro deixam a impressão de que a inflação ficará em torno dos 2% no mês.

A causa da baixa é simples: faltaram as consequências da geada.

Nelson Meteoro

E' difícil que algum político consiga bater nas próximas décadas o recorde de ascensão política estabelecido pelo Deputado gaúcho Nelson Marchezan nas últimas semanas.

No início do mês ele fazia parte da lista de suplentes do Diretório Nacional do Partido.

* * *

Houve uma só renúncia, a do Senador José Sarney, e ele passou de reserva a efetivo. Dez dias depois, ficou cotado para um cargo na Executiva e na sexta-feira conquistou a Secretaria Geral, segundo posto na hierarquia da Arena.

Se tudo der certo, poderá ser o próximo Governador do Rio Grande do Sul.

* * *

O Sr Marchezan faz parte do clube mais fechado de Brasília, o dos parlamentares que frequentam a Biblioteca da Camara.

Banco de teses

O Chanceler Azeredo da Silveira vai pedir às maiores embaixadas do Brasil que remetam a Brasília, nos próximos meses, todas as teses mimeografadas e livros editados em universidades estrangeiras sobre a história nacional nos últimos anos.

Os volumes serão reunidos numa pequena biblioteca e servirão tanto para a pesquisa como também para impedir que com o tempo esses trabalhos acabem sendo perdidos de vista.

* * *

Atualmente, esse tipo de trabalho vem sendo feito pelo Centro de Pesquisas e Documentação de História da Fundação Getúlio Vargas, que já tem uma lista onde reuniu teses nacionais (26) e estrangeiras (77).

Com a entrada do Itamarati no circuito, assegura-se a chegada ao Brasil de qualquer trabalho universitário a respeito do país.

* * *

A lista das teses depositadas na Fundação, que faz um trabalho monástico nesse setor, reúne estudos que vão desde uma biografia de Oswaldo Aranha até uma radiografia da indústria automobilística. Ou da Umbanda paulista até a vida de Júlio de Castilhos.

Veto ao veto

Do Senador Franco Montoro, um dos principais responsáveis pelo veto ao Sr Francisco Pinto, enquanto defendia com o ex-Deputado a sua permanência no Diretório do MDB:

— Chico, já que o veto está na moda, veto a sua saída do Diretório.

Mediocracia

Nos dias seguintes às enchentes de Recife, com agilidade e sensatez, o Governo federal tomou três medidas de caráter social destinadas a reduzir a desgraça que atingiu a população de Pernambuco.

Liberaram-se as contas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, autorizou-se o pagamento das rendas do PIS e abriram-se créditos na Caixa Econômica no valor de 150 milhões de cruzeiros.

* * *

Hoje, a situação é a seguinte:

Ninguém consegue receber o Fundo de Garantia sem passar pelo menos uma semana tratando do assunto.

Os empréstimos da Caixa foram suspensos porque há falta de pessoal para atender a massa de solicitações.

Os rendimentos do PIS, em alguns bancos, dependem de pelo menos 40 dias de espera.

* * *

A próxima enchente poderá ser em julho. Espera-se que até lá os mediocratas encarregados de dar andamento às determinações federais consigam pelo menos se livrar do expediente burocrático da desgraça deste ano.

O paradeiro

Uma das grandes preocupações dos moderados argentinos de todas as facções é o paradeiro que tomará a Sra Maria Estela de Peron depois de deixar a Casa Rosada.

A pior hipótese é que ela siga para Madri, onde está o ex-Ministro Lopes Rega.

* * *

Permitiria a possibilidade, ainda que remota, de renascimento de um neoperonismo exilado.

Resultado

A I Reunião Plenária da Indústria e do Comércio do Estado, que acaba hoje em Friburgo já deu pelo menos um resultado concreto.

O Hotel Saint Mortiz, que hospedou as autoridades, conseguiu finalmente um telefone. Estava-o esperando há 10 anos.

Lance-livre

- A Presidência da República já requisitou 15 minutos de espaço na rede nacional de televisão para o discurso do Presidente Geisel na Convenção da Arena de terça-feira.
- **Embarca hoje para Angola o Ministro Ovídio de Mello, futuro Embaixador do Brasil em Luanda.**
- O mercado imobiliário de Brasília continua a demonstrar que a matemática é ciência inexata. Os preços dos aluguéis na Asa Sul e na Superquadra 111 estão mais altos que as mensalidades de amortização dos apartamentos, todos financiados pelo BNH.
- **O escritor Ariano Saussuna já escreveu a peça de estréia do Balé Armorial.**
- Cada município fluminense vai ter um centro comunitário destinado exclusivamente à manutenção das escolas. Contará com um fundo especial, recebendo da Secretaria de Educação 20 salários mínimos mensalmente. E' uma tentativa do Governo para resolver o problema de conservação de prédios escolares.
- **O Governador Paulo Egídio Martins vai anunciar brevemente a instalação de um Banco de Terras, destinado a cadastrar e vender terras devolutas.**
- Os blindados Cascavel, que desfilaram no último dia 7 ficarão em Brasília. Serão incorporados à Guarnição Militar do Planalto. Os veículos vieram de São Paulo, rodando cerca de mil quilômetros.
- **Trezentos índios wai-wai, que habitavam no território da República da Guiana se transferiram para a selva brasileira. Até o final do ano, a Funai acredita que mais 700 também emigrem para o nosso país.**
- O carro 005, do 3.º vice-presidente da Assembléia do Rio de Janeiro, ontem pela manhã, na Tijuca, conduzia uma senhora que, tranquilamente, fazia as suas compras domésticas.
- **Os contratados do Projeto Minerva no Estado estão sem receber há seis meses.**
- No dia 20 de novembro o novo Embaixador do Brasil em Santiago chegará a seu posto. E' o diplomata Expedito Resende.
- **A Central de Medicamentos comprou no exterior 2 milhões 500 mil doses de vacinas contra o sarampo e 10 milhões de vacinas Sabin contra a paralisia infantil.**
- O Almirante Marcelo Ramos e Silva é o novo Comandante do 5.º Distrito Naval, em Florianópolis. Vai substituir o Almirante José Aranda, que irá para a Vice-Chefia do EMFA, em Brasília.
- **Melhorou sensivelmente a arrecadação do Estado que logo após a fusão sofreu um impacto negativo. O aumento corresponde a quase 50%, incluindo todos os impostos, sobre os nove primeiros meses do ano passado.**
- Está no Brasil para apresentação o avião executivo, birreator Gulfstream II. Seu preço é de 6 milhões de dólares e, em todo o mundo existem apenas 150 em operações.
- **Gilles Perrault, o jornalista francês que recompôs a história da Orquestra Vermelha, rede de espionagem russa que funcionava de Paris até o Estado-Maior da Wermacht, acaba de lançar um novo torpedo. Escreveu a biografia do polêmico Comandante Roland Farjon, da Resistência. Trata-se da história dramática de um maquis, sobrinho do General De Gaulle, que desfilou debaixo do Arco do Triunfo em 1944 e apareceu morto no Sena um ano depois. Farjon, segundo a polêmica francesa, teria denunciado dezenas de colegas no período em que esteve preso. Descoberto matou-se. E' uma espécie de mártir da delação, pois nele exorcizaram-se os males de toda uma geração durante quase 10 anos de covardias.**

MDB prepara chapa única do Diretório e amanhã faz a da Comissão Executiva

Brasília — Após as alterações provocadas pelo novo acordo entre Moderados e Renovadores, a Secretaria-Geral do MDB preparou ontem a chapa única para o Diretório Nacional, que será eleita na Convenção do dia 21. Amanhã o Partido organizará a chapa da Executiva Nacional.

Um dos responsáveis pelo entendimento entre os grupos do MDB, o Senador Marcos Freire (PE), que abriu mão do seu lugar no Diretório Nacional, disse ontem que a pacificação só foi possível "porque nossas principais lideranças colocaram o interesse do Partido acima de eventuais interesses pessoais ou de grupos".

EDITAL

Ontem a imprensa de Brasília publicou o edital de convocação da Convenção Nacional para o dia 21 — exigência legal que, se descumprida, impediria sua realização. A nova chapa de unidade do MDB para o Diretório Nacional ficou assim:

Pelos Moderados — Deputado Ulisses Guimarães (SP), Senadores Agenor Maria (RN), Benjamin Farah (RJ), Danton Jobim (RJ), Evandro Carreira (AM), Evelásio Vieira (SC), Gilvan Rocha (SE), Itamar Franco (MG), Lázaro Barbosa (GO), Leite Chaves (PR), Mauro Benevides (CE), Roberto Saturnino (RJ), e Rui Carneiro (PB); Deputados Tales Ramalho (PE), Antônio Pontes (AP), Ário Teodoro (RJ), Argilano Dario (ES), Brigido Tinoco (RJ), Nogueira da Gama (MG), Epitácio Cafeteira (MA), Francisco Libardoni (SC), Guaçu Piteri (SP), Henrique Alves (RN), Humberto Lucena (PB), Jairo Brum (RS), João Menezes (PA), Joaquim Bevilácqua (SP), Joel Ferreira (AM), Juarez Bernardes (GO), MacDowell Leite de Castro (RJ), Nei Ferreira (BA), Pedro Faria (RJ), Paulo Marques (PR), Peixoto Filho (RJ), Rui Lino (AC), Silvio Abreu Júnior (MG), Tancredo Neves (MG), Vinicius Cansanção (AL) e Walber Guimarães (PR) e ex-Deputado Severo Eulálio (PI).

Pelos Renovadores — Deputados Lisaneas Maciel (RJ), Jarbas Vasconcelos (PE), Ademar Santillo (GO), Airton Soares (SP), Alceu Colares (RS), Álvaro Dijas (PR), Antônio Carlos (MT), Antônio José (BA), Fernando Coelho (PE), Fernando Cunha (GO), Fernando Lira (PE), Francisco Amaral (SP), Freitas Nobre (SP), Jader Barbalho (PA), Jerônimo Santana (RO), Jorge Uequed (RS), José Costa (AL), Luis Henrique (SC), Marcondes Gadelha (PB), Paes de Andrade (CE), Tarciso Delgado (MG), Mário Frota (AM), e os ex-Deputados Francisco Pinto (BA), Caruso da Rocha (RS) e Freitas Diniz (MA).

Vinho afasta Roma de Paris

Roma — A *guerra* do vinho entre a Itália e a França ganhou novo capítulo: o Governo de Roma protestou ontem formalmente ante o Mercado Comum Europeu contra as restrições impostas pelos franceses à importação do produto italiano. O protesto, apresentado em Bruxelas à Comissão Executiva da Comunidade Econômica Européia, qualifica as restrições de "lesivas" aos acordos de livre circulação de mercadorias entre os nove países integrantes do Mercado Comum.

Líder tcheco relembra expurgo

Praga — De acordo com o secretário do Partido Comunista da Tcheco-Eslováquia, Vasil Bilak, 11 mil integrantes do PC tcheco emigraram para o estrangeiro desde a invasão soviética de agosto de 1968. Em entrevista concedida ao jornal comunista norte-americano *Daily Worker*, Bilak denunciou a cumplicidade dos emigrados com dirigentes políticos que tinham optado, em 1968, "pela via da traição." Revelou também que 70 mil 934 filiados do PC foram excluídos da agremiação e que 390 mil comunistas foram suspensos, nem todos por "atividades anti-socialistas", mas por "passividade".

Marujos da URSS solicitam asilo

Las Palmas — Três marinheiros soviéticos pediram asilo político à Espanha, logo que os seus navios, os pesqueiros *Tiflis* e *Rustavi*, chegaram sexta-feira ao porto de Las Palmas, nas Ilhas Canárias. A informação foi divulgada pelo jornal *Eco*, que revelou ainda que dois marinheiros deverão voltar à União Soviética de avião, o que configura a provável negativa do Governo espanhol em conceder o asilo político.

Moscou vê hoje mostra ilegal

Moscou — Um grupo de pintores soviéticos realiza hoje em Moscou uma exposição ao ar livre, não autorizada, um ano depois de haver sido suspensa uma mostra semelhante, por vigilantes do Partido Comunista. Recentemente, o Conselho de Moscou permitiu a vários pintores a montagem de uma exposição em um local oficial, no próximo dia 20. Um grupo de pintores radicais, que acusa as autoridades de dividir seu movimento não conformista, "oferecendo favores a elementos moderados", começou, contudo, a fazer planos para realizar hoje a mostra extra-oficial.

Bomba explode em Hamburgo

Hamburgo — Nove pessoas ficaram feridas quando uma bomba explodiu ontem na Estação Central de Hamburgo, na República Federal da Alemanha. Imediatamente depois da explosão — a bomba estava escondida em um compartimento do depósito automático de bagagens — a polícia isolou o acesso à Estação, que fica no centro da cidade. Desconhece-se até agora quem seriam os autores do atentado.

Kohl critica Governo alemão

Munique — A República Federal da Alemanha "nunca esteve tão mal governada como agora", denunciou o dirigente democrata-cristão, na Oposição, Helmut Kohl, ao criticar a administração dos social-democratas e liberais, chefiada pelo Chanceler Helmut Schmidt.

Durante o congresso do Partido Cristão Social (seção regional do Partido Democrata Cristão, na Baviera), Kohl — candidato das duas agremiações às eleições federais de 1976 — assegurou ontem que "chegou a hora da verdade" na República Federal da Alemanha.

Lockheed subornou sauditas

Washington e Nova Jérsey — A Lockheed Corporation pagou 106 milhões de dólares (Cr$ 890 milhões 400 mil), durante cinco anos, a um empresário da Arábia Saudita, sabendo que parte desse dinheiro ia para as mãos de um funcionário do Governo de Adis-Abeba, a fim de conseguir que as autoridades do país aprovassem a compra de aviões da empresa, admitiu o seu presidente, Daniel Haughton.

Por sua vez, a indústria farmacêutica Merck & Company reconheceu que seus empregados no exterior fizeram pagamentos "incorretos" a funcionários estatais de vários países do Terceiro Mundo. As doações atingiram, só na África e na Ásia, cerca de 140 milhões de dólares (Cr 1 bilhão 176 milhões), segundo os resultados iniciais de uma investigação promovida pela própria empresa.

Dallas/UPI

Ford sequer pensou no assassinato de Dallas ao visitar a cidade

Ford afirma em Dallas que não reabre o caso Kennedy

Dallas — O Presidente Gerald Ford chegou a Dallas "sem pensar" no significado da cidade em que morreu John Kennedy, conforme disse aos jornalistas que tocaram no assunto. Fortemente protegido, com seu colete à prova de bala, Ford declarou que não acha necessária a reabertura do processo sobre o assassinato do ex-Presidente.

Também em Dallas, o vice Nélson Rockefeller disse em discurso a um grupo de eleitores que os problemas econômicos e financeiros dos Estados Unidos se devem "à herança judaico-cristã dos norte-americanos, o que lhes obriga a ajudar os necessitados" acima de suas possibilidades. "Creio que este país prometeu demais", disse Rockefeller.

Sem abandonar seu estilo de campanha, misturando-se à multidão logo ao desembarcar no aeroporto, Ford respondeu com um levantamento de ombros quando lhe foram lembradas as ameaças telefônicas recebidas pela polícia de Dallas. Ainda no aeroporto, depois de apertar as mãos de dezenas de partidários, deu uma pequena entrevista à imprensa afirmando que está mesmo convencido de que o verdadeiro assassino de John Kennedy foi Lee Harvey Oswald.

MESMO TRAJETO

Apesar da segurança, da tranquilidade do Presidente e de sua aparente indiferença pelos aspectos traumáticos da história da cidade, a comitiva presidencial percorreu as ruas de Dallas a grande velocidade. Foi o mesmo caminho percorrido pelo carro preto de John Kennedy em 1963.

Ao passar, Ford pôde ver o edifício de tijolos vermelhos de onde Lee Oswald atirou — atualmente vazio e posto à venda. Mas não conseguiu distinguir bem o monumento construído no local do assassinato, porque os carros por ali passaram bem rápidos.

Em seu primeiro discurso do dia, à Convenção Nacional de Mulheres Republicanas, Ford assegurou que não tinha prestado juramento na Casa Branca para presidir "a decadência dos Estados Unidos". Adiantou, segundo suas previsões, o que deveria ser o terceiro século da história do país, que começa no próximo ano: um século "de êxito e de grandeza moral e espiritual."

O combate a Reagan

Jayme Dantas
Correspondente

Washington — *Um pé na Casa Branca e outro nas estradas eleitorais, o Presidente Gerald Ford se movimenta como se os Estados Unidos estivessem às vésperas das eleições presidenciais que, na realidade, somente acontecerão em novembro de 1976. De um lado exibe firmeza política opondo toda a resistência possível às pressões do Congresso em questões de energia, política externa, economia em geral às formas de tratamento do governo em particular em relação à indústria e ao comércio. Por outra parte, exibe em matéria de contato pessoal com o povo uma sofreguidão que nem os largos meses entre agora e o dia da votação nem os riscos de repetição dos assassinatos políticos conseguem atenuar.*

Enquanto não aparecem de fato candidatos presidenciais pelo Partido Democrata que despertem preocupações, Ford trata de dedicar o maior tempo possível a desbancar o conservador republicano Ronald Reagan da competição pré-eleitoral pela simpatia por ora e pelas preferências definitivas frente às urnas quando chegar a ocasião. Ontem no Texas, como anteontem no Missouri e há poucos dias em New Hampshire, Ford desenvolve a sua campanha no mesmo estilo terra-a-terra em que se criou politicamente, chegou à liderança da Minoria na Camara e até certo ponto guardou na Presidência da nação.

Uma manhã no mês passado, em Washington, ele se aproximou da fila de turistas de outros Estados que diariamente se forma para conhecer a Casa Branca por dentro e, pondo de lado as precauções de segurança pessoal, apertou quase todas as mãos, conversou alegremente com os mais extrovertidos, distribuiu sorrisos e deixou em todos a impressão de que o Presidente é como qualquer um de nós, como comentou naquela ocasião um estudante de Hanover, Estado de New Hampshire. E desde então, entre um e outro veto a projetos de lei do tipo desmantela orçamento, Ford corre para o meio do povo — ou onde Reagan já esteve ou onde o candidato hesitante ainda vai passar.

Em New Hampshire os dois estiveram dizendo aos mesmos eleitores coisas virtualmente idênticas, só que em apoio ostensivo a Louis Wyman, candidato republicano a uma vaga no Senado cujo preenchimento se decidirá na próxima terça-feira, em repetição de pleito no Estado. Quase os mesmos temas das palestras de Reagan continuam objetos dos discursos ou dos bate-papos em que Ford presta contas do que está fazendo, contrapõe indicações de progresso a pontos admitidamente negativos em seu Governo e proclama com ênfase cada vez maior o seu pendor para uma posição conservadora em matéria de administração.

Junto ao povo o Presidente admite que o desemprego continua renitentemente em 8,5% mas em compensação o número de empregados, afirma, "aumentou de 1 milhão e 200 mil (números absolutos), que a inflação continua problema, porém já foi de 14% e agora anda pelos 6 a 7%. Em cada cidade ou vila ele afirma a necessidade de manter os Estados Unidos como primeira potência militar do mundo, custe quanto custar e sublinha sua posição contrária ao que classifica de excesso de interferência do Governo na iniciativa privada. E' esse um dos pontos em que a campanha eleitoral do Presidente encontra objeções por parte do Congresso, onde já estão no mesmo pé de controvérsia a liberação dos preços de petróleo (a medida aumentará o custo de vida) e a prorrogação de benefícios tributários por todo o ano de 1976, bem como a aprovação da participação de norte-americanos na implementação do acordo do Sinai.

Os legisladores democratas afirmam que no afã de tomar de Reagan a bandeira do conservadorismo republicano, Ford já tenciona utilizar fundos federais para ajudar as grandes empresas, sob a alegação de que elas é que criam novos empregos. Contrários a tal ajuda, os mesmos democratas querem a prorrogação da redução de impostos com que Ford tentou amenizar a situação do povo durante a recessão. Ford prefere deixar os impostos como estão. O Presidente vetou o projeto de lei que prorrogaria por seis meses o controle dos preços de petróleo, aceitaria uma prorrogação de 45 dias. O Congresso quer 60 dias e por aí prosseguem as divergências.

Nada disso porém parece arrefecer o entusiasmo de Ford pela campanha eleitoral e ele deverá continuar alternando cada vez menos dias na Casa Branca com tempo cada vez mais dilatado nos comícios e, dizem as pesquisas de opinião, está ganhando terreno.

M. Estela viaja e deixa Poder "em boas mãos"

Buenos Aires — Numa breve cerimônia, de pouco mais de 15 minutos, a Presidenta Maria Estela Martinez de Perón transmitiu ontem o cargo ao Presidente do Senado, Italo Argentino Luder, que permanecerá no Poder até o dia 16 de outubro. "O Governo fica em boas mãos", declarou Maria Estela, fazendo um apelo ao povo para que colabore com o Chefe de Estado interino.

Disse ainda que tomaria um período de descanso, "a fim de juntar forças para poder trabalhar com mais vigor pela felicidade do país". Concluiu afirmando que "este é um adeus por pouco tempo". Maria Estela parte ao meio-dia de hoje para Ascochinga, na Província de Córdoba, onde iniciará seu período de repouso.

COMPROMISSO DE FIDELIDADE

Por sua vez, Italo Luder comprometeu-se a "cumprir fielmente as obrigações inerentes a esse breve tempo", afirmando que trabalhará com todas as suas forças "para o bem-estar da República defendendo com dignidade os direitos do povo e da Justiça".

Após a leitura da ata da transferência do cargo, o documento foi firmado por Maria Estela e Italo Luder e referendado por todos os integrantes do Gabinete. A cerimônia, realizada no Salão Branco da Casa Rosada, lotado de funcionários e convidados, foi precedida de uma reunião do Ministério, à qual estavam presentes a Presidenta licenciada e seu substituto.

Ao final do ato, ouviram-se várias vezes aplausos e vivas a Maria Estela.

Italo Luder ficará no cargo até o dia 16 de outubro e no dia seguinte, Maria Estela presidirá os festejos do chamado Dia da Lealdade, que recorda o levante do dia 17 de outubro de 1945 que, meses mais tarde, levou ao Poder o então Coronel Juan Domingo Perón.

ASCOCHINGA

O lugar em que Maria Estela Martinez de Perón passará suas férias é uma colônia de turismo da Aeronáutica situada na localidade de Ascochinga, de 700 metros de altitude, e a 63 quilômetros da cidade de Córdoba e a 770 de Buenos Aires.

Dispõe de um hotel, um campo de golfe e grandes áreas para passeios a pé ou a cavalo. Sua proximidade com Córdoba, onde estão instaladas importantes indústrias automobilísticas e zona de contínua atividade terrorista, deverá levar as autoridades a montar um esquema de segurança especial para zelar pela Presidenta da República.

A estrada que liga Ascochinga a Córdoba passa por pitorescos desfiladeiros em colinas que rodeiam a vila. Na região existem grandes estancias, e numa delas ficou hospedada Jacqueline Kennedy, quando ainda viúva do Presidente norte-americano.

CRÍTICA

Em sua edição de ontem o **Washington Post** disse que a licença de Maria Estela "põe fim a um Governo que deixou de trabalhar efetivamente há quase três meses."

Num despacho de Buenos Aires, afirma o jornal norte-americano que o afastamento de Maria Estela, "quer ela volte ou não ao cargo, constitui uma prova formal de que todo o multicolorido movimento chamado peronismo, que envolve milhões de argentinos, é de fato uma bandeira frágil cuja única substancia era a personalidade do homem que foi Presidente três vezes."

Tiroteio faz mais 4 mortos

Buenos Aires — Quatro terroristas morreram e um policial ficou ferido durante um tiroteio ocorrido na madrugada de ontem na Cidade de San Miguel de Tucuman, quando uma patrulha da polícia e do Exército percorria um bairro dos subúrbios da cidade.

Os policiais e os soldados desconfiaram de um grupo de pessoas que se encontravam no interior de um carro e decidiram abordá-las, mas os suspeitos manobraram seu veículo e fugiram. Começou então uma perseguição que terminou num tiroteio.

Agora, eleva-se a 10 o total de terroristas mortos em choques com a polícia nos últimos quatro dias em Tucuman, segundo informou o Comando-Geral do Exército dessa Província argentina.

Em Buenos Aires, um grupo terrorista atacou ontem com bombas incendiárias e lacrimogêneas o cinema Ritz, em pleno centro da Capital, provocando grave tumulto na sala de projeção. O filme em exibição era *A Bofetada*, com o ator francês Lino Ventura.

Não houve vítimas, mas o fogo destruiu algumas bilheterias. As autoridades ignoram os motivos do atentado.

Enquanto isso, aguarda-se com grande expectativa a solenidade convocada para terça-feira por acirrados antiperonistas que pretendem comemorar, nesse dia, o 20º aniversário da derrubada de Juan Domingo Perón da presidência, em 1955.

A polícia pediu calma aos participantes do encontro promovido por importantes ex-políticos e militares reformados, entre eles o ex-Vice-Presidente Isaac Rojas, que assumiu o cargo logo após a queda de Perón.

Os peronistas o acusam de ter consentido no fuzilamento de civis e militares que meses depois se rebelaram em defesa de Perón, já deposto.

Um integrante da comissão organizadora, que não quis revelar seu nome, disse que "este ano, nós os antiperonistas vamos atirar a casa pela janela para celebrar a revolução e a derrubada do tirano" (alusão a Juan Domingo Perón). Mas num comunicado ontem distribuído a Comissão pede que os manifestantes se abstenham de qualquer ato antes da hora e fora do local marcado, o Luna Park.

México já prepara sucessão e lista tem 7 candidatos

Cidade do México — O eleitorado mexicano aguarda em clima de expectativa, provocada por uma onda de rumores e especulações, a designação do sucessor do Presidente Luis Echeverria, já marcada oficialmente para o próximo mês de outubro. Pelo menos sete ministros figuram como prováveis candidatos do Partido Revolucionário Institucional (PRI), há 45 anos no Poder.

São eles Mario Moya Palencia, Secretário do Governo; Hugo Cervantes del Rio, Secretário da Presidência; José López Portillo, da Fazenda; Porfirio Muñoz Ledo, Trabalho; Augusto Gomez Villanueva, Reforma Agrária; Luis Enrique Bramontes, Viação; e Carlos Galvez Betancourt, diretor do Instituto da Previdência Social.

O MECANISMO

Oficialmente, a escolha se faz mediante consulta interna no PRI, mas, na verdade, essa tarefa cabe ao próprio Presidente que sai. Em seguida, vem o que se conhece como *lançamento* do candidato, isto é, uma organização partidária menor apresenta o nome já escolhido pelo Presidente para receber ainda como *pré-candidato* o apoio dos demais órgãos do PRI.

Finalmente, reúne-se a assembléia-geral extraordinária do PRI, que simplesmente ratifica "o que a vontade popular já expressou", e o pré-candidato passa a candidato. Este, embora sabendo que sua vitória está assegurada, realiza uma extenuante campanha eleitoral conclamando o povo às urnas, no primeiro domingo de julho de 1976.

Tal como vem ocorrendo nos últimos 12 anos, outros Partidos também darão seu apoio ao candidato oficial — o Popular Socialista (PPS, esquerda pró-governamental) e o Autêntico da Revolução Mexicana (PARM, governista).

Como sempre, o Partido da Ação Nacional (PAN, direita moderada) lançará seu próprio candidato, apenas para manter sua posição de "única Oposição real" ao Governo, ao qual acusa de antidemocrático.

Michelsen acusa EUA de impotência com traficantes

Bogotá — O Presidente da Colômbia, Alfonso López Michelsen, que dentro de 10 dias terá um encontro com o Presidente Gerald Ford, acusou ontem cidadãos norte-americanos "marginais" de transformarem o território colombiano em "base de tráfico de drogas", lamentando, ao mesmo tempo, que o Governo de Washington não consiga "controlar suas máfias."

Num comunicado divulgado pela imprensa, López Michelsen diz que a Colômbia "tem sido vítima de sua posição geográfica privilegiada, que permite a norte-americanos, com capital norte-americano e aviões licenciados nos Estados Unidos, decolarem de pontos de seu país para converter o nosso em uma base de transações ilegais com drogas."

Em seguida, afirma que tal estado de coisas não se deve à incapacidade do Governo colombiano, mas sim à "impotência" dos Estados Unidos.

Londres mostra satisfação por chilenos soltos

Londres, Santiago do Chile, Hanover e Paris — O Foreign Office anunciou ontem sua "satisfação" pela decisão do Governo do Chile de libertar de 100 a 200 presos políticos, com a condição de que a Grã-Bretanha os receba. Um porta-voz do Ministério do Exterior britanico assegurou que a Grã-Bretanha está disposta a acolhê-los, mas que seu Governo "continua esperando que as autoridades chilenas libertem todos os seus presos políticos, incondicionalmente". Há hoje na Grã-Bretanha 1 mil 100 refugiados chilenos.

Enquanto isso, informou-se ontem em Santiago que a maior parte dos 14 presos políticos libertados na sexta-feira pela Junta Militar deverá seguir para a Venezuela. O ex-presos foram autorizados a permanecer no país, a maioria, contudo, prefere seguir para a Venezuela, cuja Embaixada participou das negociações para a sua libertação. O Embaixador venezuelano, Antônio Arellano Moreno, reuniu-se com o Ministro do Interior, General César Benevides, para discutir a situação dos libertados, porém não foi divulgado os nomes dos que viajarão para a Venezuela.

CRÍTICAS GERAIS

Várias centenas de manifestantes exigiram, diante de um quartel de Hildesheim, na República Federal da Alemanha, a volta imediata ao Chile de um oficial do Exército chileno que faz naquela cidade alemã um curso de formação militar. As críticas contra a presença do Tenente chileno Helmut Kraushaar começaram no princípio da semana passada, embora o Ministro da Defesa da RFA, Georg Lebber, tivesse replicado que seu Governo oferece a todos os países "quaisquer que sejam suas orientações políticas", oportunidade para a formação de seus militares.

Em Paris, o Partido Socialista Chileno, na ilegalidade, e o Partido Socialista Francês examinaram "os meios de aumentar os esforços da solidariedade internacional ao povo chileno que luta por sua liberdade," de acordo com um comunicado conjunto ontem divulgado. Participaram da reunião o secretário-geral do PSC, Carlos Altamirano, e uma delegação do PSF, liderada por François Mitterrand. O comunicado afirma: "Dois anos depois do golpe fascista, os dois Partidos celebram o profundo acordo que existe entre ambos sobre os objetivos da resistência chilena." Destaca ainda a intenção de "mobilizar a opinião pública em geral para aumentar o isolamento internacional" da Junta Militar chilena.

Segundo informou a agência France Presse, ao citar declarações de Carlos Altamirano, oito refugiados chilenos na Argentina "foram recentemente assassinados pela polícia deste país". Para Altamirano, "esses oito companheiros, embora o número de mortos possa ser maior, não estão incluídos no sinistro e complexo caso de 119 presos políticos, desaparecidos do Chile e que uma revista sensacionalista argentina indicou como mortos "em luta fratricida" na Argentina, Venezuela, Colômbia, México e França". De acordo com o secretário-geral do PSC, os 119 presos "jamais saíram do Chile, onde, apesar da enorme repressão, se formou um comitê das mulheres desses presos desaparecidos."

Banzer crê na saída para o mar

La Paz — O Presidente Hugo Banzer afirmou que "estão indo por bom caminho" as negociações entre a Bolívia e o Chile para que seu país consiga uma saída para o mar, reiterando que, para La Paz, esta é uma questão vital. "Não podemos esperar indefinidamente, por que o mar é para o meu povo uma necessidade premente e fundamental para seu pleno desenvolvimento", disse Banzer, recusando-se a revelar detalhes da proposta boliviana nas negociações.

Especula-se, no entanto, que o Chile esteja disposto a ceder parte de seu território no extremo Norte, formando-se assim um corredor que separaria o Chile do Peru.

A PARTIR DE 5
OS SUPERME
VÃO MAIS ABRIR

Israel espera aviões dos EUA

Telaviv e Beirute — Até o fim deste ano, Israel espera receber dos Estados Unidos a primeira remessa dos modernos aviões de combate F-15, negociados como parte do acordo provisório de paz com o Egito no Sinai. Além dos F-15, Israel receberá também grande número de aparelhos F-16, do mesmo modelo adquirido pelos países da OTAN.

As Forças Armadas israelenses estavam ontem em estado de prontidão rigorosa, por motivo das festividades religiosas do Yom Kippur, que se estenderão até amanhã à noite. Embora porta-vozes militares tenham qualificado a medida de rotineira, recorda-se que foi durante o Yom Kippur de 1973 que os árabes atacaram de surpresa dando início à guerra de outubro.

APELO PALESTINO

Editorial publicado ontem no Líbano pelo órgão oficial da Organização de Libertação da Palestina (OLP) — *Falastin Al Thawra* — lançou um apelo aos trabalhadores e camponeses egípcios para que abram fogo contra os técnicos norte-americanos que forem enviados ao Sinai para fiscalizar o acordo provisório de paz.

Depois de afirmar que a presença dos Estados Unidos no Sinai é um "golpe contra o mundo árabe", o jornal palestino acrescenta que "o povo egípcio, que ofereceu milhares de mártires para impedir os planos imperialistas e sionistas nos últimos 20 anos, é capaz de liquidar novamente a presença norte-americana em seu território."

Tripoli/AP

Faruk, líder muçulmano (D), exibe foguetes tomados aos cristãos

Violência volta a Beirute

Beirute — Apesar da presença do Exército nas ruas, a violência recrudesceu ontem no Líbano, agora principalmente em Beirute, onde o dia foi marcado por tiroteios e sequestros, levando o **Premier** Rashid Karame a convocar uma reunião de emergência com os chefes militares, entre eles o novo comandante do Exército, General Hanna Said.

A situação pode agravar-se amanhã, com a convocação de uma greve geral no país pelos socialistas e outros Partidos de esquerda, em protesto contra a determinação governamental de empregar o Exército para conter a luta nas cidades de Tripoli e Zghorta, na região Norte. Os esquerdistas e os muçulmanos acusam os militares de fornecerem armas aos cristãos.

TRÉGUA ROMPIDA

A trégua alcançada na véspera na região Norte pela presença do Exército foi rompida ontem em Tripoli, com tiroteios esparsos e o lançamento de 13 foguetes sobre a cidade. As informações sobre danos e vítimas são desencontradas, afirmando-se em Beirute que morreram mais oito pessoas em Tripoli e 10 na região de Akbar.

A região de Akbar fica junto à fronteira com a Síria e, segundo informações procedentes das cidades próximas, mais de 500 famílias libanesas da área já se mudaram para território sírio desde o início dos atuais choques.

Em Beirute, os incidentes mais graves ocorreram na estrada que liga a Capital ao Aeroporto Internacional, onde guerrilheiros dos acampamentos palestinos vizinhos armaram barricadas (depois desmontadas pela polícia) e sequestraram nove pessoas que, em táxis, se dirigiam ao aeroporto para deixar o país. Nos choques no local morreu uma pessoa.

Um acordo é melhor que nada

Anthony Lewis
do The New York Times

Boston — *E' compreensível que os congressistas se sintam um tanto descrentes no momento em que Henry Kissinger surge triunfante de um longo turno de negociações secretas com um papel nas mãos. E' justo que os americanos se preocupem com os compromissos de manutenção da paz e de ajuda financeira a longo prazo numa região tão delicada como o Oriente Médio. Contudo, não se deve deixar a percepção da insensatez no passado levar ao imobilismo no presente, ou resistir a soluções adequadas a problemas difíceis. O acordo do Sinai é falho e deixa a situação extremamente perigosa. Contudo, é um feito da diplomacia numa região do mundo onde praticamente não houve outro sucesso nesta geração. O Secretário Kissinger e os líderes do Egito e de Israel merecem mais do que restrições desconfiadas.*

Certos críticos falam da possibilidade de "um outro Vietnã" na cláusula que estabelece a presença de 200 técnicos americanos no Sinai. Lembram que o envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã começou com o envio, pelo Presidente Eisenhower, de 800 "consultores".

A comparação não tem fundamento. A aventura americana no Vietnã foi um equívoco por diversas razões. Atirou-nos numa região do mundo onde não existia interesse nacional nítido ou papel histórico; o objetivo era impossível de ser alcançado dentro dos limites racionais: derrotar uma revolução nacionalista pela força externa, sem um real apoio político nativo. O sigilo do Executivo e as mentiras, métodos utilizados para que nos envolvêssemos, foram errados e arbitrários, considerando-se o nosso sistema constitucional.

Aqueles fatores não se repetem no acordo do Sinai. Os Estados Unidos têm os interesses mais óbvios que se possam imaginar no Oriente Médio — políticos, econômicos, morais e históricos. A idéia de ajudar a separar exércitos inimigos através do funcionamento de um sistema de aviso prévio, é um objetivo racional e perfeitamente passível de uma definição precisa.

E desta vez, os meios sub-reptícios, pelos quais os Presidentes caíram na guerra do Vietnã sem avisar honestamente ao Congresso ou buscar sua aprovação, não foram empregados. Nenhuma pessoa sensata esperaria que o Congresso participasse das negociações diplomáticas concretas. Todavia, o Congresso é agora informado dos resultados — aparentemente, com todos os detalhes — e sua aprovação é solicitada de forma explícita. Além disso, os compromissos de Kissinger parecem depender da ratificação do Congresso. O texto do acordo, conforme Bernard Gwertzman escreveu no The New York Times, dá, por exemplo, garantias de ajuda futura dos Estados Unidos a Israel "dentro dos limites de seus recursos, da autorização do Congresso e de verba destinada a este fim". A inclusão de tal linguagem reflete uma das principais lições fornecidas pelo revés do Vietnã e a reivindicação de que esta história dolorosa esteja se repetindo é uma verdadeira afronta.

O acordo apresenta, em sua essência, certas características que deixam a desejar. Ou, talvez, para sermos mais precisos, se as cláusulas forem cumpridas na íntegra, ainda restarão sérias dúvidas quanto à estabilidade de uma região que representa grande perigo à paz mundial.

Um elemento sujeito a questionamento é a exclusão da União Soviética da diplomacia de Kissinger. O apoio soviético será fundamental a qualquer garantia sólida de sobrevivência de Israel atrás das fronteiras reconhecidas. Os rumores sobre a satisfação de Kissinger em tirar os soviéticos do Oriente Médio são inquietantes.

O acordo também atribui uma grande responsabilidade ao Presidente Sadat do Egito e o coloca em posição nada fácil. Os radicais no mundo árabe estão contra Sadat e sua posição como o único parceiro árabe nesta etapa da diplomacia de Kissinger o torna mais vulnerável.

As promessas de ajuda a Israel, apesar de condicionais, são generosas e a longo prazo; todas elas foram exaustivamente negociadas e Israel sofreu intermináveis pressões no sentido de aceitar concessões, que afinal se mostraram discretas, em comparação com os sérios problemas que se anunciam em qualquer acordo permanente com os vizinhos — Jerusalém, colinas do Golan e palestinos.

Todos estes elementos jogam por terra as dúvidas quanto à política do passo-a-passo de Kissinger. Há muito a dizer a favor do argumento de o objetivo deveria ter sido um acordo amplo. Os Estados Unidos podiam ter assumido a redação do acordo e proposto um esboço, ou utilizado estes anos de pressão sobre Israel para fazer com que o povo e os políticos israelenses vissem a necessidade de retirar-se dos territórios ocupados em 1967, ao invés de procurar segurança naquelas áreas.

Contudo, o acordo do Sinai é melhor do que sua alternativa imediata, a inexistência de acordo. Na verdade, é bem melhor, porque, pela primeira vez, levou um grande líder árabe a admitir o direito de Israel existir como um Estado, sob certo aspecto, e reconhecer que há objetivos mais importantes para um estadista árabe do que uma guerra santa.

Diz-se com acerto que este acordo não pode se valer por si mesmo, que não vigorará a menos que seja levado adiante, especialmente com a Síria, tarefa muito difícil. Todavia, Kissinger fez surgir a leve esperança de que os líderes dos dois lados vislumbram agora alguma possibilidade de coexistência.

Regime etíope celebra 1.º aniversário

Adis Abeba — Além de organizar um grande desfile militar em Adis Abeba, o Governo etíope celebrou o primeiro aniversário da deposição do Imperador Hailé Salassié com o discurso do líder do novo regime, General Teferi Benti, que acusou os árabes de financiarem, com petrodólares, a rebelião separatista na Província da Eritreia.

Para Teferi Benti existe um caminho longo e difícil até o povo etíope alcançar "os objetivos da revolução." Milhares de civis participaram do desfile na Capital, cantando e carregando cartazes, enquanto aviões de combate — fabricados nos Estados Unidos — sobrevoavam a cidade e pára-quedistas desciam no gramado de um estádio no centro.

INFLUÊNCIA EXTERNA

A guerra civil na Eritréia, onde um movimento organizado luta pela independência, "é conseqüência da política colonial da monarquia", segundo o General. "Gostaria de apelar mais uma vez aos irmãos eritreus para que não se envolvam com interesses externos; a Etiópia nunca existiu sem a Eritréia e a Eritréia nunca teve identidade separada." Acusou ainda os separatistas de se "intoxicarem" com petrodólares árabes.

De certa forma, o brilho das comemorações da queda de Selassié, que morreu há duas semanas sob prisão domiciliar, foi prejudicado pela pressão dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha sobre a sorte das 12 princesas que aguardam julgamento. Nos últimos dias circularam rumores na Capital de que os militares pretendiam executar os membros da Família Real.

Em seu discurso, o General Teferi Benti rejeitou a idéia de Partido único no país, reiterando "a fidelidade da revolução à liberdade de imprensa e de expressão", e o direito de formar associações cujos objetivos se coadunem com a filosofia do socialismo.

A criação de uma comissão política, com o objetivo de preparar o povo para participação ativa nos assuntos do Estado, de acordo com "os princípios revolucionários", foi anunciada também. Teferi Benti ressuscitou a proposta de criar uma federação com Quênia, Sudão e Somália — um projeto antigo. Ao abordar o problema da Eritréia, destacou a "boa vontade" do Governo etíope e fez apelo à união lembrando que "o tempo de luta e de sacrifícios comuns substituiram o período das lutas pelo Poder".

Eritreus atacam base americana

Damasco e Washington — A Frente de Libertação da Eritréia (FLE) responsabilizou-se ontem, em Damasco, pelo ataque realizado na noite de sexta-feira contra o centro de comunicações que a Marinha dos Estados Unidos mantém nas proximidades de Asmara, Capital da Província etíope da Eritréia.

Porta-voz da FLE, falando à imprensa em Damasco, disse ainda não ter pormenores sobre o resultado do ataque, mas advertiu que "as bases norte-americanas na Etiópia deveriam esperar por novos ataques, pois a luta dos revolucionários prossegue."

Em Washington, porta-voz do Departamento da Defesa, disse que a base havia sido atacada por "forças desconhecidas", numa serie de operações que visavam tanto a base como outros pontos da área que fica a 24 quilômetros de Asmara. Dois funcionários norte-americanos e seis etíopes que trabalham na base desapareceram.

Japão quer diplomacia multipolar

Tóquio — O Japão deve dar preferência a relações com os países da Ásia Oriental, manter estreitos vínculos com os Estados Unidos e garantir relações estáveis com a China e a União Soviética, segundo o *Livro Azul da Diplomacia*, relatório anual publicado pela Chancelaria japonesa. O Japão — diz o documento — tornou-se força estabilizadora indispensável para a manutenção da paz mundial.

O relatório, aprovado pelo Gabinete, destaca as três principais tarefas a serem atacadas: diversificar gestões em favor de relações amistosas com todos os blocos de nações; contribuir para um adequado desenvolvimento da economia mundial; ajudar na solução das divergências entre as duas Coréias e nos problemas do espaço e do meio-ambiente que ameaçam o futuro da humanidade.

Greve de policiais na França gera inquietação

Paris — Os policiais franceses entrarão em greve na próxima quinta-feira se as autoridades não atenderem suas reivindicações de melhorias salariais, anunciou-se ontem em Paris. A greve se soma à crescente inquietação popular motivada pela crescente delinqüência, o que faz aumentarem as críticas ao Ministro do Interior, Michel Poniatowski.

Na Córsega, líderes separatistas receberam friamente a promessa do Governo francês de acelerar o desenvolvimento econômico da ilha e decidiram realizar uma grande manifestação em Ajaccio, hoje, para exigir autonomia política.

MORTOS

Três policiais foram mortos a tiros na semana retrasada durante choques violentos contra manifestantes corsos. Os líderes separatistas explicaram que a nova manifestação foi convocada porque os franceses não acataram o "ultimato" corso — retirada total de tropas, anistia para os presos políticos e fim dos julgamentos.

O novo Prefeito da Córsega, Jean Riolacci, por sua vez, advertiu que se ocorrerem distúrbios durante a marcha aplicará com todo rigor "a lei da República". Em Paris, a CGT e a CDT anunciaram planos para uma série de greves em todo país, a partir do dia 23, em protesto contra o novo plano que Giscard d'Estaing pretende apreciar para recuperar, economicamente, a Córsega. Segundo as centrais sindicais, o plano só beneficia as grandes empresas sem melhorar efetivamente a condição social dos trabalhadores.

O homem do centro

The Economist

Por que é que os franceses resmungam tanto? Ao ler os editoriais, poder-se-ia pensar que a França, voltando agora das férias de verão para o início de um novo ano político, é o país europeu mais maltratado pela crise. E o que é que Giscard tem a temer? Ouvindo os comentaristas franceses, tem-se a impressão de que o presidente francês é o político mais ameaçado do continente. Mas não acreditem neles. Os franceses não têm de enfrentar o desemprego na escala — superior ao milhão — italiana, alemã e inglesa; pelo menos não até agora, e de qualquer maneira, não oficialmente. Não são eles, mas os ingleses, que enfrentam uma taxa de inflação de 26%.

Os franceses estão voltando para casa depois de um verão durante o qual mais pessoas do que nunca saíram de férias, gastando mais dinheiro do que nunca — e apesar disso resmungam como se o apocalipse se aproximasse. Como sempre, é ao pescoço de Giscard d'Estaing que eles saltam. Mas sobre esse pescoço está um dos melhores cérebros do mundo ocidental, um daqueles mentes mais ágeis no mundo financeiro e também no mundo político. Giscard sairá do laço mais facilmente do que a maioria dos seus colegas ocidentais.

Existe certamente uma recessão econômica na França, e as coisas possivelmente são piores do que as estatísticas sugerem. E' provável que piorem ainda mais antes de começarem a melhorar. Há no momento 885 mil pessoas precisando de emprego. Nas próximas semanas este número será acrescido de quase 600 mil estudantes que completarão os seus cursos sem serem absorvidos profissionalmente. No fim do ano haverá cerca de 1,3 milhão de desempregados, dos quais um terço terá menos de 25 anos de idade. O crescimento industrial oscilará este ano em torno de zero. Mas em tudo isso, a França estará em melhor situação do que muitos dos seus vizinhos. E a inflação será reduzida este ano a 10%, ou até menos (atualmente é de 11,7%), como prometido.

Mas os franceses, tanto quanto os ingleses e italianos, não vêem as coisas sobre um pano de fundo mundial. Mais do que outras pessoas, eles sofrem, em política, de uma preguiçosa introspecção que amplifica os seus problemas. Quando estão bem alimentados, como costumam estar em quase todos os anos nesta época do ano, e como estão agora, querem saber imediatamente o que é que vai ser feito por eles.

Foi o que Giscard d'Estaing lhes disse esta semana, quando tornou público o seu esperado projeto de reflação. Este consiste de uma injeção de cerca de 6 bilhões de dólares na economia, uma bela quantia sob qualquer padrão, de alguns incentivos a investimentos na indústria, talvez de algumas manipulações com o imposto sobre o valor acrescentado (que corresponde aproximadamente ao ICM brasileiro), e de mais dinheiro para os fundos sociais a fim de incentivar o consumo. Isto é tão longe quanto iria no momento qualquer homem sensato, já que o Presidente não quer levar novamente a inflação aos números dobrados. E' uma política necessariamente cautelosa, mas mesmo assim bem mais audaciosa que a de Helmut Schmidt, da Alemanha Ocidental, com a qual se supunha que a política francesa, depois de tantos encontros bilaterais, estaria coordenada.

Dois ou três meses atrás, os franceses achavam que os americanos e alemães fariam algo de mais espetacular na linha da reflação, porque ambos têm eleições no próximo ano, e que a França, de alguma maneira, poderia seguir nas suas águas. Mas não foi o que aconteceu, e daqui em diante a França promete liderar a corrida da reflação.

A reflação de Giscard pode não trazer por si mesma o "novo crescimento" que ele prometeu antes das férias, mas pode ser suficiente para livrar a França dos piores efeitos da recessão. O problema imediato de Giscard d'Estaing é o encontro da Organização de Países Exportadores de Petróleo em Viena, a 24 de setembro, e a ameaça da OPEP de elevar novamente os preços do petróleo.

Mas a França está em boa posição em relação à OPEP. Foi ela que conseguiu mudar a posição americana quanto à idéia de uma nova conferência sobre energia, matérias-primas e ajuda externa, a ser realizada no final do ano para substituir o fiasco de Paris, em abril. Assim, o que se supõe é que a OPEP — ou pelo menos os seus membros mais compreensivos, como o Irã — dará um jeito de poupar a França do pleno impacto de qualquer novo aumento do preço do petróleo.

Valéry Giscard d'Estaing

UM PRESENTE DOS COMUNISTAS

A nova política econômica de Giscard foi criticada inevitavelmente pela oposição "unida" de socialistas e comunistas como sendo limitada, atrasada e irremediavelmente capitalista. E daí? A esquerda unida não tem os votos de que precisa para derrotar o Governo; o que é mais importante, já não consegue manter sequer a aparência de unidade. A cisão entre comunistas e socialistas em relação a Portugal livrou pelo menos temporariamente o Presidente Giscard d'Estaing de preocupações com o seu flanco esquerdo.

As divisões da esquerda são uma dádiva dos céus para Giscard. Se a esquerda estivesse realmente unida, o retorno das férias de verão poderia ter sido problemático. Tal como as coisas estão, Giscard pode apresentar-se como defensor da democracia, e apontar para Portugal como uma demonstração de que a esquerda não consegue chegar a um acordo quanto à definição de democracia.

Giscard tem tempo, agora, para reforçar a sua própria base política em preparação às eleições municipais de 1977 e às eleições parlamentares de 1978. Em particular, ele tem tempo, agora, para reduzir a sua dependência do Partido gaullista. Os seus Republicanos Independentes calculam que terão 50 mil membros em outubro, em relação dos 30 mil de agora. E os giscardianos, através de seus clubes locais e Comitês de Apoio a Giscard, estão espalhando as suas sementes. Dizem que a seara estará em pleno crescimento em 1981, ano da próxima eleição presidencial. Um eleitorado de 50 mil, entretanto, não constitui uma seara muito grande, e Giscard terá de mexer-se um pouco mais, semeando, aguando e fertilizando.

Será uma longa marcha pelos territórios do gaullismo. Para completála, Valéry Giscard d'Estaing tem de construir-se a si mesmo como o Homem do Centro da França e da Europa, capaz de atrair eleitores tanto da direita conservadora quanto da esquerda social-democrática. Uma vez passado o pior da crise econômica, e quando for aprovada a sua lei que restringe a especulação de terras (o que deve acontecer antes da primavera), ele estará em condições de apresentar-se como líder de uma França giscardiana. E tem muito tempo para prepará-la. Talvez tudo isso, porque, ao contrário de Mr Ford e Herr Schmidt, ainda tem pela frente cinco anos e três quartos de Governo.

Refugiados angolanos esperam em Lisboa vagas nos aviões que decolam com destino ao Brasil

Paris paga resgate por etnóloga

Paris e N'Djamena, Chade — O perigo de criar um conflito diplomático com o Chade não impediu que as autoridades francesas oferecessem 10 milhões de francos (Cr$ 18 milhões 480 mil), aos rebeldes Tubus, pela liberdade da etnóloga Françoise Claustre aprisionada em abril de 1974 no oásis de Bardai.

A possibilidade de Hissen Habre, chefe de guerrilheiros tubus, chegar a um acordo com a França causou protestos em N'Djamena. O Conselho Militar do Chade, órgão supremo do regime liderado pelo General Mallum, acusou Paris de tentar impedir, "com meios hostis", que a paz volte ao interior do país.

MUITO TEMPO

A decisão de pagar um resgate pela vida de Françoise Claustre partiu do próprio Presidente Valéry Giscard d'Estaing que, na sexta-feira passada, se reuniu com o Ministro da Cooperação (com as ex-colônias francesas) Pierre Abelin e com seu enviado especial ao Chade, René Journiac. Giscard pesou as evidentes complicações diplomáticas, especialmente a reação do General Mallum, mas chegou à conclusão de que era necessário pagar o resgate. O chefe tubu, Hissen Habre, ameaçou fuzilar Françoise no próximo dia 23 se o Governo francês não se submeter às suas condições.

Françoise Claustre foi capturada no dia 21 de abril do ano passado em companhia do médico alemão Christophe Staewen e do técnico francês Marc Combe quando um comando do tubu invadiu Bardai, na região de Tibesti. Stawen, que perdeu a mulher na ação, foi libertado três meses depois porque o Governo de Bonn pagou, sem resistência, os 2 milhões de marcos exigidos pelos guerrilheiros. Combe, por sua parte, conseguiu roubar um jipe e fugir. Apenas Françoise continuou nas mãos dos tubus.

Durante muitos meses, segundo jornais franceses, Paris "não deu importância ao fato". Uma campanha em favor de Françoise, desencadeada pelo jornal France-Soir e pela cadeia de televisão TF-1, modificou a atitude das autoridades. O Governo ainda se defendeu explicando que chegou a enviar três funcionários ao Chade para negociar a libertação de Françoise. Um deles inclusive, o Comandante Galopin, foi morto pelos tubus. O terceiro emissário, Stephane Hessel, chocou-se com a obstinada negativa do Chade em permitir um acordo direto entre a França e os tubus. Mas o quarto enviado de Paris, René Journiac, conseguiu dobrar parcialmente o General Mallum. A única condição exigida por Mallum, de acordo com o France-Soir de ontem, é que o resgate "chegue às mãos dos tubus sem passar pelas áreas controladas pelo Governo."

Um outro francês, o pastor protestante Paul Horala, está desde junho nas mãos de um outro grupo guerrilheiro do Chade — a Frelina (Frente de Libertação Nacional) — e caso os tubus consigam o resgate por Françoise, fatalmente a Frelina usará o mesmo expediente para libertar Horala.

Azevedo anuncia acordo sem revelar Gabinete

Lisboa — Embora tivesse anunciado a obtenção de um acordo com os Partidos Popular Democrático, Comunista e Socialista para solucionar o impasse que impede a formação de um novo Governo, o Primeiro-Ministro designado de Portugal, Almirante Pinheiro de Azevedo, até ontem à noite não revelou os nomes que comporiam o Gabinete.

FIM À DISCRIMINAÇÃO

Informando que o novo Governo será formado definitivamente nos primeiros dias da semana que vem, o *Premier* designado afirmou que pretende pôr fim à discriminação política na nomeação de funcionários públicos; que os Conselhos Municipais deverão refletir os problemas locais; que o pluralismo jornalístico será respeitado; e que não haverá interferência na atuação da Assembléia Constituinte.

Afirmando ainda que "o objetivo geral do programa é avançar num sentido realista para a democracia e o socialismo", prometeu iniciar um processo de democratização dos sindicatos, atualmente dominado pelos comunistas.

Entretanto, Pinheiro de Azevedo apresentou um roteiro político para a revolução portuguesa que, segundo alguns observadores, parece contrariar as aspirações comunistas. "Não será um Governo de coalizão, mas um Governo de ação baseada num programa comum", ressaltou na entrevista que concedeu pela televisão.

As conversações de Pinheiro de Azevedo e do Presidente Costa Gomes com os líderes partidários começaram ao meio-dia e só terminaram à noite. Um porta-voz do PPD disse que seu Partido será "muito exigente na reivindicação de reduzir a influência dos comunistas nos meios de divulgação".

Por outro lado, o representante do Conselho da Revolução no setor de informações das Forças Armadas (Quinta Divisão), Comandante Ramiro Correia, vai propor a revogação da lei de restrições às informações sobre assuntos militares, conhecida como "lei de censura militar", conforme desejo unanime dos diretores e chefes de redação.

Moderados afastam Corvacho

Lisboa — O último comandante de região militar a contar com o apoio comunista aberto, General Eurico Corvacho, foi destituído ontem do comando da Zona Norte, com sede na cidade do Porto, cedendo o cargo ao General Pires Veloso, que já foi Alto Comissário na ilha de São Tomé e cuja tendência política é qualificada de moderada.

O General Corvacho, que fora afastado do Conselho da Revolução, órgão supremo em Portugal, esbarrava em forte resistência de grande parte da oficialidade da Região Norte, onde prevalece o sentimento anticomunista, apesar de seu grande prestígio junto aos setores esquerdistas da tropa e às organizações populares.

JORNAL REAGE

O *Diário de Notícias*, um dos mais importantes jornais portugueses, de tendência esquerdista, reagiu desfavoravelmente tanto ao afastamento de Corvacho quanto à nomeação de Pires Veloso, dizendo que a troca foi "conseqüência de uma campanha de difamação dirigida pelo Partido Socialista de Mário Soares".

"Corvacho — na definição do jornal — distinguiu-se como revolucionário conseqüente que sempre contou com o apoio dos Partidos políticos progressistas, comissões de moradores e organizações populares e sindicais". O General destituído participou de operações na Guiné e em Angola e foi quem assumiu o controle da situação no Porto por ocasião da revolução de 25 de Abril.

Já o General Pires Veloso, para o *Diário de Notícias*, distinguiu-se, no processo de descolonização em São Tomé e Príncipe, por afastar do Governo transitório daquele território elementos progressistas do movimento de libertação local.

Com o afastamento de Corvacho foi dado mais um passo no sentido de reduzir a influência comunista tanto nos quartéis quanto na administração civil, pois os comandantes de região exercem grande poder junto aos Governos de suas respectivas áreas.

Spínola não fala ao chegar

Como passageiro da classe turística e óculos substituindo o habitual monóculo, desembarcou no Galeão ontem às 6h 10m pelo vôo 755 da Varig o ex-General português, Antônio de Spínola, que voltava de Paris onde passou 11 dias em intensos contatos com exilados interessados em modificar a ordem política vigente em seu país.

No evidente esforço de disfarçar a presença, o ex-Presidente desceu acompanhado de um casal e, já na pista, isolou-se dos demais passageiros e procurou abrigo sob as marquises da estação de passageiros, tentando chegar o mais depressa possível à alfandega.

No balcão da Varig ninguém quis confirmar a chegada de Spínola, cujo nome não constava na lista de passageiros. Por outro lado, um policiamento ostensivo impedia que os repórteres se aproximassem da sala VIP onde normalmente são obtidas informações sobre a chegada de personalidades.

Antes mesmo do pouso do jato da Varig, foi notada, por volta das 6 horas, a entrada na pista de um Opala amarelo, no qual, depois de cumpridas as formalidades alfandegárias, o ex-General embarcou, sempre em companhia do casal que o acompanhava, saindo a grande velocidade pelo acesso Norte do aeroporto.

Cúpula em Zâmbia debate Angola

Lusaka (Zâmbia) — Cinco países da África Negra — Zâmbia, Moçambique, Congo Brazaville, Tanzânia e Botswana — iniciaram ontem em Lusaka uma conferência sobre a situação política de Angola, onde prosseguem as lutas entre os movimentos nacionalistas rivais. Também deverá ser debatida a questão da Rodésia, em virtude do fracasso das recentes conversações entre o regime minoritário branco de Ian Smith e os líderes da maioria negra rodesiana.

Em Paris, representantes da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), liderada por Holden Roberto, acusaram a União Soviética de estar aumentando o envio de armamentos ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), chefiado por Agostinho Neto. "Não há outra solução que não a guerra", afirmaram Martins dos Santos e Monteiro Barreto, da seção de relações exteriores da FNLA.

Acrescentaram que integram as fileiras do MPLA "alguns soviéticos, cubanos e tchecos", desejosos de ajudar Agostinho Neto a "tomar Poder com exclusividade, a fim de implantar em Angola uma democracia popular." De acordo com Santos e Barreto, "Angola corre o risco de se transformar em um segundo Congo" e "a culpa cabe ao Governo de Portugal que favorece unilateralmente o MPLA, em detrimento da FNLA e do terceiro movimento rebelde a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA)."

Por sua vez, o MPLA acusa a FNLA de receber armas norte-americanas e o apoio "de mercenários da África do Sul e do Zaire."

Bispo basco pede basta às bombas

Madri e *Hamburgo* — Para tentar evitar greves e ações terroristas na região basca, o Bispo de San Sebastian, Monsenhor Argaya, distribuiu carta pastoral em Guipuzcoa afirmando que o clima de rivalidade, divisões e ódio existente entre bascos precisa terminar porque "a paz é possível e precisamos dela."

Só na Província de Guipuzcoa 5 mil operários entraram em greve contra as condenações à morte impostas a José Antônio Garmendia e Angel Otaegui por um conselho de guerra que se reuniu em Burgos. Na província de Biscaia, por causa de movimento semelhante, 1 mil 325 trabalhadores foram despedidos.

TENTATIVA

Os advogados que defendem os três militantes da Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica (FRAP) condenados à morte no garrote vil — Antonio Chivite, José Humberto Baena e Vladimiro Fernandez — apresentaram recurso ontem no Conselho Supremo da Justiça Militar pedindo anulação da sentença. Os advogados de Garmendia e Otaegui também aguardam decisão do Conselho Supremo.

A polícia prendeu em Sevilha 13 pessoas acusadas de integrar quadros do Partido Comunista Marxista-Leninista Espanhol (maoista). Em Cádiz, no Sul, foram detidos oito jovens sob suspeita de ligações com comunistas. Todos, segundo as autoridades, "estão à disposição da Justiça."

Na Alemanha, em Hamburgo, a vitrina do escritório local da empresa aérea Iberia foi quebrada a pedradas. O incidente se relaciona com as condenações à morte na Espanha. Informou-se em Madri que o sub secretário ministerial Juan José Rovira embarcou para Washington a fim de negociar com as autoridades norte-americanas o acordo bilateral de amizade e cooperação.

Papa volta para a canonização

Cidade do Vaticano — A bordo de um helicóptero da Força Aérea Italiana, o Papa Paulo VI regressou ontem ao Vaticano, depois de dois meses de férias em Castelgandolfo, para a cerimônia de canonização de Elizabeth Ann Bayley Seton, uma freira de Nova Iorque que se transformará hoje na primeira santa nascida nos Estados Unidos.

Antes de viajar para o Vaticano, o Papa recebeu em sua residência de verão, em audiência particular, o Bispo de Bilbao, Antônio Añoveros Ataun, cuja carta pastoral sobre Os Direitos do Povo Basco, em 1974, provocou uma crise nas relações entre a Igreja e a Espanha. Na sexta-feira, na audiência geral da Praça de São Pedro, o Papa dirigiu uma "saudação especial" aos "peregrinos da Diocese de Bilbao."

Cerca de 500 operários chegaram ontem cedo à Praça para os preparativos do festejo: levantaram um enorme retrato da Madre Elizabeth sobre o pórtico central da Basílica de São Pedro e colocaram mais de 20 mil bancos diante da escadaria da entrada. A imagem mostra a religiosa num hábito negro, de pé sobre um globo terrestre onde os Estados Unidos parecem iluminados por raios de sol.

As quatro leituras da canonização serão feitas, pela primeira vez na história do Vaticano, por quatro mulheres: francesa, espanhola, italiana e uma inglesa. A norte-americana Mary Mahoney, presidenta da União de Irmãs de Caridade, fará o discurso da solenidade. Assim, informou-se no Vaticano, Paulo VI quer homenagear, ao mesmo tempo, a primeira Santa norte-americana e as mulheres em geral, no Ano Internacional da Mulher.

Paulo VI celebrará a missa de canonização auxiliado por dois Cardeais e seis Arcebispos, depois de passar todo o verão estudando a vida e os milagres de Santa Elizabeth Ann Seton. De acordo com o biógrafo da Santa, "o Papa pediu-me a edição original do livro para melhorar o seu inglês. Ele ficou muito impressionado com a vida da Madre."

Leia editorial "Dilema de Portugal"

na TAMAKAVY, os preços altos entram pelo «cano»

TAMAKAVY é isso aí!

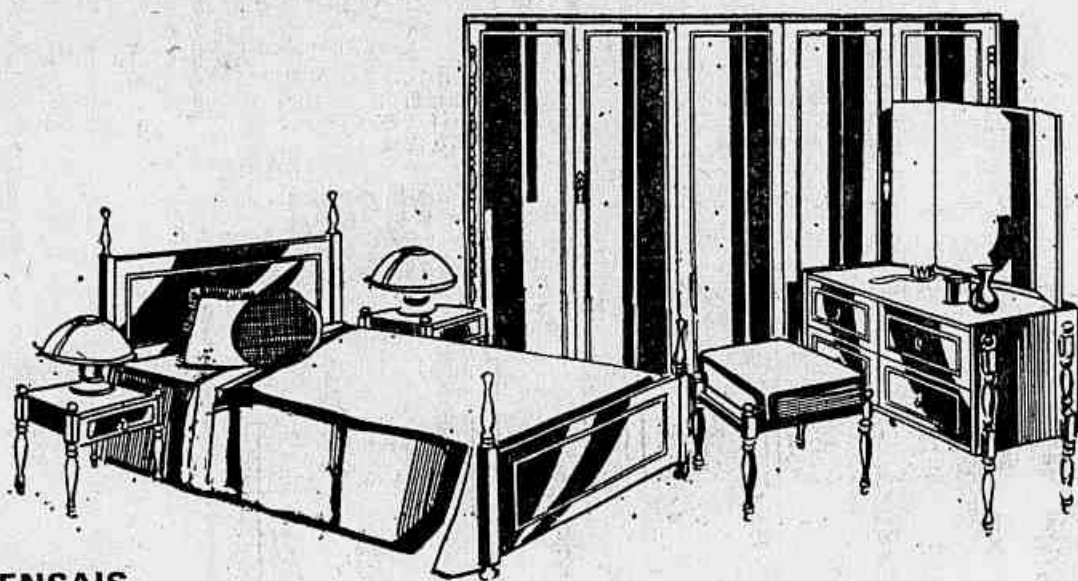
CENTRO: R. 7 de Setembro, 162
COPACABANA: Av. N. S. de Copacabana, 1032
MÉIER: R. Dias da Cruz, 69

BONSUCESSO: Praça das Nações, 70-A
MADUREIRA: R. Padre Manso, 180
CAMPO GRANDE: R. Cel. Agostinho, 97
NITERÓI: R. Maestro Felício Toledo, 489

SÃO GONÇALO: Pça. Dr. Luiz Palmier, 50 (Rodo)
NOVA IGUAÇU: Trav. Martins, 83
S. JOÃO DE MERITI: R. da Matriz, 337
CAXIAS: Av. Nilo Peçanha, 401

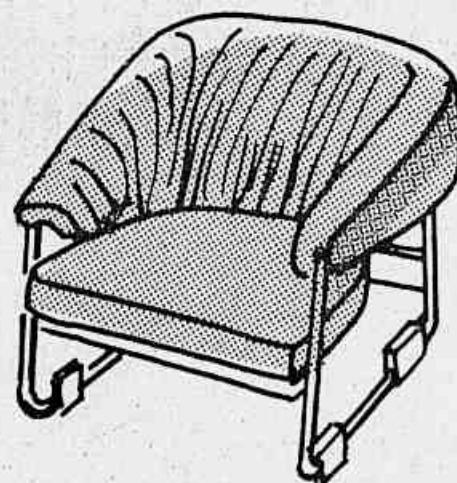
na TAMAKAVY, os preços altos entram pelo «cano»

DORMITÓRIO COLONIAL "OURO PRETO"

Guarda-roupa de 5 portas e prateleiras internas. Cama de casal e 2 mesas de cabeceira, c/gavetas. Cômoda-penteadeira, c/4 amplas gavetas, 3 espelhos. Banqueta estofada. Em imbuia.

253, MENSAIS

DESCONTOS QUE ARRAZAM QUALQUER LIQUIDAÇÃO!

GRUPO ESTOFADO DIMENSIONAL "ALFA III"

Revestimento em "soft-courvin" c/tecido moderno. Estrutura em tubos de aço super-cromados. Estofamento em espuma de poliuretano.

2.155, À VISTA

TAMAKAVY é isso aí!

CENTRO: R. 7 de Setembro, 162

COPACABANA: Av. N. S. de Copacabana, 1032

MEIER: R. Dias da Cruz, 69

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO
I CENSO ESCOLAR - 1975 CE1 FICHA DE COLETA

CÓDIGOS							
RECENSEADOR				SETOR	SUB-SETOR	NÚMERO DA FICHA DE COLETA	1
DEC	RA	U/F	ORDEM				

Grupo	Quesito	Respostas	Nº
COMUNS	LOCAL	BAIRRO — LOGRADOURO — N.º E COMPLEMENTOS	2
COMUNS	RESPONSÁVEL	PAI □ MÃE □ OUTRO □ NOME:	3
COMUNS	RECENSEADO	NOME:	4
COMUNS	DATA DO NASCIMENTO	Dia / Mês / Ano	5
COMUNS	SEXO	1 Masculino 2 Feminino	6
COMUNS	APRESENTA DEFICIÊNCIA	1 Não 2 Cego 3 Surdo Mudo 4 Surdo 5 Defic. Mental 6 Defic. Físico 7 Deficiência Motora	7
QUESITOS · FREQÜENTA ESCOLA	ESCOLA	1 Oficial 2 Particular 3 Particular com Bolsa — Nome da Escola	8
QUESITOS · FREQÜENTA ESCOLA	CURSO	1 Maternal 2 Jardim de Inf. 3 Classe de Alf. 4 1.º Gr. 5 2.º Gr. 6 Supletivo 7 Superior 8 Mobral	9
QUESITOS · FREQÜENTA ESCOLA	SÉRIE 1.º E 2.º GRAU	1 1.ª Série 2 2.ª Série 3 3.ª Série 4 4.ª Série 5 5.ª Série 6 6.ª Série 7 7.ª Série 8 8.ª Série	10
QUESITOS · FREQÜENTA ESCOLA	COMO VAI PARA A ESCOLA	1 A pé 2 Ônibus 3 Trem 4 Carro 5 Bicicleta 6 Lancha 7 Outro	11
QUESITOS · FREQÜENTA ESCOLA	DISTÂNCIA DA CASA À ESCOLA	1 Até 1 Km 2 De 1 a 2 Km 3 De 2 a 3 Km 4 De 3 a 4 Km 5 Mais que 5 Km	12
NÃO FREQÜENTA ESCOLA	SABE LER E ESCREVER	1 Sim 2 Não	13
NÃO FREQÜENTA ESCOLA	PORQUE NÃO FREQÜENTA ESCOLA	1 Menos 7 anos 2 Defic. Físico 3 Defic. Mental 4 Escola Distante 5 Sem Recurso 6 Trabalha 7 Pai não quer 8 Não encontrou vaga 9 Estuda em casa	14
NÃO FREQÜENTA ESCOLA	CURSO QUE FREQÜENTOU	1 Nenhum 2 Mobral 3 Classe Alf. 4 Supletivo 5 1.º Gr. 6 2.º Gr. 7 Superior	15
NÃO FREQÜENTA ESCOLA	SÉRIE CONCLUÍDA 1.º GRAU E 2.º GRAU	1 1.ª Série 2 2.ª Série 3 3.ª Série 4 4.ª Série 5 5.ª Série 6 6.ª Série 7 7.ª Série 8 8.ª Série	16
RUBRICA DO DEC:	RUBRICA DO RECENSEADOR:		17

Oito mil e 850 professores levam esta ficha, para recensear mais de 2 milhões de crianças

Forças Armadas fazem Ordem do Dia para Censo Escolar

Começa amanhã o Censo Escolar, que será o tema da ordem do dia de todas as guarnições das três Forças Armadas no Rio. Dois milhões e 200 mil crianças com idades entre dois e 18 anos serão recenseadas por 8 mil 850 professoras, em visitas a todas as residências, até o dia 22.

Até dezembro, a Secretária Municipal de Educação, Sra Teresinha Saraiva, deverá ter em mãos todos os dados do levantamento através de computadores eletrônicos, para que a Prefeitura faça um planejamento objetivo do setor de educação.

FASES

Explicou a professora Teresinha Saraiva que a elaboração do Censo Escolar foi feita em quatro fases. A primeira — Pré Operacional — foi a preparação de todo o instrumental a ser utilizado durante o Censo, como fichas de inscrição, carteiras de identificação, etiquetas a serem coladas em casas sem número, para evitar o duplo recenseamento e ainda a confecção de certificados de serviços relevantes para as professoras que participarem do Censo.

Em outra etapa, foi feito um estudo do plano geográfico da cidade, através de 48 mapas. "Como esses mapas datavam de 1970, houve necessidade de atualização dos dados, pois a construção de vários conjuntos habitacionais e a remoção de grande número de favelados, modificou bastante a situação. Com auxílio de *Guia Rex*, tivemos que sair em campo para realizar os roteiros a serem distribuídos entre as recenseadoras".

Na terceira etapa, todo o material elaborado foi analisado e feito um pré-teste, em algumas residências, para confirmar se os cruzamentos das fichas de coleta de dados estavam corretos. Esse material foi encaminhado à Coordenação de Processamento de Dados da Secretaria Municipal de Fazenda para ser testado. O processamento final será feito pelo CPDERJ (Coordenação de Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro).

A quarta etapa dos trabalhos, conforme informou a Secretária, foi o recrutamento das recenseadoras, através da Resolução nº 7 e posteriores informações sobre as vantagens para as professoras que participarem do Censo, através da Ordem de Serviço nº 3.

"Cada Distrito de Educação", disse, "já sabia o número de recenseadoras de que necessitaria, e cinco Distritos no terceiro dia de inscrição, já haviam completado o número necessário de recenseadoras".

DIVULGAÇÃO

A promoção e divulgação do Censo foram feitas a partir do dia 15 de agosto, até o dia 15 deste mês, através de anúncios na televisão, no horário concedido pela Assessoria de Imprensa e Relações Públicas da Presidência da República, da distribuição de *tickets* aos alunos das escolas da rede municipal e de cartazes.

O Sindicato dos Motoristas Profissionais preparou um cartaz que está colado em todos os ônibus da cidade, com os dizeres: "Colabore com o Censo Escolar, permitindo a entrada das recenseadoras pela porta da frente".

Disse a professora Teresinha Saraiva que recebeu grande apoio de diversas entidades como Lions Clube, Rotary Clube, Acisul, Secretarias do Estado e do Detran, que forneceu 2 mil cartões de estacionamento em locais proibidos, a serem utilizados pelas recenseadoras.

TREINAMENTO

O treinamento das monitoras foi feito de 28 de agosto até o dia 3 deste mês. Nos Distritos Educacionais, as monitoras deram treinamento a todas as recenseadoras, desde o dia 4 até 11.

Dois postos centrais foram instalados (Posto A — Rua Pereira de Siqueira, 64, na Tijuca; Posto B — Rua dos Abacates, s/nº, Deodoro), onde serão entregues todos os formulários preenchidos pelas recenseadoras e onde poderão ter explicações sobre qualquer dúvida que possa ocorrer durante os trabalhos.

A partir do dia 26 de setembro será feita a conferência de todo o material coletado para ser encaminhado ao processamento de dados, nos primeiros dias de outubro.

"Em termos de números, disse a Secretária, até novembro já teremos a relação das crianças com idade entre sete e 14 anos e analfabetos. Até dezembro, a relação nominal das crianças que não frequentam escola.

BENEFICIOS

Citou a professora Teresinha Saraiva vários aspectos positivos do Censo Escolar, que permitirão, após sua realização, um trabalho mais objetivo no planejamento educacional do Município: 1) nome e endereço das crianças com idade entre sete e 14 anos, para o cumprimento da obrigatoriedade escolar; 2) localização de distorções da série-idade; 3) nome e endereço dos analfabetos, que serão encaminhados ao Mobral; 4) correto planejamento para novas construções escolares; 5) após o censo, a Prefeitura deverá decretar a obrigatoriedade escolar no Município.

"Em 1976, instituiremos o Serviço da Fiscalização da Obrigatoriedade Escolar que, através de inspetoras designadas para o setor, tentará trazer para a escola as crianças com idade entre sete e 14 anos ainda sem estudos. Não existe sanção, o que queremos é levar a criança para a escola e impedir a evasão escolar, esforçando-nos por manter as crianças matriculadas na escola".

Com a criação desse Serviço, conforme explicou a Secretária, as faltas dos alunos serão comunicadas ao Distrito de Educação, que entrará em contato com a família da criança, procurando trazê-la de volta às salas de aula.

Sapucaia/RJ

Abrigadas, as crianças melhoraram o rendimento, embora dividam o espaço com animais

Estado executa a reforma da escola sem teto em Sapucaia

Be-a, Bá, ensina a professora Elsa das Graças Esteves; Be-é, Bé, repetem as crianças; Be-ó, *buuu...* interrompem *Baronesa, Africana* e *Pavuna*, três inocentes bezerros, nascidos há oito dias, que dividem o apertado estábulo do sítio Guarajuba, onde está funcionando, provisoriamente, a 1a. série do Grupo Escolar dos Moreira, no Município de Sapucaia.

A nova *escola* que, pelo ineditismo de suas instalações, por certo causa surpresa, continuará no estábulo por mais duas semanas, quando estarão concluídas as obras de restauração do prédio definitivo, que funcionou por mais de um ano sem telhado — levado por uma ventania — providência determinada pelo Governador Faria Lima, depois de denúncia do JORNAL DO BRASIL.

BUROCRACIA

Nunca se gastou tanto papel nem se usou tanto a burocracia como no ano passado, nos pedidos feitos à Secretaria de Educação do Governo Raimundo Padilha, para a reposição do telhado da escola — conta o Prefeito de Sapucaia, Edson Rampini de Sousa. Naquela época — há pouco mais de um ano — os consertos se resumiam à construção de novo telhado, o que custaria menos de Cr$ 5 mil.

Sem as telhas, as chuvas destruíram o assoalho, enfraqueceram as paredes e danificaram o resto todo. Agora, a reforma necessária é total e as despesas foram orçadas em Cr$ 50 mil, quase o preço de uma escola inteiramente nova.

— Há coisas nesse país, que a gente não consegue entender — diz o Prefeito. Foi mais fácil — para o Município, que é bem pobre — conseguir Cr$ 100 mil para recuperar o prédio da Prefeitura, quase arrasado pelo mesmo temporal, do que para o Estado liberar apenas Cr$ 5 mil para repor um simples telhado na sua escola.

O Prefeito também não entende por que o Estado ainda não pôs em funcionamento a Escola Estadual do Mangueiral, no 5º Distrito de Sapucaia, pronta desde fevereiro. No momento, a Prefeitura é obrigada a manter, na mesma região, quatro salas de aula, alugadas em prédios velhos e sem condições sanitárias, para que 200 crianças não fiquem sem escola.

Dois operários do Departamento de Engenharia de Petrópolis, os irmãos José e Antônio Silva — um pedreiro e um "faz tudo" — já colocaram o telhado novo na escola de Sapucaia. Comem e dormem por conta do Sr Manoel Delmindo, dono do modesto sítio Guarajuba, "porque nós todo tem que ajudar as criança, que não têm culpa da pobreza do Estado."

José e Antônio trabalham depressa. Agora, cuidam da recuperação dos assoalhos, colocando novos tacos e do "afortalecimento" das paredes, abaladas por longos meses de umidade. Depois da colocação das *tigelas* (nome que as crianças do lugar, todas carentes — deram aos vasos sanitários, que viram pela primeira vez) o Grupo Escolar dos Moreira passará por uma pintura geral e poderá funcionar novamente, talvez "risonha e franca, como antigamente."

CRISE AMBIENTAL

No apertado estábulo que as crianças dividem com os três bezerros e 30 vacas leiteiras, além das interrupções sonoras, exóticos cheiros reúnem problemas de ensino e pecuários que desembocam numa insolúvel crise ambiental. Não é o local próprio para aprender, muito menos para ensinar. Mas, a professora Elsa das Graças Esteves, que confessa jamais ter conhecido uma só das chamadas *salas ambientais* recomendada pelos modernos educadores, acha que o rendimento escolar das crianças melhorou muito "nesse tal de ambiente que o senhor fala."

— Aqui não esquenta muito e não chove. Lá, as crianças, coitadinhas, sofriam muito com o sol e quando chovia não tinha aulas.

Das muitas exigências pedagógicas estabelecidas pela Inspetoria de Ensino há uma, por enquanto, que a professora está cumprindo com grande dificuldade.

— E' muito difícil alfabetizar sem quadro-negro — diz ela, mostrando um pedaço da base de uma carteira, improvisada em quadro-negro.

Apesar da mudança provisória das aulas para o estábulo, as crianças do Grupo Escolar dos Moreira não perderam a merenda. O feijão em pó e o bulgo da Aliança para o Progresso continua sendo servidos, engrossados com mandioca e verduras oferecidas pelo Sr Manoel Delmino.

NOVAS REFORMAS

Depois da reforma do Grupo Escolar dos Moreira, virá a do Grupo Escolar Maurício de Abreu, o maior de Sapucaia, com 500 alunos. Para isso, a Secretária de Educação, Sra Mirtes Wenzel, já destinou uma verba de Cr$ 25 mil.

O Prefeito Edson Rampini de Sousa já foi informado também de que, brevemente, 20 escolas estaduais instaladas no município receberão, cada uma, importancia correspondente a 20 salários mínimos, destinada a pequenos consertos.

Mas, apesar das providências, o quadro do ensino em Sapucaia é insatisfatório. Revela o Prefeito que perto de mil crianças não conseguiram matrícula este ano nas escolas e que o Município precisa com urgência de uma escola profissionalizante, voltada para as atividades agropecuárias, para impedir o êxodo da população adulta para as grandes cidades.

A população de Sapucaia — atualmente 16 mil pessoas — vem caindo de censo para censo. No último, acusou-se um decréscimo de 10% entre os adultos. A continuar esta progressão, o deficit escolar de Sapucaia certamente será resolvido pela migração, o que, em parte, já acontece. Muitas crianças atravessam o rio Paraíba do Sul para estudar no Município de Além Paraíba, em Minas.

CEE investigará aumento de anuidade

O Conselho Estadual de Educação ainda não autorizou nenhum colégio da rede particular a cobrar anuidades acima dos 30% fixados. Os que as tiverem aumentado, estarão sujeitos a punições do Conselho Interministerial de Preços, informou ontem a presidenta do CEE, professora Edilia Coelho Garcia, ao lembrar que qualquer exceção precisa ser previamente aprovada.

Apenas 12 escolas entraram com processos no Conselho, solicitando cobrança de anuidades acima do percentual estabelecido, mas todos ainda estão sendo analisados pela Comissão de Encargos Educacionais. Por isso, a professora Edilia pede aos pais de alunos que enviem cartas ao órgão denunciando as irregularidades cometidas pelos colégios, para serem devidamente apuradas.

IMPOSIÇÕES

A fim de evitar que várias escolas particulares cometam infrações — muitas estão enviando cartas aos pais de alunos comunicando o aumento das anuidades e impedindo as crianças de entrarem nas salas de aula, caso não sejam pagas — o Conselho Estadual de Educação divulgará o nome dos colégios que receberem permissão para elevar suas taxas escolares. Do total de 12 escolas, a primeira que terá seu processo aprovado será a Santo Antônio Maria Zacarias, no Catete.

De acordo com a professora Edilia Coelho Garcia, o Conselho Estadual de Educação examinará rigorosamente todas as denúncias contra colégios da rede particular de ensino que estejam cobrando anuidades acima dos 30% permitidos. A Fiscalização é feita pelo Serviço de Inspeção da Secretaria de Educação e, se depois de advertida, a escola reincidir no excesso de cobrança será devidamente punida pelo CIP.

As escolas que entram com processos no CEE, precisam atender a uma série de determinações impostas pelo Conselho, para que justifiquem a autorização de aumento das anuidades. São obrigadas a apresentar o balanço dos últimos três exercícios (bem especificado) salário-aula dos professores, guias de recolhimento do Fundo de Garantia, contribuições ao INPS, declaração do número de alunos matriculados, efetivo por turma, número de alunos bolsistas e o valor das bolsas. Caso estejam realizando obras e melhorias, estas também deverão ser especificadas.

Para impedir cobranças ilegais, a presidenta do Conselho afirmou que tomará providências rigorosas depois de serem confirmadas todas as denúncias feitas. E como os conselheiros estão muito interessados em evitar os abusos e punir os responsáveis, a professora Edilia pede que os pais de alunos enviem suas denúncias ao CEE.

— Nem os pais, nem os alunos devem ficar preocupados com o sigilo das informações ou com o excesso de burocracia. As denúncias poderão ser enviadas inclusive pelo Correio, e todas serão apuradas rigorosamente, desde que documentadas, afirmou a professora.

BRECHAS DA LEI

No cálculo do limite máximo das anuidades entra uma série de fatores condicionantes, que se baseiam, principalmente, na elevação do custo de vida. E a comissão que fixa o índice do aumento é formada por um conselheiro (a professora Edilia, também presidente do grupo), um representante da Sunab, um membro da Associação de Pais de Família, um representante dos professores e outro do CIP.

— Por isso, quando o CEE estipula um limite máximo para a cobrança das anuidades escolares, a medida não é feita de forma isolada. Este ano, os 30% foram determinados através da Deliberação nº 1, baixada em maio deste ano pelo Conselho, explicou a presidente.

Entretanto, esta mesma deliberação que regulamenta o aumento das mensalidades escolares, permite que este percentual seja ultrapassado, pois se os colégios justificarem junto ao Conselho Estadual de Educação, mediante a apresentação de documentos, a realização de melhorias, obras e contratação de professores, poderão receber autorização para cobrar acima do percentual fixado.

Secretaria relaciona 44 para obras

A Secretaria de Obras já tem a relação das 44 escolas que serão reformadas, ampliadas ou recuperadas em todo o Estado. Na última quinzena de agosto foram assinados contratos no valor de Cr$ 6 milhões 932 mil para a restauração de 18, consideradas prioritárias pela Secretaria de Educação.

As escolas, com início de obras imediato, estão em Niterói (duas), Nova Iguaçu (duas), São Gonçalo (duas), Campos (três), e em Magé-Piabetá, Teresópolis, São Sebastião do Alto, Itaboraí, Miracema, Sapucaia, Cambuci, Maricá e Caxias. Em Valença foi feito um orçamento de Cr$ 1 milhão e 400 mil para obras.

Foi a Secretaria de Educação quem estabeleceu a prioridade para as obras, dividindo o grupo de 44 escolas em obras de custo elevado (19), de médio custo (15) e de baixo custo (10).

As escolas que terão a reforma mais cara são Jardim Primavera, em Caxias (Cr$ 2 milhões 300 mil) e Alda Bernardes em Magé, distrito de Piabetá, (Cr$ 1 milhão 500 mil). As que custarão menos ao Estado são de Maricá (Ministro Luis Sparano ou Calaboca) que teve contrato assinado no valor de Cr$ 33 mil; de Campos (Silvio Bastos Teixeira) por Cr$ 30 mil e de Nova Iguaçu (Rosa dos Ventos) por Cr$ 24 mil.

Para obras de reforma geral (recuperação de telhados, pinturas ou reparos) foram escolhidas 10 escolas situadas em Sapucaia Valença, Campos, Caxias, Niterói, Nova Iguaçu (duas), São João de Meriti, Cambuci e Maricá, todas com obras de custo baixo. Para obras gerais (até instalação de rede de esgotos) têm prioridade 15 escolas, localizadas em São Pedro da Aldeia (duas), Macaé, Niterói (duas), Miracema, Itaboraí, São Sebastião do Alto, Campos, Caxias (duas), Paracambi, Nova Iguaçu e São Gonçalo (duas).

Para ampliação, além de reforma, estão catalogadas 19 escolas, todas com obras de custo elevado: em Valença, Niterói, Paracambi, Nova Iguaçu, São Gonçalo, Magé-Piabetá, Cordeiro, Três Rios (duas), Sapucaia, Nilópolis, Teresópolis, Carmo, Campos (duas), São Fidélis, Volta Redonda, Resende e Barra Mansa.

União critica maior carga horária

O presidente da União dos Professores do Estado da Guanabara, Sr Miguel Carlos Paschoal, condenou o aumento da carga horária dos professores de ensino médio — que passou de 16 para 18 horas semanais — "pois a medida não trará benefícios nem para os alunos nem para o magistério, que não terá qualquer compensação real com isso."

Discordou também da comparação feita pela Secretária Municipal de Educação, professora Terezinha Saraiva, entre os professores de nível médio e as professoras primárias (que trabalham 20 horas semanais) "porque elas lidam com uma turma o ano inteiro, enquanto nós temos cerca de 300 alunos." Sexta-feira o Sr Miguel Carlos Paschoal terá um encontro com o Prefeito Marcos Tamoio para examinar sugestões da classe.

Para o Sr Miguel Carlos Paschoal, a Secretaria de Educação, tanto estadual como municipal, com o aumento dos encargos dos professores de nível médio, "insinuam que o professor é um boa-vida, que trabalha pouco e não quer trabalhar, o que é uma mentira e um desrespeito à classe." A tentativa de compará-los às professoras primárias, para tentar justificar o aumento da carga horária, "induz a população a fazer do magistério um conceito errado de confronto, que é repudiado tanto por nós quanto por elas."

— Quando a autoridade municipal falou em justiça para o professorado deixou de esclarecer que nós temos curso superior, que lidamos no mínimo com 160 alunos — enquanto que as professoras primárias têm 50, o ano todo — e que isso representa outro tanto em número de provas e exercícios. Se querem falar em justiça, diminuam a carga horária das professoras primárias para tentar uma aproximação entre seu volume de trabalho e seu minguado vencimento, diz ele.

PREJUÍZO

Afirma o Sr Miguel Carlos Paschoal que o aumento da carga horária para os professores "não será com o objetivo de manter maior contato com os alunos, e sim para que se possa trazer novos alunos, que continuarão a entrar e sair dos colégios o mais rápido possível, para que o turno seguinte encontre espaço nas escolas."

— Isso faz crer que a Secretaria de Educação não está interessada no convívio do professor com o aluno pois seu tempo está sendo cada vez mais reduzido, e os encargos do professor aumentados, forçando-o a correr de uma escola para outra para poder sobreviver.

Maricá submete projeto de loteamento à Fundrem

O Prefeito Odenir Francisco da Costa, de Maricá — modesto Município, com um único telefone e carente de esgoto e água — deu um exemplo que servirá aos demais 63 municípios do Estado: antes de aprovar ou indeferir um projeto de loteamento para 90 mil habitantes (o triplo da cidade atual) em dois de seus distritos, pediu o parecer da Fundrem que, ao atender, inova as exigências para esse tipo de empreendimento imobiliário.

Entre as exigências, a formação de uma equipe mista de técnicos do loteador e do município para o desenvolvimento do projeto; detalhamento minucioso dos serviços de água, coleta e tratamento dos esgotos e águas pluviais, serviços telefônicos e de energia elétrica; aprovação prévia, por órgãos federais e estaduais da dragagem da lagoa; além de outros, entre eles a de que um terço da área edificável ficará caucionada ao Município para garantir os compromissos.

PESO DA RESPONSABILIDADE

Ao receber o pedido de loteamento e projeto de urbanização da cidade São Bento da Lagoa, no 1º e 3º Distritos de Maricá — uma bela região, com 25 milhões de metros quadrados entre o mar e a lagoa, projeto de Lucio Costa e de sua filha, também arquiteta, elaborado para o empresário Lúcio Thomé Feteira, à frente de outros empresários e do grupo Westinghouse — explica o Prefeito Odenir Francisco da Costa que sentiu sobre si o peso da responsabilidade sobre o futuro de Maricá.

Agora, ele mostra o parecer que lhe enviou o Secretário de Planejamento. Vem assinado pelo diretor de Planejamento da Fundrem, arquiteto Mauricio Nogueira Batista, baseado em cópia cedida pela Prefeitura, do Projeto Geométrico do Sistema Viário e Implantação das Edificações, referente ao Projeto Definitivo de Urbanização da Cidade São Bento da Lagoa, a ser construida nos 1º e 3º Distritos de Maricá.

A Fundrem, em seu parecer, classifica a área, situada entre o mar e a lagoa, como de "caracteristicas impares de utilização" — áreas que "constituem um bem escasso, cuja relação com o número de habitantes da Região Metropolitana tenderá sempre a reduzir-se, fato que representa razão suficiente para que se procure de todas as formas preservá-las como um bem comum para uso da população metropolitana e evitar que suas utilizações, visando apenas aos interessados locais, venham a desvirtuar esse objetivo e diminuir ainda mais seu potencial de utilização e interesse metropolitano."

DEFICIÊNCIAS DO PROJETO

De acordo com a Fundrem, o projeto não cumpriu exigências da Flumitur quanto ao registro da relação numérica a ser mantida entre as áreas verdes e as áreas construidas; apresentação dos perfis altimétricos dos objetos arquitetônicos; apresentação da minuta do Código de Urbanismo especifico da área do plano, de modo a assegurar aos futuros habitantes caracteristicas urbanisticas e paisagisticas figuradas no anteprojeto.

Além disso, o Plano Diretor, assim como o chamado Plano Definitivo de Urbanização, não conta com elementos necessários à determinação da população prevista para ocupar a área. De acordo com os quadros das memórias que integram os dois documentos, essa população poderá variar entre 57 mil 640 e 90 mil 75 habitantes.

Os projetos complementares, referentes a abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, distribuição elétrica e rede telefônica, não foram apresentados e nem sequer são indicadas as linhas gerais de como se pretende prover a população de tais serviços básicos. Há apenas algumas referências, nas cartas que encaminham o projeto, ao fato de que seus empreendedores se responsabilizam pelo provimento de toda a infra-estrutura.

RECOMENDAÇÕES

Finalmente, o parecer da Fundrem sugere ao Prefeito de Maricá o seguinte:

a) exigência de apresentação dos projetos complementares referentes à infra-estrutura: água, esgoto e águas pluviais; previsão de serviços telefônicos e de distribuição de energia elétrica; e a dragagem e aterro das margens da lagoa, bem como sua apresentação prévia para aprovação por órgãos federais e estaduais;

b) definição oficial dos limites do terreno pertencente ao Ministério da Aeronáutica, e explicitação dos gravames de uso sobre ele prevalecentes;

c) complementação imediata do plano diretor de urbanização ou compromisse formal dos empreendedores de procederem a seu desenvolvimento gradativo reunindo tanto autores do plano como técnicos municipais numa mesma equipe. Mesmo adotada a segunda hipótese, alguma complementação deverá ser exigida antes da aprovação do empreendimento pela Prefeitura, incluidas as exigências já feitas pela Flumitur e mais a definição sobre a população prevista para a área, além da área pública a ser doada à Prefeitura para escolas, parques e demais peças comunitárias;

d) escalonamento da instituição do plano diretor de urbanização com cronogramas que descriminem os diversos serviços, inclusive infra-estrutura e suas etapas;

e) condicionamento de licenciamento das edificações à prévia execução das obras de infra-estrutura básica compreendendo-se nestas a abertura de ruas, o assentamento de galerias de águas pluviais, redes de abastecimento de água e distribuição de energia, de telefones e de iluminação pública. Como infra-estrutura, deve-se ainda o abastecimento de água (captação, adução e distribuição) e o efetivo funcionamento do sistema de esgotos (coleta, tratamento e destino final);

f) assinatura de termo de obrigação, no qual os empreendedores se comprometam com a Prefeitura Municipal de Maricá a assegurar a efetivação do provimento da infra-estrutura nos prazos fixados nos cronogramas de desenvolvimento do plano, com cláusulas que estabeleçam que 1/3 da área edificável ficará caucionada para garantia desse compromisso.

Prestígio da Meteorologia é cada vez maior e acerto das previsões sobe a 85%

Belo Horizonte — Apesar das deficiências, principalmente de pessoal — há apenas 57 meteorologistas, quando seriam necessários pelo menos 180 — a meteorologia no Brasil começa a desfrutar de prestígio, devido a acerto médio de 85% nas previsões de tempo com antecedência de 24 horas.

"Não temos a menor pretensão de fazer previsões infalíveis", afirma o diretor do Departamento Nacional de Meteorologia (DNM), Coronel Roberto Venerando Pereira — que presidiu esta semana em Belo Horizonte a reunião anual dos meteorologistas — esclarecendo que isso não ocorre em nenhuma parte do mundo.

Trabalho e sorte

O Coronel Venerando pretende montar um serviço capaz de prever o tempo com certo grau de confiabilidade e antecedência "para que o homem do campo possa planificar as suas atividades. O DNM espera concluir somente em meados do próximo ano o projeto de expansão de sua rede se 293 estações climatológicas — há 243 operando atualmente — mas já atingiu um índice de acertos nas previsões considerado bastante elevado.

Essas previsões são feitas numa região tropical, "onde as dificuldades são grandes, pela inconsistência e variabilidade do tempo", explica o Coronel Venerando.

Mesmo os prognósticos para 48 horas, principalmente para os fins de semana do Rio, começam a ser respeitados.

O DNM não se deixa abalar pelas inevitáveis piadas em torno de erros nas previsões — frequentes até em países mais adiantados, garante o Coronel. Por último, tem-se aventurado até a prognosticar, na sexta-feira, o tempo que fará no Carnaval. "Com muito trabalho e alguma sorte, temos acertado", diz.

Erra-se em previsão de tempo por falhas do homem, mas também, sobretudo, porque a meteorologia sinótica apresenta ainda muitos aspectos de uma ciência descritiva. "Muitos fatos que ocorrem na atmosfera permanecem ainda inexplicados", segundo o Coronel Venerando, um dos fundadores, em 1944, do Serviço de Meteorologia da Aeronáutica, com vários cursos de especialização na Colômbia e nos Estados Unidos.

Agricultura beneficiada

Nos países onde a meteorologia atingiu estágios mais avançados, fazem-se previsões com três dias de antecedência, errando-se menos. O diretor do DNM quer formar no país, nos próximos quatro anos, um serviço capaz de prever sucessivamente, com dois, quatro e até sete dias de antecipação. Em qual o agricultor possa confiar.

Com isso, ele poderá, por exemplo, deixar de espargir inseticida às vésperas de uma chuvarada, ou semear hoje, sabendo que terá uma estiagem de 15 dias pela frente. O Coronel Venerando faz previsões em termos de probabilidades: "Se dissermos que haverá 95% de probabilidade de chover nos próximos dias, o agricultor plantará, se dissermos que é de apenas 30%, esperará por uma oportunidade melhor."

Há oito anos dirigindo uma entidade ligada ao Ministério da Agricultura, ele lamenta que o Departamento Nacional de Meteorologia continue tão pouco solicitado pelos agrônomos e veterinários, que poderiam obter dados úteis ao melhor desempenho de suas funções, sobretudo para orientar medidas preventivas.

"Sabemos, por exemplo, que todas as pragas e enfermidades das plantas e animais ocorrem em determinadas condições climáticas." Se os meteorologistas fossem solicitados, poderiam indicar as probabilidades de ocorrências em dado lugar ou época.

Aperfeiçoamento

O diretor do DNM reconhece, entretanto, que não há ainda uma estrutura de pessoal que permita a atuação lado a lado com outros técnicos do Ministério da Agricultura. Além da escassez de meteorologistas — há falta de observadores meteorológicos. Para uma necessidade calculada atualmente em 1 mil 552, há apenas 747 desses profissionais no DNM.

Existe, porém, em estudo na Finep, um projeto no valor de Cr$ 40 milhões para formação, até 1979, de especialistas, incluindo 29 mestres ou doutores em Meteorologia. Entende o Coronel Venerando que a prioridade maior do Departamento é a de aperfeiçoamento do pessoal.

Lembra que ao assumir o cargo, em 1967, mais da metade das 55 estações climatológicas existentes no país estavam fechadas por falta de gente para operá-las. Assegura que antes de 1964 o então Serviço de Meteorologia havia se transformado num "verdadeiro cabide de empregos." Havia motoristas, jornalistas e pilotos civis nomeados meteorologistas. "Se tinham o apadrinhamento político, não possuíam o mínimo de requisitos técnicos para o cumprimento de suas atribuições."

Os primeiros cursos de nível médio e superior em Meteorologia foram instalados em 1965 e, três anos depois, "começamos a contar com elementos já profissionalmente capazes, embora inexperientes."

Investindo no tempo

Resta muito a fazer para a completa modernização do serviço de meteorologia. "Se o que foi feito nos últimos anos representa um trabalho de certa forma apreciável, nós não nos iludimos. Foi apenas uma parcela bem pequena do muito que temos pela frente", reconhece o diretor do DNM.

Em oito anos, entretanto, de 55 estações mal equipadas passou-se para 243 bem montadas e funcionando regularmente, com três observações diárias: às 9, às 15 e às 21 horas. Destas, 108 estão integradas à rede da Vigilância Meteorológica Mundial. A expansão, que dará ao país 293 estações, estará completa em meados de 1976.

"Não tínhamos rede de telecomunicações meteorológicas. Havia apenas, operando precariamente, uma estação de rádiotelegrafia, utilizando transmissores obsoletos de 500 W e 1 kW.

O Departamento conta atualmente, em Brasília, com um Centro Regional de Telecomunicações, recebendo em radioteletipo, com uma Central Transmissora — operando com um transmissor de 40 kW, dois de 10 kW, dois de 7,5 kW, oito de 2,5 kW e dois de 1 kW — e com uma Estação rastreadora de satélites NOAA-4 e ESSA-8.

O rastreamento é feito também por estações em Porto Alegre — instalada ano passado — e no Rio, onde opera pioneiramente na América do Sul desde 1968. "Tentamos instalar outra, ano passado, em São Paulo, mas não foi possível devido ao nível elevado de interferências industriais, de automóveis e de aviões existente no perímetro urbano."

Cardeal de São Paulo pede reza pelo tempo

São Paulo — O Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Evaristo Arns, preocupado com a longa estiagem verificada em todo o Estado, determinou aos párocos de sua arquidiocese que durante o ofício da missa se reze por "chuva e tempo favorável."

A nota, transmitida pela Chancelaria do Arcebispado, depois de acentuar que "a seca já perdura por vários dias", recomenda que os padres selecionem as orações 35 e 36 do Missal Romano, destinadas às "diversas circunstancias da vida pública", e que façam os fiéis participar das mais variadas formas dessas orações.

Como exemplo aos padres de sua arquidiocese, Dom Arns, que oficiará missa em ação de graças pelos seus 54 anos de vida, às 16 horas de hoje, na igreja Catedral na Sé, rezará orações especiais por abundantes chuvas no interior paulista.

Rio aplica Cr$ 74,6 milhões em obras contra enchentes

O Município do Rio de Janeiro receberá Cr$ 74 milhões 600 mil em obras de canalização e macrodrenagem dos rios, limpeza e desobstrução de ralos e galerias. O investimento será feito pelo Estado, como medida de precaução, contra possíveis enchentes no período de chuvas que se inicia com a primavera.

A liberação dos recursos — considerados insuficientes para atender às necessidades do Rio — foi acelerada pelo comportamento do clima, observado nos últimos meses: nevadas e forte geada no Paraná e Rio Grande do Sul; geadas no Sul de Minas e São Paulo; e enchentes que arrasaram Recife, em Pernambuco.

Chuva acumulada

No Rio, técnicos da Superintendência de Rios e Lagoas (Serla), da Secretaria Municipal de Obras e do Departamento de Defesa Civil estão preocupados com o acúmulo de chuvas este ano — 531,8 mm para um normal de 1 075,8 mm — que pode atingir o limite com precipitações rápidas e violentas que transtornariam a vida da cidade.

Para setembro, último mês do inverno, as previsões apontam um índice pluviométrico de 53,2 mm e, em outubro, normalmente as precipitações acumulam mais de 90 mm. Em algumas áreas a captação atinge 143,7 mm, de acordo com as estatísticas dos últimos 40 anos. O maior índice observado, em curto espaço de tempo, foi em janeiro de 1966, quando se registrou 237 mm, elevando o total do mês para 306 mm, o recorde.

Apesar das obras, a região da Tijuca, que abrange Grajaú, Andaraí e Vila Isabel, continuará desprotegida. Normalmente, as chuvas mais fortes inundam uma área de 15 km2, com o transbordamento dos rios Joana e Maracanã, que passarão apenas por um processo de macrodrenagem, quando a solução seria a construção de um túnel extravasor.

Aliás, o túnel extravasor foi projetado e iniciado em 1968, quando a firma vencedora da concorrência realizou apenas 35% da obra com os Cr$ 50 milhões colocados à sua disposição. O extravasor captaria os excessos dos rios Joana e Maracanã, fazendo o lançamento no mar, junto à Avenida Niemeyer.

Ecologia devastada

Biólogos, na época, condenaram a execução do extravasor, alegando que a causa das enchentes na área era a devastação ecológica, que provoca a erosão superficial e motiva cavamento dos solos, concorrendo com a obstrução do sistema de galerias. Em 1973, o Governo do então Estado da Guanabara solicitou um empréstimo de Cr$ 80 milhões ao BNH, para continuar o túnel extravasor, paralisado desde 1971.

Em janeiro do ano passado, técnicos da Secretaria de Obras classificaram como "pequeno esquecimento" o atraso na liberação do empréstimo do BNH. Agora, funcionários da Serla alegam que o projeto inicial do extravasor precisa ser totalmente revisado e preferem não comentar o assunto.

Enquanto não se decide sobre a conclusão ou não da obra, os moradores da área continuam sofrendo com as enchentes que, em alguns pontos, como a

Lixo aterra vala da Rua Bispo Lacerda

Rio Faleiro e Faria Timbó serão limpos

No Rio Acarai, a remoção de detritos

Travessa Barão do Bom Retiro, a água chega a atingir 1,5m dentro das casas. O extravasor — de acordo com o projeto inicial — teria capacidade para escoar 100 mil litros de água por segundo.

Prioridades

Embora os órgãos do Governo estabeleçam as zonas de prioridades com base na arrecadação de impostos da área, a Tijuca e bairros adjacentes continuam em segundo plano, da mesma forma que Higienópolis e Manguinhos, área igualmente atingidas com violência pelas enchentes.

A favela de Manguinhos, que tem mais de 5 mil habitantes, fica praticamente submersa quando ocorrem chuvas mais fortes. O mesmo acontece com as casas do trecho da Avenida dos Democráticos, entre o Viaduto Faria-Timbó e a Avenida Suburbana. A falta de drenagem no rio Faria Timbó leva ao seu transbordamento e consequente inundação dos bairros de Manguinhos e Higienópolis.

Del Castilho e Inhaúma também têm grandes prejuízos com as chuvas. Os rios Faleiro e Timbó, que se unem em Inhaúma, na altura do Viaduto Cristóvão Colombo, são cheios de curvas e ilhas formadas por detritos, prejudicando o escoamento da água que, sem outra saida, invade ruas e casas.

A Rua Bispo Lacerda, em Del Castilho, onde estão localizadas seis indústrias, fica intransitável com qualquer chuva. Não é calçada e, em ambos os lados correm enormes valões que ficam entupidos frequentemente. Com chuvas mais fortes, a Rua Bispo Lacerda se torna intransitável, com a água atingindo altura superior a um metro e prejudicando os moradores do conjunto residencial do ex-IAPI.

O rio Faria Timbó, responsável pelas inundações em vários bairros suburbanos, só é drenado na parte canalizada, próximo à Avenida Brasil, onde uma firma contratada pela Secretaria de Obras do município está removendo os detritos.

Obras inacabadas

Para efeito de obras e conservação de rios, o Estado foi dividido em duas partes: de São Conrado a Madureira, a Secretaria de Obras do Município se encarrega dos trabalhos de microdrenagem (desobstrução de ralos, galerias de águas pluviais e remoção da lama dos canais que cruzam a cidade). Para esse trabalho o Governo liberou verba de Cr$ 24 milhões.

A Serla assume os trabalhos maiores — de macrodrenagem — canalizando e mudando cursos dos principais rios, principalmente os da região Oeste do Estado. Nessa área a Prefeitura não permite edificações nas margens dos rios, para facilitar a limpeza. Em lugar de prédios estão sendo construídas estradas paralelas aos rios.

Na opinião de técnicos da Serla, os recursos postos à disposição do órgão são insignificantes diante do volume de problemas, pois dificilmente se consegue terminar uma obra importante, como o túnel extravasor da Tijuca.

O rio Acari, responsável pelas inundações que ocorrem em Madureira e Cascadura (região com mais de um milhão de habitantes) está consumindo Cr$ 23 milhões, com a construção de uma bacia na altura da Fazenda Botafogo, em Coelho Neto, além da canalização de um pequeno trecho.

Meia solução

Até a Avenida Automóvel Clube o fluxo da água será excelente, de acordo com os técnicos, mas, dali em diante, em direção à Via Dutra, o rio continuará com seu leito sinuoso e cheio de detritos, o que acaba provocando o alagamento do Bairro Acari. Nesse Bairro há um valão no final da Rua Guaiúba, totalmente tomado pela vegetação. No mesmo orçamento estão incluídas as obras do rio das Pedras, que também afeta Madureira, mas a Serla conseguiu um acréscimo de Cr$ 4 milhões 500 mil.

O rio Timbó-superior, que também cruza Madureira inundando suas ruas, vem passando por correções de curso e canalização. Nele o Governo está investindo Cr$ 15 milhões 600 mil. O rio Piraquara também está com obras orçadas em Cr$ 5 milhões. Todas, porém, sofrem solução de continuidade e apenas reduzem um pouco o problema das enchentes.

Na Rua Filomena Nunes, em Olaria, a Serla está construindo uma barragem na encosta do Morro do Alemão, para controlar o volume do rio Nunes, por ocasião das precipitações de chuvas mais fortes. A barragem serve também para reter os detritos e a terra que desce do morro, deixando o seu curso permanentemente limpo. Esse método será empregado em outras encostas que estejam próximas de rios.

Zona privilegiada

A Zona Sul é uma região considerada privilegiada pelos técnicos, pois existem somente cinco pequenos rios, que são o Rainha, Carioca, Bercó, Banana Podre e Casca de Jaca, todos ligados a "um cinturão" (canal) que deságua na Praia de Botafogo, junto ao Mourisco. Mesmo assim, as autoridades estão elaborando um projeto para captar o excesso do rio Rainha, construindo mais 400 metros de galerias, que seriam ligadas aos 1 mil 200 metros — já prontos — do extravasor da Tijuca.

Para livrar a Zona Sul das enchentes, os técnicos informam que basta o trabalho de microdrenagem, desobstruindo ralos e galerias, problema afeto à Secretaria de Obras do Município, que dispõe de Cr$ 24 milhões. Como parte desse trabalho, firmas contratadas pelo município já estão limpando o canal do Mangue, onde deságuam os rios Joana, Maracanã, Trapicheiro e Caboclos, e as águas das galerias do centro da cidade. Parte desse serviço vem sendo executado pela Comlurb.

Previsões normais

Os técnicos esclareceram que as obras são executadas de acordo com as previsões normais do Departamento de Meteorologia, e nunca com as precipitações de chuvas violentas, que ocorrem esporadicamente. Os rios e galerias, entretanto, só têm capacidade para captar precipitações inferiores a 90mm.

Em maio do ano passado (a previsão do mês é de 72,9mm) ocorreram em apenas dois dias, precipitações de 91,4mm, o que foi suficiente para inundar os Bairros do Maracanã, Tijuca, Rio Comprido, Ramos, Irajá, Engenho Novo, Grajaú, Ilha do Governador e parte de Botafogo. Na Avenida Maracanã, muitos carros foram arrastados para dentro do rio, pelo volume e correnteza da água.

Chuva de verão ameaça as encostas

Inacabadas ou aguardando início há um ano, 27 obras de contenção de encostas no Rio podem ser executadas a partir do fim do ano, mas dificilmente serão concluídas antes das chuvas de verão, entre janeiro e março. A Rua Aprazível, em Sta. Teresa, por exemplo, espera solução para seu caso desde 1972.

Com o projeto de fixação de blocos, drenagem e remoção de pedras aprovado, a Rua Aprazível esperou pelo empreiteiro, que nem iniciou os trabalhos. Hoje o caso é fruto de uma questão entre a empresa vencedora da concorrência e o Município, que a processa. No Humaitá, na área da antiga favela Macedo Sobrinho, apenas 10% da obra foram feitos.

EMERGÊNCIA

Observa o chefe da Superintendência de Geotecnia da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos, engenheiro Rubem da Silveira Carvalho, que em Geotécnica quase todas as obras são de emergência, quando vêm relacionadas nos planos de trabalho.

Após dizer que tomou conhecimento das previsões do professor Pinto Coelho, do Departamento de Bioquímica da UFRJ, de novas enchentes no Rio, no próximo ano, o Sr Rubem da Silveira alinhou várias obras do plano de emergência em exceção, enquanto outras têm orçamento revisto para imediata entrada em concorrência pública.

— Até outubro — diz — deverão entrar em concorrência projetos avaliados em quase Cr$ 16 milhões. Entre eles o da Rua da Bica (Morro da Providência), a Avenida Niemeyer, Morro Cara do Cão (fortaleza São João), estrada e elevado do Joá, Morro Dona Marta (Noroeste e Nordeste), Rua Campo Belo, Avenida Epitácio Pessoa, Ruas Humaitá e Macedo Sobrinho, Morro Nova Cintra (Rua Aprazível), Rua Lauro Muller, Praia do Rio Jequiá e Rua Padre Telêmaco.

A Superintendência de Geotecnia está fazendo os estudos das obras que deverão entrar em concorrência em todo o decorrer de 1976, avaliadas em Cr$ 21 milhões.

Serão realizadas na Pedra da Gávea, Ladeira dos Tabajaras, serra da Misericórdia, morro da Conceição (Serviço Geográfico do Exército), Barreira do Vasco, morro do Salgueiro (Rua Goulart), Rua Conselheiro Otaviano, Rua Antônio Saraiva, Rua Sinval (Acari), favelas do Cantagalo, da Rocinha, Pavão e Pavãozinho, Rua Gamboa, Gatalpa, Messina, São João, São Bartolomeu, Matinha e obras de emergência para cinco grupos de Regiões Administrativas, estas avaliadas em Cr$ 2 milhões 500 mil.

MANUTENÇÃO

No orçamento que apresentará visando a obras em 1976, a Diretoria de Geotecnia pretende incluir uma parcela para atender às despesas com a contratação de 50 homens que, lotados no Serviço de Horto na Rua Carlos Seidl (Caju), estivessem também à disposição do Município para trabalhos de emergência.

Nem sempre seria fácil a mobilização dos operários de firmas particulares nos acidentes eventuais, que exigem pronta ação para que se evitem prejuízos maiores. Essa equipe operaria nos moldes de defesa civil, além de cobrir a defasagem que ocorre entre o término do contrato com uma firma de conservação e a nomeação de outra. Os trabalhos de manutenção, nesse período, são por vezes interrompidos.

Enquanto as obras na Avenida Niemeyer, na altura do Sheraton Hotel, foram concluídas — custou Cr$ 1 milhão a contenção num trecho de 80 metros de comprimento por 6 a 7 de altura — a Superintendência de Geotecnia está retirando ainda na favela da Rocinha uma pedra de 315 toneladas, com 105 metros cúbicos, na Rua 2.

Três contratos de emergência, avaliados em Cr$ 1 milhão 700 mil, estão também em curso. As obras em execução em Botafogo, Copacabana, Lagoa e Santa Teresa, com prazo de 180 dias, podem estar concluídas em janeiro de 1976, assim como as relativas às 1a., 2a., 3a. e 23a. Regiões Administrativas.

Parte do terceiro contrato de emergência para o corrente ano — em 76 serão cinco os contratos, para facilitar a execução dos serviços numa mesma área geográfica da cidade — está sendo executado na Rua Caroém (Circular da Penha), onde estão sendo desmontados blocos de até 30 toneladas.

Na Estrada Paulo de Medeiros, 60, a Superintendência de Geotecnia demole pequenos blocos e fixa um de 300 toneladas (em Água Santa); também realiza demolição na Rua Oliveira Maia, 127, Madureira. Em novembro, deverão estar concluídas as obras de contenção junto ao Túnel Sá Freire Alvim, na Rua Barata Ribeiro, com prazo previsto de 120 dias.

Informa o Sr Rubem da Silveira que várias obras que estavam com início previsto para o ano passado, como a segunda etapa do elevado do Joá e da favela Dona Marta, estão tendo os orçamentos revistos, como acontece também com a da Rua Campo Belo, na boca do Túnel Santa Bárbara. Além do adiamento do início dessas obras — frisou — "com a fusão ainda ocorreu perda de tempo, que pretendemos recuperar com a reativação dos projetos a partir de outubro ou novembro".

Proteção de encostas é obra constante

Detran vai exigir uso do simulador eletrônico no treinamento do motorista

Dentro de seis meses o Detran vai exigir que os candidatos a motorista passem por treinamento em simulador eletrônico *(link trainer)* antes de sair às ruas. Serão dispensados todos os examinadores e as escolas de aprendizagem se encarregarão de fornecer carteiras provisórias.

As escolas cujos candidatos forem reprovados em percentual muito elevado em exame posterior do Detran e as que apresentem alto índice de acidentes provocados por motoristas seus poderão ser suspensas até por um ano. As 372 auto-escolas do Estado serão obrigadas a se fundir para cumprir as instruções do Detran.

CEM NUMA SÓ

Acha o presidente do Sindicato de Auto-Escolas, Sr Heraldo Vieira, que as exigências são tão onerosas que vai ser preciso fundir 100 escolas para se ter uma bem organizada.

— Um link trainer custava, na ano passado, quase Cr$ 400 mil e a firma representante em São Paulo não tinha nenhum para demonstração. Outra dificuldade que vamos enfrentar é conseguir uma área de tamanho suficiente para abrigar um pátio de treinamento.

A partir de abril o candidato entra sozinho no carro e é observado de fora. Para chegar a exame, porém, ele terá de cumprir um estágio no simulador e, depois treino nas ruas acompanhado de instrutore de escolas, que não poderão ser elementos ligados a repartições civis e militares.

Entre as razões apontadas pelo Detran como causadoras de desastres está o ensino atual, considerado "retrógrado e incapaz de proporcionar conhecimentos sobre a moderna circulação viária." Exige também que o instrutor deverá ter no mínimo o curso ginasial completo e comprovar frequência no curso de perito da Academia de Polícia.

Secretaria de Transportes e Detran querem controlar seus dados em computador

A Secretaria de Transportes pensa em contratar os serviços de uma empresa de processamento de dados, para controlar seus serviços e principalmente tudo o que se referir às atividades do Detran. Por isso, o Secretário Josef Barat e o Comandante Celso Franco visitaram o Serpro — Serviço Federal de Processamento de Dados.

Alguns serviços do Detran, como o processamento de multas, são feitos por computadores da Secretaria de Finanças e no Governo passado havia planos para uso de um centro de computação da Secretaria de Segurança. O Serpro tem um dos mais vastos centros de processamento de dados do país e controla a cobrança da Taxa Rodoviária, através do Cadastro Nacional de Veículos e Proprietários.

DADOS

O Serpro fez um estudo preliminar para a Secretaria de Transportes e imaginou o Projeto Polvo, assim batizado porque nenhum dado escapa da central de computação.

Informações do Serpro ao Secretário de Transportes e ao diretor do Detran, revelam que basta o número do veículo para se obterem informações sobre as suas características técnicas, proprietário atual e proprietário antigo, outras placas que o veículo tenha tido, relação de débitos pendentes e impressão imediata dos seguintes documentos: certificado de registro do veículo, comprovante do pagamento da TRU, nada-consta e outros documentos.

As pistas da nova estação de desembarque poderão atender até 25 ônibus ao mesmo tempo

Nova rodoviária permitirá operação simultânea de 65 ônibus com 390 passageiros

O estacionamento simultaneo de 25 ônibus — para o desembarque de 150 pessoas — e de mais 40 — que possibilitarão o embarque de outros 240 passageiros — além de 400 vagas para estacionamento de carros, são algumas das vantagens das obras de ampliação da Rodoviária Novo Rio (estação de desembarque e edifício-garagem), que ficarão prontas ainda este ano.

Completada essa ampliação, a nova estação ganhará uma programação visual que terá por objetivo uniformizar os símbolos gráficos: letreiros, sinalização e até a disposição das vitrines. O mesmo será feito na estação de embarque (a atual), que passará por obras de melhoria nos sanitários e no acabamento, além de remanejamento dos guichês.

DESEMBARQUE

A estação de desembarque (as pistas atuais serão utilizadas apenas para embarque) terá dois pavimentos e se ligará à de embarque por uma passarela. No térreo ficará a pista, que permitirá a chegada e operação simultaneas de 25 ônibus (a antiga permite apenas 12). Desembarcarão 150 pessoas de cada vez, capacidade superior às necessidades atuais.

Haverá também bares, lanchonetes, bancas de jornal — para as quais será aberta concorrência brevemente — posto telefônico, sanitários e algumas lojas, cuja destinação ainda não está definida. O andar superior será sede dos escritórios da administração e de estabelecimentos comerciais, além de possuir uma ampla varanda para os que forem assistir à chegada dos ônibus.

As obras estão na fase de acabamento — em alguns setores, já em pintura. A passarela está concretada, as instalações elétricas e hidráulicas, prontas. Quando inaugurada, a estação obrigará a mudança de mão de direção da Rua Equador.

EDIFÍCIO-GARAGEM

A garagem terá quatro pavimentos, com possibilidade de futuramente serem construidos mais quatro. Nela haverá 400 vagas (o estacionamento atual tem apenas 70), que serão utilizadas, na maioria, para utilização por pequenos veículos. Parte das vagas será destinada ao estacionamento por tempo mais prolongado.

As obras entraram na fase de revestimento

Ônibus da linha que ligará Belém ao Rio começará a circular no fim deste mês

As duas primeiras das 50 novas linhas de ônibus interestaduais de médio e longo percurso, criadas recentemente pelo DNER, começam a funcionar em fins de setembro, ligando Belém do Pará ao Rio de Janeiro, e Patos, na Paraíba, ao Recife. Em outubro mais três linhas serão inauguradas e quatro outras, em novembro.

As três que funcionarão a partir de outubro farão as ligações Porto Alegre—Brasília, Belo Horizonte—Salvador e Governador Valadares—Vitória. Em novembro, começam a funcionar as linhas Teresina—Salvador, Belo Horizonte—Curitiba, Belém—Recife e Porto Alegre—Londrina.

AS NOVAS LINHAS

A linha de maior percurso é a Belém—Rio de Janeiro, com 3 mil 251 quilômetros de extensão, que serão cobertos em 60 horas, pelas empresas Viação Itapemirim e Transbrasiliana, em oito viagens semanais, nos dois sentidos e passagem fixada em Cr$ 311 e 89 centavos. Terá cinco seções: Belém—Belo Horizonte, com tarifa de Cr$ 265 e 87 centavos; Imperatriz—Rio de Janeiro, a Cr$ 255 e 47 centavos; Imperatriz—Belo Horizonte, Cr$ 209 e 45 centavos; Araguarina—Rio de Janeiro, Cr$ 231 e 63 centavos; e Araguarina—Belo Horizonte, Cr$ 185 e 61 centavos.

A linha Patos—Recife, com extensão de 450 quilômetros, será direta, com uma viagem diária em cada sentido, no tempo de nove horas. A empresa São Geraldo fixou a tarifa em Cr$ 38 e 16 centavos.

O percurso de Porto Alegre a Brasília, com 2 mil 078 km, será coberto pelas empresas N. S. da Penha e Real Expresso, com oito viagens semanais, nos dois sentidos, no tempo de 42 horas e tarifa fixada em Cr$ 199 e 41 centavos. Terá as seções Porto Alegre—Ribeirão Preto, com tarifa de Cr$ 133 e 82 centavos; Florianópolis—Brasília, Cr$ 156 e 36 centavos; Florianópolis—Ribeirão Preto, Cr$ 90 e 77 centavos; Curitiba—Brasília, Cr$ 128 e 06 centavos e Curitiba—Ribeirão Preto, Cr$ 62 e 47 centavos.

A linha Vitória—Governador Valadares, de 397 quilômetros, será feita pela empresa São Geraldo, em oito horas de viagem direta, com tarifa de Cr$ 38 e 16 centavos.

O percurso entre Belo Horizonte e Salvador, de 1 mil 367 quilômetros, será coberto pelas empresas Gontijo e Viação Nacional no tempo de 27 horas, em oito viagens semanais, nos dois sentidos, com tarifa fixada em Cr$ 131 e 34 centavos. Essa linha será seccionada entre Belo Horizonte e Vitória da Conquista, com tarifa estabelecida em Cr$ 81 e 52 centavos.

A linha Teresina—Salvador, com a extensão de 1 mil 223 quilômetros, será coberta pelas empresas São Geraldo e Viação Nacional, no tempo de 24 horas, com oito viagens semanais, nos dois sentidos, e preço de passagem fixado em Cr$ 107 e 42 centavos. Terá duas seções: Teresina—Petrolina, com tarifa de Cr$ 61 e 64 centavos e Picos—Petrolina, Cr$ 34 e 43 centavos.

A linha Curitiba—Belo Horizonte, com 984 quilômetros, será coberta pelas empresas Viação Cometa e Impala Auto-Onibus, no tempo de 20 horas em viagem direta diária em cada sentido e preço de passagem fixado em Cr$ 94 e 40 centavos.

Feira fecha hoje e já arrecadou Cr$ 3,5 milhões

Todas as mercadorias que estão obtendo maior índice de vendas na Feira da Providência poderão ser encontradas ainda hoje, em seu último dia, garantem os responsáveis. Até o início da tarde de ontem a Feira foi visitada por 450 mil pessoas e arrecadou em torno de Cr$ 3 milhões 500 mil.

No seu último dia, quando abrirá de meio-dia à meia-noite, a Feira apresentará como atrações especiais, um show — gratuito — de Luís Gonzaga, na barraca de Alagoas (às 18 horas), além de números folclóricos nacionais e internacionais, no palanque em frente à barraca da Itália. No Estádio de Remo haverá apresentação dos cantores Jair Rodrigues e Leni Andrade, às 21 horas, com ingressos a Cr$ 20,00.

Segundo os organizadores "tem funcionado muito bem" o esquema de distribuir racionalmente as mercadorias das barracas pelos quatro dias, para evitar que se esgotem logo as de melhor aceitação. Assim, ontem, por exemplo, as barracas da União Soviética e da Noruega, as mais procuradas, no setor internacional, tinham à venda, em boa quantidade, os mesmos produtos oferecidos quinta-feira.

Na barraca da União Soviética estão obtendo muito sucesso os objetos de decoração em madeira laqueada com cores brilhantes por preços que vão de Cr$ 30 a Cr$ 200. A procura também é intensa pelos LPs de música erudita — de excelente qualidade — vendidos a Cr$ 45, preço considerado muito barato.

O IPAI-26 é um monomotor de dois lugares para vôos de treinamento

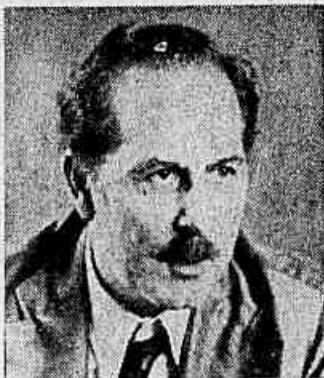
A simplicidade é um destaque do projeto

Primeiro avião totalmente brasileiro já tem protótipo

São Paulo — Com sua estrutura pronta e em fase final de montagem, o protótipo do primeiro avião inteiramente concebido, projetado e executado por professores, técnicos e alunos da Escola de Engenharia de São Carlos iniciará seus testes nas próximas semanas. E' um monomotor de dois lugares, especialmente destinado a vôos de treinamento de pilotos amadores.

Ainda conhecido pela sigla da escola que o projetou — Instituto de Pesquisa Aérea Industrial (IPAI), o aparelho foi construído com matérias nacionais. Prima pela simplicidade, o que lhe assegura um baixo custo de produção, "algo em torno de Cr$ 150 mil", diz o autor do projeto, professor Davilson Lucato.

DETALHES

O IPAI-26 — explica o professor Davilson Lucato — nasceu da idéia de se produzir no Brasil um avião para treinamento básico que aliasse boas condições de segurança a um preço mínimo.

Prof. Romeu Corsini

Por isso, optamos por um modelo que pode receber um motor Volkswagen adaptado e que terá trem de pouso em lamina de fibra de vidro, extremamente simples, leve e mais resistente do que o aço, além de mais barato e de facílima manutenção.

O custo corresponde "mais ou menos à metade do preço de um similar importado e quase ao mesmo preço de um automóvel nacional de luxo, equipado." Nos testes, o IPAI-26 será pilotado pelo experiente Alberto Bertelli, ex-campeão sul-americano de acrobacias, contratado pela Escola de Engenharia de São Carlos.

NOVA MENTALIDADE

— O projeto IPAI-26 está diretamente vinculado a outras idéias, como a criação de uma mentalidade aeronáutica aqui na Escola, à formação de pessoal especializado, a maior relacionamento entre a Universidade e as indústrias e à mobilização do potencial humano e material da Escola — diz o diretor da EESC, professor Romeu Corsini.

O que pode dar melhor idéia do projeto — acrescenta o professor Romeu Corsini — é o interesse demonstrado pela indústria nacional, que não se tem negado a colaborar com a EESC sempre que o professor Davilson Lucato procura as empresas para conseguir material e equipamento para construção do protótipo do IPAI-26.

Estafa e labirintite rondam Ministério que nunca tira férias

Henrique Gonzaga Jr.

Brasília — Na festa de aniversário do Ministro Shigeaki Ueki, o telefone toca chamando-o do Palácio do Planalto. "Parabéns pelos 40 anos", cumprimenta o Presidente Geisel. "Sinto-me um jovem de 20", responde o Ministro do outro lado da linha. "Ótimo, então conserve a energia de 20 mas busque a experiência dos 80", completa o Presidente da República. Este Ministro é mais da Energia que das Minas, comentariam depois seus assessores em tom de blague. O exemplo, no entanto, não serve para todos os Ministros de Estado, muitos dos quais com problemas constantes de estafa que os obrigam a uma medicação à base de fosfato e ácido glutâmico para regeneração metabólica das células nervosas. Por que Ministro de Estado não tira férias? — reclama a maioria dos médicos que cuidam de sua saúde

Simonsen: exercícios matemáticos

Ueki: a energia dos 20 anos

Quandt: o repouso em casa

Nei Braga: as vitaminas por rotina

Dirceu: desconforto nas viagens

DE maneira geral nenhum Ministro de Estado escapa de um dos três tipos de problemas mais comuns: estafa, labirintite ou distúrbio gástrito. A estafa decorre em todos os casos do excesso de trabalho e, principalmente, da falta de método ou ordenação do serviço. Problemas de labirinto são frequentes entre os Ministros que mais viajam, notadamente entre aqueles que, por necessitarem ir a áreas da Amazônia de difícil acesso, utilizam aparelhos não pressurizados. O próprio Ministro dos Transportes, General Dirceu Nogueira, não se dá muito bem com os transportes aéreos. Padece de fortes crises de labirintite, embora tenha excelente estado de saúde. Faz ginástica com assiduidade e caminhadas noturnas pela Península dos Ministros, onde, não raro, encontra o Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Araripe Macedo, também adepto dos grandes passeios a pé, geralmente depois dos primeiros noticiários da TV, à noite.

A labirintite não poupou nem mesmo o Ministro do Interior, Sr Rangel Reis, um exímio desportista (foi bicampeão de basquete na juventude) mas que se vê obrigado a viajar uma média de 14 mil quilômetros por mês. No final de 1976 terá realizado o equivalente a uma viagem à Lua.

Os desarranjos gástricos também são problemas frequentes entre os Ministros de Estado em função dos compromissos sociais aos quais não podem fugir e que, muitas vezes, descontrolam os regimes a que estão submetidos por conselhos médicos. Foi depois de participar de uma recepção dessas que o General Dale Coutinho sofreu um colapso, encerrando uma carreira no seu posto mais alto, de Ministro do Exército. O General era um homem metódico, praticava esportes habitualmente antes de ir para o QG do Exército, mas, depois que assumiu o Ministério, passou a uma rotina de trabalho que se iniciava mais cedo que o costume e terminava depois das 20h, invariavelmente. Com um aparelho implantado pelo Dr Euriclides Zerbini, o coração não resistiu ao novo ritmo e a uma quebra do regime.

OS ALTOS FUNCIONÁRIOS

Todas as recomendações médicas para os Ministros de Estado servem também para os secretários-gerais e demais assessores que, como eles, desenvolvem atividades exaustivas, típicas de um executivo paulista. O secretário-geral do Ministério das Comunicações, Coronel Hélio Gomes do Amaral — nomeado logo no início da atual administração — só permaneceu uma semana nas funções. Um infarto fulminou-o tão logo iniciou um ritmo de trabalho que se iniciava às 7h e ia até às 21h. O titular da Pasta, Comandante Euclides Quandt, é um homem extremamente organizado. Não leva trabalhos para casa nem se encarrega deles nos fins de semana. Costuma dizer que aquilo que não deu conta durante a semana não será no sábado ou no domingo que irá resolver. Desde que assumiu a Pasta, adotou o princípio de não marcar compromissos de qualquer espécie nos fins de semana. E' um princípio solitário. Os demais Ministros, de uma maneira geral, não pensam assim.

O Ministro da Saúde, Sr Almeida Machado, já teve um infarto do qual estaria hoje completamente curado. Mas, ao contrário do Ministro das Comunicações, adotou o princípio de fazer as viagens por necessidade de serviço nos fins de semana, para não interromper a rotina da Pasta de segunda a sexta-feira. Leva serviço para casa e destrincha-o com auxílio de duas filhas, suas secretárias particulares. Sábado à tarde é visitado invariavelmente por assessores e altos funcionários que lhe ministram, em conta-gotas, probleminhas do Ministério. No domingo, o Ministro viaja, a serviço, para qualquer ponto do País. Muitas vezes retorna no mesmo dia. Há muitos anos que não tira férias.

— Sempre fiz o que gosto e nunca me cansei de fazer aquilo que gosto — foi sua resposta ao ser indagado a respeito de férias.

NINGUÉM QUER FÉRIAS

Na verdade, se o Governo cogitasse de adotar férias para os Ministros de Estado, teria que impô-las porque, na prática, ninguém quer tirá-las. Ninguém consegue ficar longe dos problemas do Ministério. O Ministro do Trabalho, Sr Arnaldo Prieto, costuma retornar solitariamente ao Ministério nos dias de sábado e domingo para estudar processos e discutir problemas com assessores que convoca nessas ocasiões. Sua pressão é alta (14/10, segundo a escala clínica) e atinge níveis impressionantes quando se irrita com algum problema. Como Ministro do Trabalho, seu maior problema médico é o excesso de trabalho, embora padeça também de uma insuficiência renal. Recentemente, ao tomar uma injeção para fazer um exame num consultório da Rua da Praia, em Porto Alegre, sofreu um choque anafilático e teve que ser socorrido às pressas. Argumenta que não tem tempo para fazer ginástica e seu único exercício é um banho de piscina em raras oportunidades domingueiras.

De uma maneira geral, todos os Ministros de Estado procuram fazer algum tipo de exercício, sendo mais comuns as longas caminhadas, bicicleta, ciclobel, natação e ginástica.

O Ministro do Trabalho não se dá muito bem com injeções, preferindo a flora medicinal homeopática. Já o Ministro da Educação, Sr Nei Braga, recebe quase diariamente a visita de uma enfermeira do Serviço Médico do Senado para ministrar-lhe doses de vitaminas e outros compostos capazes de minorar o sofrimento de uma enxaqueca permanente, companheira de muitos anos. O Ministro come pouco e as vitaminas complementam sua carência alimentar.

O Ministro dos Transportes, General Dirceu Nogueira, convocou seu médico particular, Dr Cesar Vieira, para acompanhá-lo na viagem que fez recentemente a Cochabamba. As grandes altitudes sempre infundem um certo temor. O Ministro passou bem o tempo todo, mas o médico teve que ser socorrido. A altitude lhe fez mal.

ESTAFA, O MAIS COMUM

O traço de união entre quase todos os Ministros parece ser o excesso de trabalho e a consequente estafa, não a fadiga pesada que derrubou, por exemplo, o moço Cirne Lima, no Governo passado, obrigando-o a um mês de repouso. Mas o *stress* constante, desgastante, ininterrupto.

Foi o excesso de trabalho o responsável pelo espasmo cerebral de que voi vítima o secretário-geral do Ministério da Previdência Social, Sr Godofredo Carneiro Leão, há cerca de seis meses. Já está recuperado clinicamente e voltou ao Ministério como assessor. O cargo que ocupava foi confiado ao Sr Paranhos Veloso, seu grande amigo, que só assumiu depois de apelo pessoal do próprio ex-titular manifestando-lhe a impossibilidade de reassumir as exaustivas funções.

O Ministro da Fazenda Sr Mário Henrique Simonsen, acaba de descobrir que está ficando calvo muito depressa — preocupação que tem manifestado a seus amigos. Em outras épocas sempre conseguia tempo para praticar tênis e natação e dedicar-se ao xadrez — o único hábito que ainda não abandonou. Agora, diverte-se, quando pode, resolvendo equações com uma máquina eletrônica. Fuma tanto quanto lê e começou a estudar russo. Esporte que é bom, já não tem tempo.

O Ministro da Agricultura diverte-se muito com uma bicicleta de seis lugares, do tipo daquelas que existem na Ilha de Paquetá, levando atrás suas crianças pela Península dos Ministros. Além dessa, tem outra que utiliza para fazer exercícios e divertir-se: num domingo foi de bicicleta comprar pão no Centro Comercial do Lago Sul.

UM BOM EXEMPLO

De todo o Gabinete presidencial, o melhor exemplo de disposição física parte do próprio Presidente Geisel, que tem hábitos sistemáticos dos quais só abre mão quando deixa Brasília para alguma viagem. Acha inclusive que as viagens recuperam suas energias, pois quebram a rotina palaciana. O Presidente da República acorda às 6h e faz ginástica antes de iniciar seu trabalho no Palácio do Planalto, às 9h. Cochila sempre depois do almoço cerca de 30 minutos. O hábito é tão forte que nem usa despertador. Meia hora depois está novamente de pé, passando então para uma rápida leitura de serviço em seu escritório, antes de se dirigir ao Palácio do Planalto, onde reassume às 15h. Tem eliminado frequentemente o trabalho vespertino no Palácio às sextas-feiras indo para a Granja do Riacho Fundo ao meio-dia, de helicóptero. Ali, não recebe ninguém, exceto aqueles funcionários que são amigos da família: o Sr Humberto Esmeraldo, e o Coronel Morais Rego, por exemplo. Antes de assumir a Presidência da República, seus assessores divulgaram um boletim médico retratando suas boas condições de saúde, que vêm sendo mantidas sem alteração. A disposição e o método de trabalho do Presidente da República são exemplos para os Ministros de Estado, mas poucos são aqueles que seguem seus passos. Não há normas de saúde preestabelecidas, embora a maioria dos Ministros se submeta a dois *check-up* por ano. O que é certo é que muitos deles chegarão ao final do Governo com um quadro clínico bem diferente daquele do dia em que assumiram o cargo.

Deputado diz que sofre pressões mas se recusa a apontar de quem vêm

Belém — O Deputado Leandro Santana Costa (MDB), cuja extinção do mandato foi pedida à Mesa Diretora da Assembléia Legislativa pelo advogado Benedito Ferreira, sob a alegação de que em 1964 foi demitido do DER a bem do serviço público, revelou ontem que está sofrendo toda sorte de pressões para renunciar ao mandato, mas preferiu manter reservas sobre como ou quem vem exercendo tais pressões.

O parlamentar, que tem recebido a solidariedade dos seus colegas e, inclusive, de deputados federais — com exceção dos quatro deputados que integram o grupo do Sr Vicente Queirós — não pretende renunciar, mas não consegue esconder seu desgaste com o escandalo. Segundo afirmou, o objetivo do grupo dissidente do MDB era exatamente esse, o de provocar escandalo e levá-lo à renúncia.

NA COMISSÃO

Só na terça-feira é que a Comissão de Justiça da Assembléia Legislativa apreciará, em reunião extraordinária, o parecer do relator Osvaldo Brabo de Carvalho sobre a representação do advogado Benedito Ferreira. Esperava-se que o assunto fosse apreciado na reunião ordinária da Comissão sexta-feira passada, mas o Deputado Brabo de Carvalho disse que só apresentaria seu parecer terça-feira porque precisava estudar a legislação com profundidade.

O Deputado Vicente Queirós, que foi apontado como o mentor da representação, e que também integra a Comissão de Justiça, prometeu para amanhã um pronunciamento sobre o assunto, quando pretende relatar todos os acontecimentos que culminaram com a sua destituição da liderança da bancada da Oposição.

Tarcisio Delgado quer ação nacional para impedir que se façam contratos de risco

Brasília — O Deputado Tarcisio Delgado (MDB-MG) considera tão importante o problema dos contratos de risco com a Petrobrás, que ele chama de "famigerados", que propõe um movimento nacional de opinião como o que foi desenvolvido para a criação da Petrobrás.

Em declaração que fez ontem em Brasília, o parlamentar mineiro afirma que todos os nacionalistas conscientes, os que "têm o sentimento puro de defesa de nossa economia contra os exploradores internacionais, não devem sequer cogitar dos contratos de risco.

Os ossos e o filé

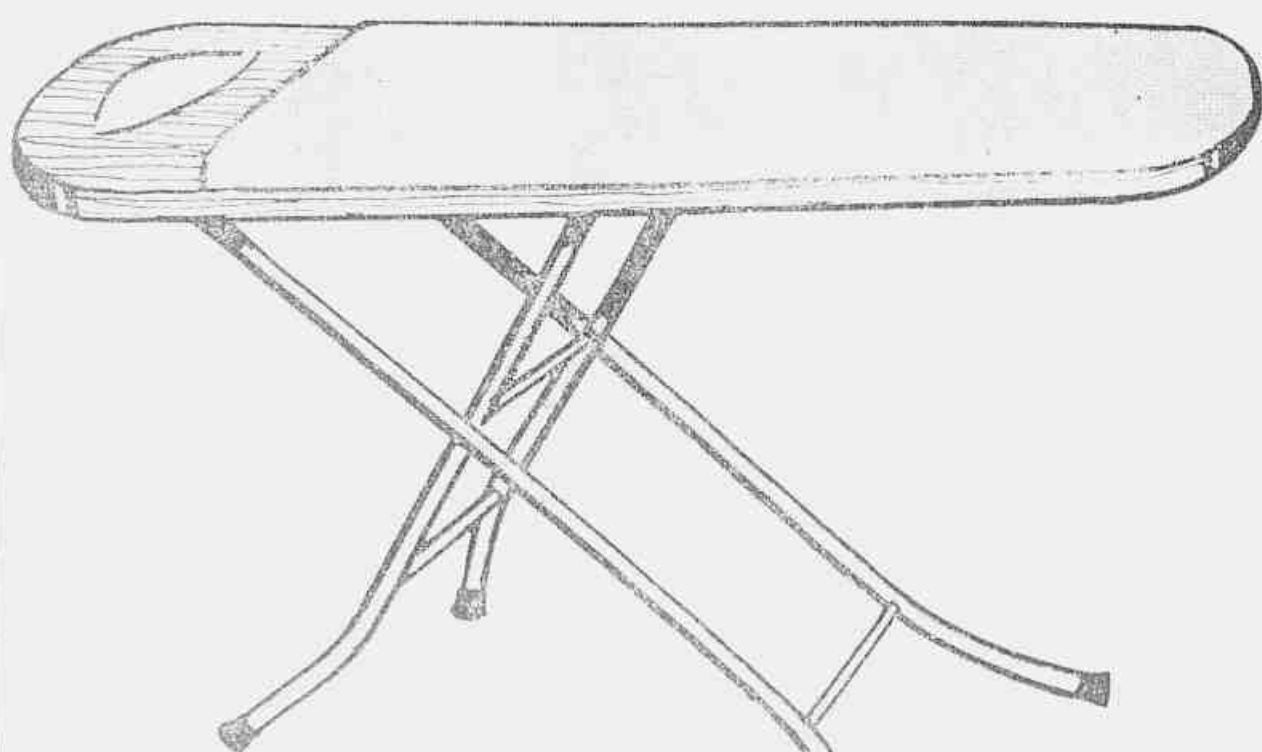
— Por que conservar o monopólio para a atividade mais árida e difícil que é a exploração do petróleo — pergunta ele — e deixar o setor mais simples e lucrativo, que é a distribuição, para as empresas estrangeiras e multinacionais?

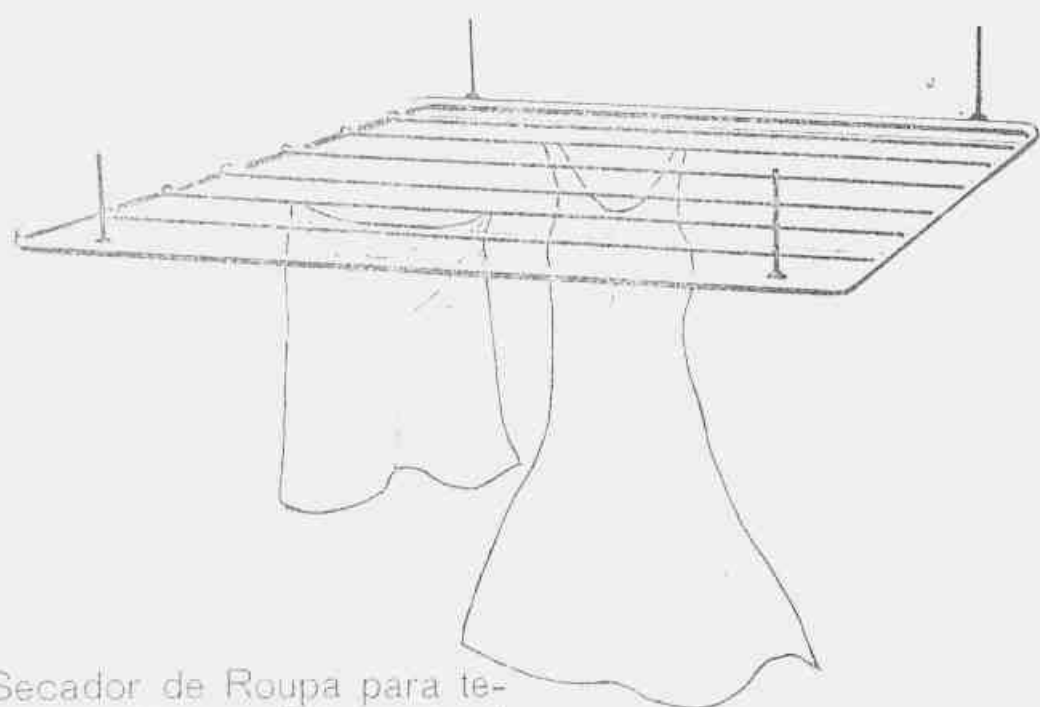
Apesar de todo o êxito, a Petrobrás continua criando o boi, matando o boi, repartindo o boi, comendo o músculo e aproveitando os ossos e dando o filé para as multinacionais. A atividade do intermediário no Brasil é a mais cômoda e lucrativa. Isto em todos os setores.

Entende o Deputado Tarcisio Delgado que está na hora de se promover uma campanha nacional para que a Petrobrás, o quanto antes, estenda o monopólio também à distribuição da gasolina.

— Vamos responder aos insidiosos e solertes avanços das multinacionais sobre a Petrobrás com o disfarce dos contratos de risco com um movimento nacionalista de extensão do monopólio da Petrobrás à distribuição, principalmente de gasolina. Isto nos impõe não só o nosso compromisso com o futuro do Brasil, como o respeito à memória de tantos que deram seu sacrifício, sua disposição e até a sua vida para a criação desta que é hoje a maior empresa brasileira, a nossa Petrobrás.

na Mesbla

DUAS OFERTAS PRÁTICAS PARA SUA CASA

Tábua de Passar Roupa Patamar com armação em ferro tubular, descanso para ferro. Pés com ponteiras de borracha anti-derrapantes. Oferta da sua loja Mesbla: De 119, por somente....................

98,

Secador de Roupa para teto, plastificado. É leve e fácil de usar. Controles através de fios. Regulável a qualquer altura. Oferta da sua Mesbla: De 75, por apenas..........

63,

Instalação Grátis.

PASSEIO MÉIER TIJUCA NITERÓI V. REDONDA

na Mesbla

UMA ÓTIMA SUGESTÃO PARA A SUA COZINHA

Batedeira Walita. Bate amassa e mistura qualquer massa. Controle de velocidade "toque pluma". Acompanha duas tijelas e batedores ejetáveis. Oferta: De 399, por somente

349,

ou em mensalidades de **29,**

PASSEIO MÉIER TIJUCA NITERÓI V. REDONDA

CPM/1.692

Estafa e labirintite rondam Ministério que nunca tira férias

Henrique Gonzaga Jr.

Brasília — Na festa de aniversário do Ministro Shigeaki Ueki, o telefone toca chamando-o do Palácio do Planalto. "Parabéns pelos 40 anos", cumprimenta o Presidente Geisel. "Sinto-me um jovem de 20", responde o Ministro do outro lado da linha. "Ótimo, então conserve a energia de 20 mas busque a experiência dos 80", completa o Presidente da República. Este Ministro é mais da Energia que das Minas, comentariam depois seus assessores em tom de blague. O exemplo, no entanto, não serve para todos os Ministros de Estado, muitos dos quais com problemas constantes de estafa que os obrigam a uma medicação à base de fosfato e ácido glutâmico para regeneração metabólica das células nervosas. Por que Ministro de Estado não tira férias? — reclama a maioria dos médicos que cuidam de sua saúde

Ueki: a energia dos 20 anos

Quandt: o repouso em casa

Simonsen: exercícios matemáticos

Nei Braga: as vitaminas por rotina

Dirceu: desconforto nas viagens

De maneira geral nenhum Ministro de Estado escapa de um dos três tipos de problemas mais comuns: [illegible] ou distúrbio gas-[illegible]. A estafa decorre em todos os [illegible] excesso de trabalho e, [illegible], da falta de método [illegible] serviço. Problemas [illegible] frequentes entre os Ministros que mais viajam, notada-[illegible] aqueles que, por ne-[illegible] a áreas da Amazônia [illegible] acesso, utilizam aparelhos [illegible]. O próprio Minis-[illegible] dos Transportes, General Dirceu [illegible] não se dá muito bem com [illegible] transportes aéreos. Padece de [illegible] de labirintite, embora [illegible] estado de saúde. [illegible] assiduidade e ca-[illegible] Península [illegible] não raro en-[illegible] Ministro da Aeronáutica, [illegible] Macedo, tam-[illegible] passeio a [illegible] a noite.

[illegible]

[illegible] 14 mil quilo-[illegible]. No final de 1974 [illegible] o equivalente a uma [illegible].

[illegible] gástricos tam-[illegible] frequentes en-[illegible]

[illegible] Dias Coutinho [illegible] carreira [illegible] Ministro [illegible]. O General era um bo-[illegible] praticava esportes [illegible] antes de ir para o [illegible] depois que as-[illegible] o Ministério, passou a uma [illegible]

[illegible]

paulista. O secretário-geral do Ministério das Comunicações, Coronel Helio Gomes do Amaral — nomeado logo no início da atual administração — só permaneceu uma semana nas funções. Um infarto fulminou-o tão logo iniciou um ritmo de trabalho que se iniciava às 7h e ia até às 21h. O titular da Pasta, Comandante Euclides Quandt, é um homem extremamente organizado. Não leva trabalhos para casa nem se encarrega deles nos fins de semana. Costuma dizer que aquilo que não deu conta durante a semana não será no sábado ou no domingo que irá resolver. Desde que assumiu a Pasta, adotou o princípio de não marcar compromissos de qualquer espécie nos fins de semana. E' um princípio solitário. Os demais Ministros, de uma maneira geral, não pensam assim.

O Ministro da Saúde, Sr Almeida Machado, já teve um infarto do qual está hoje completamente [illegible]. Mas ao contrário do Ministro das Comunicações, adotou o princípio de fazer as viagens por necessidade de serviço nos fins de semana para não interromper a rotina da Pasta de segunda a sexta-feira. Leva serviço para casa e destrincha-o com auxílio de duas filhas, suas secretárias particulares. Sábado à tarde é visitado invariavelmente por assessores e altos funcionários que lhe ministram, em conta-gotas, probleminhas do Ministério. No domingo, o Ministro viaja a serviço para qualquer ponto do País. Muitas vezes retorna no mesmo dia. Há muitos anos que não tira férias.

— Sempre fiz o que gosto e nunca me cansei de fazer aquilo que gosto — foi sua resposta ao ser indagado a respeito de férias.

NINGUÉM QUER FÉRIAS

Na verdade, se o Governo cogitasse de adotar férias para os Ministros de Estado, teria que impô-las porque, na prática, ninguém quer tirá-las. Ninguém consegue ficar longe dos problemas do Ministério. O Ministro do Trabalho, Sr Arnaldo Prieto, costuma retornar solitariamente ao Ministério nos dias de sábado e domingo para estudar processos e discutir problemas com assessores que convoca nessas ocasiões. Sua pressão é alta (14/10, segundo a escala clínica) e atinge níveis impressionantes quando se irrita com algum problema. Como Ministro do Trabalho, seu maior problema médico é o excesso de trabalho, embora padeça também de uma insuficiência renal. Recentemente, ao tomar uma injeção para fazer um exame num consultório da Rua da Praia, em Porto Alegre, sofreu um choque anafilático e teve que ser socorrido às pressas. Argumenta que não tem tempo para fazer ginástica e seu único exercício é um banho de piscina em raras oportunidades domingueiras.

De uma maneira geral, todos os Ministros de Estado procuram fazer algum tipo de exercício, sendo mais comuns as longas caminhadas, bicicleta, ciclovel, natação e ginástica.

O Ministro do Trabalho não se dá muito bem com injeções, preferindo a flora medicinal homeopática. Já o Ministro da Educação, Sr Nei Braga, recebe quase diariamente a visita de uma enfermeira do Serviço Médico do Senado para ministrar-lhe doses de vitaminas e outros compostos capazes de minorar o sofrimento de uma enxaqueca permanente, companheira de muitos anos. O Ministro come pouco e as vitaminas complementam sua carência alimentar.

O Ministro dos Transportes, General Dirceu Nogueira, convocou seu médico particular, Dr Cesar Vieira, para acompanhá-lo na viagem que fez recentemente a Cochabamba. As grandes altitudes sempre infundem um certo temor. O Ministro passou bem o tempo todo, mas o médico teve que ser socorrido. A altitude lhe fez mal.

ESTAFA, O MAIS COMUM

O traço de união entre quase todos os Ministros parece ser o excesso de trabalho e a consequente estafa, não a fadiga pesada que derrubou, por exemplo, o moço Cirne Lima, no Governo passado, obrigando-o a um mês de repouso. Mas o stress constante, desgastante, ininterrupto.

Foi o excesso de trabalho o responsável pelo espasmo cerebral de que foi vítima o secretário-geral do Ministério da Previdência Social, Sr Godofredo Carneiro Leão, há cerca de seis meses. Já está recuperado clinicamente e voltou ao Ministério como assessor. O cargo que ocupava foi confiado ao Sr Paranhos Veloso, seu grande amigo, que só assumiu depois de apelo pessoal do próprio ex-titular manifestando-lhe a impossibilidade de reassumir as exaustivas funções.

O Ministro da Fazenda Sr Mário Henrique Simonsen, acaba de descobrir que está ficando calvo muito depressa — preocupação que tem manifestado a seus amigos. Em outras épocas sempre conseguia tempo para praticar tênis e natação e dedicar-se ao xadrez — o único hábito que ainda não abandonou. Agora, diverte-se, quando pode, resolvendo equações com uma máquina eletrônica. Fuma tanto quanto lê e começou a estudar russo. Esporte que é bom, já não tem tempo.

O Ministro da Agricultura diverte-se muito com uma bicicleta de seis lugares, do tipo daquelas que existem na Ilha de Paquetá, levando atrás suas crianças pela Península dos Ministros. Além dessa, tem outra que utiliza para fazer exercícios e divertir-se: num domingo foi de bicicleta comprar pão no Centro Comercial do Lago Sul.

UM BOM EXEMPLO

De todo o Gabinete presidencial, o melhor exemplo de disposição física parte do próprio Presidente Geisel, que tem hábitos sistemáticos dos quais só abre mão quando deixa Brasília para alguma viagem. Acha inclusive que as viagens recuperam suas energias, pois quebram a rotina palaciana. O Presidente da República acorda às 6h e faz ginástica antes de iniciar seu trabalho no Palácio do Planalto, às 9h. Cochila sempre depois do almoço cerca de 30 minutos. O hábito é tão forte que nem usa despertador. Meia hora depois está novamente de pé, passando então para uma rápida leitura de serviço em seu escritório, antes de se dirigir ao Palácio do Planalto, onde reassume às 15h. Tem eliminado frequentemente o trabalho vespertino no Palácio às sextas-feiras indo para a Granja do Riacho Fundo ao meio-dia, de helicóptero. Ali não recebe ninguém, exceto aqueles funcionários que são amigos da família: o Sr Humberto Esmeraldo, e o Coronel Morais Rego, por exemplo. Antes de assumir a Presidência da República, seus assessores divulgaram um boletim médico retratando suas boas condições de saúde que vêm sendo mantidas sem alteração. A disposição e o método de trabalho do Presidente da República são exemplos para os Ministros de Estado, mas poucos são aqueles que seguem seus passos. Não há normas de saúde preestabelecidas, embora a maioria dos Ministros se submeta a dois check-ups por ano. O que é certo é que muitos deles chegarão ao final do Governo com um quadro clínico bem diferente daquele do dia em que assumiram o cargo.

HERCULES INGRESSA NA INDÚSTRIA PESADA

[illegible] Empreendimentos Agroindustriais S/A [illegible] européia, em sua usina [illegible] com a Gebruder [illegible] Alemanha [illegible]

Essa associação, que se fará mediante participação acionária da Hi[illegible] na Hércules Empreendimentos Agroindustriais, promoverá expressivo aporte de capital e, também, ainda de muito maior significado, de tecnologia altamente especializada na produção de cimento, cal, carbureto e carbonita, além de dotar o Brasil de nova e [illegible] fábrica de equipamentos pesados. Os entendimentos [illegible] foram realizados com o Dr. Rudolf [illegible], titular da empresa alemã, tendo o acordo sido assinado [illegible] pelos Drs. Manfred Schmidt, Theodor Bellmann e Kurt [illegible] e pelos diretores Gustavo [illegible] Paes dos Santos [illegible] Eduardo dos Santos, pela Hércules [illegible]

[illegible]

Deputado diz que sofre pressões mas se recusa a apontar de quem vêm

Belém — O Deputado Leandro Santana Costa (MDB), cuja extinção do mandato foi pedida à Mesa Diretora da Assembléia Legislativa pelo advogado Benedito Ferreira, sob a alegação de que em 1964 foi demitido do DER a bem do serviço público, revelou ontem que está sofrendo toda sorte de pressões para renunciar ao mandato, mas preferiu manter reservas sobre como ou quem vem exercendo tais pressões.

O parlamentar, que tem recebido a solidariedade dos seus colegas e, inclusive, de deputados federais — com exceção dos quatro deputados que integram o grupo do Sr Vicente Queirós — não pretende renunciar, mas não consegue esconder seu desgaste com o escândalo. Segundo afirmou, o objetivo do grupo dissidente do MDB era exatamente esse, o de provocar escândalo e levá-lo à renúncia.

NA COMISSÃO

Só na terça-feira é que a Comissão de Justiça da Assembléia Legislativa apreciará, em reunião extraordinária, o parecer do relator Osvaldo Brabo de Carvalho sobre a representação do advogado Benedito Ferreira. Esperava-se que o assunto fosse apreciado na reunião ordinária da Comissão sexta-feira passada, mas o Deputado Brabo de Carvalho disse que só apresentaria seu parecer terça-feira porque precisava estudar a legislação com profundidade.

O Deputado Vicente Queirós, que foi apontado como o autor da representação, e que também integra a Comissão de Justiça, prometeu para amanhã um pronunciamento sobre o assunto, quando [illegible] todos os acontecimentos que [illegible] da liderança [illegible]

Tarcisio Delgado quer ação nacional para impedir que se façam contratos de risco

Brasília — O Deputado Tarcisio Delgado (MDB-MG) considera tão importante o problema dos contratos de risco com a Petrobrás, que ele chama de "famigerados", que propõe um movimento nacional de opinião como o que foi desenvolvido para a criação da Petrobrás.

Em declaração que fez ontem em Brasília, o parlamentar mineiro afirma que todos os nacionalistas conscientes, os que "têm o sentimento puro de defesa de nossa economia contra os exploradores internacionais, não devem sequer cogitar dos contratos de risco.

Os ossos e o filé

— Por que conservar o monopólio para a atividade mais árida e difícil que é a exploração do petróleo — pergunta ele — e deixar o setor mais simples e lucrativo, que é a distribuição, para as empresas estrangeiras e multinacionais?

Apesar de todo o êxito, a Petrobrás continua criando o boi, matando o boi, repartindo o boi, comendo o músculo e aproveitando os ossos e dando o filé para as multinacionais. A atividade de intermediário no Brasil é a mais cômoda e lucrativa [illegible]

[illegible]

que a Petrobrás, o quanto antes, estenda o monopólio também à distribuição da gasolina.

— Vamos responder aos insidiosos e sutis avanços das multinacionais sobre a Petrobrás com o [illegible] dos contratos de risco com um movimento nacionalista de extensão do monopólio da Petrobrás à distribuição, principalmente de gasolina. Isto [illegible]

[illegible]

DUAS OFERTAS PRÁTICAS PARA SUA CASA

Tábua de Passar Roupa Patamar com armação em ferro tubular, descanso para ferro. Pés com ponteiras de borracha anti-derrapantes. Oferta da sua loja Mesbla: De 119, por somente ....

Secador de Roupa para teto, plastificado. É leve e fácil de usar. Controles através de fios. Regulável a qualquer altura. Oferta da sua Mesbla: De 75, por apenas..........

Instalação Grátis.

PASSEIO MÉIER TIJUCA NITERÓI V. REDONDA

UMA ÓTIMA SUGESTÃO PARA A SUA COZINHA

Batedeira Walita. Bate amassa e mistura qualquer massa. Controle de velocidade "toque pluma". Acompanha duas tijelas e batedores ejetáveis. Oferta: De 399, por somente

349,

ou em mensalidades de

PASSEIO MÉIER TIJUCA NITERÓI V. REDONDA

na Mesbla
OFERTA PARA GENTE JOVEM

Collant para menina, com estampa no busto, tamanho 6 a 16. Você poderá usar com qualquer conjunto. Oferta da sua loja Mesbla: somente........ **29,**

Collant para meninas, linha Marinheiro, tamanhos 6 a 16. Excelente caimento, corte bem anatômico. Oferta da sua loja Mesbla: Apenas................. **35,**

Saia para menina em brim, [illegible] de corte bem [illegible] e anatômico. Para as meninas elegantes. Tam. 6 a 16. Na Mesbla: De 89, por somente.. **49,**

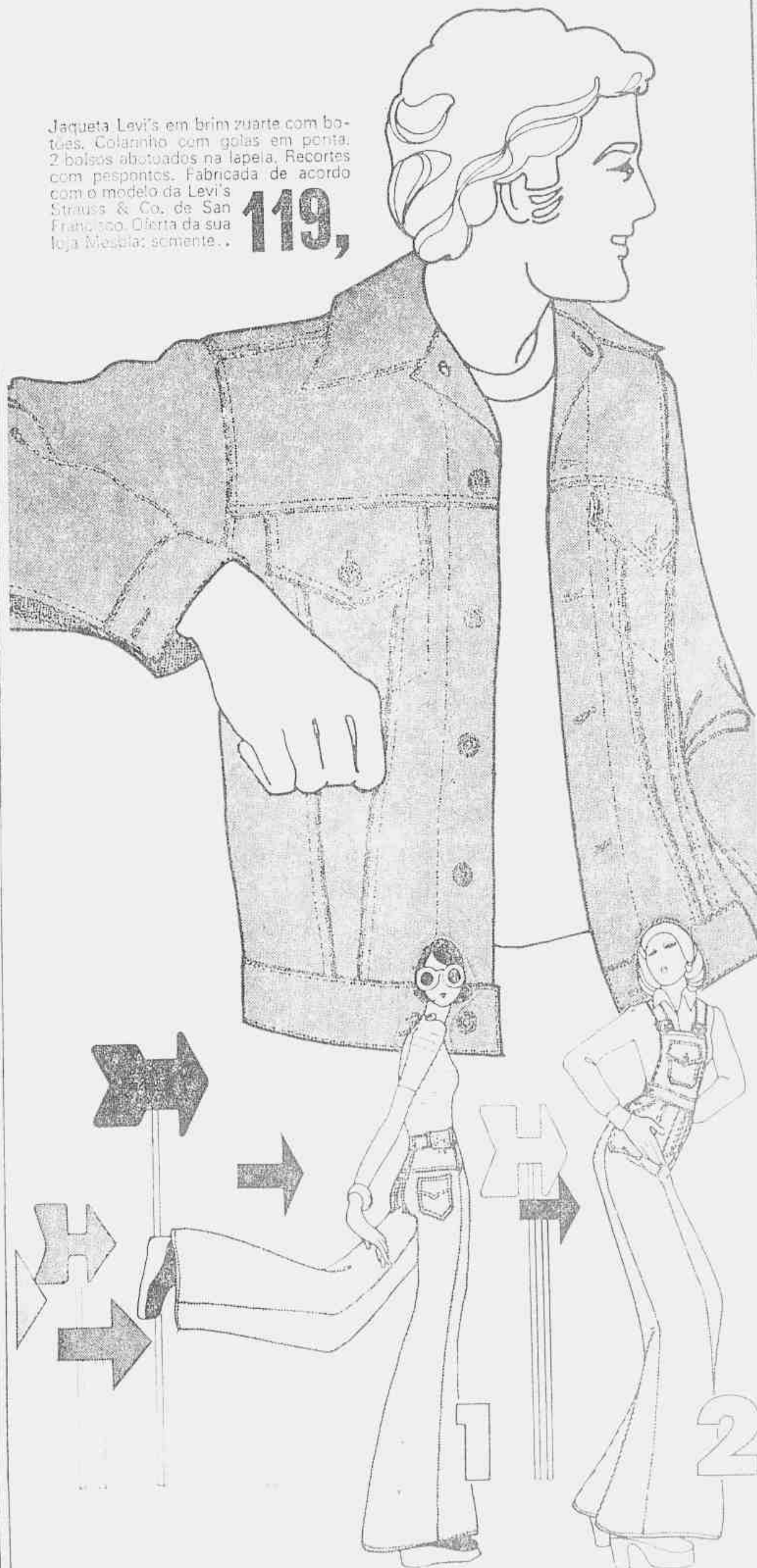
Saia para menina em brim, moderna e bonita, com excelente caimento. Tamanhos 6 a 16 anos. Oferta da sua loja Mesbla: De 89, por apenas.......... **49,**

RESTAURANTE PANORÂMICO. ÚNICO COM ESTACIONAMENTO GRÁTIS

Mesbla

PASSEIO MEIER TIJUCA NITERÓI V. REDONDA

na Mesbla
OFERTA PARA GENTE JOVEM

Jaqueta Levi's em brim zuarte com botões. Colarinho com golas em ponta. 2 bolsos abotoados na lapela. Recortes com pespontos. Fabricada de acordo com o modelo da Levi's Strauss & Co. de San Francisco. Oferta da sua loja Mesbla: somente.. **119,**

Todo mundo está comprando Levi's na Mesbla. Todo mundo

1 Calça Levi's em brim zuarte. 2 bolsos na frente e [illegible] atrás, todos pespontados. [illegible] exclusivo [illegible]. Combina com a jaqueta Levi's e tem um preço muito bom: Apenas..... **109,**

2 Macacão Levi's [illegible] em brim [illegible] e [illegible]. Bolsos [illegible] 2 bolsos [illegible] ajustáveis [illegible]. Na sua loja Mesbla. Somente........ **189,**

RESTAURANTE PANORÂMICO. ÚNICO COM ESTACIONAMENTO GRÁTIS

Mesbla

PASSEIO MEIER TIJUCA NITERÓI V. REDONDA

na Mesbla

VOCÊ SABE ONDE ESTÁ PISANDO

Forração de nylon Tabacow 6 mm dublado, resistente e antialérgico, cores vivas e com base dupla contra ruídos. Moderna e bonita. Oferta da sua Mesbla:..

139,m² por **122,m²**

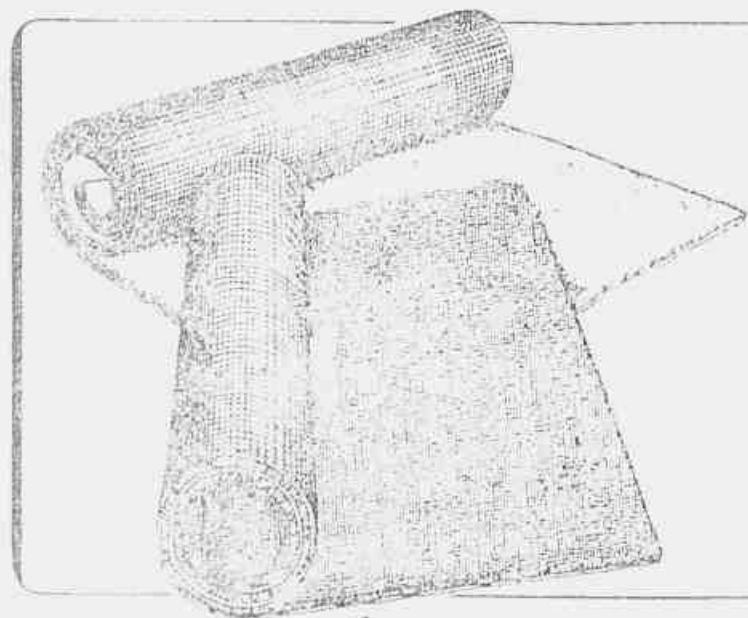
Tapete Pérsia no tamanho 2,00 x 2,50 em lã com desenhos orientais. Base de juta em lindas cores. Na Mesbla: de **949,00** por apenas

799,

ou em mensalidades de **54,**

Tapete Floral tamanho 1,37 x 2,00 de bonita lã, desenhos em toda a extensão. Para embelezar ainda mais a sua casa ou apto. Na sua loja Mesbla: de **499,00 por apenas**

444,

ou em mensalidades de **30,**

Forração de Acrílico TABACOW - mais um lançamento em tapeçaria. A forração que substitui a tradicional lã com grandes vantagens. É antialérgica, lavável, resistente e de fácil limpeza. Oferta da sua loja Mesbla:

De 119,00 m2

por apenas **99,m²**

Mesbla

PASSEIO NITERÓI MEIER TIJUCA V. REDONDA

na Mesbla

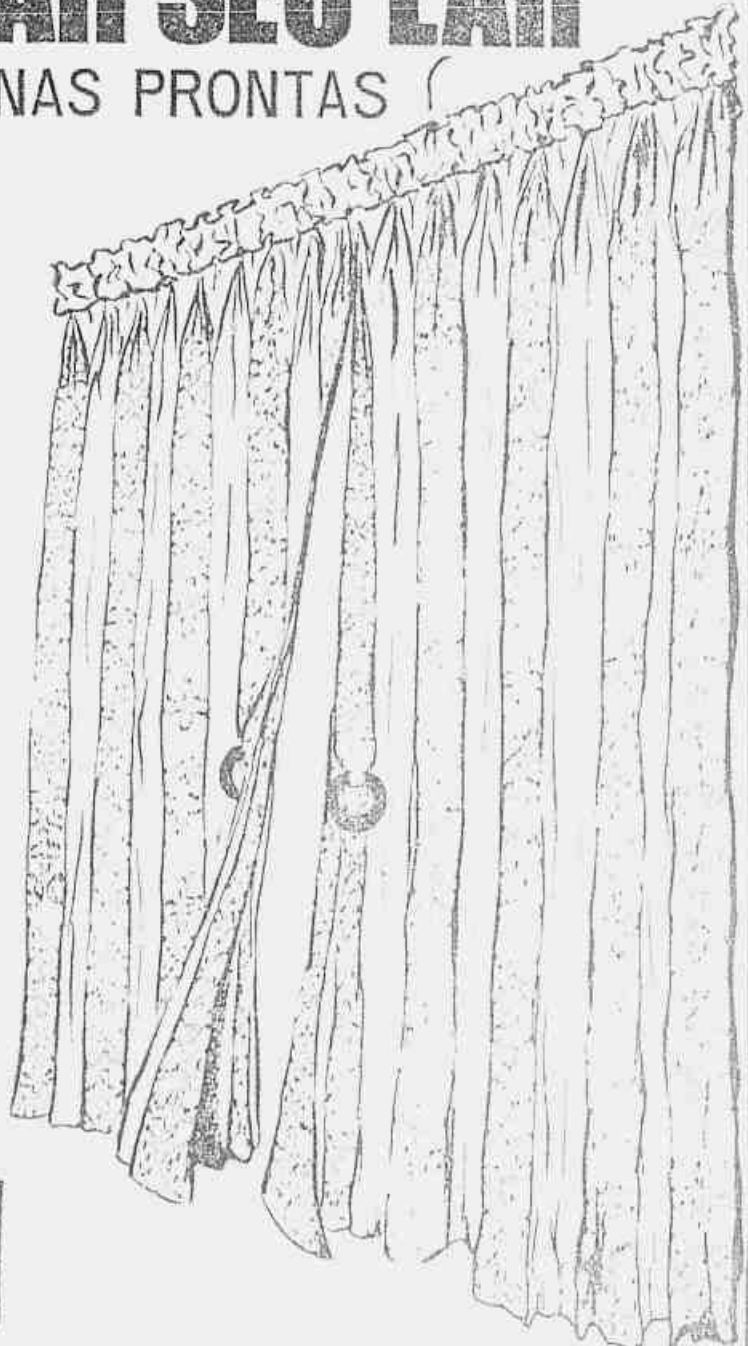
OFERTA PARA VOCÊ DECORAR SEU LAR

CORTINAS PRONTAS

Cortinas prontas - confeccionadas em Tafetá bordado. Acabamento perfeito. Com pregas americanas, gravatas e argolas de madeira. Um toque de classe. Tamanho 3,00x3,00. Oferta da sua loja Mesbla:

450,00

ou em mensalidades de somente

30,

Cortinas prontas - Confeccionadas em Tergaline estampado. Pregas americanas, gravatas, argolas de madeira, trilhos e os demais complementos. Tamanho 3,00 x 3,00.

Na Mesbla: **677,**

ou em mensalidades de somente **44.**

GRÁTIS:

trilho, argolas, rodízios e ainda a instalação. E como BRINDE você ganha na compra de uma cortina: 3 lindas almofadas em tecido. Aproveite.

NOVIDADE

Visite a nova seção de quadros. Reproduções das mais famosas obras. Preço especial de lançamento da sua loja Mesbla PASSEIO, a partir de

55,00

Mesbla

PASSEIO NITERÓI MEIER TIJUCA V. REDONDA

Maranhão não dá título de terras de quem não era dono

São Luís — Depois de por muitos editais convocar em 1973 candidatos a colonizar terras devolutas, o Estado do Maranhão entende agora que não pode liberar os títulos de propriedade concedidos pela Comarco — Companhia Maranhense de Colonização, por "haver incerteza do domínio, pelo Estado, das terras que este pretendeu transferir ao domínio de sua empresa de colonização."

O parecer é do Secretário do Interior e Justiça, Sr Pires de Sabóia, que contesta o próprio Estado, que antes avalizava a operação com o aval do Incra e aceitava a ata da assembléia-geral da Comarco. Agora está em jogo e a perigo o investimento de mais de 20 empresas que tenderam aos editais e entraram forte no jogo de um assunto muito delicado — o da terra, sua posse, seu usufruto, benfeitoria e alienação.

A Companhia Maranhense de Colonização — Comarco não sabe informar quantas glebas vendeu e seu presidente, Sr Aristides Simas, diz que "só depois de pegar processo por processo, para somar, é que saberá quanto foi arrecadado nessas transações e a que empresas foram passados recibos como se fossem títulos provisórios."

Acrescenta que todos os empresários adquirintes de terras pagaram, além do sinal, imposto territorial rural, taxa de inscrição e outras. O dinheiro, afirma, foi empregado todo no projeto de colonização, em transportes, manutenção de veículos, estabelecimento de infra-estrutura, saneamento básico.

HISTÓRIA

Foi na administração anterior que se criou a Comarco para promover e realizar estudos, projetos e serviços relacionados com o desenvolvimento dos programas de colonização do Estado. O capital inicial foi de Cr$ 10 milhões (Cr$ 2 milhões em dinheiro, com recursos orçamentários transferidos, e Cr$ 8 milhões em terras devolutas).

Dezenas de empresas foram sensibilizadas e investiram em projetos de colonização ou agropecuária, com ajuda dos recursos dos incentivos fiscais da Sudene ou da Sudam. Além de pequenas firmas maranhenses, algumas de São Paulo, Paraná, Minas e Pernambuco firmaram contrato de compra de terras, muitas delas iniciando logo a ocupação da terra.

Depois, quando os títulos de posse foram a registro, a Justiça estadual cortou isso, alegando não terem as terras sido discriminadas. O novo Governo do Estado resolveu mandar parar tudo e recentemente, em nota oficial, afirma que não "convalidará a posse ilegítima sobre terras estaduais, inclusive as resultantes de ocupações autorizadas por órgãos públicos."

Sintonizado totalmente com o espírito da nota, o Secretário de Interior e Justiça, Sr Pires Sabóia, emite parecer em que diz não serem válidas as incorporações de terras do Estado promovidas pela Comarco.

O projeto pioneiro de ocupação das terras devolutas do Maranhão circunscreve, em linhas gerais, uma área de 1 milhão 700 mil hectares, delimitada entre o Município de Santa Luzia, descendo até o Município de Grajaú, pelo Leste, e confinando, pelo lado Oeste, com Amarante do Maranhão, rio Buriticupu e Monção. Esta faixa engloba parte dos Municípios de Grajaú, Lago da Pedra, Vitorino Freire, Pindaré-Mirim, Santa Luzia e Amarante do Maranhão, que foi dividida pela Comarco em três glebas com lotes de 3 mil a 5 mil hectares, até lotes de 20 mil a 25 mil hectares

IMPREVISÍVEL

Sobre a devolução ou não do dinheiro arrecadado dos empresários, diz o presidente da Comarco que é assunto a ser estudado, pois ainda não sabem as autoridades se receberão ou não as terras de volta. E acrescenta:

— Nenhuma ação foi proposta até agora pelos empresários contra a Comarco. Considero mesmo bem oportuno para o caso que o Estado promova uma ação discriminatória, após a qual todos os processos seriam reexaminados. Por enquanto, é inteiramente imprevisível como acabará essa novela.

Informa o Sr Aristides Simas que muitas áreas da questão vêm sendo invadidas, principalmente por grileiros de outros Estados, mas "tudo tem sido atendido prontamente, estando as autoridades em contato permanente com os serviços de segurança, que têm agido".

— Na área de Maracaçumé e na de Santa Luzia ainda não houve qualquer conflito armado ou de conseqüências maiores. Ao mesmo tempo, há vários projetos em fase de aplicação e a atitude da Comarco, por enquanto, em face de empresários tidos como lesados, é de tolerância.

Inventário falso foi obstáculo

Recife — Mais de 20 empresas, que já investiram muitos milhões de cruzeiros em projetos no Maranhão, esbarraram num inventário do século XIX, tido como falso pela Polícia Federal, o que levou insegurança e medo a 1 mil e 500 famílias e colonos instalados no interior do Maranhão, em área delimitada pelo Governo estadual.

Aparentemente desinteressado pela evolução do problema, o Governador do Maranhão, Sr Nunes Freire, lança culpa sobre a administração passada, enquanto nas terras em litígio — 1 milhão 700 mil hectares disputados a bala — consta que já morreram mais de 30 pessoas.

BATALHA E GUERRA

O campo da disputa está a 500 quilômetros da Capital do Maranhão, região que vive hoje sob tensão porque os títulos de posse de quem já investiu ainda não foram liberados. Nem o aval do INCRA, do qual são portadores, levou a Justiça a aceitá-los, pois há o embargo de uma contestação de Tariel Vilela, mineiro, Lauro Camargo, paulista, e Antônio Pádua Freitas, goiano, que apresentaram um inventário do século passado, a esta altura desmascarado pela Polícia Federal.

Terminada a batalha judicial, centenas de documentos tramitando na Justiça do Maranhão, entre eles um laudo pericial do Instituto de Criminalística do Ministério da Justiça, que concluiu pela falsificação do inventário, as terras readquiriram a característica de devolutas, mas o Governo estadual considerou a operação ilícita e não cedeu títulos de posse.

O impasse provocou a paralisação dos projetos, enquanto as repercussões de que as terras estavam sem dono provocaram uma verdadeira corrida de grileiros de todas as partes, que rapidamente constroem benfeitorias onde existe demarcação de glebas adquiridas.

Alguns empresários e pequenos proprietários que trabalhavam nas unidades já implantadas parecem dispostos a expulsar os "invasores" e vários foram os conflitos registrados. Advertida em memorial emitido pelos industriais, a Secretaria de Segurança Pública do Maranhão não tomou nenhuma medida e a cada dia aumenta a possibilidade de eventuais choques com os grileiros.

— Não posso dar coragem a quem não tem — teria dito o Governador Nunes Freire ao terminar uma reunião com os proprietários das glebas da área industrial que lhe foram pedir a cessão dos títulos de posse. Alegou o Governador que o Estado estava sofrendo um prejuízo incalculável no processo de recolhimento de impostos, gerando um grave problema social na área da Comarco, onde a Sudene tem projetos aprovados com emprego de recursos do sistema de incentivos fiscais 34/18.

PROJETO REVERSÍVEL

Ao considerar favoráveis os pareceres emitidos pelos técnicos do seu Departamento de Projetos e Operações, e cumpridas todas as exigências legais à tramitação do processo, o INCRA resolveu, em 1973, conceder à Comarco registro como empresa particular de colonização. A Comarco, em seguida, publicou editais nos principais jornais do país, pondo à venda uma área delimitada pelo território do INCRA e pela região destinada às empresas, a fim de acelerar o processo de aproveitamento dos recursos naturais da zona — uma das mais bem dotadas do Brasil.

Entre outras empresas, adquiriram terras a Sanbra, a Varig, os grupos Coelho, Meira Lins, Mataripe, Progresso, Assai Menko, Otaviano Duarte, Paulo Guerra, além da Itaqui Agropecuária e Siderúrgica Paulista, a maioria das quais começaram imediatamente a investir, com o incentivo indireto do Governo, que incluiu a área no Poloamazônia.

Quando a região, aparentemente virgem, começava a apresentar sinais de ocupação — vários campos de pouso foram construídos e a estrada ligando São Luís a Imperatriz está parcialmente asfaltada — surgiram os contestadores com inventários, que liquidavam a transação oficial e punham em dúvida o direito de posse.

O documento foi recusado pela Justiça e a questão agravou-se a partir do momento em que o Governo do Maranhão adotou uma posição de indiferença pela sorte do projeto de colonização, que parece ter considerado prejudicial aos interesses do Estado, como espécie de restrição à política da administração anterior.

APELOS E PROTESTOS

Nos últimos meses os representantes das empresas adquirentes têm se reunido constantemente, em busca de uma solução que parece tender acentuadamente para a dependência do Governador Nunes Freire, que chamou o caso a si. Ao chefe do Executivo os empresários entregaram memorial expondo as seguintes razões: as terras foram compradas em resposta aos editais publicados na imprensa do país, a fim de instalar empreendimentos na área da Comarco destinados a acelerar o processo de desenvolvimento regional e todos os candidatos foram habilitados com a documentação exigida por lei.

Além de outras razões, evidenciam que o interesse do Governo pelo êxito do empreendimento foi demonstrado pelo Presidente da República, ao incluir as terras vendidas pela Comarco na área selecionada para execução do Programa dos Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia-Polamazônia. Expostas as razões, eles "suplicaram" o empenho do Governo do Estado para o cumprimento dos compromissos assumidos, providenciando a assinatura das escrituras de venda das terras aos compradores."

ESFERA FEDERAL

Como não obtiveram resultado favorável junto à administração do Estado, resolveram advertir o Ministro Armando Falcão noutro memorial em que fazem as seguintes ponderações: os convites de compra foram feitos por editais publicados na imprensa; a Comarco é empresa oficial do Estado e, como tal, digna de crédito.

Na constituição da sociedade, o então Governador e o Secretário de Agricultura representaram pessoalmente o Governo na escritura pública, tendo declarado que as terras incorporadas eram devolutas, pertencentes ao Estado e se encontravam livres e desembaraçadas de quaisquer ônus.

O Senado Federal autorizou a alienação das áreas de até 25 mil hectares e o INCRA reconheceu a Comarco como proprietária rural sob o n.º 08297.770, portanto habilitada para a operação. No mesmo documento, eles informam que o Governo federal alocou recursos de Cr$ 75 milhões para execução do projeto Comarco e as empresas habilitadas adiantaram 25% no pagamento do preço ajustado com a empresa estadual de colonização.

As 19 empresas signatárias — uma das quais, o grupo Matari, investiu Cr$ 8 milhões na gleba adquirida — continuam aguardando solução enquanto suas terras estão sendo progressivamente invadidas pelos grileiros.

Denúncia aponta escravidão e assassinatos na Amazônia

Cuiabá e São Paulo — Uma denúncia feita por empreiteiros de peões contra várias empresas agropecuárias, de que diversos trabalhadores teriam sido assassinados e enterrados nas fazendas do poderoso grupo Rossi depois de serem submetidos durante anos a trabalho escravo, começará a ser apurada na próxima semana, sob pena de processo contra os acusadores.

De um lado estão os empreiteiros Porfírio e Eliseu Baez, que lideram um grupo de 40 peões brasileiros e paraguaios, e seu advogado Valdevino do Amorim. Do outro, dezenas de agropecuárias que operam na Amazônia legal, beneficiadas com incentivos da Sudam, entre elas a Agrolasa.

A DENÚNCIA

Em outubro do ano passado, o advogado dos irmãos Baez apresentou denúncia e pediu à Secretaria de Segurança de Mato Grosso abertura de inquérito, o qual entretanto, diz ele, sumiu. Reclamava salários que os queixosos alegam lhes serem devidos, e afirmava terem sido assinados recibos sob coação física.

Diz o advogado Valdevino do Amorim que a situação desses peões é igual à de milhares de outros, em dezenas de projetos agropecuários que recebem incentivos da Sudam. Garante que o caso da Agrolasa não é episódio isolado. Ali, os 40 peões empreitados pelos irmãos Baez foram contratados por Daltro Miranda, então gerente da Agropecuária Los Angeles S. A. — Agrolasa, com sede no Município de Diamantino. Após 120 dias de trabalho, o gerente, em vez de pagar o combinado, e com a ajuda de dois soldados, um cabo da Polícia Militar e alguns jagunços, obrigou-os a assinar recibos frios de quitação sob espancamento e ameaças de morte. Em seguida, foram todos postos num caminhão e abandonados em Várzea Grande, distante 600km da fazenda.

MAIS IRREGULARIDADES

Denuncia ainda o advogado que André Martins e outros trabalhadores vivem há mais de oito meses sob regime de escravidão na fazenda da Agrolasa. Acusa também o gerente Daltro Miranda de roubar dinheiro do grupo Agrolasa e com ele ter comprado uma fazenda em Rosário Oeste, também Mato Grosso. Miranda deixou mais tarde a empresa, mas em São Paulo seu diretor Samir Ari não lhe faz qualquer acusação. Sobre a denúncia, diz o Sr Samir Ari que nada pôde apurar: "O dinheiro (Cr$ 71 mil 705 e 64 centavos) para pagar os empreiteiros e peões saiu de São Paulo e chegou à fazenda, e, pelos recibos que a empresa possui, eles receberam seus pagamentos."

Os recibos, dos quais o gerente Daltro Miranda tem cópias, são em papel sem timbre e incluem a estranha declaração: "Comprometo-me a não me queixar desta empresa nem neste presente momento, nem futuramente."

Embora se tratasse de escravidão branca, a denúncia do advogado Valdevino do Amorim não foi recebida em outubro de 74 pela Delegacia Regional da Polícia Federal, sob alegação de que o assunto não era de sua competência. Na área da Secretaria de Segurança, o delegado Benedito Bruno, de Rosário Oeste, foi chamado a depor em Cuiabá mas não compareceu.

— Houve uma audiência no dia 4 de novembro, alguns envolvidos foram ouvidos, mas o inquérito sumiu. Agora vou pedir a interferência da 9a. Divisão do Exército, em Campo Grande — diz o advogado.

INJÚRIA E DIFAMAÇÃO

Em São Paulo, neste fim de semana, a direção da Agrolasa decidiu que interpelará judicialmente os irmãos Porfírio e Eliseu Baez, assim como seu advogado Valdevino do Amorim, para que confirmem, ou não, as denúncias sobre escravidão branca e assassinatos nas fazendas do grupo Rossi.

O diretor da Grolasa, Sr Samir Ari, informou que o texto da interpelação já está pronto. Antes, porém, pretende a empresa confirmar junto ao Ministério da Justiça o que existe, de fato, contra ela. Isto será feito na próxima terça-feira, quando a Agrolasa enviará a Brasília seu advogado César Augusto Pereira.

O Sr Samir Ari disse que a Agrolasa colocará toda a sua documentação à disposição do Ministério da Justiça a fim de que este se pronuncie sobre a questão. Acrescentou que, existindo realmente a carta-denúncia, a empresa moverá contra os acusadores processo por injúria e difamação, contando para isso com o apoio e a assistência jurídica da Associação dos Empresários Agropecuários da Amazônia.

O presidente desta Associação, Sr João Carlos Meireles, considera "improcedentes e falsas" as acusações que pesam sobre a Agrolasa e afirma que "atualmente é na Amazônia que as leis trabalhistas estão sendo cumpridas da melhor forma."

Sudam sabe do desvio de verbas

São Paulo — A Sudam admite que, dos 518 projetistas agropecuários e industriais existentes na Amazônia legal e beneficiados com seus incentivos, "uma centena tenha sido mal sucedida ou apresentado dificuldades", o que não chega a ser um insucesso total "pois a maioria está sendo muito bem sucedida."

O superintendente da Sudam, Sr Hugo de Almeida, reconhece que "tem havido casos de desvio ou má aplicação de recursos dos incentivos fiscais, mas perfeitamente sob controle do órgão, que várias vezes moveu processo penal e civil contra as empresas envolvidas." Questões trabalhistas ou policiais, entretanto, escapam à competência da Sudam.

O ÊXITO

Para mostrar o sucesso da maior parte dos projetos agropecuários instalados na Amazônia mato-grossense, o Sr Hugo de Almeida citou que as realizações físicas ali existentes superam em 10 vezes o volume de Cr$ 1 bilhão 618 milhões aplicados na área, proveniente de recursos dos incentivos fiscais da Sudam. Dos 182 projetos na Amazônia já incluídos na programação do Finam, 34 receberam recursos de Cr$ 208 milhões e, até o final do ano, todos os projetos serão contemplados com Cr$ 1 bilhão e 300 milhões.

Dos 518 projetos instalados, 322 estão em fase de implantação e, destes, 182 estão incluídos na programação do Finam. Os demais vêm sendo executados com recursos próprios das empresas, sem necessidade dos incentivos, e "uma centena está com problemas de diversos tipos, não tendo entrado ainda na programação.

Quanto às denúncias envolvendo problemas trabalhistas ou policiais nas áreas dos projetos agropecuários — consta que na Justiça do Trabalho, em Cuiabá, existem quase 6 mil processos desse gênero — o Sr Hugo de Almeida disse que a Sudam "não é um órgão policial, não lhe competindo os problemas entre trabalhadores e patrões, pois para a liberação de recursos o órgão exige certidão negativa das empresas, expedida pela Justiça do Trabalho."

Regiões Metropolitanas já começam a dar resultado

Criadas em junho de 1973, as nove Regiões Metropolitanas existentes no país começam a sair da fase de diagnósticos e planejamentos para entrar na de execução. Os resultados desta experiência administrativa já se fazem sentir em todas elas, e, ao contrário do esperado, não há qualquer ressentimento dos municípios quanto a uma limitação de sua autonomia.

"Distensão urbana", por outro lado, é como o Ministro do Planejamento, Sr Reis Veloso, define os resultados que o Governo federal espera obter de suas iniciativas de quarta-feira passada, quando consolidou o programa de investimentos urbanos para o período 1975/79 e propôs ao Congresso a criação do Fundo Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Urbano e da Empresa Brasileira dos Transportes Urbanos.

Com relação a estas medidas, que permitirão um investimento de Cr$ 247 bilhões no desenvolvimento das grandes cidades brasileiras, assinala o Ministro:

— As cidades já respondem atualmente por 85% do Produto Interno Bruto. Mais significativo ainda é que da opinião pública dos grandes centros urbanos sempre partiram os grandes movimentos e reformas nacionais — econômicas, sociais e políticas. E' preciso evitar que tais centros nevrálgicos, de produção e de mobilização nacional, continuem tendendo para níveis inaceitáveis de congestionamento e tensão. Prevê-se que, em 1979, tais regiões terão 10 milhões de veículos e 35 milhões de pessoas.

O presidente do Instituto de Planejamento Iplan, economista Roberto Cavalcante de Albuquerque, terceiro homem na hierarquia do Ministério do Planejamento, esclarece que, depois da criação das nove Regiões Metropolitanas do país pela Lei Complementar nº 14, em 1973, o primeiro grande passo da reforma urbana foi a definição das diretrizes de atuação da Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana (Cnpu).

Seguiram-se, como segundo passo, estudos técnicos sobretudo relacionados com o Grande Rio, em vista da fusão da Guanabara com o Estado do Rio. Mais recentemente, convênios celebrados pelo Governo federal, através da Cnpu, com todas as Regiões Metropolitanas, permitirão a definição dos programas prioritários a serem desenvolvidos em cada uma delas. Por fim, preparou a Cnpu os documentos básicos que resultaram na criação de aproximadamente 600 centros sociais urbanos em todo o país, cuja implantação, já iniciada, deverá absorver Cr$ 2,1 bilhões até 1979.

Além disso, coube à Cnpu elaborar o programa de apoio ao desenvolvimento dos pólos econômicos, a ser implantado pelo Banco Nacional da Habitação, e outros programas específicos. Credita-se ainda à Cnpu a preparação dos documentos aprovados na última quarta-feira pelo Presidente da República, bem como os estudos que se realizam para a institucionalização da reforma urbana, notadamente no que diz respeito ao uso do solo, questão que em breve irá ao Congresso Nacional sob a forma de projeto de lei.

Rio ataca problemas mais graves

Última a ser criada e a mais difícil delas, por integrar pólo e periferia antes separados por fronteiras políticas, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro é até agora, em termos de ação, a que mais se desenvolveu no país. Sem perder tempo com diagnósticos ou planos sofisticados, atacou com decisão problemas urgentes e óbvios de saneamento, saúde, segurança e transportes, com recursos no montante superior a Cr$ 10 bilhões.

Mas se este pragmatismo teve o mérito de entusiasmar 13 prefeitos na solução de graves problemas comuns, falta ainda ao sistema harmonizar-se justamente com o seu município-pólo, o do Rio de Janeiro. Nos quase seis meses de Região Metropolitana, em nenhum momento se sentaram à mesma mesa os técnicos da Fundrem e da Prefeitura carioca.

A rigor, sobrevive a fronteira que a fusão riscou do mapa, pelo menos em termos de Região Metropolitana, pela falta de entendimento entre as duas equipes — que no entanto se preparam, cada uma a seu modo, para o encontro inevitável. Segundo o Prefeito Marcos Tamoio, o Rio está ainda reunindo documentos e levantamentos "para acampar na Fundrem", enquanto esta colabora de todas as formas com os 13 demais municípios, preparando-os para o confronto com a Capital.

OS EFEITOS

— O resultado mais positivo do sistema foi tornar possíveis decisões a nível de Estado que contemplem problemáticas do Grande Rio, inclusive do seu pólo, a Capital, pois grandes problemas da antiga Guanabara não poderiam ser solucionados apenas na área do atual município, já em processo de megalópole — diz o Secretário de Planejamento, Sr Ronaldo Costa Couto, a quem está subordinada a Fundrem e que preside os dois Conselhos, Deliberativo e Consultivo, da Região Metropolitana.

Acrescenta que este fator é igualmente positivo para todos os demais municípios do Grande Rio, pois o processo de desenvolvimento urbano é único e exige soluções integradas, embora haja problemas nitidamente locais que cabe a cada Prefeitura resolver. Exemplifica citando os setores de transporte e trânsito — em que o Governo do Estado implementa projetos dentro de uma visão integrada, compreendendo ferrovias, rodovias, metrô, etc. — e ainda os de saúde, saneamento, segurança, combate à poluição da Baía de Guanabara, entre outros, dentro de uma perspectiva ampla de planejamento regional que era, antes, impossível.

A Região Metropolitana do Rio é pelos menos oito anos mais recente que as de São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, que, muito antes da lei federal que as instituiu, já haviam criado entidades específicas com este objetivo. O Grande Rio, então cortado pela divisa de dois Estados, carecia de um planejamento integrado e só agora a região está sendo estudada como um todo.

A Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Fundrem) teve, nesses seis meses, razões óbvias para não se definir. Os municípios do antigo Estado do Rio não tinham nem têm planos e são carentes de dados e estatísticas necessários a um bom planejamento. A Fundrem está assim em fase de levantamentos, embora já possa anunciar nos próximos dias haver chegado a uma primeira definição sobre áreas homogêneas.

Seu mérito maior, entretanto, foi o de partir para a execução de programas em setores realmente críticos, obtendo verbas federais para obras que iniciará em breve em toda a região, enquanto prepara diagnósticos para projetos a médio e longo prazos.

O sistema metropolitano, dizem os técnicos, carece de maior definição, que deveria partir do Governo federal, no tocante à autonomia municipal mantida por lei em obediência à Constituição. Uso do solo é a questão básica para o êxito ou fracasso do sistema. A discordância de um só prefeito pode comprometer todo um planejamento metropolitano — mas o problema deve ser resolvido brevemente por lei federal em elaboração.

O representante dos 13 municípios do antigo Estado do Rio no Conselho Deliberativo da Fundrem, Sr Acir Campos, técnico do DNOS que há oito anos convive com os problemas da região — especialmente da Baixada — não crê que a autonomia municipal constitua problema, pelo menos nesta fase embrionária da Região Metropolitana:

— Tenho amplo e permanente contato com todos os prefeitos do Grande Rio e posso afirmar que a palavra de ordem é colaboração e integração. Há confiança e esperança. Com a Fundrem, as Prefeituras têm agora um órgão a que recorrer e já o estão fazendo.

O Prefeito de Niterói, Sr Ronaldo Fabrício, apontando como primeira experiência positiva da Fundrem o equacionamento do programa de Saneamento básico, acrescenta que o levantamento aerofotogramétrico de toda a área deu, também, importante passo no sentido da integração dos municípios. Ele e os demais prefeitos do Grande Rio afirmam não temer qualquer ameaça à autonomia municipal, pois "enquadrar o plano diretor de um município dentro de diretrizes regionais não significa perda de autonomia".

Para os prefeitos de municípios menores, a criação da Região Metropolitana do Grande Rio representa "uma mudança para melhor, porque já se tem a quem recorrer para o planejamento e realização de nossa obras de infra-estrutura".

S. Paulo defende-se da poluição

Seis meses depois de implantada, com a criação em março último da Secretaria dos Negócios Metropolitanos, a Região da Grande São Paulo, abrangendo 37 municípios, começa a fazer sentir seus resultados. O mais importante, destacado pelo Secretário Roberto Cerqueira, é o projeto de lei em debate na Assembléia Legislativa para proteção dos mananciais e recursos hídricos da área na iminência de serem condenados pela poluição decorrente da expansão urbana desordenada.

— O problema é tão grave — diz o Secretário dos Negócios Metropolitanos — que a Companhia de Saneamento Básico do Estado abandonou como irrecuperável o reservatório do Baixo Cotia, já estando seriamente comprometida a qualidade da água da represa de Guarapiranga, responsável por mais de 50% do abastecimento da região.

O Plano de Emergência da Sabesp para a ampliação da rede de água, com ligações domiciliares gratuitas na periferia, também é resultado de um levantamento realizado pela Secretaria para identificar os problemas comuns às prefeituras. O plano permitirá abastecer, até meados de 1976, mais de 1 milhão e meio de pessoas.

Outro resultado das atividades da Secretaria foi a aprovação, pelo Conselho Consultivo da Grande São Paulo, da criação de um órgão metropolitano de operação e controle dos transportes públicos. Os prefeitos da região têm dado, até agora, total apoio às iniciativas em nível metropolitano, pois, segundo o Sr Cerqueira César, "não se cogita em invadir a autonomia dos municípios".

Grande BH sente os benefícios

Os prefeitos dos 13 municípios mineiros que constituem a Grande Belo Horizonte afirmam que o Plano de Desenvolvimento Integrado para a região, embora aprovado recentemente, já tem trazido concretos benefícios.

O Prefeito de Vespasiano (30 km da Capital), Sr José Viana, credita ao plano o surto de industrialização local, com a implantação de 20 novas indústrias, sem contar a expansão do sistema de telefones pela Telemig, que instalará mais 600 aparelhos, ligados à DDD, e a construção da rede de distribuição de água pela Copasa, beneficiando mil residências.

O Prefeito de Santa Luzia (20 km de Belo Horizonte), Sr Osvaldo Ferreira, prevê para breve a execução, dentro do Plano, de um programa turístico que criará ali áreas de lazer, além da construção de um Centro Social para assistência nos setores de saúde, educação e esportes. Santa Luzia já atingiu a saturação industrial e a função do Plano Metropolitano de Belo Horizonte (Plambel) será principalmente, ali, a de estabelecer normas para racionalizar a utilização do solo.

Não há qualquer reação dos municípios à ação do Plambel, cujo Superintendente, Sr Hélio Brás de Oliveira Marques, destaca como projeto mais importante a criação de um segundo Centro Metropolitano, nas imediações de Betim, com condições de gerar empregos secundários que absorvam a atual expansão de mão-de-obra.

Curitiba já vai começar

Já com um levantamento da região em vários aspectos — são 14 municípios, somando 1 milhão 100 mil habitantes — e dispondo de toda a massa de conhecimentos do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), a Região Metropolitana da Capital paranaense começa a sair do papel para a ação.

Amanhã tomam posse seus dois executivos, o coordenador-geral Vicente de Castro e o coordenador-técnico Omar Akel; a Coordenadoria da Região Metropolitana de Curitiba (Comec) espera ter pronto no máximo em quatro meses o documento com as diretrizes para o desenvolvimento da área. Já foram nomeados seus Conselhos Deliberativo e Consultivo e fixados seus quadros de funcionários e salários.

A médio prazo, será feito um levantamento aerofotogramétrico da região, para posterior elaboração do Plano de Desenvolvimento Integrado. "Mais do que uma intervenção, o necessário aqui é disciplinar o crescimento da área", diz o arquiteto Omar Akel.

Certas medidas preliminares foram tomadas, tais como a proibição da instalação de indústrias no Município de Piraquara, onde se localizam os mananciais que abastecem de água a região. Os prefeitos são receptivos à idéia da Grande Curitiba. Tanto que, em vez de se reunirem semestralmente, como determina o regulamento, eles fazem duas reuniões por mês para a discussão de problemas comuns.

Salvador preferiu pedir tempo

A Região Metropolitana de Salvador, integrada por oito municípios, levará ainda 90 dias para se tornar realidade — e isto no caso de começarem a ser postas em prática, imediatamente após a sua formulação, as diretrizes para o seu Plano de Desenvolvimento Integrado.

Por ora, praticamente nada foi feito, embora técnicos e prefeitos não vejam nisso uma distorção da política de desenvolvimento das regiões metropolitanas traçada pelo Governo federal, mas mera contingência da necessidade de estudos aprofundados dos problemas comuns à área.

O Prefeito de Salvador, Sr Jorge Hage Sobrinho, vê nessa demora um aspecto positivo: "Estamos em início de administração, o que torna mais fácil a execução de um plano integrado de desenvolvimento". E apóia o ponto-de-vista do presidente da Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador — Conder, economista Osmar Gonçalves Sepúlveda, de que o ponto de referência para análise do que foi realizado nesse setor deve ser o mês de março último, "pois foi com o atual Governo que se começou, realmente, a trabalhar para tornar a Região Metropolitana uma realidade".

Entre os prefeitos dos oito municípios não se manifesta nenhuma reação contra o Plano — graças, sobretudo, à participação de todos eles em sua elaboração, como membros do Conselho Consultivo da Conder.

Recife inspira-se no Pe. Lebret

Dados colhidos a partir das observações do Padre Lebret, na primeira metade do século, servem de base em Recife aos projetos que técnicos de alto nível, inclusive da Sudene, realizam para a implantação da Região Metropolitana, que engloba nove municípios.

Os estudos do religioso francês, que deixou em Pernambuco muitos seguidores, em sua maioria engenheiros, representam uma perfeita antevisão dos problemas urbanos hoje enfrentados por falta de uma estrutura de transporte de massa, adequada à topografia da Capital.

Além disso, foram realizadas importantes pesquisas que revelaram um quadro desolador: menos de 20% das comunidades dispõem de saneamento, abastecimento de água, ruas asfaltadas ou transporte satisfatório.

O Secretário de Planejamento de Pernambuco, Sr Luís Otávio de Melo, ex-auxiliar do Ministro Reis Veloso, articulou-se com os nove prefeitos — eliminando assim a idéia de que as áreas metropolitanas reduziriam seu poder político — e concluiu a montagem de dois programas que pretende acionar em tempo recorde. Um deles é o plano de saneamento, com recursos de Cr$ 120 milhões, destinado a dois setores superpovoados de Recife. Outro é a construção, iniciada na semana passada, da Rodovia Perimetral, avaliada em Cr$ 80 milhões e da qual participa a Prefeitura da Capital.

Porto Alegre foi a pioneira

A criação de planos diretores para os 14 municípios que formam a Grande Porto Alegre, adaptando os três já elaborados às necessidades de cada um, e a definição de áreas industriais na região Leste-Oeste, introduzindo novas oportunidades de mão-de-obra, foram os primeiros resultados positivos, no Rio Grande do Sul, dois anos após a criação das Regiões Metropolitanas.

A Fundação Metropolitana de Planejamento (Metroplan) é pioneira no país, pois surgiu em 1970, por iniciativa dos próprios prefeitos, sob o nome de Conselho Metropolitano de Municípios. Seu projeto mais importante até hoje, segundo o Prefeito de Porto Alegre, Sr Guilherme Socias Vilela, é o que prevê a instalação de uma empresa única para a industrialização do lixo coletado em toda a área.

Outro projeto a que ele dá destaque é o da futura criação de um cadastro imobiliário a nível metropolitano — levantamento feito casa a casa, com o dimensionamento de todos os terrenos, destinado a racionalizar a arrecadação tributária dos 14 municípios.

O Prefeito de Cachoeirinha (16 km de Porto Alegre), Sr Alécio Caetano Goulart, diz que a Região Metropolitana beneficiou amplamente seu município e o de Gravataí, ao dar novas oportunidades de emprego à população das cidades-dormitórios, isto é, as que apenas forneciam mão-de-obra para a Capital.

Belém dá os primeiros passos

A criação da Área Metropolitana de Belém, que abrange a Capital paraense e o Município de Benevides, em nada alterou ainda a situação de ambos. Apenas, com relação à concessão de recursos, a medida fez surgir um novo pólo de atração de verbas federais, que, todavia, só agora começarão a ser liberadas.

Com a recente nomeação do Conselho Metropolitano, estão sendo dados os primeiros passos para a montagem do sistema de planejamento e a identificação dos projetos prioritários. Um dos primeiros a serem executados, o da implantação das áreas industriais de Belém, só agora terá recursos, de Cr$ 1 milhão 600 mil, decorrentes de convênio entre o Governo do Estado do Pará e a Sudam.

Outro projeto prioritário, o de recuperação das baixadas de Belém, deverá ser iniciado ainda este ano, com a liberação de Cr$ 24 milhões prometidos pelo Ministério do Interior.

Fortaleza só espera sair verba

Os primeiros projetos elaborados para a Região Metropolitana de Fortaleza, deverão ser executados a partir das próximas semanas, tão logo sejam liberados os Cr$ 87 milhões solicitados ao Conselho Nacional de Política Urbana. São obras rodoviárias, principalmente, ligando a Capital aos quatro municípios periféricos, para os quais, entretanto, pouca coisa foi planejada.

O Prefeito de Fortaleza, Sr Evandro Aires de Moura, diz que isto pelo menos é um bom começo. A verba anunciada será gasta na urbanização da lagoa de Parangaba, na conclusão da Avenida José Bastos — uma via semi-expressa com mais de 10 km de extensão — e do quarto Anel Viário, entre os extremos Leste e Oeste da região.

Mas o grande projeto da Região Metropolitana de Fortaleza é o de construção de três grandes hospitais de pronto-socorro, nos distritos de Parangaba, Messejana e Antônio Bezerra, além de outro na região do porto de Mucuripe.

Rio e Sucursais de Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, Recife, Porto Alegre, Belém, Fortaleza e Vitória

Anel ferroviário em torno da Capital deverá receber primeiros recursos na Bahia

A construção da primeira etapa do anel ferroviário em torno da Grande Salvador, já em fase adiantada de estudos pela Secretaria de Transportes, deverá ser a primeira obra da Bahia a receber recursos do recém-criado Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Urbano (FADU), anunciou o Governador Roberto Santos.

A previsão de investimentos nesta primeira etapa é de Cr$ 70 milhões e no total, Cr$ 150 milhões. Os recursos serão usados na melhoria do transporte de massa por ônibus nos municípios da Região Metropolitana, e na ligação entre o Centro Industrial de Aratu e o Centro Urbano de Salvador.

Saneamento

O Sr Roberto Santos disse que é na área de saneamento que os programas poderão ser desenvolvidos, pois quase tudo está por ser feito. Outro setor que igualmente comporta programas de grande dimensão, e que poderão ser desenvolvidos através de recursos do FNDU, é o de suprimento de água aos oito municípios que integram a Região Metropolitana.

A Capital baiana é uma cidade *sui generis* em termos de organização espacial: se, de um lado, teve uma descentralização intencional na localização de indústrias, por outro, permaneceu como a principal opção de dormitório e lazer. A diversificação é necessária, antes que a cidade fique congestionada e saia prejudicado o seu turismo.

A explicação é do diretor-presidente da Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder), Sr Osmar Gonçalves Sepúlveda, que não pôde dar informações sobre a aplicação de recursos do Governo federal porque o projeto para a área de Salvador só fica pronto em outubro.

Novas opções

Somente a área de Salvador propriamente dita é dotada de infra-estrutura para abrigar a população. O objetivo urbanístico é achar uma saída para este modelo, através de prioridades de investimentos em centros vizinhos, que passariam a servir de cidades-dormitório para os trabalhos dos centros geradores de renda, intencionalmente descentralizados, como o Centro Industrial de Aratu e o Complexo Petroquímico de Camaçari.

O Sr Osmar Sepúlveda afirmou que a partir desse modelo serão definidos os projetos prioritários para receber os novos investimentos. Os setores de saneamento básico, habitação e saúde, além dos planos-diretores da cidade (com outras linhas de financiamento) deverão receber maior atenção.

Entre as áreas prioritárias, destacam-se os Municípios de Candeias — para dar apoio urbano à atividade ligada ao petróleo e do centro industrial de Aratu — e os de Camaçari e Dias d'Ávila — para acompanhar e apoiar o Pólo Petroquímico.

Novo impulso

Terá novo impulso o Programa da Região Metropolitana do Recife, com os recursos liberados pelo Governo federal na última quarta-feira. Dois projetos já foram iniciados — as construções da segunda Rodovia Perimetral da Capital e da rede de saneamento e canais da Zona Norte, onde foram investidos recursos avaliados em Cr$ 200 milhões.

Técnicos do grupo de trabalho da Região Metropolitana revelaram que, além dos dois projetos acionados, outros estão em fase de conclusão, simultaneamente com os estudos para equacionar o problema das inundações causadas pelos rios Capibaribe e Beberibe, na Grande Recife.

Desde terça-feira passada, o Secretário de Planejamento, Sr Luís Otávio de Melo, que preside os trabalhos do Conselho Técnico da Área Metropolitana do Recife, permanece em Brasília, em contatos com os Ministérios para obter recursos destinados à dinamização dos projetos.

Ele pretende regressar a Recife com a garantia de abrir concorrências para o início das obras, em benefício dos setores de educação, saúde, energia e saneamento. Nos próximos dias, definirá a política de transporte de massa, de acordo com parecer da Prefeitura de Recife.

O arquiteto Jaime Lerner, ex-Prefeito de Curitiba, será contratado pela Prefeitura de Recife para elaboração de um projeto adequado às condições da Capital. A Sudene, em seu *Sumário do Estudo de Transporte na Grande Recife*, apontou a solução do "ônibus expresso, com faixa privativa como melhor opção, capaz de transportar 60 mil passageiros por hora, no *rush*."

Primeiro do país

A Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Plambel) prevê a aplicação de Cr$ 4 bilhões para execução do Plano de Desenvolvimento Integrado Econômico e Social. Seus projetos prioritários serão apresentados à Comissão Nacional de Política Urbana (CNPU) para análise do apoio financeiro através dos fundos criados.

O superintendente do Plambel, Sr Hélio Brás, afirmou que, Minas poderá ser o primeiro Estado a receber verbas para aplicação de projetos na sua Região Metropolitana, uma vez que o plano da Grande Belo Horizonte foi o primeiro a ser aprovado no país, por unanimidade, pelos Conselhos Deliberativo e Consultivo do Plambel.

— O mais importante dos projetos — disse — é a via expressa Leste-Oeste, de aproveitamento integrado do Vale do Arrudas, que inclui, entre outras obras, o saneamento do Ribeirão e a melhoria do sistema de transporte de massa, para descongestionar a Avenida Amazonas, um dos principais corredores da Capital, incapaz de atender à demanda do tráfego.

Ainda no setor de transportes, o plano prevê a complementação do sistema viário arterial, que vai completar a malha viária, e a Via Norte, cuja principal finalidade é descongestionar a Avenida Antônio Carlos e dar melhor escoamento para os municípios de Vespasiano, Lagoa Santa e Pedro Leopoldo, em franco desenvolvimento industrial.

Na área do lazer e recreação, o plano instalará parques urbanos que terão também o objetivo de preservar as áreas verdes e proteger as bacias hídricas contra a poluição. Dentro das diretrizes do Governo federal, serão criados centros sociais nos bairros mais populosos e de baixa renda, com áreas para o lazer e a recreação, promoções culturais, esporte de massa e assistência médico-hospitalar de urgência.

O Governador do Espírito Santo, Sr Élcio Alvares, em discurso na Câmara Municipal de Vitória, afirmou que em recente conversa com o Presidente Geisel solicitou que Vitória fosse colocada numa Região Metropolitana e que teria tido total apoio para sua reivindicação.

Mostrou ao Presidente que estudos urbanísticos e financeiros já estavam em fase de conclusão e que, dentro de 60 dias, estariam elaborados completamente. "Queira Deus que até o fim desse ano o Presidente Geisel encaminhe ao Congresso Nacional a mensagem que colocará Vitória definitivamente ao lado das grandes capitais", concluiu.

A Empresa Brasileira de Transportes Urbanos não terá finalidade operacional mas apenas normativa, de planejamento e repassadora de recursos para o setor, informou o Ministro dos Transportes, General Dirceu Nogueira.

Estima o Ministro que para sua plena função a empresa deverá dispor de aproximadamente Cr$ 12 bilhões.

Os núcleos formados pelos seringueiros se transformam em favelas

As margens do rio Acre parecem atualmente reunir a preferência dos que constróem os seus barracos

Esvaziamento dos seringais põe o Acre à beira do caos

José Marqueiz

Rio Branco — **O Acre enfrenta a mais grave crise econômica e social ocorrida desde sua transformação de Território em Estado. Os seringalistas não têm recursos próprios nem financiamentos oficiais, enquanto os seringueiros, em completo abandono, se deslocam para os centros urbanos à procura de melhores condições.**

Nas margens do rio Acre, nesta Capital, casebres de madeira multiplicam-se em extensas favelas. Famílias que viviam até então da atividade extrativa nos seringais encontram-se hoje sujeitas à fome, à miséria, e, em consequência, ao crime e à prostituição.

ÚLTIMO ESFORÇO

Presos ainda à terra, são poucos os seringalistas que se esforçam para manter os seringais, com os escassos recursos disponíveis. A maioria optou pela venda das propriedades ou por sua transformação em pastagens para tentar a sorte na pecuária.

A esperança desses remanescentes é que a Superintendência da Borracha, vinculada ao Ministério da Indústria e do Comércio, e o Banco da Amazônia — que decidem sobre propostas de financiamento e aplicação de recursos na área — além da Associação de Crédito Agrícola, atendam aos apelos do setor e criem condições favoráveis à recuperação dos seringais.

A migração dos seringueiros e suas famílias tornou Rio Branco uma cidade sobrecarregada de dificuldades. Após uma inspeção oficial, o Secretário de Assistência Social do Ministério da Previdência, Sr Marcos de Carvalho Candau, concluiu que a Capital não dispõe de estrutura de base dos serviços essenciais — saúde, saneamento, educação e emprego — para suportar esse aumento demográfico. Em relatório ao Ministro Nascimento e Silva, o Sr Marcos Candau advertiu que o Acre só terá condições de atingir um desenvolvimento econômico em nível considerável se houver imediata e substancial ajuda do Governo federal.

COMO AJUDAR

Observou o Sr Marcos Candau, no relatório, ser a saúde o setor que necessita de auxílio mais urgente, acrescentando que os precários serviços prestados pelo INPS, Funrural e Ipase seriam mais dinamizados se centralizados numa espécie de núcleo de assistência ambulatorial. Sugeriu a construção de prédios adequados para essas instituições, em terreno que o Governo poderia doar, e propôs a instalação de um ambulatório central no Hospital das Clínicas, possibilitando a uniformização do atendimento médico.

Acredita o Sr Marcos Candau que, se tais medidas forem tomadas em curto prazo, Rio Branco terá condições de melhorar a assistência médica e social aos migrantes e aumentar o mercado de trabalho, com opções de emprego para dezenas de famílias que continuam chegando à Capital e transformando sua paisagem urbana com o surgimento indiscriminado de favelas.

O Governador Geraldo Mesquita diz não dispor de recursos para assistir os favelados, nem de autoridade para facilitar junto ao Banco da Amazônia a liberação de recursos para o financiamento dos seringais. Concorda com o relatório do Sr Marcos Candau e acrescenta que a doação de um terreno ao INPS não será problema. Já tem, mesmo, uma área reservada.

Enquanto não chega o auxílio federal, o Governador vem mantendo contatos com os órgãos assistenciais instalados em Rio Branco a fim de ampliar, em caráter de emergência, os serviços prestados.

A Prefeitura de Rio Branco não tem dinheiro sequer para comprar um caminhão de coleta de lixo, reconhece o Interventor federal Adauto Brito da Frota, em recente relatório ao Ministro da Justiça. Depois de fazer um balanço da situação econômica, social e política de Rio Branco, o Interventor solicita do Governo Federal auxílio imediato de Cr$ 2 milhões 400 mil para o pagamento de dívidas da administração anterior e para aquisição de caminhões de lixo e de distribuição de água.

DECADÊNCIA

Todo o fluxo migratório para Rio Branco, que se verifica sobretudo pelo surgimento de novas favelas nos bairros Cidade Nova, Humaitá e Bola Preta, é atribuído pelo Interventor à decadência da produção de borracha, em consequência da extinção do monopólio antes exercido através do Banco da Amazônia. Aliado a isto, surgiram investidores sulistas que, sem incentivos financeiros ou fiscais, passaram a interessar-se apenas pelo desenvolvimento da pecuária. Os seringais foram derrubados, exterminaram-se as castanheiras, toda essa riqueza natural do Acre transformou-se em campos de pastagem.

Apesar das privações, o seringueiro vivia muito melhor isolado dos grandes centros. Não passava fome. Da borracha extraída, ganhava o suficiente para a compra do "rancho" semanal. Da castanha tirava o leite, da caça a carne e a pele. Cultivava a mandioca, o feijão, o arroz. Cada barrica de castanhas, com 30 litros, podia render-lhe até Cr$ 40.

A verdade, porém, é que o seringueiro sempre foi explorado. Ganha por produção e às vezes, se obtém 100 toneladas de borracha, totaliza um salário anual de Cr$ 3 mil 600. E se sua família é de cinco pessoas, seu gasto por ano vai a uns Cr$ 8 mil, o que torna sempre dependente do seringalista. São suas compras essenciais o café, o chumbo, a pólvora, o óleo, o açúcar, sabão, tabaco, fósforos, querosene e cachaça, além de vermífugos e fortificantes. Cada faquinha, para a sangria da seringueira, lhe custa Cr$ 12, e ele paga Cr$ 180 por uma dúzia de baldes para arrecadação do látex.

Em Rio Branco, onde são abatidos por dia 30 bois para o fornecimento de carne a uma população de 70 mil pessoas — o que equivale um consumo diário per capita inferior a 100 gramas — o seringueiro conheceu pela primeira vez a fome. Sem dinheiro, roupa ou teto, invade terrenos baldios e surgem então as favelas. O emprego é difícil porque só sabe sangrar árvore. A única opção de trabalho é capinar quintais de residências ou mascatear bugigangas nas ruas mais movimentadas.

Enquanto o Interventor Adauto Frota não sabe se é melhor recambiar os seringueiros e suas famílias para os locais de origem ou remetê-los aos seringais ainda produtivos, os aglomerados humanos vão crescendo em Rio Branco. Na mesma medida, aliadas ao desemprego e à fome, surgem a bebida como conforto e a criminalidade cresce em índices extraordinários. Da velha cidade pacífica, o Comandante da Polícia Militar, Coronel José Maria de Castro Araújo, pede hoje maiores recursos para combater o crime. A prostituição expande-se e são frequentes os registros de queixas sobre corrupção de meninas de até 13 anos de idade.

A ORIGEM DO CAOS

Um dos mais antigos seringalistas de Rio Branco, Tufi Assmar, atribui também a decadência da produção de borracha à extinção do monopólio. Ele cita que, antes de 1964, o Banco da Amazônia tinha por obrigação prestar assistência aos seringalistas, com a compra antecipada da produção, estimada pela safra do ano anterior. Tais recursos davam ao seringalista condições de adiantar a verba necessária aos seringueiros e de manter em dia seus compromissos bancários. O produto era penhorado de acordo com o empréstimo, não havendo possibilidade de ser desviada a produção, como ocorre atualmente.

Na situação atual, diz Tufi Assmar, o produtor vende a borracha de maneira indiscriminada, a quem quer que seja. Outro fator negativo foi a venda dos seringais nativos, desmatados e transformados em pastos. Defende ainda o seringalista a preservação dos seringais nativos, alegando que uma nova plantação precisa de, no mínimo, 10 anos para tornar-se produtiva.

A crise atinge também as usinas de lavagem de borracha. As três usinas existentes em Rio Branco estão à beira da falência, quase paralisadas por falta de capital de giro — o que ocorre ainda mais para o esvaziamento dos seringais.

Ainda hoje o seringueiro acreano segue os métodos primitivos de extração. Retira o látex da seringueira e adere-o à potassa, a fim de evitar a coagulação espontânea durante o tempo necessário até iniciar a defumação. A Superintendência da Borracha, entretanto, incentiva o desenvolvimento de um novo processo de coagulação natural, com ácido.

A Superintendência, diz o responsável por sua Delegacia Regional em Rio Branco, Sr Rui Antônio de Araújo Bastos, funciona como órgão regulador e fiscalizador, procurando fazer com que não falte matéria-prima para a indústria. Dispõe, para isso, de um estoque regulador, que permite o atendimento da indústria de acordo com o cronograma mensal de produção.

O Brasil produziu no ano passado 18 mil 600 toneladas de borracha e importou 38 mil. Grande parte da produção nacional é contrabandeada da Bolívia. Os seringueiros instalados próximo ao rio Abunã, insatisfeitos com o reduzido número de seringais nativos, deslocam-se para os seringais da Bolívia.

A broca é uma das pragas na cana-de-açúcar

Brasil pode enfrentar com auxílio da natureza praga sem usar pesticidas

São Paulo — Com o auxílio da própria natureza, o Brasil tem um acervo de recursos que permitem combater eficientemente algumas das pragas que causam sérios danos à agricultura, o que além de trazer economia também protege as pessoas contra os riscos das intoxicações com pesticidas. Esse acervo resulta sobretudo de pesquisas entomológicas que se desenvolvem na Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós (ESALQ), em Piracicaba.

Entre as pragas que podem ser eliminadas destacam-se a cigarrinha, que vem dizimando canaviais do Nordeste; a mosca-de-frutas, dos pomares e plantações; e, principalmente, a broca da cana-de-açúcar, responsável pela queda de 20% da produção no Centro-Sul, a mais forte da América Latina.

TOTAL EFICIÊNCIA

Diz o professor Domingos Gallo, diretor do Departamento de Entomologia da Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós (ESALQ) que os métodos de controle biológico demonstraram sua total eficiência em alguns casos de pragas que vinham sendo combatidas com inseticidas artificiais, mas sobretudo em outros em que os defensivos químicos se mostraram ineficazes, como no da broca da cana-de-açúcar.

Formado na própria ESALQ e pioneiro nas pesquisas desse campo, o professor Domingos Gallo explica que os inseticidas não atingem a broca da cana-de-açúcar porque esta se protege no interior dos colmos, onde desenvolve sua ação daninha, reduzindo por transformação em outras substâncias o teor de sacarose da cana.

Um dia, porém, ela abandona a proteção no colmo e salta ao exterior, tornando-se vulnerável aos ataques de alguns parasitos, como a mosca do Amazonas (**metagonistylum minense**), a mosca cubana (**lixophaga diatraeae**) e a **paratheresia claripalpis**, de modo que basta promover a multiplicação desses parasitos para se conseguir um combate eficiente da broca da cana-de-açúcar (**diatraea saccharalis**) de forma prática e extremamente barata.

Com relação à cigarrinha (**mahanarva posticata** ou **zulia entreriana**), que ataca tanto as folhas da cana-de-açúcar como as pastagens, o combate pode ser feito com o fungo entomógeno **metarhizium anisopliae**, [illegible] de produção bastante [illegible] e de aplicação bastante prática, se comparada com a pulverização aérea dos canaviais com pesticidas artificiais.

Da mesma forma, existem inimigos naturais para diversas outras pragas, como a **rodolia cardinalis**, ou joaninha australiana, importada para controlar o pulgão branco que atinge os citros; a **aphelinus mali**, que ataca o pulgão lanígero da macieira (**erisoma lanigerum**) e seu parasita; ou a **cycloneda saguinea**, uma joaninha predadora de pulgões de várias espécies.

O professor Domingos Gallo destaca, sobretudo, as pesquisas para a mobilização dos parasitas **tetrastichus giffardianus** e **ganaspis carvalhoi** no combate às duas espécies de moscas de frutas (**ceratitis capitata** e **anastrepha fraterculus**), que chegam a causar danos totais em plantações não protegidas por defensivos artificiais e prejuízos consideráveis mesmo em plantações assim protegidas.

UMA APOSTA NA NATUREZA

Foi em 1949 que o professor Domingos Gallo deu início às suas pesquisas com a multiplicação de parasitos capazes de combater pragas, em uma aposta na capacidade da natureza de encontrar um perfeito equilíbrio entre as várias espécies biológicas e a partir do [illegible] [illegible] [illegible]

Como a broca da cana-de-açúcar constitui a principal praga a atacar os canaviais de São Paulo, as pesquisas do professor começaram com a multiplicação dos seus predadores e tiveram um grande impulso quando, em 1950, ele conseguiu trocar com o entomologista L. C. Scaramuzza, de Cuba, parasitos da mosca do Amazonas por parasito da mosca cubana, iniciando um intercâmbio que prosseguiu com a colaboração de Venezuela, Peru, México e Trinidad, todos países às voltas com a broca da cana-de-açúcar.

Posteriormente, multiplicou outro parasito nativo da broca, o **paratheresia claripalpis**; especializou-se em controle biológico de pragas, como bolsista do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos; publicou 100 trabalhos sobre o assunto e participou da elaboração de três livros, inclusive de um manual de entomologia recentemente publicado.

Além disto, coordena na ESALQ, desde 1968, o único curso de pós-graduação em Entomologia existente no país e representa no Brasil a Organização Mundial para o Controle Biológico de Animais e Plantas Daninhas, credenciais que lhe conferem autoridade científica suficiente para receber da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal, do Ministério da Agricultura, autorização para importar inimigos naturais da broca da cana-de-açúcar e de se responsabilizar pelo processo de quarentena.

ESTERILIZAÇÃO

Ainda na Esalq, sob a direção do professor Frederico Windell, chefe do seu Departamento de Rádio-Entomologia, o Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA) vem desenvolvendo uma segunda linha de pesquisa. Só que, em vez de partir para a multiplicação de inimigos naturais de pragas, concentra esforços na criação dos próprios predadores.

Nesse caso, a técnica consiste em esterilizar os machos por radiação e lançá-los no campo em número superior ao dos machos férteis existentes na área, de modo a que as fêmeas deixem de ser fecundadas durante a cópula. O processo atinge as mais variadas espécies de predadores, inclusive a broca da cana-de-açúcar, a mosca de frutas e os pulgões. Como o outro, também é barato e prático, mas enfrenta ainda alguns graves problemas relacionados com a alimentação artificial das culturas e com o estabelecimento do número de espécimes a ser utilizado em cada plantação, para tornar o processo economicamente viável.

Depois, essa nova linha de combate de pragas ainda não foi testada em campo aberto, ao contrário das técnicas de controle biológico do professor Domingos Gallo, que vem surtindo efeito em canaviais de todo o país e que, na edição nº 36 da revista **Divulgação Agronômica**, editada pela Shell Química S.A., foram, pela primeira vez, apresentadas por um fabricante de defensivos químicos [illegible] e [illegible] no combate de determinadas pragas.

A REFORMA DAS S/A

Dividendo mínimo e criação do mercado primário de ações-I

José Luiz Bulhões Pedreira

No debate público sobre o anteprojeto de Lei das S.A. as atenções, o interesse e a controvérsia se concentraram de tal modo em um único dos seus 304 artigos (o de nº 207), sobre distribuição de dividendos, que aos menos informados pode parecer que a tão propalada reforma da Lei de Sociedade por Ações se resume, afinal de contas, a uma nova disciplina sobre distribuição de dividendos.

Acresce que, frequentemente, o artigo em questão recebe, por parte de muitos, o tratamento da análise atomizada e microscópica, fora da perspectiva do sistema do anteprojeto e dos objetivos da reforma institucional em que ele se insere. É desse ponto-de-vista é impossível conhecer o verdadeiro conteúdo e extensão do preceito, compreender a função que lhe é atribuída dentro do sistema do anteprojeto, ou avaliar a sua significação ou eficácia como instrumento para atingir o objetivo maior de criar um mercado primário de ações, que torne viável a grande empresa privada de capital nacional.

Procuraremos em primeiro lugar descrever o regime proposto para em seguida explicar as razões que o inspiraram.

O REGIME PROPOSTO

O Artigo 207 do Anteprojeto dispõe que a companhia não pode reter (salvo para formar reservas destinadas a fazer face a obrigações contingentes) mais de 50% dos lucros líquidos do exercício e, consequentemente, obriga a distribuição, como dividendos, de 50% desses lucros. Além disso, exige que a administração justifique perante a assembléia-geral a sua recomendação de retenção de lucros, indicando os fins a que serão destinados, mas admite a aprovação de planos plurianuais de investimento que vinculem, por prazo de até cinco anos, metade dos lucros anuais.

Essas normas implicam limitar a discricionariedade da maioria dos acionistas para, na assembléia-geral, deliberar sobre o destino a ser dado aos lucros do exercício. Objetivam, portanto, proteger as minorias acionárias, reforçando o direito essencial dos acionistas, de participar dos lucros da companhia, ao criar o direito de receberem, como dividendo, ao menos metade desses lucros.

Para que se compreendam a verdadeira significação e os efeitos do Artigo 207 é indispensável ter em consideração outras normas do anteprojeto, que integram o regime proposto:

a) o conceito de lucro líquido do exercício, que serve de base para o cálculo do dividendo obrigatório, é substancialmente diferente do que é hoje utilizado, inclusive pelas sociedades de capital aberto: as normas sobre elaboração do balanço e apuração de lucro conduzem a que o lucro líquido do anteprojeto seja, efetivamente, o lucro líquido *real* dos acionistas, determinado segundo regras conservadoras de avaliação dos elementos do patrimônio, já expurgado de todos os efeitos inflacionários sobre a escrituração da companhia, depois de compensados os prejuízos acumulados e constituída a provisão para o imposto de renda, e depois de deduzidas quaisquer participações nos lucros, porventura existentes, de empregados, administradores, partes beneficiárias ou debêntures. Não é possível, por conseguinte, pretender avaliar, com base nos balanços atuais, os efeitos do disposto no Artigo 207 sobre a situação financeira das companhias existentes, antes de ajustar esses balanços às demais normas do anteprojeto, que definem *lucro líquido* real em geral inferior ao que hoje é designado como lucro líquido;

b) o Artigo 207 somente se aplica às companhias cujas ações circulam no mercado mediante oferta pública (que é o conceito de companhia aberta adotado pelo anteprojeto) e às companhias fechadas em que não há acordo em contrário dos acionistas, pois o Artigo 209 admite que, nas companhias fechadas:

I — o estatuto, quando aprovado ou alterado pelo voto de todos os acionistas, pode prever distribuição de dividendos menores, durante período não superior a 5 anos; e

II — a Assembléia Geral anual pode, desde que não haja oposição de qualquer acionista (presente), deliberar distribuição de dividendos menores, ou o reinvestimento de todo o lucro;

c) a distribuição de 50% dos lucros não é obrigatória no exercício social em que os órgãos da administração informarem à Assembléia Geral Ordinária ser ela incompatível com a situação financeira da companhia (artigo 208). Não há possibilidade, por conseguinte, de que uma companhia seja levada à insolvência pela distribuição de dividendos, embora os administradores devam justificar sua afirmação e a companhia deva pagar os dividendos assim que o permitir a sua situação financeira.

A significação prática desse regime, se aplicado no quadro atual da realidade das companhias brasileiras, pode ser assim resumida.

a) ele não terá qualquer efeito sobre a maioria das companhias brasileiras, que são meramente formais porque todas as suas ações pertencem a um único acionista, ou a pequeno grupo de sócios, que participam permanentemente da vida da sociedade e tomam decisões por unanimidade: neste caso, os preceitos do artigo 209 asseguram plena liberdade na política de dividendos;

b) a análise das estatísticas de dividendos distribuídos pelas companhias privadas cujas ações são tradicionalmente negociadas em Bolsa revela que não se afastam, de modo apreciável, da porcentagem prevista no anteprojeto: algumas distribuem mais que 50%, outras menos, mas a média geral se aproxima dos 40%. O regime não implicará, por conseguinte, modificar substancialmente sua política de dividendos tradicional;

c) o novo regime somente terá significação prática, por conseguinte, para as sociedades com ações que circulam no mercado mediante oferta pública e que praticam política de dividendos em montante muito inferior à porcentagem de 50%, e para as sociedades fechadas em que há acionistas minoritários, e as decisões nem sempre são unânimes: neste caso, o novo regime é instrumento justo e indispensável para proteção dessas minorias contra abusos da maioria, pois há exemplos no Brasil de sociedades anônimas que, não obstante realizarem lucros vultosos, há mais de 30 anos não distribuem um centavo de dividendo em moeda, o que equivale à expropriação de todo o valor econômico das ações dos acionistas minoritários, que acumulam, indefinidamente, montes de certificados de ações bonificadas, sem valor como título de renda e sem valor de troca, porque ninguém se dispõe a adquirir ações que não ofereçam perspectivas de alguma modalidade de rendimento.

Na apreciação e julgamento do regime proposto é indispensável ter em consideração, além disso, que a nova Lei das S. A. não será ato isolado, mas apenas uma das providências de reforma institucional que o Governo procura promover, com o objetivo de fortalecer o setor privado da economia.

No quadro da política de um Governo que define como objetivo nacional prioritário o desenvolvimento econômico e social não faria sentido um preceito legal impondo a distribuição de dividendo mínimo em moeda, se o objetivo dessa norma fosse estimular o consumo, em prejuízo da taxa nacional de poupança. Mas não é esse o objetivo do preceito. Ao contrário, ele é utilizado como instrumento para criar e expandir um mercado primário de ações, que estimula a poupança voluntária e no qual o empresário-empreendedor possa buscar capital de risco que lhe permita promover projetos de grande escala. E o preceito terá, efetivamente, essa função, porque deverá ser complementado por modificações na legislação do Imposto de Renda, em dois sentidos:

a) como já anunciou publicamente o Sr Ministro da Fazenda, a instituição do dividendo obrigatório terá por contrapartida a generalização do preceito da legislação do Imposto de Renda, hoje reservado às sociedades anônimas de capital aberto, que isenta do imposto os dividendos em moeda que são reinvestidos mediante subscrição de novas ações, na própria companhia que os distribui ou em qualquer outra: esse tratamento fiscal concilia a vantagem fiscal do autofinanciamento da empresa mediante reinvestimento de lucro (que consiste em evitar o imposto sobre dividendos distribuídos) com o funcionamento de um mercado primário de ações, como fonte de capital de risco e como mecanismo de alocação de poupanças, próprio do sistema da economia de mercado;

b) como consta expressamente do II Plano Nacional de Desenvolvimento, um dos objetivos da reforma tributária é a integração da tributação do Imposto de Renda das pessoas jurídicas e físicas, o que deverá conduzir ao reconhecimento de todo o custo do capital aplicado na empresa, independentemente de sua origem, isto é, a dedutibilidade, como despesa, tanto do juro, que constitui a remuneração do capital de terceiros, quanto do dividendo distribuído em moeda, que constitui a remuneração do capital próprio, contribuído pelos acionistas.

AS RAZÕES DO REGIME PROPOSTO

Ainda que compreendido na sua exata extensão e função, dentro do sistema do anteprojeto e no quadro da reforma institucional em que este se insere, o julgamento da conveniência e significação do regime proposto exige o conhecimento das razões que justificam a introdução de tal novidade em nossa legislação sobre sociedades anônimas.

Essas razões podem ser assim resumidas:

a) o objetivo maior da reforma institucional que se pretende é a criação de um grande mercado primário de ações;

b) a criação desse mercado no Brasil, no quadro atual, exige:

I — a modificação de idéias, crenças e valores errados, amplamente difundidos em nosso sistema cultural, sobre a natureza da ação, como valor mobiliário, a renda que proporciona e os critérios de sua avaliação, bem como à natureza, finalidade e extensão dos poderes que a lei assegura aos acionistas majoritários;

II — a recuperação da confiança dos agentes da poupança na ação, como alternativa válida de investimento, o que somente poderá ser conseguido através de um regime legal de proteção das minorias capaz de convencê-los de que, ao julgarem a ação sob o aspecto da segurança, podem se preocupar, principalmente, ou apenas, com os riscos próprios da empresa, sem o receio de que a esses riscos se somem outros, em geral muito maiores, da insegurança jurídica e da falta de instrumentos eficientes de defesa contra tratamento iníquo, ou não equitativo, a que possam ser submetidos por administradores ou acionistas controladores da companhia que exerçam os seus direitos ou poderes de modo discricionário ou abusivo;

c) incluem-se entre as funções do Estado moderno especialmente nas economias em desenvolvimento, a de promover o desenvolvimento econômico e social para o que utiliza, principalmente, os instrumentos do planejamento, do poder tributário, dos dispêndios públicos e do exercício da função legislativa; a lei pode e deve, por conseguinte, ser utilizada como instrumento para modificar estruturas sociais e padrões de comportamento, ou para criar os quadros institucionais necessários ao funcionamento da economia de acordo com os objetivos do planejamento estatal;

d) o regime de distribuição de dividendos proposto faz parte de um conjunto de providências constantes do anteprojeto que buscam, deliberadamente, reorientar o comportamento daqueles que, efetiva ou potencialmente, participem do mercado de capitais, na busca do objetivo maior de criar o mercado primário de ações.

NATUREZA, RENDA E VALOR DA AÇÃO

Algumas das idéias e crenças erradas que impedem a criação de um mercado primário de ações dizem respeito à própria natureza do título, como valor mobiliário, à renda que proporciona, à natureza das bonificações distribuídas gratuitamente pela companhia, e à significação do valor nominal da ação.

As sociedades comerciais são modelos jurídicos de organização de um conjunto de pessoas que reúnem seus esforços e/ou recursos para formar um grupo que tem por finalidade desempenhar o papel de empresário de determinada empresa, isto é, exercer as funções de criar ou expandir a empresa (reunir e organizar os fatores de produção) e de administrá-la, assumindo os riscos e auferindo os benefícios econômicos da sua atividade. Esses riscos e benefícios resultam, principalmente, de duas características da empresa, como unidade moderna de produção: o empresário (a) programa e executa a produção para estoque e posterior venda dos produtos no mercado, correndo o risco de que suas expectativas sobre a existência desse mercado não se realizem; e (b) paga a preço certo os serviços produtivos utilizados (salários, juros e aluguéis) para vender os seus produtos aos preços de mercado, que poderão ser superiores ou inferiores ao custo de produção.

Da natureza e finalidade desse grupo empresário decorre o princípio básico, comum aos diversos modelos de sociedade comercial, de que todos os seus membros devem participar dos lucros e prejuízos. Princípio tão essencial que o Código Comercial fulmina com a nulidade o contrato de sociedade que pretenda violá-lo.

A sociedade anônima é espécie do gênero sociedade comercial, e dentre as diferenças específicas, que explicam sua capacidade de reunir milhares ou milhões de sócios em uma única sociedade, se destacam (a) o fato de que os direitos dos acionistas são organizados em quotas-partes iguais, denominadas ações e (b) esses direitos podem ser incorporados em títulos transmissíveis.

Os dois direitos patrimoniais básicos assegurados pela ação são, por conseguinte, o de participar nos lucros sociais e o de participar no acervo líquido, em caso de liquidação. Esses direitos são enfaticamente enunciados como da própria essência da sociedade, por todas as leis de S.A., inclusive a nossa lei atual no seu Artigo 78.

Devido, todavia, ao fato de que na S.A. esses direitos são organizados em quotas-partes iguais, cada ação representa o direito a determinada porcentagem dos lucros e do acervo líquido. Essa porcentagem depende do número de ações em que se divide o capital social, e cada ação de uma mesma classe assegura os mesmos direitos patrimoniais.

Como a hipótese da liquidação da companhia é excepcional, o direito patrimonial que mais interessa ao acionista é o de participar nos lucros, que a companhia distribui sob a forma de dividendos. Durante toda a vida da companhia, o dividendo é o único rendimento produzido pela ação, como objeto da aplicação de capital pelo investidor. E como esse dividendo depende do montante do lucro realizado e distribuído pela companhia em cada exercício social, a ação é referida como título de renda variável, por oposição aos títulos de crédito e às debêntures, que são títulos de renda fixa, porque rendem juros predeterminados.

Na hipótese de liquidação da companhia, o acionista pode perceber ainda um ganho de capital, se o valor da quota-parte do acervo líquido que lhe cabe é superior ao custo pelo qual adquiriu a ação. Mas, como essa liquidação raramente ocorre (salvo por falência, caso em que geralmente há a realização de prejuízo), para todos os efeitos práticos, e em quase todas as companhias (que objetivam a continuidade e expansão da empresa, e não a sua liquidação), e o direito à participação nos lucros, sob a forma de dividendos, que constitui o fundamento do valor econômico da ação.

O processo inflacionário em que vive o país desde a última guerra, conjugado com a legislação do imposto de renda, que criou diversas modalidades de capitalização compulsória de correção monetária, com a consequente distribuição gratuita, aos acionistas, de novas ações, na mesma proporção das que já possuíam, e que na gíria do mercado ficaram conhecidas como "filhotes", difundiu entre nós a noção errada de que esses "filhotes" são modalidade de rendimento produzido pela ação, semelhante ao dividendo.

O erro dessa idéia fica evidente quando se considera que o direito à participação nos lucros, que constitui o fundamento do valor econômico da ação, tem por objeto determinada porcentagem do total dos lucros, e que essa porcentagem depende do número das ações que correspondem ao capital social. Se esse capital se divide em 100 ações, a cada ação cabe o direito a 1% do total dos lucros da sociedade. Se a companhia duplica o montante do seu capital social mediante a incorporação de reservas, distribuindo, em consequência, 100 ações "filhotes", é óbvio que o direito do acionista a participar nos lucros não sofre qualquer modificação: quem tinha 1 ação do capital de 100, a que correspondia o direito a 1% do total dos lucros, passa a ter 2 ações no capital de 200, que representa a mesma porcentagem de 1% nos lucros.

O mesmo ocorre com relação ao direito do acionista de participar do acervo líquido da companhia, no caso de liquidação, pois esse direito também é percentual.

Empresário quer fundo de garantia

O empresário Oswaldo Antunes Maciel, diretor-superintendente da Fininvest S. A., defendeu ontem a criação de um fundo de garantia de dividendos, com percentagem a ser fixada sobre lucro líquido de 50% a ser distribuído aos acionistas minoritários, conforme o anteprojeto da nova Lei das S.A. O fundo asseguraria uma distribuição quase uniforme de resultados, mesmo nos anos em que os lucros das empresas forem modestos.

A idéia já foi exposta aos juristas que elaboraram o anteprojeto da Lei das S.A., José Luiz Bulhões Pedreira e Alfredo Lamy Filho, e recebeu boa acolhida. Segundo Oswaldo Antunes Maciel, a criação do fundo de garantia de dividendos tem em vista o fato de que os resultados das empresas não costumam ser positivos todos os anos, com lucros altos ou negativos.

EXEMPLO PRÁTICO

Uma empresa com capital de Cr$ 25 milhões:

No primeiro ano ela obtém um lucro líquido (de acordo com o que define o anteprojeto) de Cr$ 10 milhões. Os acionistas majoritários ficariam com 50% e os restantes 50% caberiam aos minoritários.

O Sr Oswaldo Antunes Maciel, como exemplo, prefere fixar em 50% a percentagem incidente sobre o lucro líquido distribuído aos acionistas minoritários (Cr$ 5 milhões) que seria destinada ao fundo de garantia de dividendos. Assim, os acionistas minoritários receberiam efetivamente Cr$ 2 milhões e 500 mil, o mesmo cabendo ao fundo.

No segundo ano a rentabilidade da empresa diminui e o lucro líquido, segundo o conceito do anteprojeto, é de apenas Cr$ 2 milhões. Aos acionistas majoritários caberia Cr$ 1 milhão, o mesmo ocorrendo para os minoritários. No entanto, metade da parcela dos acionistas minoritários iria para o fundo de garantia de dividendos.

O fundo passaria a ter, então, Cr$ 2 milhões e 500 mil do primeiro ano, mais Cr$ 500 mil do segundo, isto é, um total de Cr$ 3 milhões. Verificar-se-ia que a quantia para dividendos seria de apenas 2% do capital [illegible], inferior a um dividendo mínimo que a Lei das S.A. estabeleceria (10% no capital da empresa, por exemplo).

Então, continua o Sr Oswaldo Antunes Maciel, se retiraria do fundo o que faltasse para se poder pagar este dividendo de 10% ao ano. Pelo exemplo da empresa, 10% de seu capital equivaleria a Cr$ 2 milhões e 500 mil. O lucro a distribuir para a minoria referente ao último balanço (excluída a percentagem de 50% para o fundo de garantia de dividendos mínimos) seria Cr$ 500 mil.

Seria necessário, assim, sacar Cr$ 2 milhões do fundo para integrar os Cr$ 2 milhões e 500 mil (10% do capital). Mesmo assim, o fundo de garantia de dividendos permaneceria com Cr$ 1 milhão para ser utilizado ou não no outro ano. O dinheiro retido no fundo poderia ser utilizado como capital de giro pela empresa, melhorando seus resultados, finalizou o Sr Oswaldo Antunes Maciel.

Refinaria programa aplicações

Porto Alegre — As obras de ampliação da Refinaria Alberto Pasqualini, que elevarão sua capacidade de processamento para 22 mil metros cúbicos diários, serão concluídas no primeiro semestre de 1979, absorvendo investimentos da ordem de Cr$ 1 bilhão e 400 milhões, segundo o superintendente da Refap, engenheiro José Antônio Amaral Martinez.

O desenvolvimento do projeto de ampliação foi detalhado, ontem, durante coquetel oferecido pela Refap na Associação Rio-Grandense de Imprensa, em comemoração ao seu 7º aniversário de operações.

Localizada no Município de Canoas — a 16 km desta Capital, a Refinaria Alberto Pasqualini [illegible] para asfalto, e [illegible] um volume [illegible] [illegible] de diversos setores, [illegible] Cr$ 2 bilhões.

Informe Econômico

Altos e baixos do petróleo

Este ano, positivamente, não tem sido favoravel às grandes companhias de petróleo pelo mundo afora. Um estudo da Pforzheimer & Co., de Nova Iorque, a proposito dos ganhos obtidos por essas empresas no primeiro semestre, através da consolidação de 36 balanços publicados, revela que os lucros declinaram 30,4% em comparação com os primeiros seis meses de 1974.

Os lucros de 29 dessas empresas com capitais predominantemente norte-americanos declinaram 28,9% no primeiro semestre, também comparando-se com os resultados de janeiro/junho de 1974.

O quadro abaixo mostra como evoluiu a renda liquida de algumas dessas empresas no periodo mencionado:

Empresa	Seis meses de 75 Renda liquida	Seis meses de 74 Renda liquida (US$ 1000)	Var. (%)
Amoco	137 892	233 670	— 41
Exxon Corp	1 125 000	1 480 000	— 24
Getty Oil	109 400	135 800	— 19
Gulf Oil	355 000	605 000	— 41
Mobil Oil	381 900	626 000	— 39
Phillips Pet.	165 900	232 400	— 28
Royal Dutch	642 200	793 800	— 18
Shell T. & Trad.	430 800	529 200	— 18
Shell T. & Trad.	430 800	529 200	— 18
S. Oil Indiana	378 200	499 000	— 24
S. Oil Califor.	352 067	393 130	— 10
Texaco	354 010	891 671	— 60

O estudo da Pforzheimer & Co. observa que os baixos rendimentos obtidos pelas companhias de petróleo deveram-se ao mercado errático que se observou no primeiro semestre deste ano para a indústria petroleira no mundo todo, o que se estendeu aos produtos petroquímicos. Nos Estados Unidos os lucros foram tamponados pelos controles de preços, que caíram esta semana, depois de um veto do Presidente Ford, mas aparentemente prevalecerão até o fim de outubro. Com a OPEP ameaçando uma nova alta para o óleo bruto, a situação complica-se um pouco.

Uma comparação dos resultados das empresas petroleiras no primeiro semestre deste ano contra a primeira metade de 1974 deveria também levar em conta a alta nos preços do óleo bruto. A baixa demanda de petróleo no primeiro semestre deste ano pode ser constatada até mesmo pelo fato de que a produção mundial caiu para 32 milhões de barris por dia, o equivalente a 13,9% refletindo assim um esforço de ajustamento com óbvias implicações politicas entre os integrantes do cartel da OPEP.

A produção norte-americana de óleo cru declinou 5,3% no semestre passado, ficando ao redor dos 8 milhões e 460 mil barris por dia. Para termo de comparação, o presidente da Petrobrás anunciou que até 1980 a Petrobrás estará produzindo 500 mil barris por dia.

Os peritos consideram que a economia do petróleo para as grandes empresas internacionais não deverá melhorar neste semestre. Isto porque nesta época do ano é verão no hemisfério Norte e o consumo de gás e combustíveis em geral para aquecimento declina com as temperaturas mais elevadas. Além disso, as economias dos países industrializados continuam trabalhando a fogo brando, não se esperando uma recuperação maior a não ser em 1976.

Se a OPEP aumentar novamente os preços — como está previsto para outubro deste ano, a despeito das controvérsias entre seus membros — outro impacto deverá ocorrer ao nivel da demanda.

Severo abre convenção de lojistas

Fortaleza — O Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Severo Gomes, abrirá, amanhã, às 18 hs, no Centro de Convenções de Fortaleza, a XVI Convenção Nacional do Comércio Lojista e a primeira Feira Nacional Lojista (Fenal), que reunirá, durante uma semana, mais de 1 500 homens do comércio lojista de todo o país.

O tema da Convenção — produtividade — será debatido em vários painéis e comissões técnicas, que serão organizadas amanhã pela manhã. O presidente da Confederação Nacional do Comércio Lojista, Sr Ricardo Miranda, informou que esta será a maior convenção que sua classe já realizou até aqui.

Durante a XVI Convenção Nacional do Comércio Lojista será realizado, paralelamente, um Seminário de Serviço de Proteção ao Crédito, com a participação de representantes de todos os SPC existentes no país.

Pleninco aprova primeiras teses

Armando Ourique
Enviado especial

Nova Friburgo — Os participantes da I Reunião Plenária da Indústria e do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (I Pleninco) trabalharam ontem na aprovação de teses preparadas para serem abordadas no encontro. Mereceram maiores destaques e foram aprovadas as teses apresentadas pela Firjan e elaboradas pelo IDEG. Estas teses foram publicadas com exclusividade no JORNAL DO BRASIL, na semana passada.

Todos os trabalhos apresentados pelas federações, associações e empresas da indústria e do comércio e aprovados na I Pleninco serão encaminhados aos Ministros de Estado e outras autoridades das áreas competentes.

Pequenas e médias empresas

O Secretário da Indústria, Comércio e Turismo, Marcel Hasslocher, disse, na sexta-feira, ao JORNAL DO BRASIL, que várias teses apresentadas na I Pleninco apenas estabelecem objetivos pretendidos pelas classes empresariais. Mas, no entanto, em alguns casos, falham por não estabelecerem programas necessários para a sua concretização.

Dessa forma, o Secretário explica que os empresários teriam solicitado um "tratamento emocional para o fortalecimento da pequena e média empresa" (uma tese da Firjan sobre o assunto sugere isenções de vários impostos). O Secretário Marcel Hasslocher lembrou, a respeito desses incentivos solicitados, que o novo Estado do Rio de Janeiro está em uma situação de acentuado endividamento. E, assim, não se poderia praticar todas as solicitações de incentivos.

Acrescentou que, em geral, os problemas das pequenas e médias empresas são bastante específicos, variando de acordo com o setor e região em que atuam, e, por isso, o Governo estadual não poderia apoiá-las, na maioria dos casos, com medidas generalizadas, mas, sim, estudando caso por caso. O Secretário, em contrapartida, sugeriu que as pequenas e médias empresas poderiam contornar vários de seus problemas, criando, por exemplo, cooperativas de compras de matérias-primas e estabelecendo uma associação. Disse, ainda, que os recursos do Fundes poderão proporcionar créditos a essas empresas, a baixo custo.

O presidente do Banco de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro, Sebastião Vital, disse que, naturalmente, as pequenas e médias empresas receberão a maior parte dos empréstimos e investimentos do Banco, já que elas são responsáveis pela maior parte da produção do Estado.

A tese apresentada pela Firjan — "estímulos à ampliação, localização e implantação de empresas no Estado" — diz que o Rio de Janeiro apresenta potencialidades de crescimento superiores ao conjunto do país e mesmo a São Paulo. A comissão que a aprovou ressaltou que para isso será necessária a colaboração do Estado e inclusive o seu fortalecimento político perante a União. O Secretário Marcel Hasslocher comentou que esse também é um caso de objetivos estabelecidos sem programas adequados. Disse que o parque industrial do Rio, por sua dimensão, não deve competir com o de São Paulo, mas sim aproveitar as economias de São Paulo e de Minas Gerais, em termos de produção e mercado, como retroáreas que podem impulsionar o desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro.

A I Pleninco aprovou ontem duas teses sobre o caso da eliminação de incentivos fiscais, em alguns aspectos antagônicas, mas que foram fundidas em uma mesma proposta. A primeira é a sugerida pela Firjan e que se fundamenta em argumentos jurídicos de direito adquirido. "Recomenda que o Governo do Estado, revendo sua posição, continue a aplicar as leis dos antigos Estados do Rio e da Guanabara, sobretudo em relação àqueles contribuintes que já estavam no gozo dos benefícios previstos nestas leis ou que já tivesse se habilitado devidamente."

A segunda tese foi defendida pelo chamado Grupo de Petrópolis (constituído pelas 48 empresas do Estado do Rio que se consideram lesadas) e procura sensibilizar o Governo estadual para seus problemas: recomenda que "seja o caso da eliminação dos incentivos submetido à reunião dos Secretários de Fazenda, a realizar-se em 15 de outubro, a fim de que, mediante convênio, seja permitido ao Estado do Rio aplicar os incentivos fiscais.

A I Pleninco aprovou ainda a tese da Associação Comercial do Rio de Janeiro em que reivindica que o Conselho de Desenvolvimento Comercial (CDC), órgão do Ministério da Indústria e do Comércio, seja agilizado, estabelecendo inclusive departamentos para cada setor do comércio. O presidente da Associação, Pedro Leão Velloso, disse que espera a oportunidade de tratar do assunto com o Ministro Severo Gomes e reivindicou que os trabalhos da CDC sejam estruturados a partir do seu Conselho, composto com a participação de empresários.

A Associação Comercial e Industrial de Campos teve aprovada a sua tese em que solicita que os preços da cana-de-açúcar do Estado do Rio sejam equiparados aos preços do Nordeste e não de São Paulo, por questões de custos.

A Firjan realizou um pronunciamento ontem em que, enfaticamente, "lamenta e se considera decepcionada com o fato de que o Ministério da Indústria e do Comércio tenha aprovado decreto sobre a transferência de tecnologia sem ter dado conhecimento antecipado do seu conteúdo a essa Federação, como havia sido solicitado. Vários empresários comentavam ontem que, enquanto a Pleninco aprovou uma tese liberal sobre o assunto, o Ministério da Indústria e do Comércio decretou normas para a transferência de tecnologia consideradas ainda mais restritivas do que as anteriores.

O Secretário de Transportes, Josef Barat, em entrevista à imprensa, disse que poderá elaborar um plano-diretor rodoviário em 12 a 14 meses. Acrescentou que atualmente está dando andamento a duas estradas vicinais cujos resultados poderão favorecer a expansão desse programa, e, inclusive, a sua inclusão no plano-diretor do DNER.

Ministro nega compra de cebola

Paulinelli pede maior estímulo

Belo Horizonte — "Voltem aos seus Estados levando aos produtores palavra de estímulos, pois não há lugar mais para o pessimismo quando sabemos que do crescimento da agricultura no ano 75/76 vai depender o equilíbrio econômico do Brasil no próximo ano", disse ontem o Ministro Alysson Paulinelli ao encerrar o Encontro de Secretários de Agricultura dos Estados do Centro e Sudeste.

— Hoje, ressaltou — a agricultura brasileira não só produz para o mercado interno, mas atende o mercado externo e busca conquistar novos mercados. Ela produz para exportar 7 bilhões de dólares (Cr$ 58 bilhões 520 milhões), coisa que outro setor não conseguiu, nem mesmo a indústria. Além disso, tira o país de um desenvolvimento puramente urbano e o coloca numa época de desenvolvimento rural.

EXPANSÃO ORÇAMENTÁRIA

O Ministro da Agricultura anunciou ainda que os orçamentos para sua Pasta, que este ano cresceram 17 vez mais, se comparados com os de 1974, sofrerão no próximo ano expansões ainda mais extraordinárias.

— Saibam os senhores que hoje existe um perfeito entrosamento entre Governo federal e Governos estaduais, dos nossos orçamentos mais de 50% são destinados aos Governos estaduais a quem cabe o trabalho de execução dos programas.

Segundo disse, o produtor tem sido o ponto central das preocupações do Presidente Geisel e de toda a sua ação.

Belo Horizonte — O Ministro da Agricultura, Sr Alysson Paulinelli, negou ontem nesta Capital que o Brasil va importar cebola da Espanha e que existe um mal-entendido nas notícias que estão sendo publicadas. "E só me falar" — disse — "onde está a cebola importada que o Ministério da Agricultura vai comprar para impedir que ela seja colocada no mercado, prejudicando os produtores nacionais."

O Ministro, que participa desde sexta-feira de um encontro com Secretário de Agricultura do Rio de Janeiro, Minas, Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo e Distrito Federal, para analisar-se dos problemas de armazenamento, pesquisa e abastecimento, confirmou também que o Ministério da Agricultura está realizando estudos para a extração de álcool da mandioca, pois isso representa uma nova alternativa energética para o país enquanto ele não for auto-suficiente em petróleo.

O Secretário de Agricultura do Rio de Janeiro, Sr José Resende Peres, que também participa do encontro, apresentou ao Ministro Alysson Paulinelli sugestão no sentido de que recomendasse ao Ministério da Educação e Cultura a introdução de uma disciplina de elaboração de projetos agropecuários nos cursos de técnicas agrícolas e de contabilidade.

Mais agricultura nas páginas 14 e 15

O aumento do produto do setor agropecuário beneficiou apenas os proprietários, segundo as informações de vários técnicos. O trabalhador rural, entretanto, está cada vez mais pobre

Campo volta a perder em pobreza para as cidades

Há indícios de que o campo está novamente se descapitalizando, com o crescimento óbvio da probreza rural. E para isso concorrem fatores que vão desde a baixa generalizada dos preços dos produtos primários no exterior até os programas contencionistas da inflação adotados pelo Governo federal, e, finalmente geadas ou secas. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, em seu levantamento relativo à economia no primeiro semestre deste ano, "a relação de trocas na agricultura permaneceu desfavorável" no período janeiro/junho passado em comparação com igual período de 1974. E no primeiro semestre deste ano os preços pagos aos agricultores cresceram apenas 6%, na média taxa superada nos últimos 10 anos apenas pelas de 1967, quando se registraram magros 3%. Com as geadas, a seca e a incerteza sobre o que plantar, estaremos nas vésperas de outra depressão rural?

BRASILIA — A propria ausência de dados estatisticos confiaveis e exatos e de estudos sobre o assunto reflete bem a despreocupação do Governo federal quanto ao nivel de remuneração do trabalhador rural, muito embora tenha se enfatizado nos últimos tempos a necessidade de criação de um mercado interno forte, para o que contribuiria substancialmente a elevação da renda real das 44 milhões de pessoas que formam a população rural do Brasil.

Entre os técnicos dos Ministérios da Agricultura e do Planejamento, com algumas pequenas divergências, há um **consenso geral** de que o trabalhador rural esta mal de vida, apesar do **boom** de preços alcançado em 1973, apesar do tão difundido crescimento da economia brasileira e da tão enfatizada importancia do setor agricola no processo de desenvolvimento do país. Tal consenso, no entanto, é baseado em experiência e intuição, pois é mais difícil encontrar dados para provarem essa realidade conhecida do que para negá-la.

A elevação dos preços agricolas nos últimos anos parece ser o principal argumento daqueles que acreditam na melhoria da remuneração do trabalhador rural, entre os quais o chefe da Assessoria Economica do Ministério da Agricultura, Sr Nuno Casassanta. De fato, dados da Fundação Getúlio Vargas mostram, em indices, que cresceram os preços recebidos pelos agricultores.

No Ministério da Agricultura, defende-se a liberação dos preços à produção

Afirmam esses técnicos que, por menor que tenha sido, para o trabalhador rural foi transferida alguma parcela dessa elevação dos preços pagos aos donos da produção, ou seja, aos proprietarios rurais. Outros especialistas rejeitam, no entanto, essa argumentação, dizendo que só é valida para paises desenvolvidos, onde há sindicatos de trabalhadores que atuam no sentido de exigir uma participação no crescimento da renda dos produtores. Isso não ocorre no Brasil.

— O aumento do produto do setor agropecuário beneficiou apenas alguns, os proprietários. O trabalhador rural está cada vez mais pobre — dizem. Artigo publicado na revista **Conjuntura Econômica** de junho de 1974 mostra que "apesar da progressiva evolução dos salarios rurais, estes não acompanharam o indice de crescimento dos preços recebidos pelos agricultores, particularmente a partir de 1969, fato que poderia implicar em distribuição menos favorável da renda gerada no meio rural".

Ao mesmo tempo, os dados coletados pelo Centro de Estudos Agricolas do Instituto Brasileiro de Economia da FGV sofrem serias limitações, que comprometem qualquer análise feita com base neles: os indices são calculados em cima dos valores nominais absolutos em cruzeiros ao valor de cada ano, sem se considerar a desvalorização da moeda e a elevação do indice de custo de vida.

Além disso, se os preços recebidos pelos produtores aumentaram, da mesma forma aumentaram os preços pagos por eles pelos insumos utilizados na agricultura e pecuaria, o que significa uma elevação da renda liquida, mesmo por parte dos proprietarios, menor do que inicialmente se pode supor.

Talvez fosse mais valido fazer uma avaliação a partir dos dados sobre salarios rurais pesquisados pelo Centro de Estudos Agricolas da FGV, caso não fossem eles tambem deficientes, na medida em que so consideram a remunerações em dinheiro, excluindo as mistas (dinheiro mais produtos de consumo) que são reconhecidamente tradicionais na agricultura brasileira.

Além disso, tais estatisticas não consideram dois fatores importantes: a temporariedade do trabalho agricola, que não se extende pelo ano inteiro, a crescente utilização do sistema de empreitada, pelo qual o trabalhador se compromete a fazer determinada tarefa em determinado prazo por determinada quantia e nisso põe para trabalhar toda a sua familia — que, para efeitos de estatistica, fica como uma unidade de mão-de-obra.

Na verdade, a mensuração do nivel de remuneração do trabalhador rural conta com muitas dificuldades técnicas. Tanto é assim que o próprio cálculo da contribuição à previdência social (Funrural) é feito com base no produto global do setor (2,5% sobre o produto agricola) e não sobre os rendimentos de cada empregado.

Mesmo assim, utilizando-se os dados da FGV, pode-se observar, por exemplo, que no Nordeste, onde há excesso de mão-de-obra e escassez relativa de terras proprias para cultura, os salários são mais baixos do que nas regiões onde a mão-de-obra é relativamente mais escassa. Em termos de evolução dos salários, a posição dos Estados nordestinos não se distanciou muito da dos demais, provavelmente devido ao crescimento mais rapido das lavouras do Nordeste e à migração.

Artigo publicado na revista **Conjuntura Econômica** de junho de 1974 considera a possibilidade do Estatuto da Terra, que estendeu o salario minimo ao campo em 1963, ter funcionado como fator de equilibrio nas evoluções do salario rural no tempo. "Sabe-se que ainda há burla à lei, pois registram-se salários rurais abaixo do minimo legal na maioria dos Estados, mas a sua taxa de aumento foi mais alta entre 1966 e 1973 — 426%, contra 390% de aumento do salário minimo. Em 1973, os salários rurais evoluiram em 45%, chegando a um valor médio de Cr$ 260,00 em dezembro, inferior, ainda assim, ao minimo urbano", diz o artigo.

Fato interessante observado através das estatisticas do Centro de Estudos Agricolas da FGV é que, desde 1966, o salário que apresentou maior elevação comparativa foi o do diarista (bóia fria), o que reflete a maior procura por este tipo de trabalhador, fruto das modificações na legislação do trabalho e assistencia social rural — as alterações, visando a maiores beneficios ao trabalhador geral aumentam o custo privado do emprego da mão-de-obra mensal. A mão-de-obra sem vinculo empregatício é, portanto, mais barata e mais apreciada pelos empregadores.

Ainda conforme o artigo de **Conjuntura Econômica**, "é obvio que a maioria dos diaristas ganha menos do que os mensalistas, porque, na verdade, aqueles jamais trabalham os 30 dias do mês. Sendo assim, será dificil concluir até que ponto houve melhoria salarial real no campo.

Alguns técnicos do Ministério da Agricultura advogam que somente quando os preços agricolas forem liberados e deixarem de ser comprimidos para efeitos de contenção do indice de custo de vida é que o trabalhador rural melhorara de vida. Dizem eles que tradicionalmente a agricultura vem se descapitalizando para financiar o crescimento de outros setores da economia.

Se bem que seja necessário um maior equilibrio entre a lucratividade da agricultura e de outros setores, a simples liberação dos preços agricolas não resolveria o problema do trabalhador rural, pois, como já foi visto, a elevação de preços só beneficia uma camada minoritária de proprietários rurais, devido à falta de poder de barganha dos assalariados. Por outro lado, a elevação decorrente do indice de custo de vida se refletiria na queda do nivel de renda real do trabalhador.

Ao mesmo tempo, as perspectivas de emprego são sombrias no setor agricola, onde hoje 21,6% da população economicamente ativa estão, subempregados, ou seja, trabalham menos do que 40 horas por semana, segundo dados fornecidos pela ultima Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilios (PNAD) do IBGE referente ao último trimestre de 1973. Isso sem falar nos 2 milhões de crianças de 10 a 14 anos que já são considerados trabalhadores agricolas.

SÃO PAULO — A disponibilidade de sementes produzidas pela Secretaria de Agricultura para o plantio da safra 1975/1976 é de 1 milhão de sacas de algodão, 120 mil sacas de arroz, 300 mil sacas de milho hibrido, 34 mil sacas de milho variedade e 160 mil sacas de soja. Alem disso, as firmas particulares radicadas em São Paulo estimam uma oferta de sementes para 126 mil sacas de amendoim, 59 mil sacas de arroz, 708 mil sacas de milho hibrido e 544 mil sacas de soja.

Embora grande parte da produção das firmas particulares seja para abastecer o mercado de outros Estados, o volume de produção de sementes esperado "é plenamente suficiente para atender à procura em certa margem para aumento de área e de consumo", segundo o Sr Natalino Baba, da Divisão de Sementes e Mudas da Secretaria de Agricultura do Estado. Segundo ele ainda, "até o momento, a procura de sementes pelos produtores é 15% maior do que a registrada no ano passado, no mesmo periodo."

Segundo o prognóstico 75/76 da Secretaria de Agricultura, contrariamente ao registrado no ano anterior, quando a maioria das sementes, tanto as produzidas pela Secretaria como pelas firmas particulares, apresentaram acréscimos nas vendas, "houve em 1974/1975 redução sensivel, principalmente naquelas mais representativas em volume de venda."

Vendas de sementes em São Paulo cairam para culturas mais significativas

Acréscimos foram verificados apenas para o milho variedade ...... (15,4%) e para a soja (108,7%) permanecendo praticamente inalteradas as vendas de algodão. Embora a maior variação negativa tenha se verificado para o feijão de mesa (menos 45,3%), a diminuição de 15% nas vendas de semente de milho hibrido efetuadas pelas Secretaria da Agricultura e de 14,2% pelas firmas particulares, "são bem mais significativas vista que mais de 70% da área cultivada do Estado com milho utiliza semente melhorada, enquanto a superficie plantada com semente melhorada de feijão não ultrapassa 2% da área total dessa cultura." O expressivo acréscimo estimado para a soja é de pouca representatividade em termos relativos à area cultivada, segundo o prognóstico, "face à pequena disponibilidade dessa semente no ano anterior, tanto pela Secretaria como pelas firmas particulares." Em 74/75 a venda de sementes melhoradas de soja pelas firmas certificadoras superou em 15,8% as realizadas pela Secretaria da Agricultura.

Para a safra 75/76, os preços de venda das sementes produzidas pela Secretaria da Agricultura, sofreram grandes variações em relação à safra anterior: o maior acréscimo foi verificado para a semente de amendoim (mais 103,6%), tendo em vista que o preço dessa semente estava fortemente subsidiado no ano anterior. O mesmo ocorreu com o algodão (mais 61,2%) e o arroz (mais 56%). Decréscimo no preço foi verificado para a mamona e siratro, permanecendo inalterados os de soja perene e galactia.

O preço de venda das sementes produzidas pela Secretaria de Agricultura para a safra 75/76 é o seguinte: algodão (saca de **30 quilos**), Cr$ 54,50; arroz (sc. 50 kg) 195,00; amendoim (sc. 20 kg) 114,00; feijão (sc. 50 kg) 230,00; milho hibrido (sc. 50 kg) 120,00; milho variedade (sc. 50 kg), Cr$ 90,00; milho perola (sc. 50 kg) Cr$ 90,00; soja (sc. 50 kg) Cr$ 140,00; mamona (sc. 30 kg) Cr$ 87,00; mucuna (sc. 50 kg) Cr$ 125,00; guandu (sc. 50 kg) Cr$ 125,00; siratro (kg) Cr$ 40,00; soja perene tardia Cr$ 60,00; crotalaria (sc 50 kg) 258,00 e galactia Cr$ 60,00.

Para a safra 75/76, a agricultura paulista experimentará uma elevação dos custos operacionais da ordem de 39%, em relação ao ano anterior, variando de 17% (milho) a 65% no caso do trigo. Entre os itens mais onerosos situam-se: a colheita no caso do algodão; as sementes para o amendoim e a batata; a mão-de-obra para o arroz de sequeiro, cebola, feijão, mamona, mandioca e tomate; a colheita e o transporte para a cana; o adubo para milho, trigo e soja. A mão-de-obra, por exemplo, está calculada em Cr$ 18,00 por dia, apresentando um aumento de cerca de 18% em relação ao valor projetado para a safra 74/75.

No que se refere aos fertilizantes, o prognóstico acha que o preço real permanecerá em nivel semelhante ao de 1974, com acréscimo de apenas 0,6%, considerando-se "uma simples evolução nos preços sem interferência governamental". Os técnicos, considerando também as compras realizadas com recursos proprios, acham que o beneficio do subsidio governamental no caso dos fertilizantes seria total (40%) e o preço médio do produto cairia em 28,6%.

Segundo o prognóstico ainda, "a continuar a tendência de migração rural — urbana e diminuindo progressivamente as diferenças salariais entre o meio rural e o urbano, é provável que as altas de salarios perdurem em 75/76, mas tal tendência irá depender, em grande parte, do comportamento do mercado de trabalho urbano, que apresentou pequeno dinamismo no primeiro semestre do corrente ano." Em 1975, está se registrando certa retração no mercado de terras, observando-se estabilidade nos preços reais em relação a 74. Mas o valor da terra com benfeitorias, em 1975, está registrando perdas em termos reais em todos os itens. O crescimento real no preço da terra em relação ao dos produtos agricolas, mostra uma tendência geral crescente, o que significa serem necessárias maiores quantidades do produto para se adquirir a mesma área de terra no Estado de São Paulo. O arrendamento de terras de cultura caiu em 2,6% em termos reais, entre 1973 e 1974. Quanto ao aluguel de pasto verifica-se uma tendência definida de alta. Em termos reais, o aluguel mensal subiu 17,2% e o aluguel anual 27,6%, no mesmo periodo.

CURITIBA — O Paraná produzirá na próxima safra 4 milhões 700 mil toneladas de soja, de acordo com a previsão do Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura, já com o acréscimo da liberação da área de cafezais.

O último relatório, divulgado ontem, sobre a situação das diversas culturas agricolas no Estado, preços minimos, sementes e outras questões, indicava o seguinte panorama:

Algodão — O crescimento da área de plantio não é proporcional ao aumento de 20% no preço minimo. Prevê-se novos plantios nas áreas liberadas pelos cafezais geadas, mas haverá abandono da cultura em outras áreas. Estima-se um aumento da produção entre 10 e 15% superior a última safra. Um aumento da área de cultura viria minimizar o exodo rural, aproveitando trabalhadores liberados pela cultura do café. A disponibilidade de sementes é suficiente, desde que não ocorram fenômenos adversos na época de plantio e germinação, obrigando a sucessivos replantios. A baixa produtividade desta safra diminuiu a margem de lucro. No inicio da safra, o produto esteve cotado a Cr$ 25,00 a arroba e no momento oscila ao redor de Cr$ 30,00 a Cr$ 32,00 a arroba, com o maximo de Cr$ 35,00.

Arroz — São otimistas as expectativas para a próxima safra, prevendo-se, de inicio, um aumento de 20 a 25% na area de plantio do Estado. Isso se deve à boa produtividade da última safra, aos bons preços conseguidos e à liberação de área na cultura do café. Apesar do aumento de área, a disponibilidade de sementes ainda não preocupa. Pois as certificadas estão sendo vendidas a um preço medio de Cr$ 200,00 a saca, porém há empresas particulares vendendo até a Cr$ 325,00 a saca. A produção 74/75 esta totalmente comercializada, restando pouco produto nas mãos do lavrador. O mercado se mantém firme com um preço medio em torno de Cr$ 120,00 a Cr$ 130,00 por saca.

As previsões para a produção paranaense em 1976 são otimistas

Batata — Prevê-se um leve aumento de área em relação à safra do último ano. A quantidade de sementes já se mostra insuficiente, uma vez que os produtores continuam procurando sem encontrá-las nas cooperativas. As sementes utilizadas são tanto as importadas da Alemanha e Holanda quanto as "filhas de caixa" como são chamadas as sementes multiplicadas pelas cooperativas a partir de sementes básicas. A comercialização do remanescente da última safra se faz normalmente. As ocorrências meteorológicas tem sido favoráveis para a fase em que se encontra a cultura.

Feijão — Como a safra paranaense entra no mercado antes da oriunda dos demais centros produtores, houve escoamento da produção. Devido a escassez do produto que já se encontrava totalmente comercializado no principio de julho, além das geadas, registrou-se um aumento de preços, principalmente nos centros produtores devido à avidez do produto para sementes. Em São Paulo, o feijão paranaense chegou a atingir até Cr$ 350,00 o saco de 60 quilos. Sofreu baixa em seguida, devido a entrada do feijão baiano. A área plantada para a próxima safra tende a aumentar substancialmente. As estimativas iniciais são de 30% de aumento, incluidas as areas de liberação de cafezais. A produção do feijão das águas sofrerá um ligeiro atraso em função das geadas, só aparecendo no mercado em fins de outubro.

Milho — Setenta por cento da safra 74/75 está comercializada, com o mercado estável e o preço oscilando entre Cr$ 47,00 e Cr$ 48,00, pelo saco de 60 quilos. A área plantada deverá aumentar na próxima safra devido os seguintes fatores: preços da última safra, preço minimo de Cr$ 48,00 por saco, área liberada pelo café, aproveitamento de capoeiras, facilidades de mecanização e condução da lavoura, baixo gasto de sementes e possibilidade de rotação com o trigo. Apesar do incremento, ate certo ponto, violento da área, acredita-se que não faltarão sementes. No caso de falta de sementes selecionadas, perspectiva ainda remota, poderá haver a opção por sementes da propria lavoura, o que vem acontecendo nas ultimas safras, porém com tendência a diminuir.

Soja — Parte da safra — 20% — está em mãos dos produtores e outra parte em poder das cooperativas. Da parcela entregue às cooperativas, ja foram comercializados 30 a 40%. O mercado oscila e o preço medio gira de Cr$ 88,00 a Cr$ 90,00 por saco de 60 quilos. A grande perda na produção do trigo trouxe alivio para a armazenagem, permitindo a retenção da soja por mais tempo, na expectativa de melhores preços. Para a próxima safra, as expectativas são de aumento de área de plantio em indices ainda maiores devido a liberação de áreas de cafezais, mecanização e preços. O aumento é estimado, em principio, em 30 a 35%. Prevê-se dificuldades em relação a sementes de variedades precoces usadas no Norte do Estado. O volume de produção de sementes no Paraná, se analisado globalmente, é suficiente para o aumento previsto, pois a produção está em torno de 4 milhões de sacas de sementes no Estado.

Trigo — A geada afetará em grande parte a produção de trigo. Esperavam-se 1 milhão 506 mil e 800 toneladas e as perdas serão de 921 mil 320 toneladas. A área plantada de trigo é de 1 milhão 160 mil hectares e deverá ser a mesma. As lavouras não atingidas estão em fase de espigamento na Região Norte, ocorrendo incidência do pulgão, que esta sendo controlado a contento. A lavoura está em fase de emborrachamento, ocorrendo ataque de pulgões e pequeno ataque de oidio e ferrugem que estão sendo facilmente controlados devido à disponibilidade de defensivos. O inicio da colheita é previsto para a segunda quinzena deste mês, com maior concentração na primeira quinzena de outubro no Norte do Estado. No Sul, o inicio da colheita está previsto para a primeira quinzena de outubro.

A previsão da produção agricola do Paraná em 1976, feita pelo Departamento de Economia Rural da Secretaria de Agricultura, para os diversos produtos, com o acrescimo de áreas de cafezais, é a seguinte: soja, 4 milhões e 700 mil toneladas, arroz (beneficiado), 720 mil toneladas, feijão, 500 mil toneladas, milho, 3 milhões 105 mil toneladas, algodão, 495 mil toneladas e algodão pluma, 163 mil toneladas.

Leia editorial "Companheira Insuperável"

Em uma mesma região convivem produtores mais sofisticados e outros apenas artesanais

Leite, um problema de custos e produtividade

Patricia Saboia

O leite — velho problema brasileiro — vive a crise do círculo vicioso: enquanto o produtor não tem incentivos para alargar sua atividade, no que se inclui a baixa rentabilidade, o consumidor, por sua vez, devido ao baixo poder aquisitivo e à falta de tradição alimentar, não tem condições para consumir o produto.

No Estado do Rio, onde a pecuária leiteira foi implantada em substituição às culturas cafeeiras, produzir leite constitui um ato de heroísmo — sintoma, para a maioria dos produtores, de uma espécie em extinção: a dos pequenos e médios criadores. Restariam, no futuro, talvez, os grandes proprietários, detentores de um máximo de tecnologia e um sistema racional de custos.

Consumo previsto

Os 9 milhões de habitantes do Estado do Rio deverão consumir, este ano, cerca de 380 milhões de litros de leite — volume tido como irrisório pelo Instituto Brasileiro de Nutrição (IBN). Com um consumo médio per capita, de meio copo de leite (ou 53g por dia), cariocas e fluminenses acusam um deficit de quase 350g diárias.

Do lado da oferta, o panorama também não é animador: a produção anual do Estado, estimada, grosso modo, em 322 milhões de litros, cai no período de entressafra — abril a novembro — em cerca de 30%. E' esta oscilação sazonal da produção, aliada tanto à baixa produtividade quanto à incompatibilização entre reajuste de preços e custos reais, que têm sido apontados como os principais inimigos da pecuária leiteira no Brasil.

Segundo fontes ligadas ao levantamento da problemática leiteira, o custo médio do litro de leite, a nível de produção, incluindo a terra, está em Cr$ 2,86, enquanto o custo variável e despesas é estimado em Cr$ 0,94. O produtor está tendo, portanto, um prejuízo de 50% por litro, pois, embora o venda à cooperativa por Cr$ 1,50, recebe, no máximo, Cr$ 1,32 — descontados os 2,5% para o Funrural e as despesas de frete, que oscila entre seis e oito centavos por litro.

O capítulo mais trágico

Resende, o Município, tem hoje, aproximadamente, 700 propriedades rurais. Destas, 420 são produtoras de leite. A Cooperativa Agropecuária de Resende recebe, diariamente (em período de safra), 58 mil 720 litros de toda a bacia leiteira que engloba, além de Resende, os Municípios vizinhos de Bocaina de Minas, Itamonte (Sul de Minas), Formoso, São José do Barreiro e Bananal (São Paulo).

Resende, sozinha, produz 71,7% daquele total — ou seja, 42 mil 150 litros diários. Base de uma pirâmide de produção (onde o grande produtor fornece apenas 0,5% do produto global e o médio 16,8%), o pequeno produtor de leite é responsável por 82,9% do grosso da produção — nas mais precárias condições.

Podendo ser caracterizado, segundo dados fornecidos pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Rio de Janeiro (ACAR/RJ) por uma produção diária não superior a 100 litros — que na entressafra se reduz à metade — esta larga faixa tem produzido deficitariamente.

Proprietários (em Pirangai, 5º Distrito de Resende), de uma média de 50 hectares e 20 vacas mestiças, os Srs Sebastião Novais e Thiago de Almeida Dias são o retrato da classe: usam mão-de-obra familiar e não dispõem de silos ou tratores, irrigação ou mangueiras. A única máquina de que fazem uso é a pequena picadeira de cana e capim, adquirida por Cr$ 15 mil, financiado a 15% ao ano.

Seu Tião e Seu Thiago só respiram no tempo "das águas". Na entressafra, o prejuízo é grande. Este dispende Cr$ 650,00 com 15 sacos de farelo de trigo, dois de soja, medicamentos e salário de um "retireiro". Casa, comida e colégio perfazem mais Cr$ 1 mil e 500. Com uma despesa total de Cr$ 2 mil 150, ele recebe, da venda dos 50 litros diários, Cr$ 1 mil 980 por mês.

O primeiro gasta, mensalmente, Cr$ 5 mil 500, computados sal, vacina, farelo (só para os bezerros), frete e manutenção da família (mulher e nove filhos) e mais Cr$ 3 mil da amortização de um empréstimo. Mas Seu Tião recebe, na seca, Cr$ 2 mil 500 da venda do leite.

Para cobrir seu prejuízo, eles se desfazem do patrimônio (vendendo as crias fêmeas que ainda dão despesas) ou agem como tantos outros: apelam para o agiota, ao custo de 5% ao mês.

O grande

O Sr Nathanael Soares da Rocha se encaixa, sob medida, na descrição de grande produtor feita por técnicos da ACAR. Agrônomo, proprietário de três grandes fazendas em Resende (na família há 150 anos), ele fornece à cooperativa local, em época de safra, cerca de 1 600/1 800 litros de leite diários. Dispõe de 400 hectares de terra racionalmente explorados e de 210 cabeças de gado Holandês — a vaca Vassoura recebeu, em 1973, o prêmio de recordista sul-americana de produção leiteira.

A Granja Penedo, às margens da Via Dutra, é altamente mecanizada. Ordenhadeira mecânica, tratores, semeadeiras, ensiladeiras de milho, cevada e cana, misturadeira para a fabricação de ração fazem com que o patrimônio do Sr Nathanael seja avaliado em Cr$ 10 milhões, sem contar as terras.

O leite dá dinheiro? O fazendeiro é enfático: "Na entressafra, dá prejuízo. Em agosto perdi Cr$ 18 mil. A produção caiu de 1 200 litros diários, que vendi à cooperativa, descontando frete e Funrural, por Cr$ 1,32 o litro".

Fazemos os cálculos. Se os 36 mil litros mensais foram vendidos a esse preço, ele recebeu Cr$ 47 mil 520. Qual terá sido seu lucro? Sr Nathanael esclarece: "Lucro? O custo de produção do leite C, aqui, tem sido de Cr$ 1,60, Cr$ 1,80. Posso lhe assegurar: 80% dos cooperativados tiram líquido, no final do mês, apenas salário-mínimo — e na época de seca, ele perde dinheiro".

A produção de leite B, não tabelado, tem dado lucro? Segundo o fazendeiro, a decisão de reidratação do leite, tomada pelo Governo, foi sumamente prejudicial. Com o lançamento deste tipo de leite no mercado, o tipo B não tem comprador: "E não tendo consumo, ele é empacotado e vendido, pela cooperativa, como leite C. O prejuízo é enorme".

O vultoso investimento para a ordenha do leite B (Cr$ 80 mil só a maquinaria) fica, assim, sem dar o retorno desejado. A ordenhadeira mecânica canaliza o leite, sem interferência de mãos humanas, para latões hermeticamente fechados. A assepsia das tetas dos animais é feita individualmente com soluções de cloro, por homens uniformizados. Na cooperativa ele é submetido à análise de índice de bactérias e acidez, a seguir pasteurizado. Quando o resultado da análise não corresponde aos níveis fixados, toda a produção da mesma procedência é vendida, durante três dias, como leite C.

De que vive, então, o grande produtor? "Seguramente não é do leite, conclui o Sr Nathanael Rocha. No meu caso, são 200 mil frangos, 80 mil ovos por mês e 1 mil 100 porcos que compensam o enorme deficit do leite".

O pequeno

Há 15 anos, o Sr Noel Pacheco era retireiro de um grande pecuarista local. De lá para cá, o trabalho e muita intuição fizeram dele o protótipo do produtor de porte médio. Com menos de 300 hectares bem aproveitados, Sr Noel tira, das 58 vacas "de leite", 280 litros durante a entressafra — "na safra, tiro 350". No curral calçado (que custou Cr$ 15 mil, há um ano), a ordenhadeira semimecânica recolhe o leite em baldes individuais. Seus sete empregados ganham Cr$ 15 por dia, mas a esse preço devem ser acrescidos Cr$ 21 mil anuais, pagos por empreitada para o roçado, e Cr$ 2 mil 300 para a manutenção de valetas.

O que dizem os técnicos

O levantamento situacional da pecuária leiteira carece de uma continuidade de pesquisa — que tem sido feita de forma esporádica e não sistemática. São de dois anos atrás os últimos dados conhecidos, a partir de um trabalho encomendado pela Cooperativa dos Produtores de Leite de Campos (Cooperleite) à Fundação Norte-Fluminense de Desenvolvimento Regional (Fundenor).

Para responder às perguntas quem produz o leite? Como e onde? Quanto custa o litro?, o engenheiro-agrônomo da ACAR, Sr Alberto Figueiredo, acha imprescindível "uma pesquisa orientada a médio prazo, feita por amostragem e de acordo com o nível tecnológico atingido pelas propriedades. Para isso, nossa idéia é a dinamização de escritórios regionais, subordinados ao Serviço de Extensão Rural, localizados em cada região homogênea e assessorados por técnicos especializados."

Estes escritórios, segundo ele, com uma estrutura bastante dinâmica, teriam condições de enquadrar ou não cada projeto a ser desenvolvido em dada área, "evitando a proliferação de iniciativas que se extinguem antes mesmo de sua concretização, trazendo enormes prejuízos às classes já bem sacrificadas."

Como acentua o Sr Irval Leonel Veiga, licenciado da mesma entidade, depois de solucionada a questão do "como produzir", o escritório promoveria "um entrosamento entre pesquisa, extensão rural e produtores, para que o resultado final viesse a beneficiar estes últimos. Só o contato íntimo entre Governo e produtor daria condições psicológicas, a curto prazo, e reais, a médio e longo prazos, para o estímulo necessário."

No que toca à produção leiteira, o que se tem procurado, segundo o Sr Alberto Figueiredo, "é fazer com que sejam usadas terras próprias, com um maior aproveitamento do potencial produtivo e a aplicação da tecnologia mais adequada." Como exemplos marcantes, ele cita dois dos produtores entrevistados, Srs Nathanael Rocha e Noel Pacheco. "O primeiro, tendo diminuído sensivelmente a área destinada ao rebanho leiteiro, aumentou sua produção em torno de 60 a 70%. Não é milagre. E' maior produção de forrageiras para corte ensilagem. O segundo está com uma produção, na seca, que nunca teve. O que fez foi eliminar o gado com silagem de milho."

Felini, um gênio indiscutível do cinema, tem-se preocupado, em seus filmes, com a raça humana e os seus problemas. Não esqueceu, como bom observador, o desvio do fundamental: Bocaccio 70, um grande filme, tem o motivo básico na falta de tradição do consumo de leite, com Anita Ekberk servindo de modelo para a promoção do Beba Leite.

O leite, como produto de primeira necessidade, não está caro: custa, o litro, Cr$ 2,00, enquanto o de Coca-Cola, que não alimenta, Cr$ 2,60, ou o de chope, que chega a embriagar, Cr$ ..... 13,00. Em cada dose de uísque tomada num ambiente de luxo médio estão, por custo, 60 litros de leite. O uísque é importado, custa divisas.

Na realidade brasileira, no entanto, o leite continua a ser amargo tanto para os produtores como para os consumidores. Parece que, além da alteração do sistema de comercialização, será necessário um Felini nativo, e uma Ekberk, para a sua valorização em termos de consumo.

Falecimentos

Jovelino de Sousa Cardoso, aos 61 anos, no Hospital IV Centenário. Funcionário aposentado, casado com Wanda Cardoso, deixa dois filhos, Roberto e Ronaldo.

Maria dos Remédios Ribeiro Cardoso, aos 49 anos, na Beneficência Brasil-Portugal. Solteira, era formada em Filosofia e exercia a função de assistente administrativa da Escola Superior de Música. Filha de Pedro Paulo e Joana Ribeiro Cardoso.

Alcides Rodrigues Louro, aos 56 anos, em sua residência. Casado com Mathilde Louro, morava na Rua Tavares Bastos, no Catete. Deixa um filho, Fernando Antônio.

Manuel Nazareno de Faria, aos 37 anos, em Belo Horizonte. Mineiro de Pitangui, era funcionário da Cemig. Casado com Maria Caldeira de Faria, deixa oito filhos — Elder, Nazareno, Patrícia, Helbert, Tania, José, Elderton e Rosemar.

José Trindade, aos 80 anos, em Belo Horizonte. Casado com Maria Expedita de Sousa, deixa os filhos Jorge, Vera e Geralda, e o neto Leonam.

Wilson Antônio Pires, aos 47 anos, em sua residência em Porto Alegre. Gaúcho de Rio Grande, era inspetor do Banco do Estado do Rio Grande do Sul. Casado com Nice Delacoste Pires, deixa uma filha, Karen.

Osvaldo de Sousa Gomes, aos 84 anos, em sua residência de Camaquã, a 123 quilômetros de Porto Alegre. Gaúcho de Rio Grande, era farmacêutico. Casado com Maria Vicentina de Sousa Gomes, deixa oito filhos — Auzônia, Ieda, Ederaldo, Luisa Maria, Helódio e Zulma.

Ciro Kras Borges, aos 66 anos, em Porto Alegre. Gaúcho de Torres, era farmacêutico e foi Vereador pelo antigo PSD. Transferiu-se para a Capital em 50, onde fundou a Farmácia Suzana. Casado com Elite Freitas Kras, deixa oito filhos — Adão, Danton, Newton, Nélson, Eva, Sônia, Maria Inês e Suzana.

Maria Cláudia Navamuel, aos 46 anos, no SEMPS, no Recife. Deixa viúvo Valentum Navamuel e três filhos.

Lunise de Sales Cabral, aos 28 anos, no Hospital Português, no Recife. Alagoana, professora, casada com José Francisco de Sales Cabral Neto, deixa um filho.

Alvaro Raimundo Cortes dos Santos, aos 75 anos, em sua residência. Jornalista baiano, morava em Salvador e era considerado decano da crônica esportiva do Estado, tendo trabalhado muitos anos na seção de esportes do **Diário de Notícias** e como locutor de futebol da Rádio Sociedade.

Francisco José Magyar, aos 67 anos, em São Paulo. Casado com Antonieta de Valentin Magyar, deixa os filhos Pedro e Maria Angela.

José Pescarin, aos 30 anos, em São Paulo. Era filho de Romeu e Orlanda Pescarin.

Miguel Oliva, aos 74 anos, em São Paulo. Casado com Rosa Spina Oliva, deixa filhos e netos.

Zinovia Rizona Kojim, aos 66 anos, em São Paulo. Casada com Miguel João Kojin, deixa os filhos Constantino, João e Demétrio, e netos.

Água volta a quatro bairros

A Cedae restabeleceu na manhã de ontem o abastecimento de água nos Bairros de Laranjeiras, Botafogo, Flamengo e Catete, interrompido desde a noite de sexta-feira pelo rompimento de uma linha de 1 mil milímetros na Avenida Presidente Vargas.

O Catete foi o bairro mais prejudicado pela interrupção do fornecimento e alguns moradores mostravam-se revoltados com a impossibilidade de contatos com a Companhia Estadual de Águas e Esgoto, já que nenhum de seus telefones atendia e os específicos, para reclamações, permaneciam ocupados.

Ministro britânico chega ao Rio

Chegou ontem ao Rio, vindo de Caracas, o Ministro da Saúde da Grã-Bretanha, David Owen, que, entre 1968 e 1970, quando era Ministro da Marinha, foi o principal articulador britânico para a construção de navios brasileiros em seu país.

Com 37 anos e intensa vida política, dedicará seu tempo no Brasil à verificação da maneira pela qual a tecnologia e a experiência britânicas poderão contribuir para o desenvolvimento dos serviços de saúde brasileiros que, acredita, se encontram em processo de rápida expansão. Amanhã terá encontro com o Governador Faria Lima.

Carro de boi ganha curta-metragem

Salvador — *Carro de Boi*, de Humberto Mauro, *Pedro Piedra*, do baiano Francisco Liberato e *Gran Circo Internacional*, de Vito Diniz, também da Bahia, foram considerados os melhores dos 64 filmes em concurso na IV Jornada Brasileira de Curta-Metragem, encerrada ontem à noite no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, que patrocinou o encontro junto com o Instituto Goethe de Salvador.

Melhor filme de 35 milímetros, *Carro de Boi* conquistou o troféu Humberto Mauro, seu realizador. O diretor da jornada, professor e crítico de cinema Guido Araujo, explicou que, embora reconhecendo que o troféu deveria ser oferecido a um jovem diretor, a comissão julgadora quis, ao concedê-lo ao próprio homenageado, reafirmar a validade do cinema documentário na pessoa de um dos seus criadores.

NORDESTE

O Prêmio Alexandre Robato Filho, pioneiro do cinema no Estado, instituído pela Universidade Federal da Bahia para o melhor filme de temática nordestina em 16 milímetros, no valor de Cr$ 3 mil, foi concedido a *Pedro Piedra*, de Francisco Liberato. O troféu 10 Anos de Rede Globo, acompanhado de cinco latas de filme colorido e mais a revelação, coube ao filme *Rocas*, do paulista Rogerio Correia.

O prêmio Produção, da Cinemateca do Rio de Janeiro, que compreende a montagem e sonorização para filmes realizados fora do eixo Rio—São Paulo, foi ganho pelo *O Último Coronel*, do paraibano Machado Bitencourt. O prêmio Bahiatursa, no valor de Cr$ 10 mil, foi dividido entre três produções baianas: *As Filarmônicas*, de Agnaldo Azevedo; *Pedro Piedra* e *Gran Circo Internacional*.

Arquivo/29-4-72

Priscilo (E), Nílson e Valdir terão pena maior que Sérgio (D)

STF reduz para 8 anos pena do seqüestrador de Serginho

Enquanto se cogita da instituição de penas mais pesadas contra sequestradores, o Sr Sérgio Márcio França Moreno — que em fevereiro de 1972 comandou o sequestro do menino Serginho — acaba de ser beneficiado pelo Supremo Tribunal Federal com redução da sua de 14 para oito anos, o que o levará a deixar a prisão (especial) apenas cinco anos após o crime e muito tempo antes de seus quatro cúmplices.

Além do sequestro, que lhe rendeu a maior parte do resgate de Cr$ 400 mil pagos pelo corretor de imóveis Sérgio de Castro (pai de Serginho), o Sr Sérgio Moreno é autor confesso, junto com Valdir Martins Alexandre e Nilson de Sousa Meneses, do assassinato do comparsa Jorge Togo de Oliveira em 16 de abril de 1972, na Estrada Petrópolis—Teresópolis — crime que três anos depois continua em diligências policiais.

O SEQUESTRO

No dia 28 de fevereiro de 72, Jorge Togo e Nilson Meneses invadiram a casa do corretor (Av. Epitácio Pessoa, 4 530) e, depois de dizer à sua mulher, Dona Marli, que o prédio estava cercado (por Valdir e Priscilo Pereira da Rosa Filho) e que se tratava de uma ação subversiva, sequestraram Serginho. Num Volkswagen (BI-6100) roubado na véspera por determinação de Sérgio Moreno, seguiram com o garoto até perto do Hotel Nacional.

Passaram ali para o carro da firma Segurança e Informações a Empresas Ltda. (SIEL), fundada pelo próprio chefe dos sequestradores (que é economista) com a ajuda do pai do menino, de quem era amigo pessoal. Com sotaque espanhol, por recomendação do chefe, Priscilo deu o primeiro telefonema na madrugada de 29 de fevereiro e estipulou o resgate em Cr$ 400 mil. Na casa do corretor, como amigo solidário, Sérgio Moreno a tudo assistia.

Às 7h da noite do mesmo dia, novo telefonema exigiu que o dinheiro fosse entregue 15 minutos após, em frente ao cinema Miramar (demolido), na Av. Delfim Moreira. A voz de sotaque espanhol exigia também que deveria estar presente ao ato de entrega "o homem de bigode que está sempre na sua casa". O homem de bigode era Sérgio Moreno, que queria assim melhor fiscalizar os comparsas, pois temia fugissem com o dinheiro.

Na mesma noite, com a desculpa de estar cansado, o planejador do sequestro foi para sua casa (Rua General Urquiza, 67, apartamento 811), onde o aguardavam Priscilo, Valdir e Nilson, com o dinheiro do resgate. À meia-noite (ainda no dia 29) Jorge Togo deixou Serginho no posto de gasolina da Avenida Monsenhor Félix, 203, em Irajá. O sequestro até então fora completo êxito.

O ASSASSINATO

Com os Cr$ 400 mil — Cr$ 218 mil ficaram com o chefe e o restante foi distribuído com os outros cinco, inclusive Aldair Fernandes da Silva, o *Galego*, que só participou do roubo do Volkswagen — os membros do grupo partiram para vários negócios (Sérgio Moreno comprou a boate One-Way). Mas Jorge Togo, contrariando recomendações do chefe, passou a gastar muito acima de seu padrão de vida.

Em 16 de abril de 1972, domingo, Sérgio Moreno reuniu, no carro da firma, Jorge Togo, Valdir e Meneses, sob pretexto de esconder o primeiro em Magé. Na viagem, como o próprio economista contaria em depoimento mais tarde, um pneu furou e ele teve tempo de avisar a Valdir e Meneses que, num local propício, iria simular outro defeito no carro para pará-lo e então eliminar o cúmplice.

Na Estrada Petrópolis—Teresópolis, pouco movimentada, Sérgio Moreno alegou a ser necessária nova verificação na roda trocada e todos desceram, inclusive Jorge Togo, que se prontificou a verificar o defeito. Ao vê-lo abaixado, o chefe do bando desfechou-lhe uma coronhada na cabeça com seu revólver Taurus 38. A pancada não surtiu o efeito desejado e deu chance a Togo de se levantar e correr estrada abaixo.

Em seu depoimento de 28 de abril de 1972, Sérgio Moreno afirmou que perseguiu Jorge Togo e desferiu-lhe um tiro pelas costas. A bala o atingiu na homoplata do lado direito e o fez cambalear e cair de lado. O assassino continuou atirando até descarregar a arma, mas mesmo com seis balas no corpo a vítima ainda vivia: Sérgio Moreno pediu então a arma de Valdir e descarregou-a também contra o moribundo.

Quando o grupo retornou ao carro — prossegue o depoimento — um deles se lembrou de que Togo tinha documentos no bolso. Meneses foi verificar e, na volta, disse que os papéis estavam muito ensanguentados e por isso os jogou perto do corpo. Mas contou que Jorge Togo poderia continuar vivo, pois após os 12 tiros estava de barriga para baixo e, quando o viu de novo, estava de barriga para cima.

Sérgio Moreno mandou então que Meneses descarregasse seu revólver sobre a vítima, que ficou com 18 tiros pelo corpo. Três anos após esse crime — cujo inquérito policial foi instaurado na então Delegacia Regional de Petrópolis para ser depois encaminhado à Comarca de Teresópolis — o processo voltou à fase de diligências policiais, apesar de já haver confissão dos três autores na Delegacia de Roubos e Furtos.

Os depoimentos de Valdir Martins Alexandre e Nilson de Sousa Meneses são exatamente iguais ao de Sérgio Márcio França Moreno. Na opinião de pessoas ligadas ao caso e revoltadas com a impunidade do chefe do grupo, esse processo poderia agora ser avocado pelo diretor do Departamento de Polícia Civil, pois a Delegacia de Petrópolis está subordinada ao novo Estado.

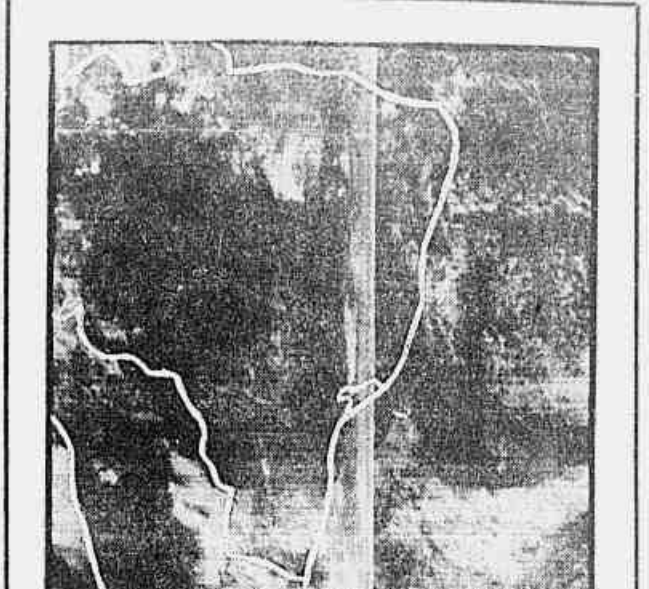
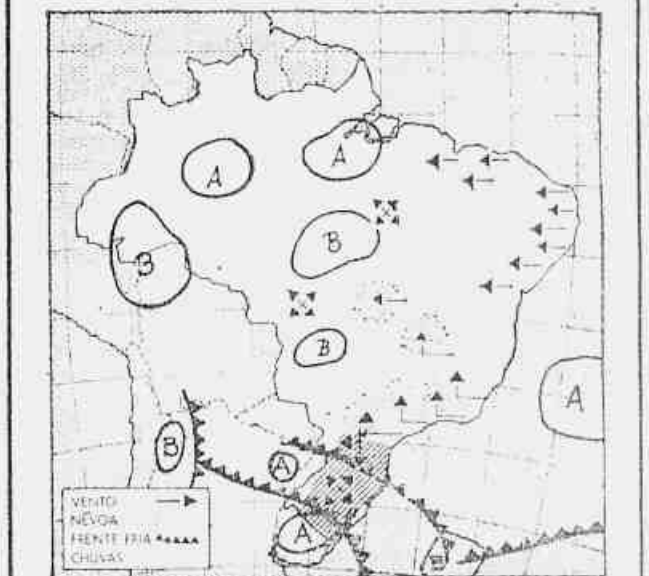
REDUÇÃO DE PENA

Pelo sequestro, o economista Sérgio Moreno foi condenado na 12a. Vara Criminal a 10 anos de prisão, acrescidos de seis anos e oito meses pelo roubo do carro (total: 16 anos e oito meses). Priscilo e Valdir ficaram com 13 anos e quatro meses cada um; Nilson pegou 15 anos e quatro meses e Aldair, nove anos e oito meses — em sentenças ditadas pelo Juiz Eduardo Meyer Filho.

Ao julgar recurso da defesa, o Tribunal de Justiça do antigo Estado da Guanabara reduziu para 14 anos e oito meses a pena do chefe dos sequestradores. O Supremo Tribunal Federal, por sua vez, aceitou agravo interposto contra a decisão do Tribunal e, de acordo com voto do Ministro Aliomar Baleeiro, Sérgio Moreno foi excluído da condenação pelo roubo do carro e, por isso, vai cumprir apenas oito anos de reclusão.

Como tem direito à liberdade condicional cumpridos 2/3 da pena, permanecerá na prisão por cinco anos. Conclusão: no início de 77 estará livre, pois já passou três anos na cadeia (cela especial do Regimento Caetano de Faria). No entanto, estranha-se que a Secretaria do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, diante da guia 334 enviada a 13 de agosto último pelo STF com a comunicação de sua decisão, ainda não tenha enviado o processo à 12a. Vara.

É que, quando a comunicação chegar à 12a. Vara Criminal e esta encaminhará à Vara de Execuções Criminais, o economista Sérgio Moreno perderá o direito à prisão especial do Regimento e passará para um dos presídios do sistema penitenciário carioca. Pessoas que acompanham o caso acham que o atraso se explica porque a transferência não interessa nem ao sequestrador nem à sua família, pouco tempo antes de ele ganhar a liberdade.

A retenção que se verifica no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro prejudica diretamente uma das partes envolvidas: o Sr Sérgio Claudio de Castro está com parte do dinheiro do resgate (que tomou emprestado a um banco) retido em depósito judicial, assim como não pode mover ação contra a boate One-Way, comprada com o dinheiro do sequestro por Sergio Marcio Moreno.

Transmitida pelo satélite meteorológico NOAA-4 e recebida pelo Instituto de Pesquisas Especiais em Cachoeira Paulista, entre 9h15m e 13h05m, a fotografia mostra as manchas brancas, nuvens que podem ocasionar chuvas. A parte escura é indicativa de tempo bom. A distorção gráfica no mapa do Brasil é consequência da altitude em que foi operada a fotografia (1.446,2 km) e a aberração da esfericidade provocada pela lente.

ANALISE SINÓTICA DO MAPA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE METEOROLOGIA INTERPRETADA PELO JB — Anticiclone [illegible] com centro de 1026 mb localizado em 23°S e 34°W. Frente fria em dissipação localizada no litoral Sul de S. Catarina, estendendo-se [illegible] do Paraná e Sul do Paraguai. Frente fria localizada no Sul do R. G. do Sul, estendendo-se pelo Norte da Argentina e Sul da Bolívia. Anticiclone polar com centro de 1018 mb localizado em 33°S e 55°W.

NO RIO

Tempo bom. Nebulosidade [illegible] Névoa [illegible] Temperatura estável. Máx. 32,7 [illegible] Mínima 15,5 Alto da Boa Vista.

O SOL

Nascente [illegible]
Ocaso [illegible]

A CHUVA

[illegible]

TEMPERATURA E TEMPO NOS ESTADOS

Amazonas — Pará — Nublado com [illegible]. Temp. estável. Máx. 35,8. Mín. 21,7.

Roraima — Nublado [illegible]. Temp. estável.

Maranhão — Piauí — Ceará — Bom [illegible]. Máx. 31,2. Mín. 27,6.

R. G. Norte — Nublado [illegible]. Temp. estável.

Paraíba — Pernambuco — Nublado [illegible] 20,7.

Alagoas — Sergipe — Nublado [illegible]. Temp. estável. Máx. 26,0. Mín. 21,7.

Bahia — Bom [illegible]. Temp. estável. Máx. 27,6. Mín. 21,2.

Mato Grosso — Rondônia — Goiás — [illegible] Máx. 32,7. [illegible]

Brasília — Bom [illegible] Máx. 29,7. [illegible]

Minas Gerais — Bom [illegible]. Temp. estável. Máx. 19,4. Mín. 14,4.

Espírito Santo — Bom [illegible]. Temp. estável. Máx. 26,4. Mín. 19,4.

São Paulo — Bom [illegible]. Temp. estável. Máx. 29,4. Mín. 16,0.

Paraná — Bom [illegible]. Temp. estável. Máx. 23,0. Mín. 15,5.

R. G. do Sul — [illegible]. Máx. 26,2. [illegible]

A LUA

CRESC.

[illegible] 19 de setembro

OS VENTOS

LESTE

[illegible]

O MAR

MARÉS

Rio-Niterói — Baixamar [illegible] **Cabo Frio** — [illegible] **Angra dos Reis** — [illegible]

TEMPERATURAS

[illegible]

TEMPO NO MUNDO

[illegible]

Interlagos promove corrida com Pace e Brambilla

São Paulo — Na expectativa de implantar um estilo de corrida de automóveis norte-americano num país cujo automobilismo segue a tradição européia, serão promovidos hoje, durante praticamente o dia inteiro, em Interlagos, o I Torneio Brasileiro de Campeões e o I Torneio Sul-Americano de Automoveis de Turismo.

As principais atrações serão os pilotos de Fórmula-1 Vittorio Brambilla e José Carlos Pace e de Fórmula-3 Alex Dias Ribeiro, além da exibição de *dragsters* pelos norte-americanos Wayne Gapp e Jim Halloran. A corrida principal será disputada por 35 pilotos.

Os pilotos — 17 brasileiros, 15 de países da América do Sul, dois norte-americanos e um italiano — dirigirão carros Ford Maverick de quatro cilindros, preparados de acordo com o regulamento do Grupo 1, da Federação Internacional de Automobilismo (FIA). Todos os carros estão nas mesmas condições de peso, cilindragem, velocidade e suspensão. O programa prevê ainda o Campeonato Brasileiro de *Slalom*.

Programa

Das 8 às 9 horas, haverá o sorteio de colocação dos Maverick e, das 9 às 10 horas, os pilotos farão um treino de reconhecimento de pista e dos carros (Brambilla, por exemplo, nunca viu um Maverick em sua vida). Das 10 às 11 horas, será realizado o Campeonato Brasileiro de Slalom e, das 11 às 12 horas, será preparada a primeira bateria da corrida.

A primeira bateria, com 12 voltas, terá o tempo de uma hora, a partir das 11 horas. Entre as duas baterias, serão exibidos os *Dragsters* em frente às arquibancadas de Interlagos. A segunda bateria, que será preparada às 14 horas, começa às 15 horas.

"Slalom"

Slalom é uma prova de velocidade realizada em superfície pavimentada, com mudanças de direção provocadas por obstáculos artificiais que reduzem a velocidade. Cada piloto só participará com um veículo por competição. As largadas serão do tipo parado com o motor em funcionamento, não podendo haver mais de dois carros na pista, simultaneamente.

As provas de slalom serão realizadas em duas baterias, cada uma com uma extensão de pelo menos mil metros. Para a classificação final, apenas o melhor tempo de cada piloto é levado em consideração.

"Dragsters"

Numa pista reta, plana e limpa de, pelo menos, meia milha (800 metros) de extensão, dois carros de série, especialmente "envenenados" largam separados por uma faixa amarela. São as corridas de *dragsters*, que duram segundos e são exclusivamente de máxima velocidade, exigindo do piloto toda a concentração para a largada, a aceleração durante 400 metros e a desaceleração em mais de 400 metros, usando e um pára-quedas especial.

Cada carro especial de *dragsters* tem 700 HP [illegible] e 700 [illegible] pode atingir 230 milhas [illegible] horárias. Os *dragsters* [illegible] Maverick [illegible]. Na adaptação [illegible] Gapp e Halloran [illegible] tam em media 25 mil dólares (cerca de Cr$ 220 mil) e quatro meses. Esse tipo de corrida, nos Estados Unidos, é muito popular. Em Interlagos a categoria [illegible] da será [illegible].

A principal

A corrida principal, em duas baterias, [illegible] Maverick de quatro [illegible] [illegible] do regulamento da categoria Turismo [illegible]. Seus favoritos, além das atrações internacionais (entre os quais os chilenos Rodrigo Gana e Luis Hurtado), são os pilotos paulistas Luis Pereira Bueno e Jaime Silva e o gaúcho Clóvis de Moraes.

Segundo José Carlos Pace, é provável que aconteçam muitas batidas, porque "os carros são todos iguais e permitirão a mesma chance aos 35 participantes. Os pilotos irão juntos em todas as curvas e não haverá espaço suficiente para todos. Ganhar será uma questão de sorte." Ele disse também que [illegible]

Tènis começa esta manhã o Brasileiro

Sandra Saboogh x Gilka Ramalho, na quadra dois do Clube Monte Líbano; Sérgio Avancini x Daniel Azulay, na quadra um do Country Clube, e Julio Goes x Alberto Alcoulombre, na quadra quatro, são as principais atrações de hoje, às 9 horas, quando terá início o Campeonato Brasileiro de Tênis para Adultos.

Além desses nomes, o Campeonato conta com a presença de Paulo Lemann, tetracampeão brasileiro e 12 vezes campeão carioca, Fernando Gentil e Luis Felipe, recém-chegados de uma temporada nos Estados Unidos, Ney Keller, [illegible] americano, Celso Sacomandi e José Carlos Schmidt, ambos convocados para representar o Brasil no Pan-Americano do México, que serão os principais adversários entre si, já que todos são cabeças de chaves.

Pelo setor feminino, a presença de Andréa Cabral Meneses, que, demonstrando uma excelente forma física e técnica, derrotou Wada Ferraz de Oliveira, pelo Campeonato Carioca. Cristina Britto, representante da Bahia e única do ranking nacional, estará ausente e será substituída por Gilka, que disputou recentemente no Canadá e Estados Unidos os Torneios Juvenis da Pepsi-Cola.

Recuperação

Santiago — O tênis chileno decidiu ir a Baastad, na Suécia, disputar a semifinal da Copa Davis com representantes daquele país nos dias 19, 20 e 21 deste mês, diante da resolução do Comitê Internacional do Tênis, que funciona em Londres.

O Chile, inicialmente, não mandará sua equipe titular da Taça Davis, pois seus [illegible] tenistas — Jaime Fillol, Patricio Cornejo e Belus Prajoux — se negam a ir à Suécia depois das ameaças de morte que receberam. A Federação chilena disse que mandará "o que de melhor possui no momento."

Representarão o Chile em Baastad, assim, Jaime Pinto, o quarto inscrito na Copa Davis, e os juvenis Alejandro Pierola e Hans Gildemaister, ambos com experiência em torneios internacionais, na Espanha e nos Estados Unidos. Resta saber agora se o Comitê Internacional e a própria Federação Sueca aceitarão os novos nomes indicados pelos chilenos.

Vitória de Koch

Cidade do México — O brasileiro Thomas Koch derrotou ontem o argentino Ricardo Cano na primeira rodada da série mexicana do torneio de tênis em que se disputa a Copa Marlboro marcando 7/6 e 6/4. Já o outro brasileiro, Edson Mandarino, perdeu do inglês Roger Taylor por 6/2 e 6/2.

Nos outros resultados do dia, o espanhol Manuel Santana venceu o colombiano Ivan Molina por 2/6, 7/6 e 7/6, e o venezuelano Humphrey Hose venceu o chileno Patricio Cornejo por 7/6 e 6/4.

Polônia vence

Varsóvia — A Polônia eliminou a Noruega do grupo B da zona européia da Taça Davis ao marcar uma vantagem irrecuperável de 3 a 0, com a vitória nas duplas. Wojciech Fibak e Tadeusz Nowicki derrotaram Per Hagen e Reik Ulleberg por 6/0, 7/5 e 6/0.

Carioca e gaúcho se impõem na ginástica

Porto Alegre — O carioca Sérgio Jatobá e o gaúcho Júlio Brandão, ambos classificados para o Pan-Americano, foram os destaques ontem no XI Campeonato Brasileiro de Ginástica Olímpica, desta capital, na prática de exercícios livres, sobre o cavalo, somando 7,3 e 8,0 pontos, respectivamente, despontando como favoritos para a disputa do título hoje, na competição por aparelhos.

Na competição da trave, a gaúcha [illegible] Tonial, com atuação impecável, desempatou em favor da equipe do Rio Grande do Sul pela vantagem de dez décimos a igualdade estabelecida na véspera, em 75,95, com a equipe de Minas Gerais.

Trave — Feminino: [illegible]

Cavalo — Masculino: [illegible]

Porto Alegre

O carioca Sérgio Jatobá foi o melhor no cavalo

Na Classe Carioca, a regata foi bem disputada e a vitória final coube ao barco Nena-III, *do iatista Paulo Neiva*

Exército vai liderando no atletismo

Na primeira parte do X Campeonato de Atletismo das Forças Armadas, ontem de manhã na pista do Estádio Célio de Barros, foram superados quatro recordes, três dos quais por atletas do Exército, que lidera a competição com 147 pontos e hoje na etapa final deve consolidar a vantagem.

João Carlos de Sousa, da equipe brasileira que irá aos VII Jogos Pan-Americanos, melhorou o recorde das Forças Armadas no salto em distância com 7,5m. Os outros recordistas foram Carlos Alberto Alves, da Aeronáutica, nos 5 mil metros, com 14m25s0, Eleu de Sousa, do Exército, na altura, com 1,96m e a equipe de revezamento 4x100m do Exército, com o tempo de 40s8.

Programa de hoje: 9h: 400m barreiras, arremesso martelo, salto com vara; 9h20m: 10.000m; 10h: 200m, salto triplo, arremesso disco; 10h20m: 1.500m; 10h45m: revezamento 4x400m.

Alemães decepcionam

São Paulo — Os dez dias de sol e praia e sem qualquer treinamento no Rio de Janeiro impediram que a equipe alemã de atletismo do SV Bayer 04 cumprisse boa atuação, ontem, durante a primeira etapa do Torneio Atlético Brasil-Alemanha, realizada no Conjunto Esportivo do Ibirapuera, embora no total de provas tenha vencido a equipe brasileira por 8 x 4. O Brasil foi representado por 25 atletas paulistas, entre os quais a recordista sul-americana de arremesso de disco, Odete Valentim Domingues, que fez a marca de 51,58m, 40 centímetros a menos de sua melhor atuação.

Mais de duas mil pessoas assistiram à competição, que prossegue hoje de manhã, com as provas de 400 metros com barreiras para homens, salto em altura, arremesso de disco, 200 metros rasos, salto triplo, salto com vara, arremesso de dardo, 800 metros rasos para homens; e ainda arremesso de peso, 200 metros rasos, salto em altura e revezamento 4x100 metros para moças. Outro bom destaque nas provas de ontem foi o brasileiro Márcio Viana Lomonaco, vencedor dos 110 metros com barreiras, marcando 14s3, dois décimos a mais de sua melhor marca, 14s1, atual recorde brasileiro.

Marca

Os alemães não estiveram bem nem no arremesso de martelo, embora tenham vencido os brasileiros, pois Darwin Pineyrua — uruguaio radicado na Alemanha — que já foi campeão sul-americano com 63,8 metros, ontem não conseguiu arremessar a uma distância maior do que 57,30 metros.

Na prova dos 100 metros rasos para moças, a alemã Marion Schwerdtfeger venceu marcando 12s3. Em segundo lugar ficou a brasileira Elza de Carvalho Rocha com 12s4. Nos 100 metros rasos para homens, o alemão Manfred Ommer confirmou seu absoluto favoritismo, marcando 10s6, e seu compatriota Helmut Leibner fez 10s8 enquanto o brasileiro mais bem colocado nesta prova José Luiz Zogaib, ficou com o terceiro lugar, marcando 11s3.

Nos 400 metros rasos para homens, os dois melhores classificados foram Friedhelm Grimmiger e Rolf Weissert, ambos alemães, com 48s4 e 49s3, respectivamente. O terceiro lugar ficou com o brasileiro Antônio Carlos Feijão, com 50s4.

A brasileira Rosa Maria de Sousa nos 400 metros rasos para moças foi uma boa surpresa: ela não deu boa saída, mas acabou superando sua mais séria rival, também brasileira, Cleide de Souza, 58s5, enquanto Cleide fazia 59s5.

No salto a distância para homens, Helmut Kleuck, da equipe do Bayer 04, foi o primeiro colocado marcando 7,36 metros. O brasileiro João Carlos dos Santos ficou em segundo, com 6,88 metros. No salto em distância para moças, o primeiro lugar ficou com a alemã Sabine Kleuck, com 6,16 metros. Em segundo, outra alemã, Sabine Wecke, com 5,85 metros, e em terceiro a brasileira Elizabeth Candido Nunes, com 5,78m.

No arremesso de peso, o alemão Udo Gelhausen ganhou o primeiro lugar marcando 16,05m e em segundo seu companheiro Darwin Pineyrua, com 13,22m. Nos 110 metros com barreiras para moças, a brasileira Maria Luiza Betioli demonstrou sua excelente forma ganhando com facilidade a prova com 14s4, seguida pela alemã Lollo Leidel, com 14s9. No arremesso de disco para moças, a recordista sul-americana Odete Valentim Domingues foi a primeira, marcando 51,58 metros, seguida de outra brasileira, Elisa Maria Bertani, com 47,10 metros.

Na prova de revezamento 4x100 para homens, [illegible] superou com facilidade a brasileira, fazendo o percurso em 41s2 contra 42s2.

"Eolo" confirma previsão e vence primeira regata

Com uma diferença de quatro minutos e sete segundos, do segundo colocado — **Cilene** — o iate **Eolo**, de Leopoldo Antunes Maciel ganhou no tempo corrigido a primeira regata do Torneio Eugênio Villarino, para a Classe Oceano, disputada ontem, à tarde, na ponta do Arpoador.

Cangaceiro, de Domício Barreto, quarto colocado no tempo corrigido, foi o **Fita Azul**, cruzando a linha de chegada às 15h51m06s0 seguido de **Eolo**. Hoje, a partir das 13 horas, será realizada a segunda e última regata.

"NENA" CAMPEÃO

Nena-III, de Paulo Neiva, venceu a regata decisiva da Classe Carioca, ontem na raia da Escola Naval conquistando a Taça Neptunes, com zero ponto perdido. Em segundo lugar, na regata de ontem e na classificação final, foi **Garoa**, de Gilberto Ramos. A ordem de chegada dos demais concorrentes foi: **Ximango**, José Barreiros, **Felicia**, Jacques Purrin, **Hobby**, Murilo Borges, **Saci**, Jacques Auni.

Na primeira regata das três previstas pelo Torneio da **Primavera**, da **Classe Optimist**, **Pink Panter**, manteve a sua invencibilidade, vencendo ontem com boa margem do segundo colocado, **Feijão**, de Lauro Volner. Os demais colocados foram: **Brisa**, Luiz Oliveira Neto, **Dondoca**, Débora Volner. Hoje será disputada a segunda regata, ficando a terceira para sábado.

Em Niterói, pelo Campeonato da Flotilha da Classe Laser, **Chorão**, de Pedro Bulhões, foi o vencedor derrotando a Axel Schmidt, que concorreu com **Osprey-XVI**. **Filão**, de Murilo Borges, foi o terceiro, e em quarto, **Inevitable**, de Nelson Guimarães.

OCEANO

A classificação da primeira regata do Torneio Eugênio Villarino foi a seguinte: Tempo corrigido: 1º **Eolo**, 2h46m38s0, 2º **Cilene**, 2h50m45s0, 3º **Angela**, 2h50m54s0, 4º **Cangaceiro**, 2h51m06s0.

Ordem de chegada: 1º **Cangaceiro**, 2º **Eolo**, 3º **Angela**, 4º **Neptunus**, 5º **Cilene**, 6º **Simbad**, 7º **Malabar IV**, 8º **Pantari**.

LAGOA

Com promoção e controle do Caiçaras será realizado hoje a competição Seis Horas da Lagoa para Classe Pinguim, com a participação de 30 barcos. Pedro Paulo Petersen, tricampeão mundial, Alex Weill e Marco Antonio Gantois são os nomes mais destacados. O percurso é em forma triangular e em vários trechos os concorrentes serão submetidos a vários testes tipo gincana. A saída será dada às 10 horas.

Newport, Estados Unidos — O iate norte-americano **Pied Piper** obteve a segunda colocação na última regata do Campeonato Mundial para barcos de Uma Tonelada, mas conquistou o título geral com 124 pontos. Os barcos brasileiros **Mach-II** e **King Fish**, ficaram em quinto e décimo primeiro lugares, na regata final. A colocação geral não foi divulgada devido a vários protestos enviados à comissão organizadora da prova.

Feitosa acha que voleibol tem evoluído

Os desfalques de Luís Eymard, Mário Marcos, Alexandre e Adervai, todos titulares de equipes anteriores, não impediram que a Seleção Brasileira Masculina de Voleibol realizasse excelentes exibições, disputando ponto a ponto todos os jogos de que participou na temporada internacional da modalidade que teve início no Rio, e que recomeça hoje, em Belo Horizonte.

Para o técnico da equipe, Carlos Eduardo Feitosa, a Seleção apresentou 60% do que pode fazer, pois os treinos — concentração — começaram no dia 1º deste mês, e, para apenas 12 dias, o aproveitamento foi bom. "Há grande diferença na parte física. Quando atingirmos um ponto de igualdade física, então superaremos tudo.

LONGO PRAZO

— Estamos iniciando um trabalho a longo prazo. Precisamos planejar e seguir a risca. A meta não é o Pan-Americano — ele é apenas uma etapa. Nosso objetivo a curto prazo é a Olimpíada. O Japão para ser campeão precisou de 12 anos.

Feitosa mostrou-se muito satisfeito com o rendimento da equipe nos três jogos, comentando as atuações contra a Coréia do Sul e Japão.

— O jogo contra a Coréia foi ingrato. Tentamos usar contra eles a mesma tática aplicada pelo Japão, quando enfrentou a Coréia. Tivemos nosso ponto forte no bloqueio, excelente apesar das fintas, e perdemos uma partida praticamente ganha. Com o Japão foi bom, apesar de mais falhas no bloqueio.

— O Japão é campeão olímpico — continuou ele — joga mensalmente na Europa, tem um forte intercâmbio, e nós estamos começando a ter um trabalho a longo prazo. Com treinamento adequado, não haverá problema de jogarmos de igual para igual. Com exceção da parte física, em técnica jogamos duro com eles em todos os sets. Finalmente, no [illegible] grande diferença, eles fazem [illegible], o que não acontece conosco.

Andebol define 4 finalistas dos JB/Shell

Com a vitória da UFRJ sobre a Cândido Mendes por 33 x 3 e da Gama Filho sobre a SUAM por 20 x 16, as duas ganhadoras de ontem, no campo da FEURJ, e a FOA e UERJ se classificaram para disputar os quatro primeiros lugares do andebol masculino dos II Jogos Universitários JORNAL DO BRASIL-Shell, enquanto as duas perdedoras, mais a PUC e a Naval jogarão tentando colocar-se do quinto ao oitavo lugares.

No futebol de salão, a partida entre Naval e Simonsen foi transferida, a SUAM derrotou a Somley por 3 a 2, e a PUC venceu a FIAT pelo mesmo placar, conseguindo a vaga para as semifinais. No futebol de campo, a Estácio de Sá superou a UERJ por 1 a 0 e a ESFO a Cândido Mendes por 2 x 1. No voleibol masculino, que seria o primeiro jogo nas novas dependências da SUAM, a Estácio de Sá não compareceu, dando a vitória à primeira por WO.

CLASSIFICADOS

A UFRJ não teve a mínima dificuldade para vencer a Cândido Mendes com 30 gols de diferença, enquanto que SUAM e Gama Filho fizeram uma partida mais igual. Os próximos jogos de andebol masculino serão marcados na reunião de representantes da FEURJ, depois de amanhã.

Jogaram e marcaram pelas equipes vencedoras: UFRJ — Sérgio, Ronaldo (cinco gols), Sérgio (um), Colin (seis), João (um), Joberto (três), Armando (quatro), Francisco (quatro), Miguel (três), Ronaldo Figueiredo (dois), Alexandre (três) e Marcelo. Pela Cândido Mendes os gols foram feitos por Carlos Alberto e Carlos Coutinho (um).

Gama Filho — José Gomes, Francisco (três), José Rosário (seis), Luís Mendo, Roque (três), João Batista (quatro), Marcelo (um), Paulo, José Bento, Antonio Azevedo [illegible]. Marzagão [illegible] a SUAM [illegible] Ce [illegible] e Paulo [illegible].

OUTROS ESPORTES

Golfe

Edu Cortes, com **handicap** oito e com uma volta de 76 tacadas, lidera com Mike Moyer e W. Harvey a Taça Cruzeiro do Sul, iniciada ontem no Gávea, em 36 buracos, na modalidade **stroke play**, com a participação de 60 golfistas.

Walter Ratto e Angus Hiltz, este último um dos favoritos da competição, ocupam, respectivamente, a quarta e quinta colocação, e para hoje são apontados como prováveis finalistas.

A Taça Dunlop, em **match play**, do calendário do Itanhangá foi iniciada ontem, com 36 jogadores, dos quais 16 foram selecionados para a segunda volta, hoje também em 18 buracos. Para o próximo fim de semana, serão tirados os oito melhores colocados.

Hipismo

A equipe A do Colégio Militar do Rio de Janeiro, formada pelos alunos Serra, montando **Bibelot**, Ney Boghossian, com **Kung-Fu**, Sandry, com **Talento** e Enes, com **Takar II**, sagrou-se campeão do torneio disputado entre o CMRJ, Academia Militar das Agulhas Negras e Centro Preparatório de Oficiais da Reserva, com 33 participantes.

Após a realização das provas para mirins e júniores, que teve como vencedores Jorge Itajahy, montando **Bibba**, e Carlos Gusmão, com **ZYZ-22**, respectivamente, a Sociedade Hípica Brasileira organizou para hoje, em sua pista, às 10 horas, uma prova tipo Americana — duas faltas — para a escolinha interna com a participação de 17 conjuntos.

Pólo

O time do Santa Teresa venceu o do Leões por 12 a 8 na partida inaugural do Torneio Independência de Polo, ontem à tarde no campo do Itanhangá. Ari Castilhos, do Santa Teresa, foi o artilheiro do jogo com cinco gols.

O Torneio prossegue esta tarde com Águias e Leões, a partir das 15h30m. A decisão do Carioquinha entre Lírios e Tigrinhos foi transferida de ontem para quarta-feira.

Jogaram e marcaram: **Santa Teresa**: Ari Castilhos (5), Jorge Rangel (3), Paulo César Tovar (2), Sérgio Alberto Carvalho (2). **Leões**: Geraldo Calmon, Júlio Secco (Paiva Chaves, 1 gol), José Luiz, Eduardo Secco (1). Juízes: Saul Madeira e Alexandre Pereira de Souza.

Water-Pólo

O Botafogo e o Tijuca foram os vencedores da terceira rodada da fase de classificação do II Torneio de Jovens de Water-Polo, disputada ontem, na piscina do Tijuca. O Botafogo derrotou o Guanabara, por 11 a 2 e o Tijuca venceu o Internacional por 11 a 3. O Tijuca e Fluminense estão liderando o torneio, sem pontos perdidos.

Terá início hoje o III Torneio-Relâmpago de Water-Polo, com a realização de seis jogos, que serão disputados às 9 horas, na piscina do Guanabara. A programação é esta: 9 horas — Guanabara x Flamengo; 9h 30m — Gama Filho x Canto do Rio; 10 horas — Seleção Brasileira x Tijuca; 10h 30m — Fluminense x Botafogo; 11 horas — Seleção Brasileira x Guanabara; e às 11h 30m, Fluminense x Canto do Rio.

Tiro

O Fluminense liderou as duas provas de ontem, que fazem parte do calendário anual da Federação de Tiro do Rio de Janeiro. Paulo Lamego, com 541 pontos, venceu a de pistola livre e Germano Manderback, com 578, a de carabina deitada. Hoje, às 8h 30m, será disputada a prova de carabina de ar, no **stand** do Flamengo, também incluída no programa anual.

Os resultados de ontem foram os seguintes: **pistola livre**, no **stand** do Fluminense: 1º Paulo Lamego, com 541, 2º Silvino Ferreira, 529, 3º Milton Mouzinho, 521, 4º Álvaro Santos, 520, e 5º Mário Marques, 508 (todos do Fluminense). **Carabina deitada**, no Flamengo: 1º Germano Manderback, 578 (Fluminense), 2º [illegible] (Naval), 571, 3º [illegible] (Flamengo), 570, 4º [illegible] Ferreira (Fluminense), 568, e 5º [illegible] (Fluminense), 560.

Chico Júnior
Enviado especial

Santiago — O piloto brasileiro Edmar Ferreira fez o melhor tempo — 1m22s — de classificação, ontem, para a segunda etapa do Campeonato Latino-Americano de Motociclismo, que será disputada hoje, na modalidade velocidade. A *cross* será corrida na quinta-feira.

Edmar não precisou se esforçar e nem exigir o máximo de sua Yamaha de 350cc para conseguir o melhor tempo. Seus adversários estão mecânica e tecnicamente bem inferiores a ele, que só não vencerá se aparecer um defeito em sua máquina. Essa possibilidade, contudo, é difícil de acontecer.

O venezuelano Rogelio Cardozo marcou um tempo com um segundo abaixo do de Edmar e o [illegible] Vicenzo Casetino ficou em terceiro lugar, com 1m23s7. Apesar da diferença de um segundo entre o brasileiro e o venezuelano, esse detalhe não quer dizer que se vá assistir a uma corrida muito disputada. Na hora da competição, a vitória deve ser mesmo de Edmar, que tem tudo para [illegible] a prova do princípio ao fim.

O cubano Fernando Macia, da equipe venezuelana, continua impedido de entrar no Chile. Ele agora está em Lima, no Peru, tentando convencer as autoridades chilenas a lhe concederem o visto de entrada no país ainda a tempo de participar da competição.

Flu deve bater recorde de renda em S. Luís

São Luís — O Fluminense pode não vencer os quatro jogos que fará no Norte-Nordeste, mas com toda a certeza provocará excelentes arrecadações. Bastou anunciar a provável escalação de Rivelino no final da partida contra o Moto Clube, para que a procura de ingressos aumentasse. As cadeiras foram todas vendidas desde sexta-feira, e é até possível que aconteça um novo recorde no Estádio Nhozinho Santos hoje à tarde.

Ninguém quer perder a oportunidade de ver Rivelino, nem que seja por alguns minutos, e a partida, que até há poucos dias vinha sendo considerada uma rotina no Campeonato Nacional, tomou novos aspectos depois que o Fluminense admitiu a escalação do seu mais destacado jogador. Nas conversas pelos bares e esquinas há até quem fale em chegar bem cedo ao estádio, com medo de não encontrar lugar.

O time carioca tem uma campanha fraca até agora: venceu o Atlético (MG), empatou com o Comercial e perdeu para Coritiba e Palmeiras. Hoje fará tudo para vencer por uma diferença de dois gols, a fim de conseguir três pontos.

O paulista Dulcídio Vanderlei Boschilla será o juiz, auxiliado por Wilson Van Lume e Claudionor Lopes.

As equipes: **Fluminense** — Nielsen, Toninho, Silveira, Assis e Marco Antônio; Zé Mário, Carlos Alberto e Cléber; Gil, Manfrini e Mário Sérgio. **Moto Clube** — Ney, Marinho, Jorge Luís, Arizinho e Breno; Jorge Santos, Ferraz (Santana) e Carlos Alberto; Lima, Riba e Cláudio.

RIVELINO NO BANCO

E' difícil ver Rivelino sentado num banco de reservas, mas isso ocorreu em 1969, nas eliminatórias para a Copa do Mundo. Hoje acontecerá de novo, em São Luís, só que desta vez é uma reserva forçada pelas circunstâncias. E não vai durar toda a partida.

Caso o jogo contra o Moto Clube não seja violento e transcorra normal, Rivelino entrará no time com o propósito de readquirir sua forma. Ele está afastado desde o jogo contra o Palmeiras, quando contundiu-se seriamente.

A alegria do jogador por voltar ao futebol é imensa e a ansiedade por entrar logo na equipe é maior ainda. O banco, para ele, se torna ainda mais desagradável quando seu ocupante tem um temperamento irrequieto, como o seu, que vive tudo o que se passa no campo.

Botafogo acredita em êxito com novo ataque

São Paulo — Nílson, Claudiomiro e Fischer. Neste ataque, de homens-gol, se baseia o otimismo do técnico Zagalo para que o Botafogo, a partir desta tarde em Campinas, contra o Guarani, reencontre o seu melhor futebol ofensivo, capaz de conquistar vitórias e alegrar a torcida.

A fórmula, no entanto, ainda depende de acertos que só virão com o tempo. Nílson não atua na ponta direita há algum tempo e Claudiomiro, ainda com alguns quilos a mais, necessita de mais treinamento para readquirir a forma que o levou à Seleção Brasileira em 1971.

A partida entre Botafogo e Guarani, um excelente atrativo para o público de Campinas, começa às 16 horas, no Estádio Brinco de Ouro, com arbitragem de José Luís Barreto, auxiliado por Pedro Inácio Filho e Demésio Rodrigues.

As equipes: *Botafogo* — Wendell, Miranda, Chiquinho, Artur e Valtencir; Carlos Roberto, Ademir e Dirceu; Nílson, Claudiomiro e Fischer. *Guarani* — Sidnei; Odair, Édson, Amaral e Bezerra; Flamarion e Alexandre; Hamílton Rocha, Afrânio, Juti e Zito.

O técnico garantiu que, com a volta de Nílson, o Botafogo apresentará um esquema de jogo superior ao que exibiu contra o Corinthians, embora nesta partida o time tivesse um bom segundo tempo, conseguindo excelente empate. Acha que não será fácil derrotar o Guarani, em Campinas, mas orientou seus jogadores para que atuem ofensivamente, porque o Botafogo precisa melhorar sua posição.

Americano é otimismo total para esta tarde

Campos — O reaparecimento do zagueiro Lusinho e a necessidade de vencer o Santa Cruz para manter ainda esperanças de classificação, nesta primeira etapa do Campeonato Nacional, são dois fortes motivos para que o jogo de hoje dê uma boa renda, embora entre os torcedores campistas poucos acreditem que o time pernambucano possa fazer frente ao Americano.

Se, entre os jogadores, dirigentes e torcedores do Americano o clima é de otimismo, o mesmo não ocorre com a delegação do Santa Cruz, desmotivada pela campanha ruim que o time vem fazendo, pelos desfalques — cinco titulares, dois por estarem suspensos e três por contusão — e pela saída do técnico Carlos Froner, que será substituído na tarde de hoje pelo seu antigo auxiliar, Vaúzir Santos.

Depois de um treino tático-recreativo na tarde de ontem, o técnico Paulo Henrique confirmou o time do Americano: Dorival; Ney Dias, Lusinho, Luís Alberto e Marcos; Jairo, Didinho e Paulo Roberto; Luís Carlos, Dionísio e Rangel. No banco ficarão Félix, Mundinho, Índio e Messias. Dependendo do andamento da partida, Paulo Henrique pretende fazer uma experiência com o meio-campo Índio, emprestado pelo Campinas ao Americano, e que, no último Campeonato de Campos, revelou-se como um dos destaques do futebol local.

O técnico provisório do Santa Cruz informou que seu time deverá formar com Jair; Orlando, Renato Cogo, Levi e Pedrinho; Givanildo, Zé Mário e Zito; Ramon (Woiner), Nunes e Pio.

O árbitro será Maurílio José Santiago, auxiliado por Paulo Antunes e Armando Duarte.

Brasil e seu grupo nas eliminatórias da Copa

Cochabamba — Em meio a grande tensão — a delegação peruana abandonou a reunião, inconformada com a indicação de três países para cabeças-de-chave — a Confederação Sul-Americana de Futebol, reunida ontem nesta cidade, definiu os grupos para as eliminatórias do Mundial de 78, ficando o Brasil na chave um, ao lado de Paraguai e Colômbia.

No grupo dois estarão o Uruguai, Venezuela e Bolívia e no grupo três Chile, Equador e Peru.

A volta de Ivo é uma solução para os corações

Oldemário Touguinhó

Ao desembarcar na noite de ontem no Aeroporto do Galeão, vindo de Porto Alegre, o jogador Ivo estava mais irritado com a equipe do Hospital Moncorvo Filho, que confirmou as conclusões de Madri segundo as quais devia se afastar do futebol, do que propriamente com o Atlético de Madri, que deu início a todo o problema.

Esses e outros desagradáveis problemas futuros — sobretudo de coração — poderão ser evitados, lembra o cardiologista Maurício Rocha, se CBD e CND obrigar todos os atletas a fazer no início de cada temporada um exame profundo de avaliação de suas aptidões físicas. No momento há três grandes laboratórios no Brasil em condição de fazer esses exames nos atletas: o da UFRJ, na ilha do Fundão, o da Universidade de São Paulo e o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Ivo voltou de Porto Alegre em companhia do pai, Sr Vitor, e com documentação completa sobre seus exames, da qual encaminhará cópias ao Ministro da Educação e à CBD. Entrega tudo hoje ao Dr Vicente Vilano, diretor-médico do América, e espera jogar domingo que vem.

Murgel acha comum o caso do jogador

Na opinião do Dr Luís Murgel, professor de cardiologia da Universidade do Rio de Janeiro, que entre outras atividades já foi durante quatro anos integrante do Comitê Médico da FIFA, o caso de Ivo é comum, não representando nenhum problema a inversão da onda T de seu eletrocardiograma.

"Há muitos anos vivo no futebol e já estou acostumado a esses problemas com jogadores. A onda T, que tanto preocupou o jogador Ivo, é apenas uma parte do eletrocardiograma que corresponde a uma fase do ciclo cardíaco chamado repolarização ventricular. E' uma onda de grande importância, mas isoladamente não se pode atribuir valor definitivo às suas alterações antes do cotejo com numerosos outros dados clínicos de laboratório e raios X, porque muitas alterações dessa onda podem ser por causas passageiras e outras vezes por determinadas condições especiais do paciente, onde a alteração, embora anormal, poderá ser normal para aquele caso específico.

E' exatamente o que acontece no coração de alguns atletas bem treinados, em que a chamada inversão T poderá se constituir em dado normal para aquele coração. Esta conclusão, é claro, tem que alicerçar-se em numerosos exames, entre os quais podemos destacar o eletrocardiograma de esforço, a cinecoronariografia e a ventriculografia, nos quais as coronárias e o ventrículo esquerdo são perfeitamente visualizados ao raio X, por meio de injeção de um contraste, e a sua normalidade é estudada pelas imagens que se sucedem, como em cinema."

Depois de analisar o laudo médico de Ivo, de após seus exames em Porto Alegre, o Dr Luís Murgel chegou à conclusão que o jogador poderá tranquilamente continuar no futebol.

— Quando aparecer alguma irregularidade num eletro de atleta, o que se deve fazer é dar prosseguimento aos exames, e nunca considerá-lo inicialmente impedido de praticar esporte. Há alguns anos o Sabará, jogador do Vasco, teve alguns problemas num eletrocardiograma. Mesmo assim, depois que uma equipe médica da qual fiz parte o examinou e considerou apto para o esporte, ele nunca mais sentiu nada no coração. Sabará tinha outros casos além da inversão da linha T e isso jamais o impediu de jogar. O meu primeiro caso com atleta foi o de Magnones, que teve sopro cardíaco, mas também não foi problema maior — acrescentou o médico.

Na opinião do Dr Luís Murgel, o que acontece é que, quando se fala em coração, muita gente fica com medo, e alguns chegam logo a imaginar doença. Por isso, qualquer dor no peito ou no braço esquerdo já faz a pessoa pensar que se trata de um caso cardíaco.

— Confesso que o melhor para evitar problemas de coração é o homem não deixar de fazer exercícios. Não há idade para parar de fazer uma ginástica. Todos, jovens e senhores, devem se exercitar, porque só assim estarão ativando a circulação geral e respiratória, tonificando os músculos e com isso mantendo uma boa saúde. Atualmente, até mesmo os cardíacos estão recebendo um plano de trabalho físico para sua fase de tratamento. Já se foi o tempo em que quem sofria do coração era obrigado a ficar deitado ou a não fazer esforço. Nada melhor para o cardíaco do que, depois de um teste de avaliação, seguir seus exercícios. Por isso é que ao analisarmos um caso de atleta temos de fazê-lo com cuidado, porque coração de atleta é sempre um coração forte.

Observações do Dr. Luís Murgel, ex-chefe de Cardiologia do Hospital Pedro Ernesto, ex-presidente do Fluminense, atual membro da Comissão de Assuntos Internacionais da CBD, integrante durante 4 anos do Comitê Médico da FIFA, livre-docente de Cardiologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Rio de Janeiro e fundador e diretor-geral do Prontocor.

A palavra do Atlético de Madri

Ramiro Valente, ex-jogador do Santos e do Atlético de Madri, atualmente um realizado corretor imobiliário e representante desse clube espanhol no Rio, foi o responsável pelas negociações entre Ivo e o Atlético: "é apenas peço a Deus que ele de fato possa continuar jogando, pois se o indiquei ao meu clube foi porque confiava bastante em seu futebol."

Depois de saber que Ivo poderá voltar ao esporte, Ramiro explica que de fato os primeiros exames do jogador na Espanha não foram bons e dá as seguintes informações:

a) O eletro mostrou inversão da onda T e problema de miocardiopatia.

b) No mesmo instante comunicamos o caso ao América e seu representante Álvaro Bragança aconselhou a examinar o jogador no Rio e não na Europa.

c) Aqui tudo foi confirmado nos exames no Hospital Moncorvo Filho, onde também acharam que no momento o melhor era aconselhar Ivo a não jogar futebol.

d) Na Espanha o tempo era curto e não se podia continuar com exames no jogador, como o exigia o eletrocardiograma. Já estávamos em cima da hora do fechamento das inscrições para o Campeonato e, na dúvida, o mais indicado era partir para a contratação de outro jogador. Sem tempo de confirmar a sua boa forma em exames mais completos, tivemos que apelar para um exame no Brasil. Não houve tempo de esperar uma sequência de testes como ele agora fez no Sul — e provou que está bom.

— Tanto na Espanha quanto no Rio os exames foram rápidos porque o tempo assim o exigia. Infelizmente, só agora, depois de fechadas as inscrições, é que soubemos que ele não tem nada grave.

e) Luís Pereira e Leivinha só foram comprados porque a torcida do Atlético estava decepcionada com o caso de Ivo e fomos obrigados a levar gente importante para fazê-la esquecer o caso de Ivo.

Bragança: foi questão de tempo

O Sr Álvaro Bragança, dirigente do América que acompanhou Ivo na sua viagem à Espanha, acha que seu jogador só não ficou no Atlético porque o clube não tinha tempo de fazer novos exames em Ivo.

A verdade é que Ivo só fez uma parte dos exames em Madri e, quando acusou a inversão da onda T, os dirigentes espanhóis resolveram suspender as negociações por medida de segurança. Como faltavem poucos dias para encerrar as inscrições de jogadores, eles ficaram com medo de acertar com Ivo. Mesmo assim, se nos exames efetuados no Brasil não se acusasse a inversão da onda T, Ivo seria contratado. Infelizmente, nos exames realizados sob a supervisão do nosso Diretor-Médico, Dr Vicente Vilano, foi constatada a inversão da onda T, e isso foi o bastante para os espanhóis desistirem de Ivo. Nos documentos que nos entregaram, na Espanha, apenas recomendavam ao jogador não continuar no esporte, mas não diziam que ele estava proibido de jogar. Mas isso eles só poderiam afirmar após um exame mais profundo. No entanto, agora o Ivo fez exames mais complexos em Porto Alegre e está pronto a voltar ao futebol, imediatamente. Acho que os espanhóis não quiseram se arriscar comprando o Ivo com muita razão, porque eles, em outra ocasião, compraram por um dinheirão o jogador Martinez e ele logo no primeiro jogo se sentiu mal; descobriram então que estava com um coágulo na cabeça. Foi direto para o hospital e durante oito anos ficou por conta do Atlético, que pagou tudo até ele morrer — explicou Álvaro Bragança.

A conclusão dos médicos gaúchos

Laudo do Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul:

"Correlacionando os dados clínicos com os achados eletrocardiográficos em repouso e em esforço, vectocardiográficos, radiológicos, cinecoronariográficos e ventriculográficos, chega-se à conclusão que o examinado é portador de sistema cardiovascular normal e que as alterações eletro e vectocardiográficas observadas na recuperação ventricular são do tipo frequentemente observadas em coração de atletas bem treinados." Com isto, Ivo poderá continuar praticando qualquer tipo de esporte segundo conclusão expressa do mesmo laudo.

Um conceito e muitos tabus

O professor Maurício Rocha, chefe do Laboratório de Fisiologia do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente de Filosofia Aplicada da Escola de Educação Física da mesma UFRJ, defendeu, nesta última, a tese Influência dos Exercícios Físicos sobre o Volume Cardíaco.

Na primeira parte do trabalho — que depois evidentemente entra em considerações muito técnicas — o professor Maurício Rocha explica em linguagem simples os tabus e preconceitos que sempre cercaram o conceito do chamado coração de atleta. Daí a importância do trecho do início da tese que abaixo transcrevemos.

A simples analogia sugeriu indevidamente aos médicos a idéia de patologia diante do coração desenvolvido dos atletas.

Formaram-se conceitos, criaram-se verdadeiros dogmas, hoje comprovadamente falsos, que ainda campeiam no pensar de alguns médicos não especializados e de leigos, com a força da expressão e da sugestão dos tabus.

Não raro se ouvem expressões como estas: coração dilatado, coração forçado, coração de atleta, lançadas com inconsciente firmeza, cortarem carreiras desportivas, espalharem o temor, a angústia e a neurose cardíaca.

Quantos capazes do meu tempo abandonaram o atletismo [illegible] coração já estava volumoso, como se o volume fosse um grito de alarma, aviso de perigo, do fantasma da insuficiência cardíaca.

O tabu invadia até esferas doutas, num crescente peculiar às pragas daninhas.

Sabemos até de um grande atleta nosso, hoje sentado em uma das Cátedras de nossa Faculdade, que foi proibido de competir numa Olimpíada, justamente quando tinha mais chance, porque o seu coração, como era de esperar (ou até de desejar), estava *volumoso*.

Obrigado pelos médicos a abandonar o treinamento, perdeu a sua grande oportunidade.

Alguns médicos atualmente dilatam o limiar, por eles considerado como normal para o atleta, numa concessão para atender ao paradoxo aparente que o conceito clássico lhes impõe. Estes, ainda não inteiramente conhecedores do mecanismo de incremento do volume cardíaco, estabelecem certos limites artificiais ou empíricos, que não resistem à crítica ou análise fisiológica.

Parte das alterações cardíacas trazidas pelo treinamento desportivo, o volume cardíaco nelas se situa numa inter-relação das causas e efeitos com o volume sanguíneo, Hemoglobina Total, Ritmo de Pulso e Capacidade de Trabalho.

Através do estudo meticuloso do mecanismo de incremento volumétrico sob ação do treinamento, [illegible] o estabelecimento [illegible] normalidade [illegible]

O coração de atleta e sua fisiologia estão descritos com precisão no seguinte capítulo da Enciclopédia Medicina e Saúde, da Editora Abril Cultural, que aborda o assunto em linguagem acessível:

Não seria de admirar se qualquer dia destes se desenvolvesse um ramo da medicina esportiva para orientar a "ginástica do coração". E' sabido que os exercícios físicos metódicos provocam o crescimento ou hipertrofia — dos músculos esqueléticos (assim chamados porque se fixam nos ossos por meio dos tendões). Mas não é só aí que se notam os efeitos: o coração, que também é um músculo, tende a acompanhar o desenvolvimento geral, adquirindo paredes mais fortes e ampliando sua capacidade de funcionamento. O coração normal, com a pessoa em repouso, provoca um fluxo sanguíneo da ordem de quatro a seis litros por minuto. Já os atletas longamente treinados, ao despenderem esforço muscular máximo, apresentam um fluxo de até 30 litros por minuto, ou seja, equivalente a cinco vezes mais do que o normal, em repouso.

Os tecidos orgânicos, mesmo quando não submetidos a esforços, necessitam de certas condições regulares: nutrição, índice de acidez do sangue, temperatura e fornecimento de oxigênio. A circulação sanguínea é encarregada de manter essa normalidade transportando os referidos elementos para as células e retirando delas os produtos resultantes do aproveitamento dos mesmos elementos transportados.

Evidentemente, um esforço muscular maior exige uma quantidade igualmente maior de tais elementos, para possibilitar o trabalho das células. Isso provoca a alteração circulatória, ou seja, com necessidade de um trabalho mais intenso do coração. Por sua vez, para trabalhar mais, também o coração precisa de mais elementos nutritivos, notadamente de oxigênio. Os pulmões, consequentemente, trabalham mais e exigem farta irrigação sanguínea, não só para sua nutrição como também para dar trânsito ao oxigênio aspirado, e conduzi-lo às células dos músculos, através da corrente sanguínea.

O grande coração — *O coração é um órgão muscular, oco, que tem as propriedades de contração e expansão. Funciona como uma bomba aspirante-premente e graças a ele é que a corrente sanguínea circula pelo interior das artérias e veias. Internamente, é dividido em quatro compartimentos — dois átrios e dois ventrículos. Os átrios ficam na parte superior, como se fossem o segundo pavimento de sobrados geminados, enquanto os ventrículos seriam o andar térreo. Cada átrio comunica-se, por meio de válvulas, com o ventrículo correspondente: átrio direito com o ventrículo direito e átrio esquerdo com o ventrículo esquerdo. Os átrios são como antecâmaras dos ventrículos. Têm paredes delgadas e reduzido poder de contração. Ao contrário, os ventrículos são dotados de musculatura possante; suas paredes são espessas e a força contrátil é notável, principalmente no ventrículo esquerdo.*

O coração pode ser dividido em esquerdo e direito. O direito (átrio e ventrículo direitos) recebe sangue venoso de todo o organismo e o lança nos pulmões, onde elimina o gás carbônico e absorve oxigênio. Uma vez enriquecido, o sangue retorna ao coração esquerdo, de onde é lançado ao organismo. O circuito coração-pulmões é chamado de pequena circulação e o que irriga o corpo é denominado grande circulação.

Provavelmente o transporte de oxigênio é a mais importante função do coração. Os músculos esqueléticos, quando em repouso, têm capacidade de armazenar substâncias nutritivas e podem realizar uma certa quantidade de trabalho dependendo apenas dessas reservas. Mas não conseguem acumular oxigênio, que é transportado e consumido imediatamente pelas células. Nos momentos em que a demanda de oxigênio se torna maior, além da absorção mais volumosa desse gás, são utilizados outros recursos: o sangue é desviado de outras regiões onde é menos necessário e o coração aumenta a velocidade de circulação do sangue no músculo em trabalho.

A quantidade de sangue impulsionada pelo coração [illegible] volume-minuto [illegible] depende de dois fatores: a frequência cardíaca (número de batimentos por minuto) e a quantidade que o coração é capaz de expelir a cada contração, chamada volume sistólico. O volume-minuto chega a aumentar de 4-6 litros até 30 litros e a frequência, que normalmente é de 70 a 80 batimentos por minuto, alcança índices entre 190 e 200 batimentos. De outro lado, o volume sistólico pode crescer de 60-70 até 150 a 170 centímetros cúbicos.

Quando o coração normal está em repouso o volume de suas cavidades, principalmente dos ventrículos, não é totalmente aproveitado. A aspiração para antes que eles estejam completamente cheios e, depois da contração, sempre sobra no interior dos ventrículos uma quantidade de sangue, chamada resíduo sistólico. Contudo, em condições de esforços físicos anormais, além do aumento da capacidade de enchimento do coração (diástole), ocorre também o esvaziamento completo depois de cada contração.

O limite de frequência cardíaca, da ordem de 200 batimentos, é determinado pela necessidade que tem o próprio coração de se alimentar, da mesma forma que os demais músculos do corpo. Se a frequência for maior, não haverá tempo suficiente para encher os ventrículos. Notam-se marcantes diferenças entre o funcionamento do coração do atleta e do não atleta. Nos primeiros a frequência cardíaca, em repouso, é de 50-60 enquanto nos segundos vai de 70 a 80 batimentos.

Os exercícios que produzem maior alteração na frequência cardíaca são as corridas de velocidade, as de resistência e os exercícios de força muscular. O aumento da atividade provoca no coração, da mesma forma que em todos os músculos esqueléticos, um aumento de volume. Também quando se instala uma insuficiência cardíaca patológica ocorre a hipertrofia desse órgão. Essa semelhança de reação tem criado muita confusão e, por vezes, o crescimento do coração provocado pelo atletismo é confundido com a hipertrofia causada por doença. Mas, na realidade, são diferentes. A hipertrofia patológica se caracteriza por dilatação do órgão, com enfraquecimento das paredes, como um balão de borracha que se enche de ar. [illegible] paredes tornam-se mais espessas e mais fortes, notando-se a dilatação nas cavidades, o que lhe dá maior capacidade. [illegible] maior capacidade sistólica e, portanto, maior capacidade de trabalho. Nos exames radiológicos, o coração de atleta aparece discretamente dilatado, sem nenhuma semelhança com o chamado "coração de boi".

O bom coração — *Para um mesmo tipo de trabalho muscular, a frequência cardíaca do atleta aumenta mais lentamente do que a do não atleta. O atleta chega mais depressa ao estado de equilíbrio metabólico. Contudo, o número máximo de batimentos no atleta é sempre menor do que o dos não atletas. E o tempo de recuperação dos atletas, por outro lado, é mais curto do que o exigido pelos não atletas.*

As modificações por que passa o coração do atleta dependem fundamentalmente da duração, intensidade e maneira pela qual for conduzido seu treinamento. Notam-se menos alterações cardíacas nos corredores de velocidade em distâncias curtas, cujo volume cardíaco não ultrapassa 770 centímetros cúbicos. Fundistas e meio-fundistas (mais de 800 metros), remadores, ciclistas, pugilistas, esquiadores e outros evidenciam maior índice de alterações, pois o volume cardíaco pode chegar a capacidades de 900 a 1.300 centímetros cúbicos.

A [illegible]

América goleia com seu bom futebol de 74

Bráulio, de barba, comemora o seu gol, o quinto, numa alegria da qual Manoel participou

Os primeiros momentos foram de timidez, mas, aos poucos, o América reencontrou seu melhor futebol, igual ao que exibiu no Campeonato Carioca de 1974, e obteve tranquila vitória sobre o Atlético Paranaense, por 5 a 2, ontem à tarde no Maracanã.

Com esse resultado, o América, que até ontem contava cuidadosamente os seus pontos e já sentia o medo diante da possibilidade de desclassificação, ficou em excelente colocação na sua série, com nove ponto, um atrás do Coritiba, o líder. José Mário Vinhas foi um bom juiz e a renda somou Cr$ 36 mil 377 e 50, para 3 mil 111 pagantes.

Recuperação

Os times: *América* — Pais, Orlando, Alex, Geraldo e Fidélis; Renato, Ailton e Bráulio; Flecha (Neco), Manoel e Gilson Nunes. *Atlético* — Altevir, Oliveira, Mauro, Alfredo e Ladinho; Frazão, Caio e Ademar (Careca); Buião, Sicupira e Anderson (Taquito).

Os gols foram marcados por Ladinho, contra, Orlando, de pênalti, Manoel, Alex e Bráulio. Sicupira e Taquito descontaram para o Atlético.

O time do América começou mal a partida, com sua defesa e meio-campo errando seguidamente. Geraldo chegou a falhar em três lances e num deles, logo no primeiro minuto, Buião quase marcou.

Aos poucos o time carioca conseguiu se estruturar, melhorando ainda mais após o primeiro gol, marcado aos 29 minutos. O lance começou com um centro de Orlando. Manoel ganhou a bola de Mauro e chutou forte, mas Ladinho, preocupado em salvar de qualquer maneira, acabou contribuindo.

Com a vantagem, o time do América passou a tocar a bola, o que envolveu por completo seu adversário. Orlando, aos 33 minutos, aumentou o marcador, cobrando pênalti. A essa altura, a marcação homem a homem do Atlético era um convite ao gol, pois Bráulio e Ailton tinham espaço para penetrar como queriam. Manoel, aos 40, e Alex, de cabeça, aos 43 minutos, fizeram o terceiro e quarto gols, mostrando em números a grande superioridade do time carioca.

O Atlético voltou mais organizado para o segundo tempo. Mesmo assim, não conseguiu impedir que Bráulio, aos 18 minutos, completasse a goleada. O América, ainda insatisfeito, continuou buscando o gol, perdendo várias chances.

A melhora da equipe paranaense foi comprovada com os gols de Sicupira e Taquito, aos 20 e 44.

São Paulo teme tabelas de Doval, Zico e Luisinho

São Paulo — Evitar as tabelas rápidas entre Zico, Doval e Luisinho, artilheiros do Flamengo, será a principal preocupação do técnico José Poy na partida desta tarde, no Morumbi, quando o São Paulo terá um adversário dos mais difíceis, já que a equipe carioca, líder da série C, vem subindo de produção.

Por considerar o ataque do Flamengo um dos mais agressivos do futebol brasileiro, Poy usou a maior parte do treino de ontem para orientar sua defesa. Disse, depois, que não se preocupa com os jogadores cariocas individualmente, mas considera as tabelas entre Zico, Doval e Luisinho, aos quais considera excelentes atacantes, um problema sério para qualquer defesa.

Armando Marques vai ser o juiz, e Edmundo Abissanra e Orencio Caputo seus auxiliares.

As equipes

FLAMENGO — Renato; Junior, Jayme, Rondinelli e Rodrigues Neto; Edson e Geraldo; Paulinho, Doval, Zico e Luisinho. SÃO PAULO — Valdir Peres, Forlan, Paranhos, Arlindo Galvão e Gilberto; Chicão (Ademir) e Rocha; Mauro, Muricy, Serginho e Sérgio Américo.

Zico fala da violência

A delegação carioca chegou no começo da noite a São Paulo e seguiu imediatamente para o Hotel Ipiranga, onde os jogadores jantaram e ficaram em seus quartos descansando. Bria disse que gostou da estreia de Mérica, mas que sua ausência não deverá prejudicar o rendimento do time, "porque Edson tem condições de fazer uma boa partida, ao lado de Geraldo".

Dos jogadores, Luisinho, irmão de Cesar — atualmente no Corintians — foi o último a subir no ônibus que esperava a delegação ao lado da ala internacional do Aeroporto de Congonhas, para conduzi-lo ao hotel. E' que alguns amigos paulistas foram esperá-lo e quiseram detalhes a respeito de suas últimas atuações no Flamengo. O atacante disse que vinha jogando mais recuado com Jouber, "mas agora, com as mudanças feitas por Bria, voltei a atuar mais na área, onde gosto, e espero que o Froner me mantenha no mesmo esquema".

O artilheiro Zico tem uma preocupação especial, notadamente quando se trata de enfrentar clubes paulistas. Ele soube que a defesa do São Paulo joga um futebol "duro" e diz que seu maior problema, mesmo contra equipes cariocas, tem sido a violência dos adversários. Reconhece, porém, que o fato de ser geralmente marcado por dois jogadores favorece taticamente ao Flamengo:

— Quando recebo um passe, geralmente tenho que passar por dois adversários. Na maioria das vezes, sou parado pela violência na altura do meio do campo. Por isso não consigo atuar com a necessária tranquilidade e o devido espaço para preparar as jogadas. Fico encarregado de armar e preparar para os companheiros. De qualquer maneira, o time pode, com a marcação cerrada sobre mim, encontrar mais espaço e obter bons resultados.

— O Flamengo passou por uma fase ruim, mas foi um acontecimento normal. Agora está todo bem. Nós, jogadores, não tivemos problemas em caráter particular. A alteração tática, feita por Bria, fez com que Luisinho passasse a jogar mais para o setor esquerdo e, contra o CSA deu certo. Mas não se pode garantir a mesma coisa contra o São Paulo, pois o nosso adversário de quinta-feira é fraco. O teste praticamente não valeu. Agora, sim, vamos ver como o time se sairá — disse o atacante.

S. Paulo

Um violão serviu para descontrair Geraldo, Nei e Júnior

Bria, a nona vez no comando da equipe

Nove vezes Modesto Bria assumiu o comando do time profissional do Flamengo como técnico substituto e outras tantas vezes ele saiu. Sempre calado, correto, equilibrado. Hoje o fato se repete mais uma vez. O time pode até vencer bem, como aconteceu quinta-feira, diante do CSA, mas Bria já sabe que tem de deixá-lo. Carlos Froner, contratado para o lugar de Jouber, inicia seu trabalho amanhã.

Bria não se importa, pois já está habituado a servir ao Flamengo. São 33 anos de uma dedicação irrepreensível. Primeiro, como jogador; depois, como auxiliar e técnico das divisões inferiores. Daqui a dois anos ele se aposenta como funcionário do Flamengo, mas até lá a torcida provavelmente ainda verá Modesto Bria sentado no túnel, quieto, sereno, bem diferente daquele centro-médio valente do tricampeonato de 42, 43 e 44. Mesmo quando a aposentadoria chegar, quem for à Gávea encontrará Bria com facilidade. O Flamengo já é uma rotina e não sabe como modificá-la.

Ele está otimista quanto à partida com o São Paulo. Embora considere a equipe ainda um pouco traumatizada pela saída de Jouber, "de quem os jogadores gostavam muito", acha que o time está entrando numa fase mais tranquila.

Sabe que o ataque é de amedrontar qualquer adversário, mas os gols perdidos têm-lhe aborrecido um pouco. Pensa que os atacantes, preocupados em alegrar a torcida, se precipitam nos momento das finalizações. Além disso, correm muito, se preocupam em demasia em mostrar espírito de luta e acabam cansados no meio da partida, prejudicando, às vezes, todo um esquema de trabalho.

Mesmo saindo, ele espera que o Flamengo se torne um time mais equilibrado, que saiba dosar melhor suas energias e que não se deixe impacientar pelos apelos de gols constantes da arquibancada.

Forlan se despede e torcida festeja

A torcida do São Paulo organizou uma festa de despedida para o lateral-direito Forlan, que está desde 1970 no clube e agora volta ao Uruguai para cuidar de seus negócios particulares. Seu passe está estipulado em Cr$ 400 mil, mas o São Paulo facilitará o pagamento para qualquer clube uruguaio, a fim de ajudar o jogador.

Além de não contar com Terto, que está machucado, o São Paulo ainda não sabe se pode escalar Chicão, contundido na coxa direita. Mauro, jogador que costuma deslocar-se para o meio mas também sabe ir à linha de fundo, vai substituir Terto, e Ademir pode entrar no lugar de Chicão, embora não tenha as mesmas características.

Ceub vence por 1 a 0 partida de 89 minutos

Brasília — A falta de luz, na metade da iluminação do Estádio Presidente Médici, fez com que o juiz paulista Edson Massa desse por encerrada, aos 44 minutos do segundo tempo, a partida entre o Ceub e o Vitória da Bahia, quando o time da Capital vencia por 1 a 0, gol de Péricles.

Embora a metade dos refletores (os colocados no lado das tribunas) tivessem se apagado, a iluminação era suficiente para continuar o jogo, tendo em vista que o Estádio Presidente Médici possui um dos melhores sistemas de iluminação. O juiz resolveu suspender o jogo, pressionado pelos dirigentes do Vitória, depois de esperar por quase uma hora que a luz voltasse totalmente. A renda somou Cr$ 138 mil e 400 (9 mil e 800 pagantes).

Os times: **Ceub** — Jair Bragança, Renê, Cláudio, Emerson e Adalberto; Alencar e Péricles; Júnior, Moreira, Fio e Marco Antônio (Xisté). **Vitória** — Tião, Deodato, Robson, Xaxá e Valter; Denilson (Fernando) e Eliseu; Anselmo, Osni, Washington e Gibira.

O Ceub foi melhor desde o início, sempre no ataque em busca do gol, usando Fio e Marco Antônio.

Para o segundo tempo, o Ceub deslocou Fio do meio para a esquerda e, com isso, as chances de gol começaram a surgir. Aos 10 minutos, ela foi bem aproveitada por Péricles que marcou.

Daí em diante só deu Ceub que, entretanto, teve um pênalti perdido por Péricles aos 35 minutos. Fio deu um lençol em Robson, que cometeu toque de mão dentro da pequena área. Péricles cobrou mal o pênalti e Tião defendeu duas vezes, a segunda no rebote.

Quando tudo levava a crer que a partida terminaria normalmente, aconteceu o fato mais importante: as luzes dos refletores das sociais se apagaram. Depois de muitas discussões, o que durou 50 minutos, o juiz, pressionado por dirigentes do Vitória, resolveu dar a partida por encerrada, afirmando que "agora o problema é do Tribunal".

O juiz Edson Massa não quis atender ninguém e encerrou o jogo assim mesmo. Levaram cartão amarelo, Moreira, Alencar (Ceub) e Valter (Vitória).

América MG 1 x 1 Remo
Estádio Minas Gerais
Renda: Cr$ 57 mil 478 (3 074 pagantes)
Juiz: Sílvio Acácio da Silveira (bom)
América — Jorge, Lúcio Mangabeira, Vander, Cléber e Geraldo Galvão; Maurício, Luís Dario e Bougleux; João Ribeiro (Aguilar), Marcão e Eder (Valdenir). **Remo** — Dico, Marinho, Dutra, Rui (Aderson) e Cuca; Elias e Caito (Roberto); José Lima, Aldino, Mesquita e Amaral. Gols — Eder (15m do 1º tempo) e Mesquita (45m do 2º tempo).

LOTERIA ESPORTIVA

É de Cr$ 22 milhões 124 mil 399,06 o prêmio para os vencedores do teste 252 da Loteria Esportiva. Foram vendidos 8.812.632 cartões, proporcionando uma arrecadação de Cr$ 70 milhões, 736 mil 187,50. Os jogos de ontem apresentaram os seguintes resultados: jogo 4 — América 5 x 2 Atlético PR (coluna um), jogo 10 — Ceub 1 x 0 Vitória (coluna um) e jogo 11 — América MG 1 x 1 Remo (coluna do meio).

Campo Neutro

José Inácio Werneck

CONFESSO que não compreendo o horror dos clubes cariocas ao voto unitário aprovado na Câmara dos Deputados. Pois basta olhar para São Paulo, a 400 quilômetros de distância, para se ver que o voto unitário não é nenhum bicho-papão, nem nunca fez mal aos grandes times de lá.

Já o voto plural é uma faca de dois gumes, que acaba por prejudicar os grandes indiretamente, já que leva à inviabilidade econômica de campeonatos em que dois terços dos disputantes não disputam nada — nem levam torcidas aos estádios.

O Fluminense, o Flamengo, o Vasco deveriam passar a analisar o problema à luz do novo Estado do Rio. Pode não ser para já, mas o Campeonato do novo Estado forçosamente terá que transformar-se no que seu nome indica — estadual. Bem incentivados, bem amparados, há quatro ou cinco clubes do interior em condições de fazer jogo duro com nossos melhores times e, consequentemente, proporcionar boas rendas; tanto lá, em seus campos, quanto no Maracanã (quando suas torcidas viriam em caravana, graças às dimensões reduzidas do Estado).

* * *

ESTAREI dizendo algum absurdo? Aí está a tabela do Campeonato Nacional, provando que o mito de nossos times vai-se acabando no interior. Hoje uma visita do Fluminense ou do Botafogo ao Mato Grosso ou ao Maranhão requer como medida de elementar prudência uma aposta na coluna do meio.

Por outro lado, o Americano de Campos vem fazendo melhor campanha do que muita gente esperava. O que pretendo dizer com isso é que no atual futebol brasileiro há um nivelamento muito grande, sem a imensa disparidade de outros tempos.

Até certo ponto, este nivelamento existe mesmo no Campeonato Carioca e só não é maior porque o voto plural sufocou os times pequenos de tal forma que eles hoje não mais existem — apenas subsistem, no prejuízo geral.

O que é melhor? Um Campeonato Carioca que apenas quatro times podem ganhar ou outro em que São Cristóvão, Olaria e Madureira também tivessem oportunidade? A resposta só pode ser a segunda alternativa, pois esses clubes assim teriam torcida, que compareceria aos estádios — e teriam até estádios suficientemente decentes para receber a visita dos grandes, acabando-se com o sorvedouro do Maracanã.

E olhem que o São Cristóvão e o Madureira já tiveram seus bons times e seus torcedores. Mas morreram, sufocados pelo sistema antidemocrático do voto plural. Dirá o presidente Francisco Horta que esta é a meritocracia, que quem merece mais ganha mais e portanto o Fluminense merece seus trinta e muitos votos contra a meia-dúzia atribuída aos pequenos.

Mas desde quando na competição os pequenos levaram alguma chance? Os clubes grandes já começaram como grandes, controlando desde o regulamento até os juízes, passando pela escolha do presidente da Federação, e a corrida sempre foi assim entre o coelho e a tartaruga. Nas fábulas de La Fontaine a tartaruga chega na frente, mas na vida real não, pois há sempre um árbitro disposto a puni-la com um pênalti no minuto final.

* * *

NOTEM contudo que mesmo assim vez por outra lá vem o Madureira e organiza um timinho regular, aparece um Campo Grande e começa a fazer das suas. Que vemos então? Flamengo e Vasco derrotam-nos com facilidade? Nada disso — vitórias suadas, empates dramáticos e às vezes até a catástrofe de uma derrota.

Acusem-me de utópico, mas estou convencido de que os subúrbios da Central teriam condições de produzir uma torcida para o Madureira, os da Leopoldina uma para o Bonsucesso, a Zona Rural uma para o Campo Grande. Mas passemos ao plano estadual, que nos interessa mais: Campos, Barra Mansa, Volta Redonda terão condições de formar bons times e possuir sua própria torcida se vigorar o voto unitário.

O Campeonato então será bom. Mas se Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo continuarem a dominar tudo, terão prejuízo toda vez que forem ao interior e os do interior aqui vierem. Se admitirmos por hipótese que no futuro o Fluminense dispare à frente dos votos plurais, só o Fluminense ganhará títulos, só o Fluminense terá torcida. E o prejuízo nas rendas será de todos, até mesmo do Fluminense.

• **Campo Neutro** está diariamente às 8h35m na RÁDIO JORNAL DO BRASIL. Sábados e domingos, às 20h15m.

Vasco em boa forma defende posição em S. Januário

NACIONAL. HOJE

Goiás x Campinense

Estádio Serra Dourada, Goiânia, 17h

Juiz: Juan de la Passarim

Goiás — Amauri, Joel, Emílio, Alexandre e Gilson; Matinha e Zé Maria; Rito, Lucio, Rogerio e Ronaldo. **Campinense** — Ailton, Argeu, Geralton, Nino e Aora; Vavá e Dão; Pedro, Helvécio, Luizinho e Erasmo (Vanir).

Nacional x Atlético MG

Estádio Vivaldo Lima, Manaus, 16 horas

Juiz: Romualdo Arppi Filho

Nacional — Procópio, Antonor, Renato, Dialma e Grimaldi; Jorginho e Rolinha; Roberto, Serginho, Dirceu e Nilson. **Atlético MG** — Zolino, Getúlio, Márcio, Vantuir e Silvestre; Vanderlei e Heleno; Ariém, Campos, Paulo Isidoro e Romeu.

Internacional x Santos

Estádio Beira-Rio, 16 horas

Juiz: Arnaldo Cezar Coelho

Inter — Manga; Cláudio, Figueiroa, Hermínio e Vacaria; Falcão, Paulo César e Carpeginho; Valdomiro, Flávio e Lula. **Santos** — William, Paulinho, Oberdan, Marçal e Fernando; Clodoaldo, Clayton e Dulu; Eusébio, Toninho e Edu.

Paissandu x Fortaleza

Estádio Evandro Almeida, Belém, 17 horas

Juiz: José Faville Neto

Paissandu — Reginaldo, Edmilson, Paulinho, Valtinho e Augusto; Batuíra e Fenosa; Fefeu, Valtinho, Marciano e Jorge Luís. **Fortaleza** — Lulinha, Alexandre, Hamilton Aires, Osires e Alcio; Clineuzinho e Lucinho; Hélcio, Reinaldo, Geraldinho (Luizinho) e Zé Carlos.

Cruzeiro x Palmeiras

Estádio Minas Gerais, 16 horas

Juiz: Agomar Martins

Cruzeiro — Helio (Raul), Nelinho, Morais, Darci Menezes e Vanderlei; Piazza e Zé Carlos; Eduardo, Geraldo (Roberto Batata), Candido e Joãozinho. **Palmeiras** — Leão; Eurico, Arouca, Alfredo e Jorge Tabajara; Dudu e Ademir da Guia; Edu, Zé Mario, Itamar e Nei.

Ceará x Rio Negro

Estádio Plácido Castelo, Fortaleza, 17h

Juiz: Saul Mendes

Ceará — Sérgio Gomes; Gomes, Roberto, Lineu, Geraldo e Valdeci; Chinês, Edmar e Zé Eduardo; Marcelo, Edvaldo e Da Costa. **Rio Negro** — Jane; Lauro, Lucio, Luís Carlos e Vanderlei; Lopes e Jorge Cuica; Sidnev, Dirceu, Alves, Nilson e Reis.

CSA x Goiânia

Estádio Rei Pelé, Maceió, 16h

Juiz: Francisco de Deus Furtado

CSA — Cao; Tadeu (Natal), Geraldo, Zé Preta e Rogério; Roberto Meneses, Nei Conceição e Torino; Ênio, Ferreti e Scareste (Ricardo). **Goiânia** — Nilson; Borges, Roberto, Alemão e Grilo; Zé Krol, Robertinho e Ulisses; Bill, Marco Antônio e Curió.

Figueirense x Náutico

Estádio Orlando Scarpelli, Florianópolis, 12h

Juiz: José de Assis Aragão

Figueirense — Nilson; Pinga, Almeida, Nelson e Casa Grande; Sérgio Lopes, Dito Cola e Zé Carlos; Marcos, Toninho e Valmir. **Náutico** — Neneca; Miguel, Djalma, Djalma Sales e França; Vasconcelos e Pedro Omar; Baiano, Betinho (Juca Show), Jorge Mendonça e Lima.

Coritiba x Corintians

Estádio Belfort Duarte, Curitiba, 15h30m

Juiz: Valter [illegible]

Coritiba — Jairo; Hermeto, Oberdan, Ademir e Nilo; Vitor Hugo e Pierin; Luís Antônio, [illegible] e Aladim. **Corintians** — Tobias; Zé Maria, Claudio, Brito, Ademir e Claudio (Vladimir); Russo e Eduardo; Vaguinho, Roberto, Geraldo e Pita.

Esporte x Grêmio

Estádio da Ilha do Retiro, Recife, 17h

Juiz: Oscar Scolfaro

Esporte — Toinho; Marzor, Pedro Basílio, Dialma e Claudio; Luciano e Assis; Peres, Garcia, Dario e Fito. **Grêmio** — Picasso; Wilson, Tadeu, Beto e Bolívar; Cacau e Neca; Claudio, Iura, Tarciso e Nenê.

Desportiva x Sergipe

Estádio Engenheiro Araripe, Vitória, 16h

Juiz: Arthur Ribeiro Araújo

Desportiva — Adalino; Edinar, Adalberto, Lopes e Batista; Gerson Andreatti, Bauno e Evandro; Dec, Zezinho e Luís Alberto. **Sergipe** — Marcelo; Dorival, Dina, Paulo Cesar e Cabral; Carlinhos e Luciano; Ricardo, Geraldo, Marcílio e Joãozinho.

América RN x Bahia

Estádio Castelo Branco, Natal, 16h

Juiz: Sebastião Rufino

América — Valdir; Ivã, Oscar, Odeno e Cosme; Zeca e Washington; Reinaldo, Ecio, Santa Cruz e Ivanildo. — **Bahia** — Luís Antônio; Ubaldo, Sapatão, Roberto Rebouças e Romero; Perivaldo e Fito; Tinton, Seneca, Mickey e Caldeira.

Empenho nos treinos é que faz de Mazzaropi um goleiro de categoria

O Vasco, equipe que se encontra invicta e que melhor representa o futebol carioca neste início do Campeonato Nacional, tem boa chance de melhorar ainda mais sua posição, às 17 horas de hoje, em São Januário, porque o seu adversário, a Portuguesa de Desportos, vem exibindo um futebol de baixa qualidade, defensivo, longe daquele que exibiu no último Campeonato Paulista.

Até ontem à noite, com a venda antecipada de ingressos, a renda já alcançava Cr$ 120 mil. Os dirigentes do Vasco se preocuparam também em aumentar o número de bilheterias.

Para evitar o afluxo do público a São Januário minutos antes do jogo, haverá uma preliminar, com início às 15 horas, entre Bangu e o São Cristóvão, pelo Torneio da Integração. Como atração ainda, o Vasco programou uma competição de atletismo — corridas na pista — com os atletas campeões do Sul-Americano e Copa Latina e homenagearão também Luís Carlos e Mário Travaglini, recentemente eleitos pela FCF como os melhores jogador e técnico do Campeonato Carioca passado. O juiz da partida será Clinamulte Franca, da Federação Baiana, auxiliado por Roberto Costa e Wilson Dias Durão.

As duas equipes jogarão assim: VASCO — Mazzaropi, Toninho, Joel, René e Deodoro; Alcir, Zanata e Luís Carlos; Freitas, Roberto ou William e Jair Pereira PORTUGUESA — Zecão, Cardoso, Raimundo, Calegari e Isidoro; Badeco e Dica; Antônio Carlos, Eneas, Adilson e Wilsinho

Roberto não melhora e faz teste no vestiário

Embora Roberto tenha poucas chances de jogar, ainda sentindo fortes dores na contusão da coxa direita, o técnico Mário Travaglini prefere esperar até o momento da equipe entrar em campo, quando o jogador fará um teste no vestiário, para decidir sobre a escalação do time.

Se Roberto não puder jogar, William entrará no seu lugar e, quanto à dúvida técnica que Travaglini tinha — René ou Moisés — na quarta zaga, ele resolveu optar pelo primeiro.

— René vinha jogando como titular, se machucou e logo se recuperou. Não tem sentido barrá-lo — explicou.

Seriedade

Bastante aborrecido com a contusão na coxa, Roberto tem feito muito esforço para se recuperar, submetendo-se a tratamento intensivo e nem sequer saindo de casa para evitar forçar a perna machucada.

— O pior é que estou numa fase em que tudo dá certo e esta parada pode me prejudicar. Acho que mesmo machucado poderia jogar, porque a bola está batendo em mim para entrar no gol — disse.

Os Drs Nicolau Simão e Otávio Martins, que anteontem fizeram infiltração de cortizona no local da contusão de Roberto, declararam que só hoje poderão dar a palavra final sobre o jogador. Ambos, porém, não estão muito otimistas com relação a seu aproveitamento para enfrentar a Portuguesa de Desportos.

Enquanto isso, o zagueiro Moisés não reclamou por ter voltado à reserva. O jogador explicou que compreende a decisão de Travaglini, mas continuará lutando para se tornar novamente o titular da posição.

— O ambiente no Vasco entre os jogadores é muito bom e não sou eu quem vai transformá-lo. A amizade e a união entre nós tem que continuar em qualquer circunstância para o bem de todos — frisou.

Ontem inclusive, provando essa união, Andrada levou suas luvas e camisas para emprestá-las a Mazzaropi, que o está substituindo.

Os jogadores do Vasco fizeram um treino recreativo pela manhã em São Januário. A concentração começou à noite, na sede da Lagoa, e além dos titulares, se concentraram Mauro, Miguel, Moisés, Celso Alonso, Ademir, Paulo, Carlinhos e William.

O presidente Agatirno da Silva Gomes afirmou que não foi procurado oficialmente pelos dirigentes do Flamengo para negociar Miguel. O dirigente contentou que não existe no clube jogador inegociável.

Portuguesa vê filme da Copa

Um filme sobre a Copa do Mundo distraiu os jogadores da Portuguesa na tarde de ontem, no Hotel Plaza-Copacabana, onde os jogadores descansaram depois de um treino no campo do Flamengo, na Gávea, quando Badeco e Enéias garantiram suas presenças no jogo de hoje contra o Vasco.

Tanto Badeco (que tinha um problema na virilha) como Enéias (pancada no tornozelo) correram, bateram bola e não sentiram nada. Confirmada a escalação de ambos, o técnico Oto Glória disse que tem certeza de que a equipe fará uma boa partida esta tarde em São Januário.

O time da Portuguesa vai jogar completo, daí o otimismo de Oto Glória, para quem o meio campo da Portuguesa agora é que começa a acertar, depois da saída de Basílio, que foi para o Corintians.

MAIÔ

Para se sentir bem e parecer campeã olímpica

Daqui a alguns dias, quando começar para valer a temporada de praia no Rio, você contará com muitas novidades que farão realçar a sua beleza e ou aumentar a sua comodidade em cima da areia, dentro da água, embaixo do sol. E, de todas, a mais agradável será o maiô de competição, bem talhado, bonito, levíssimo, que adere ao corpo, fica transparente e ajuda os movimentos de quem se disponha a nadar. Com ele você vai ser não apenas uma veranista, mas também parecer campeã olímpica, como Shane Gould, que o estreou em 1972 nos jogos de Munique.

(Página 13)

Evandro Teixeira

CADERNO B REVISTA DO DOMINGO

JACK LEMMON   ANNE BANCROFT

Nova Iorque contra Jack Lemmon

Jack Lemmon está certo de que Nova Iorque é um imenso complot **contra seu bem-estar, segurança física e mental em** Prisioneiro da Segunda Avenida, **comédia que entra em cartaz amanhã, baseada numa peça de Neil Simon. Autor de fáceis e frequentes sucessos de bilheteria no teatro e no cinema, Simon já foi interpretado na tela por Lemmon em** Um Estranho Casal. **Seu novo** herói, **que trabalha num** gigantesco edifício no centro da cidade e mora num apartamento de 14º andar, chega à certeza de que tem um inimigo em cada vizinho e transeunte. Elevador enguiçado, ar condicionado pifado, vizinhança barulhenta, batedores de carteira, transporte difícil levam-no a um colapso nervoso.

Neil Simon aproveitou em histórias anteriores o potencial humorístico das dificuldades de manter o bom humor no cotidiano de Nova Iorque. E Nova Iorque costuma ser a primeira platéia a pagar para ver o risível da neurose urbana.

Anne Bancroft, uma das grandes atrizes dramáticas americanas, estréia como comediante neste filme, como dona-de-casa obrigada a arranjar um emprego quando o marido (Lemmon) começa a exigir cuidados full-time da psiquiatria.

(Página 7)

HENFIL, de volta ao "Caderno B" com a Graúna, Zeferino e o Bode Chico Orelana, fala das origens e peripécias de suas personagens. (Página 5)

Fraturas

A cura sem o desconforto da imobilização

(Página 4)

Como nasceu o surf ?

(Página 14)

Eucalipto

Um moderno vaporizador

(Página 4)

Giramundo

RÉGINE

• O **night-club** que Régine abrirá em Nova Iorque já tem lugar escolhido: Delmonico Hotel. A inauguração está prevista para dezembro.

• Bobby Fischer está pedindo na Justiça 20 milhões de dólares de indenização ao escritor Brad Darrach, autor do livro **Bobby Fischer Contra o Resto do Mundo**. O enxadrista alega violação de sua vida particular.

• O pianista soviético Vladimir Ashkenazy cancelou a série de concertos que daria esta semana em Buenos Aires. Recusou-se simplesmente a deixar marcadas suas impressões digitais na chegada à Argentina, exigência feita pelas autoridades locais a todos os cidadãos soviéticos que entram no país.

• A cantora francesa Mireille Mathieu vai partir para uma experiência altamente excitante: atuará ao lado de Burt Reynolds no filme **Time Off**, de Robert Aldrich. Filmagens em Hollywood e no México.

BOBBY FISCHER

ZÓZIMO

D PEDRO EM ENTREVISTA

• O sesquicentenário de D. Pedro II e o lançamento comemorativo de moedas assinalando o fato motivaram a entrevista coletiva dada quinta-feira pelo Príncipe D Pedro Gastão de Orleans e Bragança num hotel de São Paulo.

• Estimulado pelas perguntas, D Pedro, depois de esgotar o aspecto puramente comercial do encontro, enveredou por outros caminhos, conquistando os jornalistas presentes com as críticas que dirigiu à censura.

• E foi além, negando com veemência qualquer ligação, apoio ou simpatia pelo movimento que atende pela sigla de TFP. Só não pôde falar mais porque nesse exato momento adentrou inopinadamente o salão, interrompendo o bate-papo, um garçom empunhando o pratinho com a conta relativa à água gelada e cafezinho servidos a seus entrevistadores.

• • •

A BOA IMAGEM

• Um dos mais perfeitos e eficientes cartões de visita do Brasil no exterior é a residência do Embaixador do Brasil na UNESCO, Sr Ilmar Penna Marinho, decorada com extremo bom gosto pela própria Embaixatriz, Lídia. A elegância da representação, aliás, não se resume nos belos objetos e peças que a ornamentam, mas no comportamento funcional e social do casal de diplomatas, na atenção que é dedicada aos que deles se cercam, no carinho e empenho com que são tratadas as pessoas e coisas relativas ao Brasil.

• Raramente a boa imagem do Brasil tem sido entregue para projetá-la e engrandecê-la, a mãos tão competentes e corretas.

JANTAR DANÇANTE

• *Odile e Paulo Coelho Marinho resolveram mudar um pouco o disco e aproveitaram a presença no Rio de Kiko de Hohenlohe, filho de Ira de Furstenberg, para reunir num jantar um grupo de* teen-agers.

• *Muito* vin rosé *na parada, pouco* scotch, *arrematado com um vibrante* fettuccini, *receita especial da* hostess. *Depois da sobremesa, dançaram todos, lançando Kiko em pistas brasileiras o* hustle, *novo ritmo da moda inventado por Régine.*

• *Entre os presentes, Patrícia de Lima, Kátia Mindlin, Fernanda Bruni, Bebel Veiga, Scarlet Moon, Antenor Mayrink Veiga, Walthinho Moreira Salles, Mauricinho Leite Barbosa, Luis Williams, Hugo Jereissati, David Zingg.*

• *Quer dizer:* teen-agers ma non troppo.

Os prêmios do disco

• Já se sabe os vencedores do VIII Prêmio Mundial do Disco, atribuído, durante o Festival de Montreux, a três gravações escolhidas por um júri internacional a partir de 50 outras selecionadas previamente por revistas especializadas do mundo inteiro: a série completa das sinfonias de Haydn sob a regência do maestro Antal Dorati, a *cantata Lucrezia*, de Haendel, gravada por Janet Baker, e o oratório *Moisés e Aarão*, de Shoenberg, com regência de Michael Gielen.

• O barítono Dietrich Fischer-Dieskau recebeu o diploma de honra concedido a um artista pelo conjunto de sua obra.

Roda-viva

• Vinicius de Morais está na Argentina, embora todo o mundo pense que ele se encontra na Bahia.

• **O Sr François Giscard d'Estaing, presidente do Banco Francês de Comércio Exterior, atualmente em visita ao Brasil, passando o fim de semana em Salvador. Como o nome indica, é primo do Presidente francês.**

• Jean Manzon colocou à venda o andar onde mantinha seu escritório em Paris, na Avenue des Champs Elysées, no mesmo prédio onde está instalado o Consulado Geral do Brasil. Resolveu radicar-se, sem ramificações, no Brasil em caráter definitivo.

• **A Sra Lourdes Canet veio ao Rio especialmente para a inauguração da barraca de seu Estado, o Paraná, na Feira da Providência.**

• Lia, aniversariando, e Sérgio Carvalho receberam na sexta-feira para jantar.

• **O Loews, de Monte Carlo, novo hotel sensação da Europa, com 650 quartos, três restaurantes, piscina suspensa, ball-room para 2 mil pessoas e cassino, custou a simpática soma de 35 milhões de dólares.**

• O **show** de uma noite só que terá como palco o Canecão, reunindo Chico Buarque, Milton Nascimento e Caetano Veloso, dia 30 próximo, será patrocinado pela Sombrás.

• **O Sr Nelson Seabra reúne amigos na terça-feira numa cabina particular para a projeção do filme** Tubarão.

• Fernanda e Zezito Colagrossi estão em São Paulo desde quinta-feira. Voltam amanhã.

• **O Sr Armando Pitigliani perdeu todos os seus documentos na noite de inauguração da Feira da Providência. Está prometendo fazer de quem encontrá-los um homem rico.**

• Adoniram Araújo segue para um tour de uma semana entre Lisboa e Salvador.

ZÓZIMO

Pois é

• Pelo Campeonato francês, o jogo entre o ex-clube de Paulo César, o Olympique de Marseille, e o St.-Etienne, campeão da temporada passada, no último fim de semana, levou ao estádio 42 mil torcedores, um público médio, em termos de Maracanã, que somaria aqui nunca mais de Cr$ 700 mil ou Cr$ 800 mil.

• Pois esse jogo, realizado no campo do O M rendeu 1 milhão e 260 mil francos, aproximadamente 340 mil dólares, ou seja, cerca de Cr$ 3 milhões, uma quantia que o Maracanã, mesmo recebendo em certos jogos 140 ou 150 mil pessoas, ainda não conhece.

• Esta, pois, explicado por que é possível a um Olympique, por exemplo, comprar Jairzinho por uma fortuna e mantê-lo encostado, suspenso, substituindo-o por outras contratações milionárias, ou a um Atlético de Madri levar-nos de uma penada dois craques de seleção pagando 1 milhão de dólares sem fazer força.

A CASA DE JK

• O Sr Juscelino Kubitschek, que festejou em família na sexta-feira seu aniversário, não está construindo no momento casa alguma em Petrópolis, vizinho às casas de suas filhas Márcia e Maristela.

• A verdadeira preocupação do ex-Presidente, no momento, não é a casa de Petrópolis, mas a Casa de Machado de Assis, no Rio.

"RUSSIAN WAY OF LIFE"

Mickey Rooney, rijo como um jequitibá, em pleno palco do Alcazar, de Paris, treinando para o Congresso da ASTA

Quem chega

• O decorador Duarte Pinto Coelho já está no Rio, a postos para o minifestival social que marcará a sua permanência aqui de uma semana.

• Já estão programados um jantar **black tie**, amanhã, outro jantar **en tenue de ville**, na quarta, oferecido pelo Sr e Sra Ari de Castro, e um grande **cocktail** na residência de Pedro Leitão na sexta.

• Entre as façanhas de Pinto Coelho como decorador estão o Palácio do falecido Rei Faiçal e a ornamentação especial do El Pardo para o casamento da neta de Franco, Carmencita de Bourbon y Bourbon.

O DIA D

• **Apesar do meio-silêncio, desmentidos e negativas**, sabe-se já que os novos preços da gasolina, se as autoridades não mudarem de idéia, entrarão em vigor a partir de sexta-feira próxima.

TURISMO GERAL

• Logo após o Congresso da ASTA, o Rio vai ser sede de um encontro das autoridades de turismo dos Estados que tenham produtos turísticos a oferecer, ou seja, quase todas as unidades da Federação.

• O objetivo do encontro ... colocação em ação de um plano ... elaborado pela Embratur, que visa a dinamização da indústria do turismo no País, absorvendo-se para tal toda a experiência dos órgãos oficiais do setor de outros países em que o turismo representa papel primordial na economia doméstica, como por exemplo Espanha e México.

• Além disto, vai discutir-se a seleção de novos produtos turísticos mais realistas ...

TIRA-TEIMA

• Está na hora de o Governo de São Paulo, ou mesmo a Prefeitura da Capital, pedir para dar uma olhada no acervo do Museu de Arte de São Paulo, constatando se está realmente mantida a sua integridade e se não houve uma escapulida de algum Renoir.

• Autoridade para tanto é o que não falta nem a um nem a outro. Afinal de contas, concorrem periodicamente com belas verbas para auxiliar o funcionamento do Museu.

OS NOVOS ASTROS

• Além de bater todos os recordes da história do cinema americano, *Jaws (Tubarão!)* lançou no estrelato dois tarimbados atores até então sem oportunidades maiores em Hollywood: Roy Scheider e Robert Shaw.

• Scheider começa a filmar dia 6 de outubro em Paris *Marathon Man*, ao lado de Laurence Olivier e Dustin Hoffman, e dirigido por John Schlesinger.

• Shaw será a atração maior de *Black Sunday*, vivendo o papel de um super-agente israelense do *best seller* homônimo de Thomas Harris. Ambos os filmes serão produzidos por Robert Evans, *p.d.g.* da Paramount.

ZÓZIMO BARROZO DO AMARAL

José Carlos Oliveira

JOÃO E VINCENT

PARIS (Via Varig) — Emeric Marcier, o pintor, vive trancado num apartamento, trabalhando dia e noite. Para não ser incomodado, dispensou o telefone; e para tornar-se auto-suficiente, aprendeu a cozinhar. Frequenta o Le Select, em Montparnasse, onde, sem querer, faz um tremendo sucesso com as mulheres. As damas comentam: "Mas ele é igualzinho ao Hemingway!" Com cabelos brancos bem cortados que se prolongam na barba também branca, e bochechas rosadas de bebê, e pequenos olhos azuis argutos, ele lembra na verdade um artista do tempo antigo, estereotipado, tal como Hollywood nos ensinou a ver. Aqui em Paris, aferra-se a uma solidão só quebrada quando chegam à cidade os amigos do peito.

— Paris é a cidade da solidão — diz ele. — Não há outro lugar igual a este para se estar só.

Já Alécio Andrade, o fotógrafo — 10 anos na França — onde quer que chegue é saudado efusivamente por parisienses de todas as nacionalidades. Pertencendo à Agência Magnum, uma cooperativa de fotógrafos internacionais, tem seus trabalhos divulgados em publicações do mundo inteiro. Atualmente, trabalha nos grandes bulevares, colhendo material para um álbum que deverá estar pronto ainda este ano. "Cartier-Bresson", explica ele, "sustenta que não devemos fotografar a cidade onde vivemos. E' melhor procurar lugares pouco conhecidos, onde trabalharemos de olhos frescos. Mas eu resolvi aceitar o desafio: vou fazer o retrato humano de Paris, fotografando a vida tal como se mostra em sua espontaneidade."

Há também um fusca azul. Alécio tem um fusca tão maltratado no curso de suas andanças pela Europa, que mais parece uma carroça. De vez em quando escutamos um rang-rang-rang: é a placa da frente que se arrasta no asfalto. Ele encosta, desce, puxa a placa, pisa outra vez no acelerador e lá vamos nós por entre os monumentos de Paris, até que... rang-rang-rang!

Domingo de tarde, fomos passear no Boulevard Montparnasse, onde haveria uma manifestação comunista contra a presença do General Spinola na cidade. Éramos três: Alécio, eu e João Batista. João Batista é um cachorrinho de quatro meses de idade, de uma raça deixada pelos fenícios na Espanha. Em Arles, onde esteve recentemente, Alécio abriu a porta do fusca e João Batista, inexperiente e afoito, pulou fora. Imediatamente foi atropelado. E ficou banhado em sangue na calçada. Uma pequena multidão se reuniu em torno do coitadinho. Alguém chegou a sugerir que se deveria sacrificá-lo, para evitar a continuação do sofrimento.

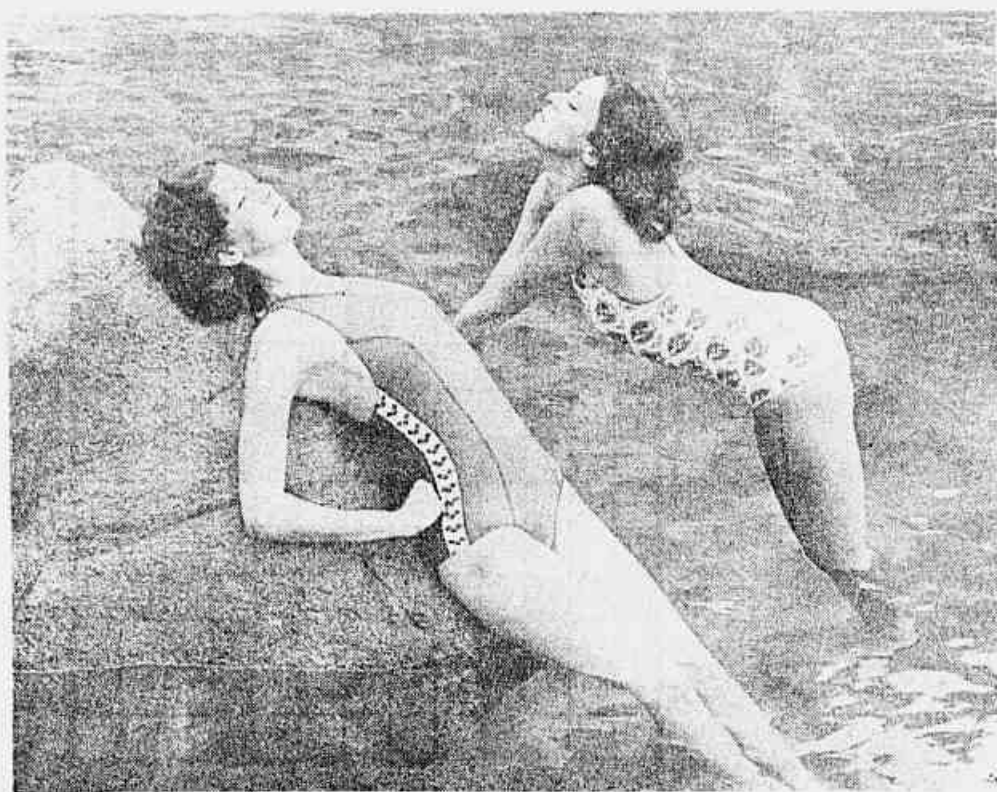
— No João Batista ninguém vai dar tiro de misericórdia — reagiu prontamente o fotógrafo.

Desesperado, Alécio acabou localizando um veterinário em Arles. O homem opinou ~~que o~~ cachorro estava em péssimas condições; devia ser operado com urgência — mas infelizmente ele, o veterinário, não era cirurgião. Foi preciso telefonar às cidades vizinhas, numa das quais, creio que Toulon, um cirurgião-veterinário ficou à espera do animal ferido.

Agora, João Batista anda com a pata direita dianteira engessada. Os parisienses amam os cachorros. As ruas, os restaurantes, os bares estão cheios de cachorrinhos de estimação. João Batista, a todo instante, é assediado por velhas senhoras, crianças, homens circunspectos, que querem detalhes do acidente e fazem recomendações autorizadas pela experiência própria.

Mas de Arles não veio apenas essa lembrança triste. Alécio trouxe de lá, também, um documento sensacional, que dispensa comentários. Vou transcrever:

Extraído da Chronique locale do jornal Le Forum Republicain de 30 de dezembro, 1888 — Domingo passado, às 11 e meia da noite, o indivíduo Vincent Van Gogh, pintor, originário da Holanda, apresentando-se à casa de tolerância número um, perguntou pela mulher chamada Rachel, e lhe entregou... sua orelha, dizendo: "Guarde esse objeto com muito carinho." Depois, desapareceu. Concluindo que tal gesto só poderia partir de um pobre alienado, a polícia se dirigiu na manhã seguinte à residência do tal indivíduo, que foi encontrado deitado em sua cama, quase não dando mais sinal de vida. Esse desgraçado foi conduzido com urgência ao hospício...

MODA

Em malha Skinfit supercolante, o maiô de cor lisa tem a lateral definida pela barra com desenhos geométricos. O outro modelo é estampado com o símbolo do último Campeonato Mundial de Natação, disputado na Colômbia

TRANSPARENTES, ADERENTES

MAIÔS DE COMPETIÇÃO

IESA RODRIGUES □ Fotos de EVANDRO TEIXEIRA

Tempo de praia, tempo de escolha da moda praiana; da toalha à cadeirinha e aos óculos, passando pelo mais importante: o maiô. Nas lojas, tangas de crochê, tricô, paninhos indianos e algodão colorido, tripinhas de jeans e maiôs inteiros, mas cavadíssimos nas pernas e com superdecotes.

Dentro de mais alguns dias, serão lançados os maiôs de competição da Valisère, em malha levíssima, quase sem peso, estudados para os nadadores olímpicos e profissionais, roupas especiais que não perturbam os movimentos na água. A primeira coleção internacional desses modelos foi promovida por Mark Spitz e Shane Gould, campeões olímpicos com muitas medalhas conquistadas em Munique, em 1972, e que agora se dedicam à propaganda dessa linha de calções e maiôs.

Além de tecnicamente perfeitos, esses modelos vestem bem e são bonitos. Certamente virarão moda fora das piscinas olímpicas, talvez com efeitos mais audaciosos do que os das menores tangas: depois do primeiro mergulho ficam inteiramente transparentes e aderentes à pele.

As fotos foram feitas na piscina do Clube Costa Brava.

No mesmo estilo de estamparia, mas em jérsei, são feitos também os duas-peças da linha Areia - Valisère. São discretos, talvez dos poucos, atualmente, sem corte de tanga

Decotes certos, que grudam na pele, e pernas pouco cavadas compensam a audácia da transparência

OPINIÃO DOS NADADORES

O MAIÔ É UMA SEGUNDA PELE

Os nadadores cariocas estão se preparando para os Jogos Pan-Americanos que se iniciam em outubro no México. Os mais fortes concorrentes, segundo os nossos nadadores, são os norte-americanos; mas, apesar da forte concorrência da delegação dos Estados Unidos, os cariocas estão confiantes. E têm as suas razões. Fazem parte da delegação Djan Madruga, recordista brasileiro e sul-americano dos 200, 400, 800 e 1 mil 500 metros livres e 400 metros medley; Eduardo Alijó Neto, recordista brasileiro dos 200 metros borboleta; José Fiolo, recordista brasileiro dos 100 e 200 metros de peito. Na piscina do Fluminense, sempre repleta de alunos dos vários cursinhos de natação, os representantes desse clube (que constituem a maioria da delegação carioca), treinam de manhã e à tarde, numa média de cinco horas por dia. Mas além dos treinamentos físicos e do aperfeiçoamento do estilo, os nadadores também se preocupam com os trajes de competição (maiôs e calções).

Flávia Nadalutti, de 14 anos, recordista brasileira dos 200 e 400 metros medley e dos 200 metros borboleta, usando toca plástica e com óculos nas mãos (o que ajudam a suportar as cinco horas diárias de cloro), ficou satisfeita com o lançamento dos maiôs Skinfit. "Olha, não que faça uma grande diferença no tempo, mas é que quanto mais fino e justinho, melhor a gente se sente dentro da água. Este maiô, que já conheço, adere perfeitamente à pele, não fica parecendo um saco".

Eduardo Alijó reforça a opinião de Flávia, confirmando que já foram realizadas várias experiências nos Estados Unidos e na Alemanha, as quais provam que a roupa influi muito no desempenho de um nadador. "Não é por acaso que os alemães queriam até nadar nus. Se você coloca um calção de helanca, superpesado, e põe um de nylon, a diferença é enorme. A mesma prova feita com um calção de helanca e com o Skinfit favorecerá o segundo, com o nadador obtendo alguns segundos — sempre valiosos — de diferença".

Paul Jounneau, nado de costas, também conhece o calção: "E' finíssimo, parece papel. Para competição deve ser excelente, mas talvez seja um pouco fraco para o treino diário de muitas horas".

"Eu também acho, diz Eduardo Alijó, mas não há dúvidas de que um calção leve é bem melhor. O Skinfit é tão leve como se fosse uma segunda pele".

E Flávia Nadalutti completa: "Principalmente para nós, meninas, já que nossa superfície vestida é muito maior".

LOGOMANIA

LUIZ CARLOS BRAVO

PROBLEMA N.º 106

G	O	I
E	L	
N		
T	A	A

Encontradas 65 palavras: 25 de 4 letras, 24 de 5, 14 de 6, 1 de 7 e 1 de 9

INSTRUÇÕES

O objetivo deste jogo é formar o maior número possível de palavras de quatro letras ou mais, usando apenas as letras que aqui aparecem misturadas e que formam uma palavra-chave (a palavra-chave é sempre apresentada na edição do dia seguinte, em letras maiúsculas, juntamente com as palavras encontradas no problema anterior). A letra maior deverá aparecer obrigatoriamente em todas as palavras, em qualquer posição. Uma letra não poderá aparecer em cada palavra, maior número de vezes do que na palavra-chave. O autor não usa dicionário e só apresenta palavras de uso corrente, por isso o leitor muitas vezes encontrará mais palavras do que as publicadas no dia seguinte. Não valem verbos, nomes próprios, plurais nem gíria.

PALAVRAS DO Nº 105:

acre, ariete, arte, carente, carie, caril, cartel, carne, cartel, cera, cereal, cerne, certa, ciliar, crente, crepe, crepitante, cretina, cria, crina, cripta, eletrica, entre, eter, eterna, inerte, inteira, lacre, leitor, leiteira, leiteria, lepra, letra, linear, liteira nectar, netar, parente, parte, pera, peral, peraltice, perante, percal, perenal, PERICLITANTE, perita, perna, perneta, pernil, pira, pinia, pinita, piteira, preá, preta, receita, recita, relance, rena, renal, rente, réplica, replante, reta, retilinea, retina, rica, ripa, tapir, tear, tenra, terna, tetrica, trena, trepa, trinta, tripa.

HORÓSCOPO

JEAN PERRIER

	FINANÇAS	AMOR	SAÚDE	PESSOAL
CARNEIRO — 21 de março a 20 de abril	Para quem deseja trabalhar, possibilidades de realização de um programa completo na próxima semana.	Clima sentimental neutro. Aproveite para pôr ordem nos seus sentimentos e examinar os assuntos familiares.	Pequenos aborrecimentos com sua saúde, seja prudente.	Examine a fundo sua situação.
TOURO — 21 de abril a 20 de maio	Relações sociais bastante agradaveis hoje. A vida ao ar livre será salutar, você esquecerá os aborrecimentos.	Otimo dia, cheio de esperanças. Grande compreensão da pessoa amada.	Cansaço, tenha uma vida mais calma. Prudencia se você guiar.	Adapte seu comportamento às situações que você deve enfrentar.
GEMEOS — 21 de maio a 20 de junho	Dia benefico. Faça projetos. Procure se interessar pelos problemas dos outros. Explique os seus problemas aos amigos.	Não siga os conselhos de pessoas mal intencionadas que procurarão perturbar sua felicidade. Cuidado com aventuras.	Leves indisposições; reumatismo; cuidado.	Não mude de decisão a cada cinco minutos.
CANCER — 21 de junho a 21 de julho	Hoje você sentirá alegria de viver. Dia bom para organizar uma festa, sair com sua familia.	Clima sentimental benéfico; saiba aproveitá-lo ao maximo. Procure fixar seu futuro sentimental.	Evite qualquer excesso e cuide de seus dentes.	Você não deve se abrir hoje com as pessoas; dia desfavoravel.
LEAO — 22 de julho a 22 de agosto	Aproveite os bons aspectos para convidar os amigos ou viajar. Examine os seus projetos.	Nada de novo no plano sentimental. Ponha em dia sua correspondência amorosa. Procure resolver antigos problemas.	Boa resistência, apesar de um forte dispendio de energia.	Uma troca de ideias o deixará favoravelmente impressionado.
VIRGEM — 23 de agosto a 22 de setembro	Não fale de seus problemas às pessoas que conhece mal. Ponha em dia o seu programa.	Vênus continua no seu signo e, isto é uma certeza de felicidade. Grande alegria se você for casado (a).	Nervosismo, agitação e pequenas indisposições.	Confesse com franqueza suas intenções, as oposições sumirão.
BALANÇA — 23 de setembro a 22 de outubro	Manifestação de amor por parte de amigos. Harmonia familiar. Ponha tarefas em casa.	Você se acha desamparado(a). Saiba esperar, pois brevemente o clima mudará. Cuidado com os "namoros".	Você pode se resfriar, cuidado.	Ideias preconcebidas que podem levar à divergências.
ESCORPIAO — 23 de outubro a 21 de novembro	Satisfações pessoais devidas a uma noticia verdadeiramente inesperada. As reuniões serão agradaveis.	Amor perfeito para você. Não decepcione uma pessoa que o ama com palavras falsas ou com ciúme.	Não dramatize algumas indisposições passageiras.	Você pode contar com felizes circunstancias.
SAGITARIO — 22 de novembro a 21 de dezembro	Você se sentirá feliz de viver e disposto a ajudar a todos. Para você este domingo será excelente.	Saiba dominar-se, pois uma crise de ciúme seria perigosa. Haverá falta de compreensão com a pessoa amada.	Bom no seu conjunto, mas cuide de seus nervos.	Você sofrerá por não poder mostrar seus sentimentos com eloquência.
CAPRICORNIO — 22 de dezembro a 20 de janeiro	Reinará uma grande atividade: aproveite para pôr ordem nos seus negócios. Amigos virão visitá-lo.	Vênus o favorece ainda. Faça projetos sérios e verá o que não está indo bem no plano familiar.	Sem estar verdadeiramente doente, você terá um pouco de febre.	A maledicência lhe ensinará a desconfiar dos outros.
AQUARIO — 21 de janeiro a 19 de fevereiro	Visitas e encontros importantes. Satisfações na companhia de seus amigos e filhos. Viva e aproveite este domingo.	Calma completa no plano sentimental. Um presente sempre agrada. Aproveite para fazer um exame de consciência.	Dores musculares e articulares devem ser temidas.	Organize-se para tudo que puder sofrer atrasos.
PEIXES — 20 de fevereiro a 20 de março	Todas as reuniões serão bem sucedidas e cheias de alegria. Embora seja domingo, reinará uma grande atividade.	Nada no plano sentimental. Espere que Vênus saia da oposição de seu signo. Não procure forçar o destino.	Risco de insonia. Coma mais levemente à noite.	Trate seus próximos com cortesia e consideração.

CRUZADAS

CARLOS DA SILVA

HORIZONTAIS — 1 — aparelho para fazer [illegible] ... [illegible] ... plenitude. 31 — [illegible]

VERTICAIS — 1 — [illegible] ... o chupim, no Rio Grande do Sul; 16 — [illegible] ... 21 — [illegible] acorda; 23 — [illegible] ... segundo. Lexicos utilizados: Morais, Fernando, Melhoramentos, Laudelino (6-v) e Casanovas.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

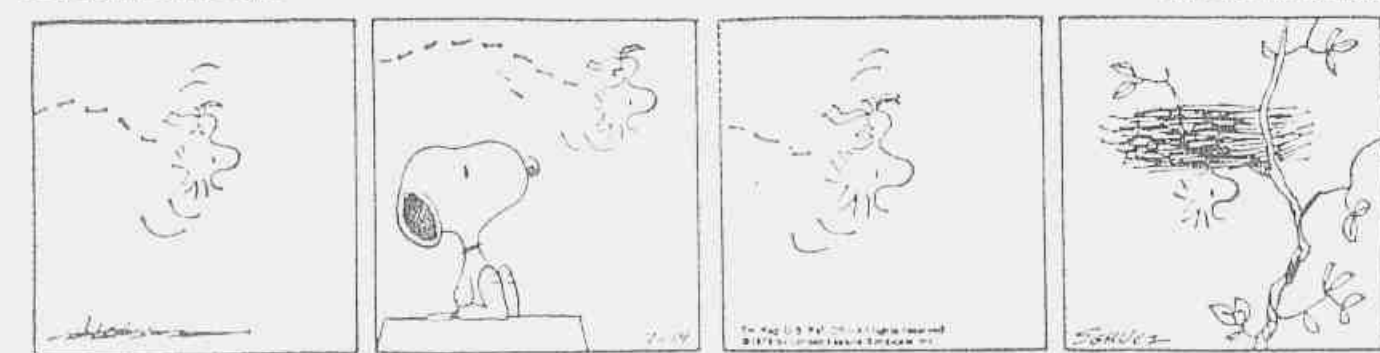
HORIZONTAIS — [illegible]

VERTICAIS — [illegible]

Correspondência, colaborações e remessa de livros e revistas para: Rua das Palmeiras, 37, apto. 4 — Botafogo — ZC-02.

CAULOS

PEANUTS

CHARLES M. SCHULZ

A C

JOHNNY HART

KID FAROFA

TOM K. RYAN

O MAGO DE ID

BRIANT PARKER E JOHNNY HART

Os 4 dias de Leilão no Golden Room do Copa, a partir do dia 22, se devem à quantidade de quadros oferecidos à Atrium Gallery, depois de anúncio publicado nesta Coluna. Antes, Claudir Chaves e Fernando Andrade programavam apenas 3. ★ Através de TABLOIDE — Edição Especial de Aniversário desta Coluna — já cedi espaço vendido em uma semana. Vende-se tudo o que aqui se anuncia. Simplesmente. Publicaremos um levantamento completo do mercado de arte no Brasil. ★ Altíssimo o nível de qualidade dos irmãos Glauci, Gláucia, Gunaro, Guilherme, mais Zélia e Elizabeth, que a LITHOS — Edições de Arte lançou esta semana no MAM. Aliás, a LITHOS já atendeu a pedidos de compra de serigrafias até de Buenos Aires, através dos anúncios publicados nesta Coluna. ★ Raul Fernandes, da Galeria VERNISSAGE (Rio) vai parar S. Paulo com um Leilão de 320 obras, dia 5 de outubro. 5 Portinaris (de primeiríssima) nunca vistos antes em Leilões. ★ Descobri de quem são as esculturas dos edifícios Gomes de Almeida: Yeda Lewinsohn. Além de escultora, projeta e executa interiores e dá vida às portarias. Veja o anúncio DECORAÇÃO. ★ Uma chamada para os Cartões de Natal anunciados hoje nesta Coluna. Vi, gostei e recomendo. ★ Ainda há quadros de Kaminagai na Bolsa. Pelo preço, representam ótimo investimento. ★ Também em S. Paulo, a Galeria da Praça. ★ Não há como evitar o sucesso de Laerpe Motta. Com toda a exposição literalmente vendida, acumula encomendas que lhe vão tomar, pelo menos, mais um ano de trabalho. (Léo Christiano)

SOLUÇÕES DA PÁGINA 14

LOCOBOLICHE

PERMANENTE — TERNA/PENTE
INDISCRETA — TRAS/INDICE
DECADÊNCIA — DA/DECENCIA
ANUNCIANTE — NUNCA/TENIA
PRATICANTE — CRIPTA/NETA
CARAMELADO — CARDA/MELAO
ATROPELADO — APORTE/LADO
PENSAMENTO — MENTA/PENSO
ESPORADICO — PESCADO/RIO
CONSCIENTE — CINCO/TENSE

ENTRECRUZADAS

```
O R L A   B O A     B E A T O
C     E G O   T     O   T   B
A L A R   L   O V A L   A   R
S     E   A     A   A O R T A
O I T A V O     L     U
    I     E     O     T R E S
A R O   A M A R R A   R     A
I       D   P     T R A S   C
A R A D O   O     O     E R A
        E     S E T A   L
O R A L         U       I R A
P     T I A     B O T I M   R
E S T A   C A R A   U       T
R         R   E       I M U N E
A S P I D E     I A R A       S
```

LABIRINTO

Acará apara arara borco brasa broca bromo bruna carpa carpo cocar corpo corsa corso crapó creme morna morso nácar nunca ocreo parca parco poreo pobre porca porco porém probo prosa prumo raspa rosca rumor sacra sorar [illegible]

CRIPTOMANIA

SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS DO TRÂNSITO: PROIBIR A CIRCULAÇÃO DOS CARROS QUE AINDA NÃO ESTÃO PAGOS

PALAVRAS x WORDS

HORIZONTAIS
1 — hat — valor — nig
2 — ode — arena — era
3 — ton — bit — sonts
4 — shod — man
5 — clean — colonel
6 — tic — strap — lute
7 — aue — cattle — dem
8 — pawn — teens — so
9 — sleeves — given
10 — aid — pate
11 — pants — rag — rut
12 — ere — image — via
13 — act — tamed — err

VERTICAIS
1 — hot — chaps — coa
2 — ado — lead — arc
3 — tense — ewe — hot
4 — has — neat
5 — veteran — wait
6 — [illegible]
7 — [illegible]
8 — [illegible] — triple — page
9 — [illegible] — engaged
10 — circle — sit
11 — pan — mud — sense
12 — [illegible]
13 — [illegible]

Carlos Eduardo Novaes

A SOCIEDADE (ANÔNIMA) DO LAZER

QUE Deus não tenha terminado a sua obra é perfeitamente compreensível. Afinal deu duro, sozinho, para entregá-la em apenas seis dias. Mas, e nós? Estamos trabalhando juntos há milênios e pelo que ouço dizer continuamos falhando nas tentativas de construir um mundo melhor. Aliás só neste século, por duas vezes (14 e 39) a construção desabou. Falta muito realmente para entregarmos essa obra pronta. Agora, estou sabendo, talvez tenhamos que abandoná-la. E por um motivo que os deixará exultantes: o trabalho vai acabar. Os sociólogos estão chegando — e chegando com algum atraso — à mesma conclusão que os gregos antigos: nós não nascemos para trabalhar. E não nascemos mesmo. Eu vejo por mim: às segundas-feiras sinto a maior dificuldade de sair da cama para o trabalho.

Durante séculos os nossos antecedentes foram na conversa de John Calvin e aquela turma da Reforma Protestante que consideravam a indolência pecaminosa e o trabalho virtuoso. Se o trabalho enobrece — como anuncia a sua ética — por que desejamos sempre mais tempo para nos divertir? Por que procuramos sair correndo do trabalho? Só pra ver as novelas? Por que enfim a semana de trabalho está diminuindo? Após perder o prestígio e as colônias os ingleses estão perdendo a semana. A semana inglesa está à beira da extinção. No início do século XXI, informam alguns cientistas, nos Estados Unidos e parte da Europa se trabalhará somente 147 dias por ano. E' justo então aguardar que daí para frente o trabalho continue diminuindo. Um pouco mais adiante trabalharemos apenas 100 dias e depois 78 e depois 54 e depois inverteremos o processo: trabalharemos nas férias — 30 dias — e folgaremos nos outros 335. O trabalho se transformará num **hobby** do fim de semana — veremos aquelas hordas de carros saindo na noite de sexta-feira para passar o sábado e o domingo no trabalho. Passaremos as nossas carteiras de trabalho. E terminaremos com o problema do desemprego. O desempregado não precisará ter nenhum tipo de preocupação. A não ser continuar desempregado.

Enquanto, porém, não entramos em férias coletivas, os sociólogos europeus e norte-americanos estudam técnicas para ajudar os trabalhadores das grandes cidades a preencher o seu atual tempo livre. Como não podemos ver os norte-americanos fazerem nada que queremos logo imitar, repetimos aqui a mesma pergunta: como encontrar um meio de preencher o tempo livre que nos sobra? Antes contudo de encontrar um meio de preencher o tempo livre, é necessário que encontremos o dito tempo livre. Onde está o tempo livre? Para a esmagadora maioria da população brasileira o tempo livre está em falta.

Por que então não fazemos como Proust e ao invés de procurar o tempo livre não saímos atrás do tempo perdido? Todos nós dispomos de dois tempos (sem intervalo do primeiro para o segundo): o tempo fixo e o tempo livre. A essa divisão dá-se o nome de orçamento do tempo. O meu orçamento, por exemplo, já estourou há muito tempo. Tempo livre, naturalmente. Já o trabalhador norte-americano mantém um orçamento mais ou menos equilibrado. Segundo o pesquisador norte-americano John Robinson, num estudo chamado **Social Change as Measured by Time Rudgets**, o trabalhador urbano nos Estados Unidos em 66 tinha o seguinte gasto diário de tempo fixo: trabalho remunerado — 7h 20m; sono — 7h 30m; viagem para o trabalho — 1 h; refeições — 1 h; cozinha, cuidado com as crianças e outras tarefas — 50 minutos (a mulher gasta nesse item 2h 40m); compras — 1h 10m; cuidados pessoais — 1h; e necessidades fisiológicas — 40 minutos; total: 19h 30m. De tempo livre: leitura — 30 minutos; visitas e idas a clubes — 1h 10m; esportes — 50 minutos; diversões — 10 minutos (podem crer); rádio — 10 minutos; televisão — 1h 30m e outras atividades — 20 minutos.

Em seu estudo o pesquisador constatou que nos últimos 32 anos o aumento mais notável foi com as mulheres em atividades domésticas (1h 30m). Talvez devido às dificuldades em conseguir uma empregada. O tempo médio de trabalho diminuiu em 20 minutos, o de sono, uma hora, e o dedicado às necessidades fisiológicas ficou reduzido a menos de uma hora. Quer dizer, nos Estados Unidos, que estão um pouquinho à nossa frente, o trabalhador foi obrigado a reduzir o tempo de suas necessidades fisiológicas, imaginem aqui no Brasil. Semana passada fiz uma pequena enquete na Central com os trabalhadores:

— Quanto tempo o senhor gasta com as necessidades fisiológicas?

— Dois minutos.

— Dois minutos? só?

— E'. E isso quando o banheiro não está ocupado. Se tiver gente, tenho que deixar para o dia seguinte. Não posso esperar.

De fato: encontrei vários trabalhadores andando devagar. Estavam com suas necessidades fisiológicas acumuladas há cinco dias.

A enquete chegou a resultados surpreendentes. Fazendo as contas do tempo fixo de cada trabalhador — trabalho remunerado, bicos, horas extras, biscates, viagem para o trabalho, viagem de volta do trabalho, espera do trem, congestionamento, descarrilamento, filas, necessidades fisiológicas — encontrei em média, uma hora e meia de sono. Isso quando não há "outras atividades" (normalmente exercidas com a mulher). No dia de outras atividades o tempo de sono cai para 50 minutos diários.

Quanto ao tempo livre, continuamos procurando.

NÃO sei como o trabalhador francês consegue duas horas por dia de tempo livre. Na França o dia deve ter 28 horas. Aqui, já cortei todo o meu orçamento — rádio, visitas, idas a clubes — e meu tempo livre continua curto. Ultimamente ando lendo jornal em pé, debaixo do chuveiro. Juvenal Ouriço encontrou uma boa solução: concentrou todo o seu tempo livre num só momento. Agora quando chega em casa para jantar, acorda a família, liga o rádio, a televisão, bota um som, lê enquanto come e ainda obriga a mulher a contar umas piadas "que é pra me divertir".

— E o senhor, qual é o seu tempo livre?

— Cinco minutos.

— E como o senhor gasta esses cinco minutos?

— Com leitura.

— E por que não gasta com a televisão?

— Porque eu não posso levar a televisão para o banheiro. Esses cinco minutos de leitura eu junto com os das necessidades fisiológicas.

Esse planejamento do tempo livre chama-se lazer. Na América Latina os profundos conflitos socioeconômicos tornam escassas as possibilidades de lazer. Os governos, porém, preocupados com o bem-estar dos seus trabalhadores, procuram elaborar programas de atividades de lazer. Programas que segundo o belga Roger Lecoutre contrariam o princípio básico do lazer que é o livre arbítrio. Na sua opinião as atividades não podem ser impostas de cima para baixo, devendo surgir expontaneamente em todas as camadas da população de acordo com seus respectivos valores sociais. Eu por mim não tenho nada contra o lazer por decreto. Até prefiro. Assim não preciso ficar pensando o que fazer com meu tempo livre. Outro dia acabei de jantar, peguei meu tênis, calção, camiseta e fui saindo. A mulher me interceptou: "onde é que você vai com essa pressa toda?"

— Vou lazer.

— E pra que esse calção e esse tênis?

— E' porque hoje no programa de lazer vai haver futebol.

— Mas você nem sabe nem dar um bico na bola. Detesta futebol.

— Não importa. Lazer é lazer.

— Vê ao menos se não se cansa muito.

— Pode deixar. Eu vou lazer na ponta esquerda.

Cheguei ao clube, entrei no ginásio, bati o relógio de ponto e fui lazer.

Antes de se pensar em elaborar os programas é necessário saber se a cidade está em condições de recebê-los. Uma cidade para ser chamada de cidade requer quatro elementos: habitação, circulação, trabalho e lazer. E' preciso de espaço porém para o lazer. Ao saber disso, um dia Ouriço, que mora num quitinete, expulsou a mulher de casa.

— Sai, sai — disse abrindo a porta do apartamento — espera aí fora.

— Mas por que Juvenal?

— Porque agora eu vou lazer e preciso de espaço.

Na verdade até hoje ninguém sabe direito o que é lazer. Quase sempre o lazer é confundido com diversão. Sendo assim seria um mero passatempo, um desperdício, uma área marginal da existência. Segundo o alemão Fink, o lazer deve ser um movimento de dentro para fora. Deve ser encarado como uma possibilidade de se experimentar a liberdade e a plena expressão individual. Aqui no Brasil — segundo a nossa mentalidade utilitária — o lazer tornou-se sinônimo de divertimento, recreio, jogos e sobretudo de viagens nos fins de semana. Lazer é fugir da rotina. O que transforma numa rotina fugir da rotina. Num sábado desses de manhã eu estava descansando quando um conhecido invadiu a casa: "como é, vamos passar esse fim de semana fora?"

— Pra quê?

— Ora, pra fugir da cidade.

— E por que eu vou fugir da cidade?

— Sei lá, mas se todo mundo foge a gente deve fugir também.

— Eu não tenho motivos pra fugir. A cidade não me persegue.

— Vamos rapaz — disse e e me dando um tapinha — vamos espairecer a cabeça.

— Ela não esquenta. Eu estou na sombra.

— Mas será que você não vê que é preciso fazer alguma coisa?

— Estou fazendo. Estou descansando.

— Não é isso. Você tem que aproveitar o seu tempo livre. Nós vivemos numa sociedade do lazer.

— Do lazer ou do consumo?

— Bem — disse ele — até sexta-feira é do consumo. Sábado e domingos é do lazer.

O cidadão falou tanto que acabei concordando. Levantei-me, apanhei os meus apetrechos e saímos em direção a uma fazenda modelo (que não era a do Chico). Paramos o carro, descemos e o cidadão encontrou um amigo que dormia numa rede. Acordou-o aos berros e perguntou:

— O rapaz, que é que você está fazendo aqui?

— Estou lazendo.

— Então espera aí que eu vou mudar de roupa pra lazer também.

Fomos andando os dois em direção à sede da fazenda. Só por curiosidade indaguei: "que é que a gente faz aqui?"

— Aqui? — repetiu o cidadão — dorme.

— Mas você me traz aqui para dormir. Por que não me deixou dormindo em casa?

— E o seu lazer?

— Mas não é a mesma coisa dormir aqui ou em casa?

— Absolutamente. Dormir aqui é lazer. Agora, dormir em casa é preguiça.

JORNAL DO BRASIL

ESPECIAL

RIO DE JANEIRO, DOMINGO,
14 DE SETEMBRO DE 1975

"Entre os meus interesses não profissionais", diz o escritor e conferencista inglês Denis Cecil Hills, "está vagabundear pela África. Esses passeios por lugares remotos, ensinaram-me a conhecer e a gostar da gente comum de diversas tribos". No dia 9 de junho último, porém, em Uganda, Hills foi condenado à morte por seus desagradáveis comentários, num livro inédito, sobre o Presidente Idi Amin. A sorte de Hills preocupou os ingleses; amigos recordavam o seu passado iconoclasta em Oxford, seus serviços no Oriente Médio e na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, suas conferências e viagens pela Turquia e por Uganda. "Uma figura enigmática", disse dele um jornalista, "um tipo que poderia ser personagem de Le Carré ou Graham Greene." Amin acabou libertando seu prisioneiro, graças à intervenção do Secretário do Exterior britânico. Neste artigo, Denis Hills escreve sobre a Uganda que conhece e o seu ex-carcereiro.

Eu fui prisioneiro de Idi Amin

Denis Hills

A fronteira entre o Quênia e Uganda, agora bastante policiada e muitas vezes interditada a estrangeiros, estava deserta quando passei por ela no meu velho Volkswagen, em 1963, a caminho de Kampala. *Uhuru* — independência — só chegara a Uganda no ano anterior. Na estrada um cartaz advertia: "Cuidado com as pedras soltas", mas não havia Alfândega nem guardas. Os canaviais brilhavam ao sol como se fossem feixes de caniços molhados. Na ponte sobre o Nilo, que cruzei sob uma garoa fina, não apareceu ninguém para inspecionar meu carro. No céu, brilhava traço um arco-íris.

No City Bar de Kampala, um grupo de brancos usando bermudas de brim caqui tomavam cerveja do Quênia, tendo ao fundo um retrato do líder religioso do proprietário, o jovem Aga Khan. Os únicos negros presentes eram os garçons e algumas jovens alegres, com cabelo estacado e joelhos grossos e brilhantes.

Eu fora contratado para ensinar inglês no Makerere College, em Kampala. Minha tarefa consistia em treinar jovens africanos que depois ensinariam em escolas secundárias. O Governo me deu um apartamento para morar em Kololo Hill, bairro residencial no subúrbio reservado aos brancos a serviço do Governo e asiáticos prósperos, com posses para construir lá seus bangalôs. Pisos da cor de suco de tomate, jardins com canteiros de rosas, era uma mistura anglo-indiana em solo africano. Babás levavam suarentas crianças brancas a passear nos seus carrinhos; a ala dos criados, onde se viam manchas de fumaça e dedos, estava localizada, "no interesse da higiene", a pelo menos 50 metros da porta da cozinha dos patrões.

Na piscina do Makerere College viam-se corpos rosados, mas nenhum de pele negra. No local onde hoje se ergue o Hotel e Centro de Convenções Nilo, construído pela Iugoslávia, com seu teto mal vedado, ingleses e indianos eram vistos urbanamente jogando **cricket**. O jornal nacional de Uganda, **Argus**, estava cheio de notícias sobre expatriados. Encostado ao bule de chá, ele dava um sabor patriótico ao **breakfast** britânico de mingau de aveia e mamão.

Como em todas as cidades de Uganda, a área central era virtualmente monopolizada por **dukawallahs** (comerciantes) e homens de negócios asiáticos. Assim que o comércio cerrava as portas, e depois da partida dos trabalhadores negros — a pé, de bicicleta ou em apinhados ônibus de dois andares — para os seus casebres e barracos na periferia da cidade, as ruas e os parques ficavam subitamente cheios de famílias asiáticas, que deixavam seus aposentos atrás de lojas e escritórios e vinham passear. Nos fins de semana, havia um ininterrupto desfile de carros. Seus filhos animados lotavam as escolas durante o dia — um presságio dos milhares que seriam lançados na economia de um país que não lhes pertencia.

Em minhas visitas a escolas secundárias de todo o país, constatei que a maioria dos professores das classes favorecidas eram europeus ou asiáticos. O currículo se baseava muito em textos didáticos britânicos, em Rider Haggard e Wordsworth, e mal se começara a dar atenção a escritores africanos. As salas de descanso dos professores eram, dentro da melhor tradição britânica, um local agradável e sem muita ordem, onde os expatriados, em trajes descuidados, corrigiam deveres escolares dos alunos em meio a bules de chá e material velho de **cricket**. No interior, onde quer que houvesse cidades ou povoados, viam-se engenheiros e peritos agrícolas e florestais britânicos morando em bangalôs construídos ao lado de campos de golfe ou em clareiras.

As mudanças que deveriam transformar tudo isso foram graduais, a princípio. Sob Milton Obote, que se tornou Primeiro-Ministro quando a Grã-Bretanha concedeu independência a Uganda, as repartições do Governo e os serviços públicos foram cada vez mais africanizados, o que levou muitos europeus e ingleses a deixarem o país. Mas a comunidade asiática continuou dominando o setor comercial e onde quer que fosse preciso pessoal especializado, desde mecânicos de automóveis a dentistas e descaroçadores de algodão. Não havia um mal-estar perceptível — o ressentimento africano continuava apenas latente. Tinha-se a impressão — ou a ilusão? — de que Uganda era o exemplo perfeito de uma sociedade multi-racial baseada na experiência estrangeira (frequentemente paternalística), no vigor dos africanos e na sua disposição em continuar aprendendo por mais algum tempo sob mentores brancos.

A Uganda de Amin

Foi Idi Amin ("Eu sou um **bulldozer**") quem acelerou de maneira dramática o inevitável processo de mudança que vinha ganhando força sob o Governo relativamente moderado de Obote. Sua medida mais radical, depois de tomar o Poder, foi a expulsão dos asiáticos. Embora seus métodos fossem desumanos, ele tinha razão em despachar os asiáticos, porque não se podia negar aos ugandenses o direito de mandar em sua própria terra, e tornava-se claro que a esmagadora presença asiática impedia o crescimento da classe média africana. Mais ou menos a essa época, Amin começou a perseguir e ameaçar os europeus — principalmente os ingleses — a ponto de milhares deles resolverem, para usar a expressão de Amin, "fugir". Dos aproximadamente 7 mil súditos britânicos que trabalhavam no país esse total agora caiu para 700.

Quais foram as consequências? Uganda não apenas perdeu a experiência comercial e a capacidade técnica dos asiáticos: os ugandenses não conseguiram substituí-los satisfatoriamente. O resultado, agravado pelas tendências inflacionárias mundiais, foi o caos econômico e a desordem nos serviços públicos. A nova classe de comerciantes e homens de negócios africanos que herdaram os bens e as propriedades dos asiáticos (e também dos ingleses) acabou-se tornando impopular. Não demorou a serem chamados de os "Patels negros" (**Patel** é um dos sobrenomes mais comuns da comunidade indiana) e **mafuta mingis** ("os que enriqueceram com as coisas herdadas"). Certo ou errado, já que os comerciantes e homens de negócios têm os seus problemas de fornecimento, distribuição e com moedas estrangeiras, eles foram acusados de contrabandear, trapacear e cobrar preços extorsivos numa escala nunca vista.

Mais de uma vez Amin aconselhou-os a se moderarem. Atualmente, sua solução para o problema dos "negociantes corruptos" é o pelotão de execução. Todos os meus colegas africanos da Prisão de Segurança Máxima, em Luzira, tinham sido acusados de "corrupção". Corriam o risco, embora não quisessem admitir a possibilidade desse horror, nem para si mesmos, de serem fuzilados. Meus colegas de cela eram em sua maioria executivos comerciais acusados de delitos graves. Através de um buraco no portão pudemos ver outra parte da prisão se encher aos poucos com pequenos comerciantes, presos sob acusações menos graves. Estavam sob detenção preventiva, aguardando julgamento por um tribunal militar. Ficavam sentados na grama, calados, como homens com poucas esperanças.

Filas, escassez e prateleiras vazias nos mercados são parte dos problemas diários dos ugandenses, e só alguns privilegiados — diplomatas, pessoal do Governo e militares — são poupados. Nos últimos dois anos, o Nelsadry, antes um esplêndido supermercado onde eu costumava fazer minhas compras, pouco tem vendido — quase que só pão, leite e rolos de papel higiênico. Alguns pacotes de especiarias, remanescentes do tempo dos asiáticos, continuam nas prateleiras. Quando precisava de peças para o meu Volkswagen, tinha de ir procurá-las nos ferros velhos ou importá-las de Nairobi. Meu vizinho africano, cujo filho estava à morte, procurou em vão pelos remédios que poderiam ter salvo a sua vida.

A partida em massa dos expatriados, especialmente de ingleses, que conheciam Uganda melhor que os outros, prejudicou os serviços sociais e médicos, o ensino, a pesquisa científica e a Igreja — campos onde a sua contribuição fora muito valiosa. Sua partida também afetou a qualidade de vida em Uganda. Quaisquer que fossem as suas faltas, os expatriados criavam e mantinham padrões; e, como uma comunidade respeitadora da lei, dava o exemplo. Agora que se foram, muitos africanos se sentem mais vulneráveis, mais expostos e isolados sob o regime do imprevisível Idi Amin.

Quando Amin deportou dois dos melhores médicos do país — o Dr Barkham (acusado de "disseminar doença política") e o professor Macadam, ambos do Hospital Mulago — só prejudicou o seu próprio povo. Nem todos os substitutos estavam à altura. Dois médicos egípcios que encontrei em Arua eram homens idosos e cansados. Enfrentavam um problema alimentar (falta de legumes frescos para saladas) e devido ao calor excessivo passavam a tarde na cama. "Muitos dos meus pacientes sofrem de blenorragia", disse-me um deles. "É uma variedade diferente e só um remédio é capaz de curá-la, mas está em falta."

No ensino, o afastamento gradual dos professores estrangeiros fora aceito, o que explicava a expansão dos colégios de treinamento de professores para produzir substitutos africanos. Mas a perda de 90% dos velhos professores expatriados de Uganda foi desastrosa. Fora das salas de aulas e dos anfiteatros, o medo e a apatia turvaram a vida estudantil, antes alegre e extrovertida. No Colégio Nacional de Professores, onde eu ajudara a formar uma biblioteca de 20 mil livros, encontrei poucos títulos novos quando lá estive há dois anos. "Estamos caminhando por um vale escuro", disse um estudante, "e não podemos nos arriscar a um tropeção."

O expurgo, e depois

Os habitantes de Uganda podem ser divididos em povos de fala banto, que moram no Sul, e em tribos nilóticas e nilo-hamíticas, que vivem no Norte. A tribo mais numerosa, mais próspera e de melhor nível de instrução é a dos bagandas, que falam o dialeto banto. Os bagandas são agricultores; suas mulheres são rechonchudas e bonitas. A Capital da Uganda, Kampala, fica dentro do seu território. As tribos do Norte, a quem os bagandas desprezam, têm um passado guerreiro. Os Karamojongs, seus vizinhos, são criadores de gado e gostam de fazer incursões guerreiras.

Quando Uganda se tornou independente, o **kabaka**, ou rei, dos bagandas, tornou-se Presidente da nova Nação, mas o Primeiro-Ministro, Milton Obote, pertencia à tribo dos langi, que vivem ao Norte do país. A rivalidade entre os dois líderes era, no fundo, uma rivalidade tribal entre os bagandas e os forasteiros do Norte. Em 1966, Obote atacou o palácio do **kabaka**, forçando-o a fugir e se exilar. Desde aí, os bagandas se tornaram seus inimigos mortais. Quando Idi Amin deu o golpe e tirou Obote do Poder, em 25 de janeiro de 1971, foram os bagandas que mais se regozijaram porque a vitória de Amin representava o seu triunfo sobre Obote.

Mas o golpe não permaneceu incruento por muito tempo: os homens de Obote tinham de ser eliminados. Durante vários meses, soldados das tribos langi e acholi, do Norte, foram fuzilados, apunhalados e mortos a pauladas em guarnições militares por todo o país. Essas mortes — a princípio, Amin alegou que os guerrilheiros de Obote, com a ajuda de oficiais chineses, eram responsáveis por elas — nunca foram um segredo. Os mortos eram lançados como se fossem "sacos de **posho**" (mingau de milho) no Nilo, em mangues e no lago Vitória. Muitas pessoas presenciaram essas cenas. Eu mesmo tenho uma pequena prova desses assassinatos: fotos tiradas em abril de 1971 de 26 corpos de homens adultos — evidentemente soldados — que encontrei às margens de um lago, perto de Entebbe. Os corpos estavam cheios de perfurações de balas, através das quais os intestinos se projetavam como salsichas.

Mas Amin não fez dos bagandas novamente o elemento étnico dominante. Membro da pequena tribo dos kakwa, do Norte, e antigo sargento do King's African Rifles, Amin não tem os bagandas em grande conta — costuma dizer que não são combativos. Apesar de não confiar neles, usa a sua inteligência, mas sua base de poder está num novo grupo de nortistas oriundos da região a Oeste do Nilo e do Sul do Sudão.

Amin fez um expurgo no Exército e nas forças policiais também. "São um bando de bêbados e covardes", disse.

Até agora a polícia não se recuperou do tratamento que Amin lhe dispensou. Reluta frequentemente em investigar um crime sob o pretexto de que "é possível que haja soldados envolvidos."

Duas semanas depois de minha prisão, minha mulher teve o seu carro roubado sob a ameaça de armas. Receando que os assaltantes fossem agentes dos órgãos de segurança do Estado, a polícia lhe disse: "Não podemos ajudá-la. Dê parte ao seguro."

As Forças Armadas foram contempladas com boa parte das propriedades abandonadas pelos asiáticos. Amin permitiu que ficassem com lojas, escritórios, casas e carros. Depois disso, já acusou várias vezes os seus oficiais de negligenciarem os deveres militares por causa de suas atividades comerciais, e tem usado esse pretexto para demiti-los. Essas demissões afetam a eficiência e o moral, mas estão de acordo com as táticas de eliminação de Amin. Apesar de tudo, nestes últimos dois anos o Exército ugandense melhorou bastante em termos de disciplina e treinamento. Os soldados agora já não são tão visíveis como nos primeiros meses, quando importunavam as pessoas nos postos de controle, nas estradas, e rondavam pelo centro da cidade exibindo fuzis automáticos.

As unidades de segurança especiais de Amin — a Unidade de Pesquisa Especial em Nakasero, e o pelotão de execução, em Naguru — são hoje, talvez, as mais temidas e odiadas pelos ugandenses, porque funcionam sob o controle direto de Amin e não têm de prestar contas ao Exército ou à polícia. Em Nakasero, há um centro de interrogatório. Os presos que vi serem levados para lá, retirados da delegacia policial central em Kampala, retornaram com cicatrizes mal fechadas nas costas. Disseram que em Nakasero havia funcionários brancos — iugoslavos ou soviéticos.

Também conheci homens que sobreviveram a Naguru. Contaram-me que policiais bêbados entravam nas celas e escolhiam vítimas a esmo, que depois fuzilavam. "Passei minhas noites lá rezando e tomando sem parar", disse-me um deles.

Muitos de meus amigos e conhecidos em Kampala sabiam que eu escrevera um livro sobre Uganda. Disse-lhes que se tratava de uma obra descritiva, sobre viagens, uma continuação de meu livro anterior, Man With a Lobelia Flute. Sabiam também — nunca fizera segredo disso — que eu estava escrevendo um livro de memórias, em nada relacionado com Uganda. A existência dos dois livros não somente confundiu os bisbilhoteiros, como a própria polícia. No final, o resultado foi o mesmo. Os agentes policiais que deram uma busca no meu apartamento, a 1º de abril de 1975, estavam à procura do livro errado — minhas memórias — e acabaram encontrando os manuscritos certos, **The White Pumpkin** (A Abóbora Branca), o livro sobre Uganda.

Com base num parágrafo desse manuscrito, onde acusava Amin de "governar como um tirano de aldeia, pelo medo", fui acusado de sedição e levado para a prisão Luzira. A 9 de maio, a acusação de sedição foi retirada, mas passaram a me acusar de traição, e me informaram que teria de comparecer perante um tribunal militar. A 23 de maio, fui levado algemado para a prisão do Batalhão de Reconhecimento Mecanizado Especial Malire, em Bombo.

Ao todo, cerca de 200 soldados me guardaram durante a minha "estada temporária" no Batalhão Malire. Eram jovens e perspicazes. Muitos eram lugbaras ou sudaneses do Sul. A princípio, mostraram-se ameaçadores e severos ("Você é um homem muito perigoso"). Quando perceberam que eu não era um inimigo de Uganda, passaram a me demonstrar consideração de várias maneiras.

As ordens de comando eram em inglês; o toque do corneteiro era do Exército britânico. O Batalhão tinha um destacamento com gaiteiros, escoceses, com gaita de foles e tudo. O som de seus instrumentos tocando músicas escocesas chegava aos meus ouvidos através das grades da cela. Os soldados falavam na **minha** língua, tocavam as **minhas** músicas. Como podíamos ser inimigos?

Compareci ao tribunal militar nos dias 9, 10 e 11 de junho. Era presidido pelo Major Juma Ali, famoso pelo seu envolvimento na morte de dois americanos — Nicholas Stroh e Robert Siedle — no quartel de Mbarara, em 1971. O Major Ali me condenou à morte por fuzilamento. A 21 de junho, levaram-me à presença do General Sir Chandos Blair e do Major Iain Grahame, recém-chegados de Londres com uma mensagem da Rainha Elizabeth em que pedia a Amin clemência para mim. O Presidente compareceu à entrevista. Ele me passou uma descompostura e disse que em atenção à Rainha suspenderia a ordem de execução, que assinara naquela mesma manhã.

Retornei à minha cela e nada mais soube sobre a suspensão temporária de minha execução ou a possibilidade de minha libertação, até que no dia 9 de julho o comandante do Batalhão Malire informou-me que no dia seguinte seria levado para Kampala. Continuei ignorando o que iria me acontecer, até o momento em que vi o Secretário do Exterior britânico, James Callaghan, esperando por mim no posto de comando do Presidente, junto ao próprio Amin. Compreendi, então, que era um homem livre.

Tem-me perguntado o que penso de Amin. Não nutro ressentimento especial contra ele pela minha prisão e sentença de morte. Quando meus manuscritos foram descobertos, sabia o que devia esperar, e me preparei para engolir um remédio amargo. Não sei se meus comentários críticos magoaram de fato o Presidente. Afinal, ele estava acostumado a ser atacado. Por exemplo, quando jornalistas alemães o atacaram, ele não reagiu com ameaças. Torna-se claro que me usou como um peão de xadrez, a fim de arrancar concessões do Governo britânico, que acabaram não passando de uma mensagem da Rainha, uma visita do Secretário do Exterior, e talvez alguma melhora nas relações com Londres.

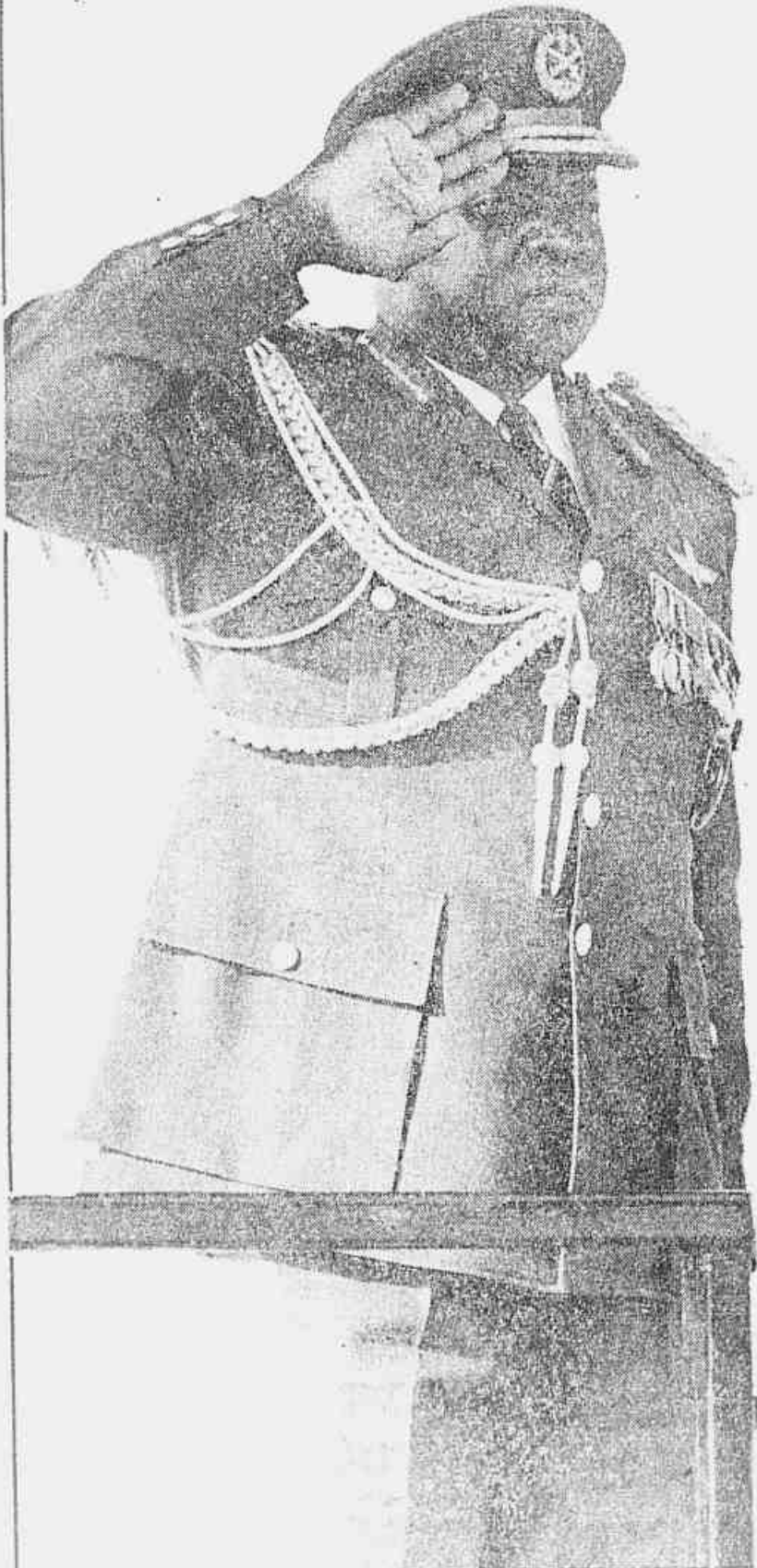
O homem e o método

De nada adianta chamá-lo de farsista ou assassino. Ele é uma realidade africana. Concretizou o sonho africano: a criação de um Estado verdadeiramente negro. Fez surgir uma nova classe média ugandense, ainda incipiente mas vigorosa, de técnicos e homens de negócios que terão de aprender através dos seus próprios erros. Suas políticas econômicas acabaram provocando corrupção e escassez de produtos, mas o volume de dinheiro que circula nos bolsos africanos aumentou consideravelmente.

Amin tem qualidades que o tornam popular e, ao mesmo tempo, antipático. Tem senso de humor, tem impulsos generosos e também cruéis, e é um grande **showman** na tradição africana de festas espetaculares, com canções, danças, soldados e discurseira.

A violência que o cerca já atingiu membros de sua própria família e amigos. Pouco depois de divorciar-se de três de suas quatro mulheres (a 26 de março de 1974), uma delas, Mama Malyamu, foi presa sob a acusação de contrabando, e outra, Kay, foi encontrada morta a 13 de agosto, seu corpo partido em cinco pedaços. O corpo do primo de Kay, o antigo Ministro do Exterior Michael Ondoga, foi pescado das águas do Nilo no começo deste ano (10 de março).

Depois de brigar com uma de suas favoritas, Elizabeth Bagaya, a ex-modelo que até novembro de 1974 era o seu Ministro do Exterior, ele acusou-a publicamente de "manter relações sexuais com um europeu desconhecido num toalete do aeroporto de Paris." Depois, deu uma prova de mau gosto chocante, fazendo publicar na imprensa ugandense um retrato de Elizabeth inteiramente nua.

A 12 de dezembro de 1972, Amin ameaçou colocar David Martin, correspondente do **Observer**, de Londres, sob custódia do Exército por tê-lo criticado. Neste sentido, fui um medíocre substituto de Martin. Mas os professores, mesmo os pobres, são respeitados em Uganda. Ao me prender e ameaçar de execução pública, Amin ficou desacreditado perante um grande segmento da população ugandense, e fez publicidade para o meu livro.

Uma fácil torre de paz

Bernard Levin
The Times/JB

É boa notícia que Iasser Arafat tenha sido o primeiro a atacar o acordo egípcio-israelense. Isto é indício forte de que estamos diante de um pacto genuíno — não apenas de mais uma série de **mantras confortadoras** do tipo tão frequentemente empregado na diplomacia internacional, principalmente quando conduzida sob os auspícios da ONU, e que normalmente terminam por um comunicado dizendo: "Por este acordo, que entrará em vigor tão pronto seja ratificado pelos Parlamentos de todas as Altas Partes Contratantes, as Altas Partes Contratantes comprometem-se a observar as seguintes condições:

1) O pecado é mau.
2) A virtude é boa.

E' certo que ninguém será criticado por exigir provas de que não se trata de mais um desses pactos. Ter-se chegado a ele é em si tão espantoso, e as implicações tão fantásticas, que o ceticismo é inevitável. Mas aí está, preto no branco, e sem mesmo uma cláusula prevendo sete anos para que seja implementado. Sempre fui profundamente pessimista quanto às possibilidades de paz verdadeira no Oriente Médio, e meu pessimismo tinha origem principalmente nos anos de intransigência israelense, e nos inevitáveis movimentos terroristas que isto gerava. A grande questão que Israel não respondia, que se recusava a enfrentar, na verdade, era "O que farão vocês quando os árabes aprenderem a lutar?" A atitude era a de que isto jamais aconteceria, e haveria tempo bastante para pensar se viesse a acontecer.

Aconteceu, em outubro de 1973, e muito crédito deve-se aos israelenses pela velocidade com que se adaptaram à idéia de que uma mudança momentosa e irreversível ocorrera desde a Guerra do Iom Kipur (se os judeus não forem pragmáticos, quem o será?). Na minha opinião, porém, mais crédito ainda deve ser atribuído a Sadat, porque o tempo, afinal de contas, trabalhava a seu favor, e não dos israelenses.

Quanto ao **doctor subtilis**, ele já ganhou o seu Prêmio Nobel, e merece a gratidão de ambas as partes e a de todos nós. De alguns setores, é claro, não terá nenhuma: no começo do ano, o colapso das negociações foi recebido com gritos de satisfação e a felicidade idiota de alguns anti-americanos fanáticos. Num ou noutro arabista mais extremado, percebi uma definitiva inquietação. Aquele cometa de óculos riscando o céu cada vez mais rapido metia-lhes o medo de terem de enfrentar a desagradável perspectiva de árabes e judeus ainda virem a partilhar o pão da paz.

O Oriente Médio encontra-se hoje na extraordinária e sem precedentes — pelo menos para o Oriente Médio — posição de saber que cada dia de paz torna outro dia de paz mais provável, e não menos. O Dr Kissinger ainda tem muito que voar antes dos sírios assinarem com Israel, ou vice-versa, um pacto semelhante, e o Coronel Kadhafi, na Líbia, ainda estará entoando o seu **delenda est Cartago** quando o Dr Habash já for membro honorário do Knesset.

De qualquer forma, o principal mérito do acordo, e o que me converteu de pessimista em otimista do dia para a noite, é o fato de que dá tempo (e incentivo) a egípcios e judeus para descobrirem que as pessoas do outro lado do Canal de Suez não têm chifres nem rabo. E as vantagens que podem decorrer dessa descoberta são literalmente incomensuráveis.

A lembrança mais vívida que eu tenho de minha única e breve visita a Israel, em 1965, é de um momento perto da fronteira jordaniana onde Israel (isto foi antes da guerra de 67, lembrem-se) tinha apenas 13 quilômetros de largura. No alto de uma colina, mencionei ao meu guia que não conseguia enxergar postos policiais nem cercas de arame farpado demarcando a fronteira. Para meu espanto, ele disse que a fronteira ali só era marcada por umas pedras pintadas de branco; mas, acrescentou, se eu procurasse bem, perceberia exatamente onde passava a linha divisória, ainda que não existissem marcos. Não compreendi bem o que queria dizer, e fiquei examinando o terreno até que, de repente, entendi. A meio caminho da colina, a paisagem deixava de ser verde e tornava-se marrom — uma ruptura tão súbita que parecia traçada a lápis. A explicação era que os judeus tinham cultivado o seu lado da fronteira até o último milímetro, enquanto do outro lado havia apenas areia. Achei, e nada desde então me fez mudar de idéia, que me havia sido concretamente demonstrado o significado último do ódio, que é o fato de ser estéril. Se a fé e a força que haviam feito verde o deserto de um lado da fronteira pudessem tê-la cruzado, o outro lado teria também florescido.

Muito bem, não foi apenas a lutar que os árabes aprenderam. A tecnologia israelense também já não está tão à frente deles como antigamente. Mas as perspectivas que agora começam a se abrir para o Oriente Médio não dependem de alguma partilha especial de contribuições que ambas as partes possam dar ao futuro comum: elas vêm da possibilidade de, dentro de muito poucos anos, estar-se ouvindo em toda a região os sons de espadas sendo transformadas em arados.

Será esta uma extrapolação fantástica demais a ser feita da assinatura de um tratado estritamente limitado entre Israel e apenas um de seus vizinhos árabes? Pode ser; mas já não é tão óbvio assim. Quanto tempo faz que um tal tratado seria tido como um sonho inatingível? Esta pergunta tem resposta exata: dois anos. Mas dois anos são um microssegundo na vida de uma nação, e 20 anos não passam de um piscar de olhos. A história deste último terço de século tem sido uma série de predições falsificadas, e todas as predições foram falsificadas no mesmo sentido: tudo aconteceu mais depressa que se calculava. O que nós sempre esquecemos é o efeito que tem a mudança sobre a própria mudança: sabíamos que mudanças ocorrem rapidamente, mas não nos apercebemos de que a velocidade da mudança está, ela própria, sempre se modificando.

Qualquer mudança antes considerada impossível parece perfeitamente aceitável tão logo tenha sido introduzida. Se a frágil torre de paz que acaba de se erguer não for derrubada nos próximos meses, se tornará sólida e forte, e à sua sombra outros inimigos se sentarão e conversarão uns com os outros. E depois?

A vitória provisória

Pierre Salinger
L'Express

Na sala do Palácio das Nações de Genebra onde foi assinado o novo acordo de paz entre Israel e Egito, notavam-se sobretudo os ausentes. Especialmente os soviéticos, que boicotavam um episódio que restabelece a influência dos EUA no Oriente Médio. E também os próprios americanos, que para não revolver o punhal na ferida dos russos, tinham decidido à última hora não assistir à cerimônia.

Não há dúvida de que esse novo "pequeno passo" em direção à paz no Oriente Médio, coroamento espetacular de um ano de esforços e vaivéns entre Jerusalém e o Cairo, é não apenas uma vitória pessoal para o Secretário de Estado Henry Kissinger como também um ponto marcado pela diplomacia norte-americana nesta região do mundo. Os russos não estão contentes. Apesar das várias advertências de Andrei Gromyko, para quem a URSS deveria participar de todos os acordos, Kissinger desfilou sozinho. E foi bem sucedido.

Mas os seus problemas não chegaram ao fim. Se é verdade que ele ganhou a "sua" batalha do Sinai, resta ainda ganhar a do Capitólio. Isto é, obter do Congresso a sua anuência à presença de 200 técnicos americanos entre os exércitos do Egito e de Israel. E ao pagamento da fatura: os três bilhões de dólares que Kissinger prometeu a Israel.

O envio dos "técnicos americanos" para o Sinai é particularmente humilhante para os russos. Estes não esqueceram que, em 1973, o Presidente Richard Nixon lançou um alerta atômico geral exatamente para opor-se ao envio de tropas soviéticas ao Oriente Médio, que se propunham a "garantir a paz."

Muitos americanos não vêem com melhores olhos essa presença americana no Oriente Médio. Isto lhes traz à memória recordações pungentes: foi com o envio de "alguns técnicos" ao Vietnã do Sul que o Estados Unidos puseram dedo numa engrenagem fatal no Extremo-Oriente.

Uma aposta

Antes que estivesse seca a tinta do acordo do Sinai, o Senador Mike Mansfield, líder do grupo democrata, manifestou sua oposição à presença americana nesse novo vespeiro. O próprio Senador Henry Jackson, defensor encarniçado de Israel, expressou as maiores reservas, esperando o momento de examinar o texto de perto.

Kissinger terá, assim, dificuldade em arrancar do Congresso os três bilhões de dólares que lhe serviram de argumento para convencer Israel a abandonar os poços petrolíferos de Abu Rudeis e os passos estratégicos de Giddi e de Mitla.

E' provável que o Congresso termine dando o seu acordo, mas isto não acontecerá facilmente. Se, por acaso, se recusasse, a vitória de Kissinger no terreno diplomático se transformaria em debandada no plano político. Kissinger sabe disso. E a sua ofensiva diplomática baseou-se numa aposta.

O novo acordo de desmobilização não garante a paz e não resolve o problema em seu conjunto. Mas o Secretário de Estado ganhou tempo. Ele espera que mais tarde o seu amigo Anwar El-Sadat, conservando-se no poder, seja capaz de convencer os outros países árabes e estabelecer relações pacíficas e permanentes com Israel.

Como que lhe dando razão, o Presidente egípcio, num discurso solene, defendeu impetuosamente o acordo do Sinai e estigmatizou a atitude da URSS, "provocação aberta visando a dividir as fileiras árabes." Mas é ainda uma aposta. Que parecia longe de estar ganha na semana passada.

Os palestinos e líbios acolheram mal o acordo bilateral. O que já se previa. Os sírios também: "E' uma grave derrota para a causa árabe", declarou Damasco. Do lado americano, entretanto, ainda se afirma que o Presidente Hafez El-Assad será tentado a seguir o exemplo do Egito. Resta saber o que pensarão disto os russos.

Quanto ao pequeno Rei da Jordânia, Hussein, está temporariamente "esfriado" com os americanos. Pediu-lhes que lhe fornecessem 14 baterias **Hawk** antifoguetes. O Congresso se opunha. O Pentágono propôs-se, então, a entregar seis. "Quatorze ou nada", respondeu secamente Hussein. "Se não, vou pedir aos russos".

O único país árabe a apoiar realmente a diplomacia de Kissinger é a Arábia Saudita. Apoio nada desprezível, já que os sauditas são os banqueiros de quase todos os países árabes e do Movimento de Libertação da Palestina.

Num balanço geral, entretanto, a maior parte dos diplomatas em todo o mundo estava de acordo, na semana passada, com o Presidente Valery Giscard d'Estaing, que enviou a Kissinger o seguinte telegrama: "Dirijo-vos meus cumprimentos amistosos pelo sucesso de vossa ação perseverante e inteligente na direção da paz."

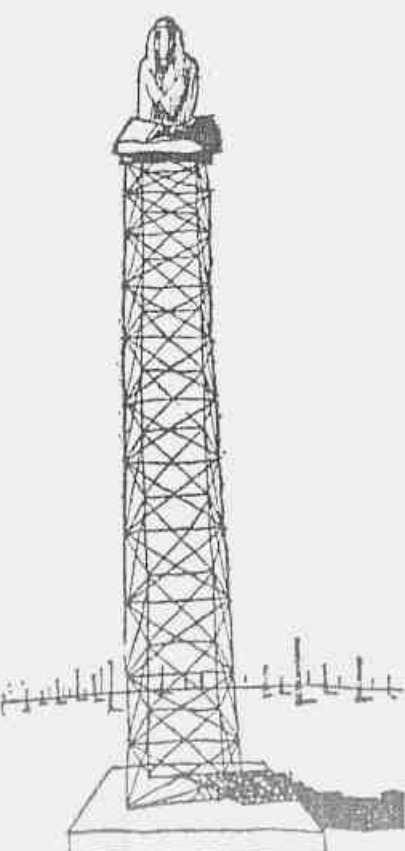
Com um pouco mais de sorte ...

The Economist

O congelamento de nove meses nos preços concedidos graciosamente pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo — OPEP — depois que o petróleo passou a custar cinco vezes mais caro que há dois anos expira a 1º de outubro. E é um sinal da nova ordem de coisas que as principais nações consumidoras do Ocidente possam dizer que estão felizes com a perspectiva de que a OPEP, no encontro de Viena marcado para 24 de setembro, decida elevar os preços do petróleo em "apenas" 10%, e talvez retarde um pouco a aplicação plena do aumento.

Um aumento de 10% elevaria o preço dos petróleos finos da Arábia Saudita — padrão pelo qual se estabelece o preço de outros tipos de petróleo — para cerca de 11,50 dólares o barril. Isso é menos do que o que se temia que fosse há alguns meses; havia quem achasse que o aumento poderia ser três vezes superior. Mas ainda é um dólar a mais do que a economia ocidental pode suportar.

Foi necessário uma recessão maciça no Ocidente, uma queda drástica no consumo ocidental do petróleo, a oscilação das economias emergentes de todos os países pobres do mundo e a perspectiva de um acordo político no Sinai negociado por Henry Kissinger entre Israel e os árabes moderados, para que esse mínimo de sensatez fosse introduzido nas deliberações da OPEP. Cada um desses fatores será lembrado aos membros e representantes da OPEP durante o festival de reuniões de que eles participarão brevemente — depois do já realizado encontro de 32 nações "não alinhadas" no Peru, as reuniões anuais do FMI e do Banco Mundial em Washington e a sessão especial das Nações Unidas.

Alguns países da OPEP prefeririam continuar ignorando o bom senso: Argélia, Iraque, Líbia e Venezuela — os produtores que têm os laços ideológicos mais fortes com o Terceiro Mundo — pressionam por um aumento de três ou quatro dólares por barril, na suposição de que o Ocidente é suficientemente rico para absorvê-lo e que os pobres podem ser consolados através de uma ajuda especial e de acordos comerciais.

Nestes termos, o acordo quanto a um aumento de mais ou menos 10% será o resultado de uma luta difícil, de um acordo baseado em dois fatos. Primeiro, a atual fartura de petróleo supervalorizado está fazendo com que os membros da OPEP aparem o preço atual nas extremidades — abandonando as recompensas especiais pelo petróleo de baixo índice de sulfúrio, dando descontos para carregamentos marginais, etc. Uma nova elevação dos preços, sabotando a recuperação econômica mundial antes que ela esteja firme nas pernas, estimulará a própria anarquia de preços no mercado petrolífero que a OPEP, se quer continuar a ser um cartel tão eficiente quanto o foi até agora, não pode permitir.

Em segundo lugar, as chances são de que a Arábia Saudita jogará o seu peso em favor de um aumento pouco vultoso. Com uma capacidade ociosa, atualmente, de 6 milhões de barris diários, pouco menos de um quinto da atual produção da OPEP, os sauditas estão em condições de anular qualquer corte de produção proposto por outros membros com a intenção de elevar os preços. Além disso os sauditas estão encorajando seus amigos, as companhias petrolíferas, trabalhando como seus empreiteiros, para aumentar a produção saudita em mais 25%, até perto de 16 milhões de barris diários.

A força da Arábia Saudita ficou evidente no último encontro da OPEP no Gabão, em junho, quando bloqueou as propostas de que os Direitos Especiais de Saque (a moeda do FMI) substituísse o dólar como unidade de cálculo do preço do petróleo. com o fortalecimento do dólar que daí resultou, os sauditas deveriam ter recebido uma medalha por terem salvo seus companheiros da OPEP da sua própria loucura.

Carregando um fardo

A nova liderança saudita, com o Rei Khaled e o Príncipe Fahd, tem mostrado ter tanta consciência quanto o Rei Faisal de que a segurança do reino está ligada à estabilidade e à riqueza do Ocidente. O Rei Khaled e o Príncipe Fahd não podem — e não o farão — dar sempre a mão ao Ocidente nos seus problemas de energia: não podem permitir-se divergir a esse ponto dos seus companheiros da OPEP. Mas uma vez que acreditem que o acordo com Israel sobre o Sinai é coisa garantida, o que lhes dará algum alívio na luta constante contra os árabes radicais, estarão dispostos a ajudar, desta vez. Seu temor enraizado do comunismo e da URSS também faz com que eles se preocupem mais que os outros países da OPEP com o caos econômico do Ocidente.

Além disso, mais que a maioria dos países da OPEP, os sauditas sentiram o corte no consumo de petróleo. Suportaram o impacto mais forte na queda geral de um quarto na produção da OPEP, para 26 milhões de barris em relação a um máximo de 32 milhões em setembro de 1973. A capacidade ociosa da OPEP chegou a 15 milhões de barris diários — um terço do seu potencial. E metade disso ficou a cargo dos sauditas.

O mundo ainda está pagando mais de 10 dólares por barril de petróleo que sai do Golfo Pérsico, embora os preços tenham-se desgastado, e a produção começa a subir novamente. Mas isto se deve em parte à estocagem que precede o inverno europeu e americano, e em parte à especulação das companhias distribuidoras, que querem garantir bons lucros para quando os preços subirem em outubro. Seria preciso um verdadeiro **boom** ocidental, para além dessas especulações, a fim de que a produção subisse mais uma vez a 30 ou 35 milhões de barris diários — quando então, ironicamente, os radicais da OPEP (Líbia, Iraque, Argélia e Irã) estariam novamente dando as cartas.

A pesquisa necessária

Supondo-se que a OPEP permaneça unida (o que significa: contanto que ela não quebre o próprio pescoço elevando absurdamente os preços) é provável que continue a ditar normas. E' por isso que os EUA estão ansiosos por iniciar de novo as negociações, e que o diálogo mais amplo entre produtores de matéria-prima e consumidores, marcado para outubro em Paris, deverá reiniciar-se em clima mais favorável do que antes: haverá muita discussão sobre isso nas próximas conferências de ministros das Finanças.

E é por isso que o Ocidente deveria dar um passo à frente quanto à sua própria produção de energia e planos conservacionistas. Alguns vão indo bem — outros cinco milhões de barris diários deverão estar correndo até 1980 do Alasca, Mar do Norte, América do Sul e China. Outras tentativas de produzir energia em casa não vão tão bem: o Japão e a França restringiram recentemente os seus programas nucleares. Na Inglaterra e na Alemanha, o preço do carvão disparou. A mineração a céu aberto tem feito poucos progressos nos EUA, onde ainda não foram concedidas licenças para a exploração da plataforma continental exterior — um dos terrenos potencialmente mais promissores do mundo quanto à produção de petróleo.

As estimativas sobre a quantidade de petróleo recuperável da areia alcatroada e da argila xistosa nos próximos 10 anos caíram em um terço. Por toda parte, o **lobby** ambiental e os obstáculos técnicos mostraram-se mais intratáveis que se esperava. Cerca de um quinto, ou mesmo de um quarto, do capital disponível no mundo poderia ter de ser solicitado nos próximos 10 anos para que se obtivesse um aumento de energia que compensasse o petróleo da OPEP. Quanto ao conservacionismo, veja-se a débil campanha inglesa do **Save It**, cujo único mérito é o de que as de outros países ainda são mais débeis.

Nos anos 80, os altos preços da energia terão mudado tudo isto, e a perspectiva é a de abundância energética, assim como houve agora uma abundância provocada pela recessão depois que os preços do petróleo quintuplicaram. Mas antes disso o Ocidente tem de aprender a barganhar, aprender a coordenar a sua produção de energia, e aprender como negociar preços com a OPEP e outros produtores de matérias-primas na base de parceiros iguais em um mundo [illegible] [illegible] [illegible] Os dias [illegible] do seu passado.

MOMENTO

Automóveis

As vendas de carros novos nos Estados Unidos foram inferiores em 16% ao volume de agosto do ano passado. Apesar disto, este foi o melhor mês do ano, até agora, para a indústria automobilística americana. Falando à imprensa, Henry Ford II, presidente da Ford Motor Co., declarou que sua empresa importaria um modelo de minicarro europeu a ser lançado nos EUA no início de 1977, a fim de fortalecer a linha de produção da Ford no mercado de carros pequenos. Ford reconheceu que sua companhia não avaliou a rapidez com que os consumidores adotariam os carros pequenos. Sua decisão de importar um modelo pequeno está ligado ao fato de que "deve-se dar ao cliente aquilo que ele quer." Ford declarou, ainda, que não havia tempo nem dinheiro para planejar um minicarro e produzi-lo nos EUA.

Ecologia

Em 1968, o Congresso americano decidiu implementar um ambicioso programa de preservação ecológica de mais de 100 rios do país, afetados em maior grau pelos efeitos da poluição. O Congresso começou por selecionar oito rios para formarem o núcleo do então criado Sistema Nacional de Rios Selvagens e Paisagísticos, selecionando depois outros 72 a serem incluídos no projeto, aprovando ainda métodos e verbas visando à restrição de programas de desenvolvimento industrial nas áreas delimitadas. Sete anos depois, e faltando apenas três para o término do projeto, o Sistema só abrangeu 11 rios. Muitos são os fatores apontados como causas do ritmo lento dos trabalhos: oposição local às determinações federais, fortes interesses industriais contrários à propriedade governamental dos rios para fins de conservação, além da tradicional apatia e resistência naturais da burocracia administrativa.

Utilidade pública

Apesar de uma intensa propaganda do Departamento de Polícia de Nova Iorque tentando convencer as pessoas a não ligarem o número de emergência 911, a não ser em casos realmente graves, a quantidade de chamadas, durante os sete primeiros meses deste ano, ultrapassou por boa margem os chamados relativos ao mesmo período do ano passado. Mais de 65% dos telefonemas não eram casos de emergência, segundo a polícia, comparados com os 55% de 1974. A maioria referia-se a hidrantes desregulados ou a aparelhos de ar condicionado com defeito, sendo que não se passa um dia sem que algum dos 300 policiais do Departamento atendam a chamados de senhoras cujos gatos se perderam.

Ku Klux Klan

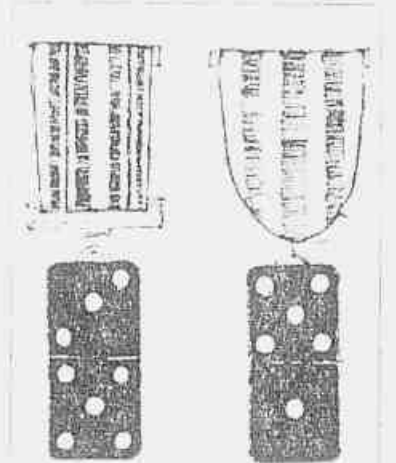
Na cidade de Albany, EUA, o Comissário de Serviços Correcionais do Estado divulgou uma circular proibindo a funcionários do estabelecimento qualquer vínculo com a Ku Klux Klan. A circular destina-se a um número limitado de empregados, que agora devem renunciar à Ku Klux Klan até 1º de outubro se não quiserem ser despedidos. A medida vem em seguida a seis meses de investigações a respeito de possíveis operações do movimento dentro da prisão e seus efeitos sobre todo o sistema carcerário. Até hoje o departamento policial havia permitido a admissão de membros da KKK para trabalhar dentro das prisões do Estado, com a condição de que não participassem de manifestações da seita em tempo de serviço.

A armadilha dos dominós

Richard Holbrooke

NUM famoso discurso perante o Clube de Imprensa Nacional, em janeiro de 1950, o Secretário de Estado Dean Acheson analisou o envolvimento americano na Ásia à luz da vitória dos comunistas chineses poucos meses antes.

O objetivo do discurso, para ele, era explicar ao povo americano e ao mundo a posição dos EUA na Ásia e no Pacífico, depois da retirada final do território chinês das forças de Chiang Kai-shek. O discurso foi imediatamente atacado pela direita republicana como uma quebra do compromisso americano com Chiang e uma submissão passiva ao comunismo chinês.

Mas a História trataria o discurso de Acheson ainda pior. Ele parecia traçar ali uma linha na Ásia, "um perímetro defensivo de Ryukyus às Filipinas." Por omissão, aparentemente, excluiu a Coreia e Formosa desse perímetro. "Quanto à segurança militar de outras áreas do Pacífico", disse ele, "deve ficar claro que ninguém pode garantir estas áreas contra ataque militar. Mas deve também ficar claro que uma tal garantia dificilmente seria sensata ou necessária no reino das relações práticas... Caso ocorra um ataque ... deve-se confiar inicialmente na resistência do povo atacado e depois nos compromissos de todo o mundo civilizado, sob a Carta das Nações Unidas."

Ao excluir a Coreia, teria Acheson atraído o assalto norte-coreano, ocorrido seis meses depois? Agora, passados 25 anos, na esteira de outra grande retirada da América e de seus aliados de posições no continente asiático, a mesma pergunta se impõe. Como as demais nações da Ásia se ajustarão à nova situação? Onde traçaremos a nova linha?

Mas existe ainda outra pergunta, que não foi feita há 25 anos. Os EUA traçaram realmente uma linha? Qual, finalmente, deveria ser o papel americano na Ásia e no Pacífico?

Tudo isto já pareceu muito simples. A política asiática americana era muito fácil de ser compreendida por todos. Era um reflexo da política de contenção na Europa, e baseava-se na idéia de uma simples batalha entre as forças do bem — os países não comunistas em redor da China — e o mal — os 800 milhões de chineses vermelhos e seus agressivos representantes e satélites no Vietnã do Norte, Coreia do Norte, nas selvas mais remotas de alguns dos amigos dos americanos, tais como as Filipinas.

Depois de 1944, todos os grandes impérios coloniais da Ásia — o japonês, o inglês, o francês, o holandês — ruíram deixando atrás de si novos e inseguros Estados, e um óbvio vazio de Poder. Era provavelmente inevitável que, como grande vencedor da II Guerra Mundial, com sua luta do Pacífico, seu status especial como potência de ocupação no Japão e sua contínua presença nas Filipinas, os EUA desempenhassem um importante papel na Ásia do pós-guerra.

A tríplice ameaça percebida por Washington no fim da década de 40 — a vitória de Mao na China, o ataque da Coreia do Norte ao Sul, e o crescente sucesso dos guerrilheiros de Ho Chi Minh na Indochina — tornou inevitável que os Estados Unidos tentassem usar sua vasta influência e poder para construir um anel anticomunista de nações da Coreia até ao ponto mais ao Sul e Oeste que pudessem, se possível com uma ligação com a OTAN. Por a significação destes acontecimentos, e sua origem última nos desígnios malignos de Moscou parecia bastante clara.

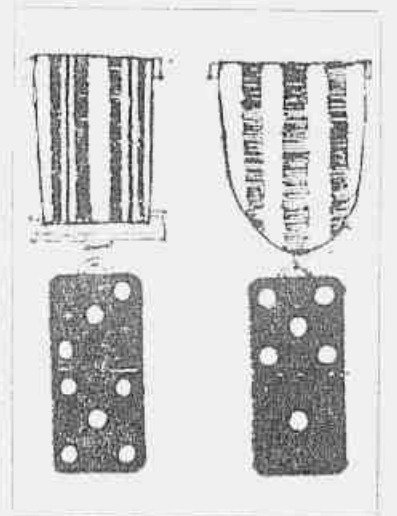
Respondendo a estes acontecimentos, os EUA assumiram na Ásia o que se poderia chamar de um papel semicolonial. Ainda que os americanos se recusassem a ver seu país como uma importante potência asiática, e os políticos não admitissem que seus interesses e envolvimento fossem tão profundos na Ásia quanto na Europa — ou até mais profundos — os EUA ingressaram numa era extraordinária, para si e para a Ásia.

Durante 30 anos, do fim da II Guerra Mundial até 29 de abril de 1975, quando o Embaixador Graham Martin partiu de Saigon, os EUA — em grande parte com a permissão dos asiáticos — desempenharam o múltiplo papel de potência colonial substituta em toda a Ásia. Escreveram constituições de países, inclusive uma famosa, fornecida aos japoneses por ordem de MacArthur; financiaram o desenvolvimento econômico e deram maciça assistência técnica a nações, geralmente com um objetivo político em mente; participaram, secreta e até abertamente do processo político interno de quase todos os países da área.

Para os países fora de sua órbita, os EUA também se tornaram um alvo fácil, um meio de unificar o povo em torno de uma oposição comum. Sukarno, da Indonésia, bem como virtualmente todo movimento guerrilheiro na região, exceto na Birmânia, descobriram que gritar e assustar sobre o imperialismo americano era uma tática proveitosa, e frequentemente um substituto útil para um confronto mais direto com seus próprios problemas.

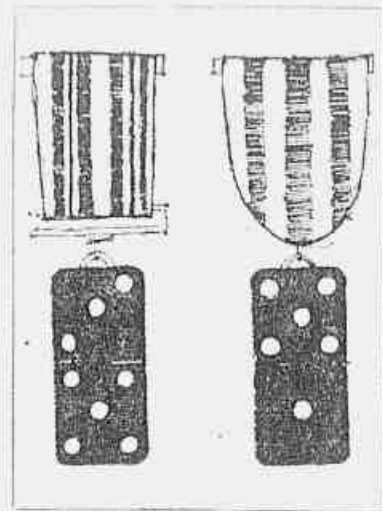
1970 pode ser considerado como o ápice da fase antichinesa na Ásia. Os EUA tinham uma posição dominante na região, o organizador e principal sustentáculo de todas as nações anticomunistas no continente.

Ocorreram então dois acontecimentos históricos, e agora, no momento em que a Ásia e os EUA se ajustam a eles, tudo parece mudado. O primeiro foi uma surpresa total para o mundo, e embora o segredo possa ter sido necessário para assegurar o sucesso, ele também causou uma quebra de confiança entre a Ásia e Washington.

No verão de 1971, sem qualquer advertência prévia ou indicação a qualquer de seus amigos asiáticos, os EUA saltaram as barreiras que haviam erigido e entraram na Cidade Proibida de Pequim.

A princípio as ondas de choque foram obscurecidas por visões espantosas como a de Henry Kissinger dando entrevistas na Grande Muralha, mas logo ficou aparente que todos os demais países da Ásia, que participavam da frente antichinesa, teriam agora de rever suas posições num mundo em que Washington e Pequim, ao invés de se insultarem através da Cortina de Bambu, trocavam visitas de dentistas e levantadores de peso.

O segundo acontecimento foi menos surpreendente mas, ainda assim, chocante, simbólico e dramático quando ocorreu — muito mais depressa do que se esperava — em abril deste ano. O colapso da posição EUA-Lon Nol-Thieu no Camboja e Vietnã, com a erosão posterior da posição no Laos, não devia ser surpresa para ninguém. Mas, em Washington, Saigon, e mesmo em outras partes da Ásia muita gente tinha começado a esquecer o Vietnã, tratando-o como um problema que já não interessava.

A súbita e dramática tragédia de abril deixou a cadeia criada pelos americanos, da Coreia para o Sul, rompida no que outrora fora o elo mais importante, onde os americanos tinham pago o preço mais alto durante o mais longo período.

Se a reabertura americana da

China foi a longo prazo, o mais importante dos dois acontecimentos, o fim da guerra na Indochina foi o mais simbólico. Era tão simples, tão dramático, que todos podiam compreendê-lo: após 30 anos e mortes incontáveis, os guerrilheiros das selvas tinham finalmente expulso os ocidentais para o mar do Sul da China; havia limites ao poder da nação mais poderosa do mundo.

Alguns dos reajustamentos que se estão processando agora parece ter soado em Washington como dominós caindo. A Tailândia e as Filipinas pareciam, para muitos observadores, como as primeiras peças a oscilar; e todos passaram a concentar novamente a atenção na Coréia, onde muitos observadores esperavam que Kim Il-Sung iniciasse uma nova tentativa para subverter o Sul.

Certamente há um movimento — de natureza histórica — ocorrendo em toda a Ásia. Mas o que prova realmente esse movimento? Não estaremos esquecendo que a teoria do dominó era simplesmente uma pequena imagem retórica da política de contenção anti-China, a que os próprios americanos puseram termo, voluntariamente, em 1971? Não estaremos esquecendo o processo histórico que levou os americanos a este novo movimento, confundindo os efeitos da tragédia do Vietnã com os efeitos da política com a China?

O que estamos vendo agora na Ásia é muito mais o resultado da abertura das portas da China que o fim da guerra do Vietnã. O fim da guerra foi um catalisador, acelerando e dando uma nova e mais fácil justificativa ao processo, mas vital de qualquer maneira. A política mais aconselhável para os EUA, nestas circunstâncias, seria mostrar compreensão, simpatia e apoio — e não ficar nervosos diante dos ajustamentos que as outras nações estão fazendo agora.

Ao reiniciar relações com a China em 1971, os Estados Unidos se colocaram bem no meio da rivalidade potencialmente explosiva entre Moscou e Pequim, e sua posição tem tido um impacto real sobre o comportamento das duas superpotências comunistas entre si.

Este equilíbrio triangular está sempre sofrendo novos testes, à medida em que muda a situação mundial. O fim das guerras indochinesas remove um importante obstáculo ideológico e retórico à relação entre Washington e Pequim. A morte de Chiang Kai-shek, vindo como veio antes da de Mao, remove parte do velho veneno pessoal do problema de Formosa.

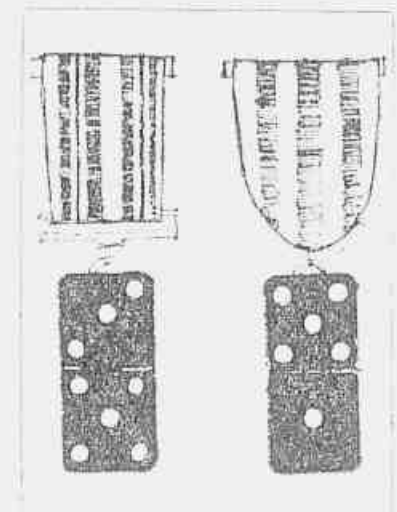
Um Presidente mais emocional ou ideologicamente oposto aos russos poderia ser tentado a ressuscitar a velha política de contenção: apenas, desta feita, em vez de construir uma frágil linha de países em desenvolvimento, a construiria em torno de uma nova e potencialmente forte combinação, um eixo Washington-Tóquio-Pequim, visando a limitar a influência soviética na Ásia.

Os riscos de uma tal aliança anti-soviética são claros: reveses nas tentativas de negociar qualquer tipo de limitações de armamentos, maior tensão em todo o mundo e riscos de uma ação preventiva soviética contra a China.

Se rejeitamos a perigosa possibilidade de uma nova política de contenção anti-soviética, contudo, o que podemos concluir sobre a nova Ásia e o novo papel americano? Em primeiro lugar, há a percepção. A História cria mitos, que logo adquirem um ímpeto próprio. O mito de um torna-se a realidade política de outro. Na Ásia, o mito que agora aprisiona os americanos é o dos dominós — de nações cuja inclinação e postura políticas interna se tornaram de algum modo um reflexo do poder e influência americanos. Contudo, esta percepção — verdadeira antes de 1970 — não é válida.

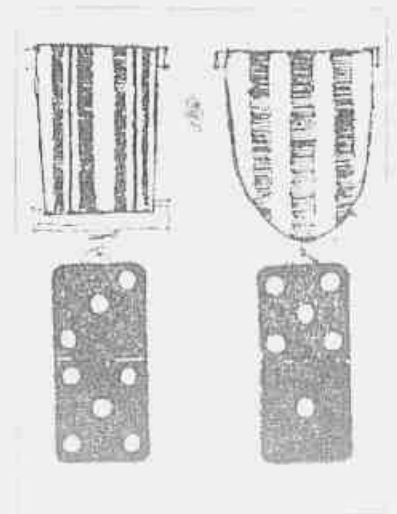
Assim, acima de tudo, devemos compreender a verdadeira significação histórica dos últimos 30 anos. Os americanos desempenharam um papel especial na Ásia, e o acerto ou erro daquele papel será debatido pelos historiadores durante décadas. Mas, devemos reconhecer — e então aceitar — o fato de que acabou a era semicolonial na Ásia.

Isto deveria ser recebido como alívio pelos americanos, principalmente os liberais. É incoerente lamentar a "retirada do poder americano" e logo começar a se preocupar com os acontecimentos em Bangoc. O poder americano não está em retirada, mas, desta feita, pode-se esperar que não será necessário preocupar-se com todos os acontecimentos políticos no continente asiático. A aceitação e certo grau de alheiamento serão um grande passo à frente, que os asiáticos apreciarão.

Em segundo lugar, devemos reconhecer que os EUA continuam sendo uma potência do Pacífico, ainda que não uma potência asiática. Embora o Pacífico seja tão vasto e a Ásia pareça tão distante, especialmente da costa leste americana, a verdade é que os EUA são um país com duas costas; dois de seus Estados situam-se no Pacífico; têm territórios, mandatos e agora até uma comunidade em pleno Pacífico, têm compromissos com certos países no litoral ou ao largo do continente, e são ainda a principal força externa na área.

Em terceiro lugar, os EUA devem aceitar seu papel como parte do delicado relacionamento triangular com a China e a URSS, mas sem exageros. Evitar uma guerra entre estas duas superpotências comunistas pode parecer a alguns como um objetivo estranho para a política externa americana, mas esta é e deveria ser um de seus objetivos: uma guerra não serviria aos interesses de ninguém, deixaria milhões de mortos e poderia facilmente se espalhar para outros países, inclusive os Estados Unidos.

Em quarto lugar, deve-se compreender a importância do Japão. Num mundo onde muitos países reivindicam relações especiais com os EUA, nenhum, exceto Israel, tem tantos direitos quanto o Japão. Desde o período Meiji os Estados Unidos têm sido a grande fonte de idéias e tecnologia do Japão; o trágico período dos anos 30 e a guerra do Pacífico, estranhamente, não cancelaram o relacionamento especial, mas o transformaram num terrível ódio. Durante a ocupação, e depois dela, desenvolveu-se um singular relacionamento nipo-americano, mesmo quando a comunicação e compreensão entre as duas Nações permaneciam mas de um modo geral.

Hoje, em parte por causa de uma Constituição escrita pelos americanos, o Japão não possui uma importante estrutura militar e de defesa; e a primeira grande potência econômica sem um establishment militar. Os Estados Unidos têm sido, desde 1945, o fiador militar da segurança japonesa. Ao mesmo tempo, os EUA e o Japão permaneceram rivais econômicos, disputando mercados e matérias-primas no resto da Ásia. Esta rivalidade não só continuará como poderá se tornar mais forte.

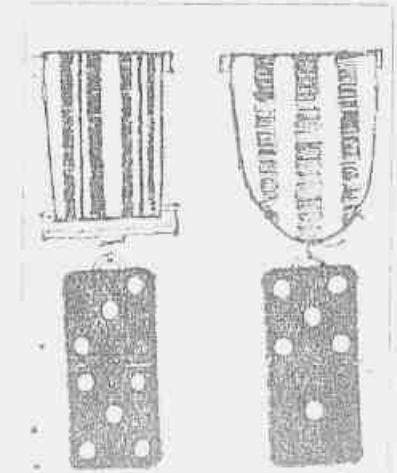
Politicamente os japoneses até agora tentaram evitar escolher lados, deixando que os EUA mostrem o caminho. Por esta razão, evitaram demonstrar qualquer oposição à política americana no Vietnã, até muito depois de acharem, privadamente, que as tentativas americanas estavam condenadas ao fracasso.

Mas, na sequência da guerra do Yom Kippur, conturbados pelos efeitos do embargo do petróleo e a quadruplicação dos preços, os japoneses aprenderam que não poderiam ficar à margem das questões políticas.

Parceiros militares, com os EUA suportando grande parte da carga; rivais econômicos, com a probabilidade de aumentarem a fricção e a hostilidade, particularmente se a inflação mundial continuar a corroer os mercados e as margens de lucro; aliados políticos, com o Japão sendo o sócio silencioso, pelo menos até recentemente — serão estes os ingredientes de um relacionamento especial? Surpreendentemente, a resposta é sim, e deve-se acrescentar à complicada mistura a hostilidade comum que ambas as Nações sentem por quaisquer ambições soviéticas no Pacífico.

O fato de os EUA terem desempenhado este papel especial no passado recente do Japão não significa, necessariamente, que devam continuar a desempenhá-lo. O período semicolonial terminou, e os americanos devem parar de tratar os japoneses com o paternalismo que desenvolveram durante a ocupação estimulados pelo estilo enganador, penosamente lento e formal com que os japoneses desempenham suas atividades.

Ao mesmo tempo, contudo, não deveriam os americanos abandonar sua condição de braço militar do Japão. Admite-se que o relacionamento pode parecer estranho, às vezes, e tenso. Haverá um crescente sentimento por parte de ambos os lados de que os japoneses devem desempenhar um papel maior em sua própria defesa.

Em Tóquio e em Washington, estrategistas vêem íntimas relações entre o que acontece no Japão e o que acontece na Coréia. Assim, a quinta e final conclusão: deve ser encontrado algum meio de solucionar o delicado problema da presença americana na Coreia.

Ivan Freitas

Na Coreia do Sul os EUA se encontram com um Estado-cliente nas mãos, um regime com uma base estreita e uma crescente reputação de políticas rigidamente repressivas. Ainda mantêm 42 mil soldados na Coreia do Sul, e recentemente passaram a fazer advertências reiteradas de que usarão toda a força necessária para fazer face a qualquer manifestação agressiva da Coreia do Norte.

Se esta fosse toda a história, poderia ser possível uma retirada gradual e arriscar-se à criação de uma Coreia. Em Tóquio, porém, argumenta-se, com grande emoção, que o que acontece na península da Coreia pode ter efeito direto sobre o Japão e que isto deve ser o fator predominante da política americana em relação à Coreia. Se os americanos se retirarem e a Coreia do Norte chegar a Seul, ou invadir o país, sem que os americanos façam coisa alguma, dizem, então os direitistas japoneses terão um trunfo para reivindicar a remilitarização do país.

Os EUA e a China, se não aliados, não são mais inimigos. O papel de semi-Raj dos americanos terminou. Novos líderes surgiram, e os americanos terão de tratá-los diferentemente de seus antecessores. Os EUA permanecem grande potência do Pacífico, mas não mais poderão mais tentar dominar os acontecimentos por toda a área.

Richard Holbrooke, editor-executivo de Foreign Policy, retornou recentemente de uma viagem à Ásia.

Roger Priouret
L'Express/JB

Com a queda de vendas da Volkswagen, a Fiat é hoje o maior fabricante europeu de carros de passeio — 1 milhão e 200 mil automóveis em 1975, com capacidade de fazer 2 milhões. Nos veículos pesados, a Fiat é o segundo produtor europeu.

Mas os 25% da Fiat que os Agnelli detêm representam apenas um terço do ativo do IFI (Instituto Financeiro Industrial), a holding *que engloba as posses da família. Fortuna diversificada e espalhada pelo mundo inteiro, que vai do aperitivo* Cinzano *ao jornal* La Stampa, *de Turim.*

Não é fácil, quando se é, com mais uma dezena de parentes próximos, o herdeiro de uma tal fortuna, ser aceito facilmente pelos parceiros do jogo social, em 1975 e na Itália. Giovanni Agnelli, entretanto, tem sido reconhecido como o principal porta-voz do grupo pelos sindicatos e pelo país inteiro. O que é bastante realista, já que Agnelli é um realista e que a sua elegancia pessoal acrescenta uma nota humana às inevitáveis relações de força.

Aos 50 anos, o olhar claro e incisivo, um jogo de mãos e de rosto constante e muito italiano, uma silhueta esbelta de esportista, Giovanni Agnelli é um homem prático ao mesmo tempo desenvolto e tenso.

Pergunta: Um homem como André Meyer, que entrevistamos há dias, acha que a propriedade dos meios de troca e de produção passará inevitavelmente das mãos de particulares às do Estado. O que significa a desaparição progressiva do homem de negócios do século XIX e do administrador do século XX?

Resposta: Não participo absolutamente do pessemismo de André Meyer quanto ao destino do homem de negócios. E certo que se pode imaginar, teoricamente, um Partido Comunista que toma o Poder nos países desenvolvidos e aplica fielmente o modelo soviético. E verdade que nesta hipotese não há mais homens de empresa particular, como não há mais jornalistas independentes. Mas esta hipotese me parece, num futuro previsível, totalmente inverossímil.

Deixando de lado esta idéia, acredito que o homem de empresa tem um grande papel a desempenhar. E preciso simplesmente que ele conceitue de outra maneira o seu papel. Não mais como o de um monarca absoluto, como foi no passado. E preciso que saiba que ao lado da sua própria responsabilidade, existe a do Estado e a dos sindicatos. E que as três devem hamonizar-se.

Não acredito na desaparição do homem de empresa. Constato mesmo que na França, numa empresa nacionalizada como a Renault, o Estado e os sindicatos permitiram a Pierre Dreyfus que desempenhasse plenamente o seu papel de empresário, e à empresa que se expandisse num clima de concorrência.

P — Nos países ocidentais, o problema não é, de imediato, o da tomada do Poder pelo Partido Comunista, sozinho e segundo o modelo soviético. É o que eu chamo de "socialismo em marcha-a-ré." O que obriga as empresas a conservar o seu pessoal, e portanto, a entrar no caminho do deficit. Então, o Estado as ajuda, e recebe fatalmente uma parte do capital. Imediatamente, a firma entra em rigidez, e a inovação, que é o verdadeiro motor da economia, é sacrificada a uma segurança ilusória e paralisante.

R — Refere-se ao que aconteceu à British Motor Leyland na Inglaterra.

P — Sim, mas também ao que está acontecendo na Itália.

R — Na Itália, é um pouco mais complexo. Há, de início, um patrimônio industrial do Estado que vem desde o fascismo. Este criou o IRI. Há também, no Sul do país, as empresas desenvolvidas pelo Estado. Esta idéia não foi sempre feliz. A finalidade era criar empregos e construíram-se muitas vezes usinas que, como a petroquímica, empregam pouca gente. Mas também é verdade que o Estado comprou as empresas que ameaçavam fechar.

Digo, sem hesitação, que não se deve salvar as empresas em dificuldades crônicas, as que não têm a esperança de uma recuperação. O importante são os homens, e não as firmas. O que nos deve preocupar, portanto, são os empregos. E não se pode tratar disto sem reestruturações dirigidas a produções diferentes.

Quando salvamos as empresas condenadas ou quando fazemos o que o senhor chama de "socialismo em marcha-a-ré", não somente desperdiçamos o dinheiro dos contribuintes, como sofrem com isso toda uma profissão e todo um setor de produção. A concorrência é falseada. O mercado é destruído. Mata-se o que existe de vital e de natural em toda atividade econômica.

Acredite-me: na Inglaterra, o apoio do Estado à Bristish Leyland vai prejudicar todos os fabricantes de automóveis da Inglaterra e da Europa.

P — Uma das grandes interrogações sobre a Itália refere-se à importancia assumida pelo PC nas eleições locais.

R — Se as eleições gerais tivessem sido realizadas ao mesmo tempo que as eleições locais, não teríamos tido, talvez, um resultado diferente. Mas hoje, os socialistas no interior da centro-esquerda teriam cinco anos diante deles para executar um programa coerente. Infelizmente, as eleições legislativas serão realizadas daqui a 18 meses, e os socialistas têm medo de fazer votar medidas impopulares e assumir um risco em relação aos comunistas. Assim, o Governo do país é, no momento, extremamente difícil.

Depois de ter experimentado a centro-esquerda, é preciso, conservando a fórmula atual de coexistência, tentar estabelecer contato com as forças sindicais, que não são necessariamente o Partido Comunista, mas que podem ser influenciadas por ele. E' em conjunto que devemos tentar construir uma sociedade diferente.

Não estou certo, aliás, que a chegada dos comunistas aos cargos de responsabilidade, na maioria das grandes cidades e em cinco das 14 regiões, seja um resultado inteiramente negativo. Eles terão de interessar-se pelos empregos dos homens que administram, e portanto, discutir com os chefes de empresa.

P — Como vê a crise econômica?

R — Como algo de grave, profundo e durável. Não estou otimista, mas não perdi a esperança.

Há, de início, a recuperação econômica. Não acredito que ela seja ampla e rápida nos Estados Unidos. Na minha opinião, só terá efeitos estimulantes em escala mundial na proxima primavera (segundo trimestre de 76). Pode-se estar certo de que para a eleição presidencial, o Governo americano a transformará em prêmio. A Alemanha irá atrás, e os outros países serão atraídos. Mas isto não significa que terão resolvido o problema da inflação. O que se conseguirá será apenas atenuar o problema do desemprego.

Na atual inflação, na Itália, não são os lucros os responsáveis, como poderiam ter sido no passado. Neste momento, as empresas não só não estão enriquecendo, como não conseguem assegurar suas amortizações, isto é, substituir as máquinas existentes. O grande problema é o da remuneração. No fim do ano, na Itália, haverá renovação dos contratos coletivos (de dois anos). Esperamos esta discussão com angústia.

Que salário se deve dar? E' preciso, de início, compensar a alta do custo de vida para os assalariados. Depois, dar-lhes uma parte dos ganhos da produtividade. A desgraça é que no momento não há ganhos de produtividade. Só estamos utilizando 60% da capacidade de produção.

Na Itália, pelo menos, os sindicatos terão uma escolha a fazer. Devem defender, prioritariamente, os aumentos de salário dos que têm um emprego? Ou devem, ao contrário, negociar com os patrões a fim de criar o máximo de empregos possíveis? Espero que eles escolham a segunda opção.

P — De que maneira se poderia revigorar a atividade econômica e o mercado de empregos?

R — Criando um mercado de gastos públicos — Estado, coletividades locais — que, por enquanto, na Itália, é bastante débil. A fim de que ele substitua, pelo menos em parte, a demanda particular. E' preciso, por outro lado, para cobrir essas despesas, utilizar a arma fiscal, que na Itália ainda é muito mal empregada.

P — E o automóvel?

R — Estávamos vivendo uma época em que o automóvel era o símbolo da sociedade de consumo. Como tal, ele sofreu reações negativas. Esta época terminou, e vemos agora no automóvel o que ele é realmente: um meio de transporte insubstituível.

Na Europa, há lugar, certamente, para uma indústria automobilística que produz 7 milhões de veículos por ano. Os estudos de nossos especialistas prevêem um crescimento das economias da ordem de 3,5 a 4%, e nesse quadro, situam o progresso do automóvel numa taxa ligeiramente inferior: 2,5%.

P — A cooperação econômica com a URSS e os países do Leste é muito criticada nos EUA. O Sr foi um dos primeiros a penetrar por esse caminho. Não acredita que isto prejudicará o mundo ocidental?

R — Esta cooperação, e em primeiro lugar a da Fiat, equivale a pôr bens de consumo à disposição dos soviéticos. E' dinheiro que não será gasto em armamentos.

P — Mas nos EUA, diz-se: "Ensinem a nossa tecnologia aos soviéticos e em seguida eles nos esmagarão."

R — Acredita que podemos ensinar muita coisa em matéria de tecnologia a um país que enviou foguetes à Lua e dividiu um vôo no espaço com os Estados Unidos? A tecnologia do automóvel é muito mais simples que a dos foguetes orbitais. Mais ou menos no nível da dos refrigeradores.

MURMÚRIOS DA TERRA

Carl Sagan

JA' foi moda enterrar "cápsulas do tempo". A idéia era reunir alguns documentos fonográficos e fotografias de políticos e selá-los hermeticamente num cilindro que seria enterrado e programado para abrir-se daqui a alguns séculos. A expectativa era sempre a de que os nossos descendentes teriam informação suficiente para saber onde o cilindro tinha sido enterrado, mas não tanta informação que tornasse o seu conteúdo redundante. Supunha-se *também* que todo mundo entenderia para sempre, sem qualquer explicação especial, a invasão italiana da Abissínia, a batalha da ponte Marco Polo e outros fatos mesquinhos de uma história a essa altura remotíssima.

Hoje, construímos outras cápsulas do tempo, contendo informação igualmente obscura, mas cujos únicos recipiendários podem ser criaturas bem mais estranhas que os nossos próprios descendentes de daqui a alguns séculos. Ao contrário das emissões radiofônicas em AM (que esbarram na ionosfera e voltam), as emissões de rádio e televisão em FM — bem como a maioria dos sinais do radar — escapam da Terra e expandem-se à velocidade da luz. Outros seres, se os houver na escuridão dos céus, em mundos circundando outros sóis, talvez sejam capazes de detectar essas transmissões.

O maior telescópio de rádio/radar da Terra fica no Observatório de Arecibo, da Universidade de Cornell, em Porto Rico. Quando está transmitindo ondas de rádio para o espaço, aparece com tanta intensidade no espectro do rádio que é como *se* aquela pequena área no Caribe estivesse sujeita a uma temperatura de bilhões de graus. Arecibo fica tão "brilhante" que um telescópio do mesmo tipo poderia detectá-lo em qualquer lugar da nossa galáxia, a Via Láctea com os seus 200 bilhões de sóis.

Se algum dia um sinal de radar da Terra for detectado por alguma civilização distante, esta concluirá sem dúvida que a emissão é produzida por alguma forma pouco evoluída de vida inteligente. E o que acontecerá com as nossas transmissões de TV e FM ao serem detectadas, digamos, por uma civilização não muito mais adiantada que a nossa, a uma distancia de algumas centenas de anos-luz?

Acharão difícil, provavelmente, decifrar a nossa linguagem, mas as imagens de TV fornecerão algumas luzes sobre a nossa civilização. Tome-se *Bonanza*, *Os Walton*, programas de auditório, *shows* fantásticos e as entrevistas coletivas de Ricachard Nixon. Some-se uma pitada de *rock and roll* e de música "jovem" e uma dose forte de radares civis e militares. Misture-se bem. Esta é a aparência da Terra vista de fora do sistema solar. Se não somos visitados por extraterrestres inteligentes, talvez saibamos agora porque. E' prova da sua inteligência o fato de nos evitarem.

Mas em novembro último, simultaneamente com uma cerimônia que marcava a reciclagem do telescópio de Arecibo, uma poderosa mensagem de rádio foi pela primeira vez apontada intencionalmente para o espaço — na direção de Messier 13, uma horda de 1 milhão de estrelas gravitando entre si e que se assemelham a um enxame de abelhas. (M13 foi escolhida apenas porque estava dentro do alcance do telescópio no momento da cerimônia). Esse aglomerado globular fica a 24 mil anos-luz de distancia. Se houver alguém à escuta em M13, teremos de esperar 48 mil anos por uma resposta.

* * *

A escolha do alvo não foi prática, mas simbólica: a nossa tecnologia é capaz de atingir as profundezas do espaço. A mensagem de Arecibo era um desenho que dizia mais ou menos isto: "Eis como nós contamos de um a 10. Aqui estão cinco átomos que consideramos importantes: hidrogênio, carbono, nitrogênio, oxigênio e fósforo. Eis como colocamos *esses* átomos lado a lado para formar algumas moléculas que consideramos úteis: adenina, guanina, timina, citosina. Eis como essas moléculas são reunidas para formar uma molécula maior chamada ADN. Algumas moléculas ADN têm 4 bilhões de unidades, e relacionam-se de alguma maneira com esta criatura de duas pernas e apenas uma cabeça. Essa criatura tem em média 175 centímetros de altura. Há cerca de quatro bilhões delas. Vivem todas no terceiro planeta deste monótono sistema solar de nove planetas. Esta mensagem foi enviada por cortesia de um radiotelescópio de 305 metros. Atenciosamente".

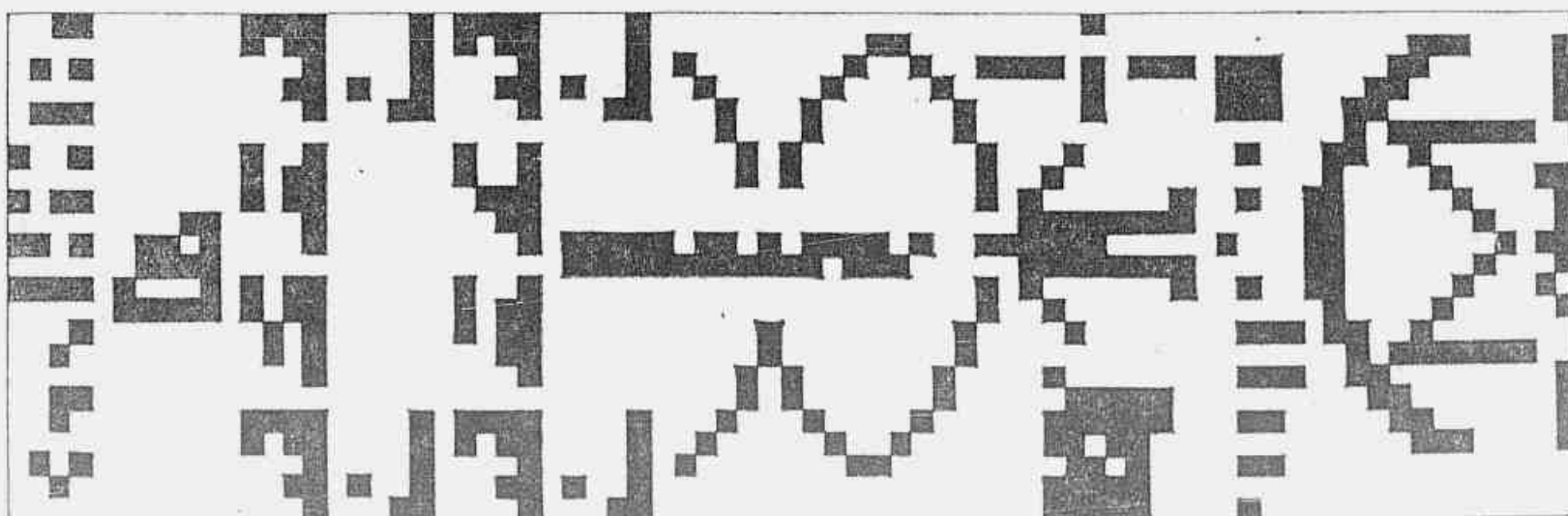
Os símbolos utilizados na mensagem baseiam-se na mais simples aritmética binária e no que se espera sejam símbolos coerentes e inequívocos extraídos da Física, da Química e da Astronomia. Já que apenas para receber a mensagem a civilização destinatária deverá ter uma tecnologia pelo menos comparável à nossa, não deveria ser difícil entender o seu conteúdo, apesar da probabilidade de que os recipiendários difiram bastante de nós na sua biologia e na sua estruturação social.

A mensagem de Arecibo não exprime, certamente, a essência da humanidade. Mas num recado de 1 mil 729 batidas informativas, é muito difícil expressar plenamente a essência da humanidade. Talvez gostássemos de enviar Bach — por mais que isso fosse pedante, como observou o biólogo Lewis Thomas.

O fato é que todas as informações contidas na Biblioteca do Congresso Americano poderiam ser transmitidas para as estrelas mais próximas, num período de semanas, através dos equipamentos de rádio existentes. Se quisermos, não precisaremos ser seletivos: Tom Swift, Andy Hardy e obscuros romances japoneses também podem — se o desejarmos — ser enviados às estrelas, embora eu não ache que isso adiantaria muito.

Mas de qualquer maneira os murmúrios da televisão comercial terão chegado primeiro.

Se uma civilização tão atrasada quanto a nossa — temos grandes radiotelescópios há apenas uma ou duas décadas — é capaz de transmitir esta mensagem, outras civilizações do espaço, imensamente mais velhas do que a nossa não seriam capazes com um esforço mínimo de enviar sinais inteligíveis à Terra? Começando com o breve Projeto Ozma de 1959, estivemos, por um breve tempo, escutando estrelas; mas até agora, realizamos apenas uma pequena fração do esforço necessário. E' por esta razão que um coro sempre maior de cientistas de todo o mundo está advogando um programa sistemático, a longo prazo, que nos permita escutar os céus à procura de cápsulas de tempo lançadas na nossa direção por civilizações distantes. O recebimento de uma tal mensagem poderia afetar profundamente o nosso conhecimento do universo e de nós mesmos.

Carl Sagan é professor de astronomia, diretor do Laboratório de Estudos Planetários da Universidade de Cornell, e autor de The Cosmic Connection.

A mensagem de Arecibo: olhado de lado, com a margem direita para baixo, este desenho mostra, uma vez decifrado, os números de um a 10 (fileira superior); os números atômicos de cinco átomos (duas fileiras seguintes); as bases do ADN (fragmento seguinte); a dupla espiral do ADN; a figura humana; o sistema solar e, finalmente, o prato de emissão do telescópio de Arecibo